Um amor mais ardente do que o fogo

Galera



tudo o que perdemos

SLOAN HARLOW

AUTORA BEST-SELLER DO *NEW YORK TIMES* E DO *USA TODAY*

SLOAN HARLOW

tudo o que perdemos

Tradução
Priscila Catão

1ª edição

Galera
RIO DE JANEIRO
2026

PREPARAÇÃO
Nikita Sigrist

REVISÃO
Cristina Freixinho
Anna Beatriz Seilhe

CAPA
Adaptada do design original de Kelley Brady

IMAGEM DA CAPA
Magdalena Wasiczek / Arcangel

TÍTULO ORIGINAL
All We Lost Was Everything

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H25t
Harlow, Sloan
Tudo o que perdemos [recurso eletrônico] / Sloan Harlow; tradução Priscila Catão. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Galera Record, 2026.
recurso digital

Tradução de: All we lost was everything
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5981-741-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Catão, Priscila. II. Título.

26-103678.0

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Carla Rosa Martins Gonçalves – Bibliotecária – CRB-7/4782

Copyright © 2025 by Alloy Entertainment LLC
Publicado originalmente nos Estados Unidos por G. P. Putnam's Sons, um selo da Penguin Random House LLC, 2025.
Publicado mediante acordo com a Rights People, London.

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.
Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA GALERA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 120 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5981-741-2



Seja um leitor preferencial Record e assine nossa newsletter.
Cadastre-se no site record.com.br.

Atendimento e venda direta ao leitor:
sac@record.com.br

sumário

dedicatória
prólogo – river
capítulo 1 – river
capítulo 2 – river
capítulo 3 – river
capítulo 4 – river
capítulo 5 – river
capítulo 6 – logan
capítulo 7 – river
capítulo 8 – river
capítulo 9 – river
capítulo 10 – river
capítulo 11 – logan
capítulo 12 – river
capítulo 13 – river
capítulo 14 – river
capítulo 15 – river
capítulo 16 – river
capítulo 17 – logan
capítulo 18 – river
capítulo 19 – river
capítulo 20 – river
capítulo 21 – river
capítulo 22 – logan
capítulo 23 – river
capítulo 24 – river

capítulo 25 – river
capítulo 26 – river
capítulo 27 – logan
capítulo 28 – river
capítulo 29 – river
capítulo 30 – river
capítulo 31 – river
capítulo 32 – logan
capítulo 33 – river
capítulo 34 – river
capítulo 35 – river
capítulo 36 – river
capítulo 37 – river
capítulo 38 – logan
capítulo 39 – river
capítulo 40 – river
capítulo 41 – river
capítulo 42 – river
capítulo 43 – river
agradecimentos

Para aqueles que caíram do precipício, e, do fundo, olharam para cima e começaram a subir de novo.

prólogo
river

Toda sexta-feira, minha mãe tentava a sorte. Ela parava no posto de gasolina no caminho de casa depois de fazer faxina em uma mansão qualquer e comprava a raspadinha com o maior prêmio disponível. Volta e meia, ela ganhava uma merreca — às vezes apenas o valor gasto na própria raspadinha, às vezes um pouco mais. Chegou a ganhar mil dólares uma vez. Porém, no geral, ela saía de mãos abanando, e parecia ficar surpresa sempre que isso acontecia. Acho que ela realmente acreditava que, um dia, venceria as probabilidades. Que, de repente, se tornaria milionária e sua vida melhoraria magicamente — aliás, a vida de todos nós. As infinitas dívidas do empréstimo estudantil, adquiridas graças a um curso universitário que nunca foi concluído, desapareceriam num piscar de olhos. A necessidade de meu pai ter dois empregos, às vezes até três, sumiria do dia para a noite. Eu enfim teria a chance de fazer faculdade, sem nem sequer pensar no valor das mensalidades.

Seríamos ricos e felizes, mas também responsáveis; o tipo de família que não permite que o dinheiro desfaça seus laços.

Quando eu tinha quinze anos e descobri as reais probabilidades de ganhar na loteria ou em apostas do tipo — "uma pessoa a cada trezentos milhões", dissera monotonamente meu professor de estatística —, falei para minha mãe que era melhor poupar o dinheiro em vez de desperdiçá-lo toda semana com raspadinhas. Ela só ergueu as sobrancelhas e disse:

— Alguém tem que ganhar. Por que não eu?

Que eu saiba, ela jamais ganhou um prêmio decente.

Mas eu ganhei. E foi então que perdi tudo.

capítulo 1
river

Os cemitérios são os lugares mais verdes de toda a cidade de Scottsdale, no Arizona. São mais verdes até mesmo do que o campo de golfe do clube mais chique da cidade, que só conheço porque minha mãe trabalhou lá como faxineira quando eu tinha sete anos. O chefe dela na época me deixava pegar picolés no quiosque que havia próximo ao décimo terceiro buraco.

O cemitério Ocotillo Ridge Memorial Park não é uma exceção. Não tem terra vermelha, nem cascalho. Não tem arbustos ressecados, nem grama desbotada. É apenas um gramado extenso, verde e brilhante, contrariando a falta de água decorrente das secas. O mar de verde só é interrompido pelas lápides e por um punhado de árvores floridas, que espalham pelo ar o aroma de jujuba das acácias e o cheiro de refrigerante de uva dos louros-da-montanha-do-texas. Meu pai amava as flores roxas que pendiam dessas árvores e seu cheiro doce. Foi por isso que recorri ao dinheiro de uma vaquinha on-line (poupança que consegui juntar de uma maneira questionável e na qual jurei jamais mexer, a não ser em caso de emergência) para garantir um lugar para ele aqui, pois assim ele ficaria perto das flores para sempre.

Agora estou concentrada nas árvores, no jeito como elas brilham sob a luz da manhã, e não na maneira como o padre diz o nome do meu pai — *Jay San-TOS* —, em como soa errado na língua desajeitada dele. É como os professores substitutos costumavam dizer meu nome, com indiferença, sem se dar ao trabalho de entender as vogais ou a pronúncia, já que depois de uma hora aquele nome deixaria de existir para eles.

Se eu prestar atenção na pronúncia errada, vou precisar pensar no quanto tudo isso é errado. Meu pai está deitado ali dentro, num caixão de cedro, esperando que o coloquem no fundo da cova, em vez de estar de pé ao meu lado. Vou precisar pensar no fato de que minha mãe nem sequer ligou, muito menos compareceu ao enterro. No fato de que a vida que eu conhecia virou cinzas duas semanas atrás, quando minha casa pegou fogo e destruiu tudo o que tinha dentro — meu violão, meus cadernos de música, meus diários, minhas roupas… *tudo*.

E, o mais importante, meu pai.

Como os danos foram grandes demais, os bombeiros não conseguiram determinar exatamente o que aconteceu e classificaram apenas como um problema elétrico. Tudo lá em casa era tão antigo e meio quebrado que, francamente, pode ter sido qualquer coisa. Depois que as chamas começaram, elas se intensificaram e se espalharam depressa; meu pai não conseguiu nem sair do quarto. Todos dizem que é um milagre eu ter sobrevivido. Que tenho muita "sorte" por ter conseguido sair para o gramado na frente da casa, onde os bombeiros me encontraram desmaiada por causa da fumaça que inalei. Não tenho a mínima ideia de como consegui sair. Tudo o que lembro daquela noite são vislumbres enfumaçados, o que é bem diferente de uma "fuga corajosa".

E, sinceramente? Eu não chamaria isso de "sorte".

Por detrás da névoa que me envolve desde que acordei no hospital, reparo quantas pessoas tem aqui. Reconheço a maioria delas. Gertie, a dona da lanchonete onde trabalho há anos, pressiona um lenço de papel no nariz. Os professores da minha escola, Scottsdale Senior High School, onde frequento o último ano, e os alunos da Mojave Prep, em que meu pai era o técnico de futebol, olham seriamente para a frente. Os técnicos assistentes estão todos enfileirados, vestindo trajes fúnebres improvisados, com paletós e gravatas; os jogadores, com uma expressão séria, vestem as jaquetas do time apesar do calor.

Ainda bem que Tawny está aqui. Minha melhor amiga do mundo inteiro. E depois de tudo que aconteceu, meio que minha única amiga no mundo. Todos têm sido muito gentis e prestativos, mas Tawny McGill é a única pessoa cuja companhia consigo aturar. Tenho a impressão de que ela é a última pessoa viva que me conhece por dentro e por fora, que sabe do que preciso mesmo quando não digo nada.

Meu ex, Noah Pierce, também está aqui, embora tenha evitado fazer contato visual comigo desde que chegou com o pai. De todo modo, é melhor assim, pois Tawny surtaria com sua fúria protetora se ele chegasse a dois metros de mim.

Perto de Noah e de seu pai, tem uns dez homens do grupo de Alcóolicos Anônimos do meu pai — o aspecto "anônimos" tendo sido deixado de lado há tempos, depois de anos de churrascos no nosso quintal ou de pessoas nos abordando durante nosso café da manhã semanal na lanchonete para dizer que meu pai realmente tinha salvado a vida delas.

Quando observo o mar de rostos manchados por lágrimas ao meu redor, uma multidão reunida pelo amor e pelo apoio do meu pai, não consigo ignorar a voz dentro de mim que pergunta: *Cadê meu pai?*

É um refrão familiar na minha vida. Toda vez que eu ia me apresentar, desde meu primeiro show, aos oito anos, até meu último, aos dezessete, quando subia no

palco com meus calcanhares ecoando na madeira velha e arranhada, meu primeiro pensamento sempre era: *Cadê meu pai?*

Eu vasculhava a plateia para procurar por ele, somente por ele. E o encontrava: a pinta na bochecha esquerda; o cabelo preto e espesso; os olhos escuros e risonhos. Ele erguia a mão, acenava sem parar. E era naquele momento que eu me tornava uma cantora famosa, uma celebridade. Eu acenava de volta até minha mãe puxar o braço dele para baixo, envergonhada, ainda que sorrisse enquanto punha uma mecha do cabelo loiro atrás da orelha.

Cadê meu pai?, penso de novo. Saber a resposta me destrói.

Como se tivesse percebido que vou desmoronar, Tawny se aproxima e sussurra no meu ouvido:

— Estou aqui, River.

— Eu também — sussurra Tita Anna do meu outro lado, entrelaçando os dedos nos meus.

Tawny põe o braço ao meu redor e me puxa para perto. É só por isso que não me descontrolo. Me apoio em seu abraço durante o restante da cerimônia enquanto o padre termina o sermão. Em seguida, as pessoas se revezam para contar lembranças que tinham com meu pai e de como ele impactou profundamente suas vidas. A cada memória compartilhada, Tawny enrijece seu corpo, transformando-se numa pedra para que eu não desmorone. Ela e Tita Anna fazem o que podem para formar uma barreira ao meu redor, mas nem elas conseguem me proteger no fim do funeral, quando descem o caixão — *meu pai* — para dentro da cova.

Não estou preparada. Não aguento. Viro a cabeça e encosto o rosto no vestido preto de Tita Anna. *Ainda não.*

Todos passam por nós, sussurrando palavras como "meus pêsames", "ele era um homem muito bom" e "vou sentir falta dele". Permaneço tão imóvel quanto as lápides que nos cercam.

— É melhor a gente ir embora, meu amor — diz Tita Anna, finalmente, afastando meu cabelo longo e escuro do rosto.

Parece que se passaram apenas alguns segundos, porém, ao olhar meu relógio, vejo que é quase meio-dia, o que significa que a cerimônia acabou uma hora atrás. Somente Tita Anna, Tawny e eu estamos aqui, além de um funcionário do cemitério, que está a uma distância respeitosa, com a pá na mão.

— Espere — digo, agitando-me de repente, procurando palavras para expressar meus sentimentos impossíveis.

Por mais que ficar aqui esteja me destruindo, no segundo em que eu sair deste cemitério, tudo vai se tornar insuportavelmente real. Não posso sair daqui sem meu

pai. Não posso deixá-lo sozinho.

Uma mão encontra meu ombro. Tita Anna.

— Ele vai ficar bem. A gente pode vir visitá-lo sempre que você quiser.

— Posso comprar um saguaro para ele? — pergunto, querendo pensar em qualquer outra coisa, mesmo que por apenas um segundo, para que o momento seja menos terrível.

Tem um pequeno espaço à direita do buraco retangular na terra arenosa, um cantinho para a vida em meio a este lugar que contém tanta morte.

— Sim, meu amor — diz Tita Anna, virando-me com delicadeza em direção do carro.

Tawny me acompanha, ao meu lado, como uma sombra consoladora.

Enquanto nos dirigimos ao estacionamento, o celular de alguém vibra sem parar. Só percebo que é o meu quando Tawny encosta na minha bolsa.

— Quer ver o que é? — pergunta ela. — Ou prefere que eu desligue para você?

— Ah.

Pego o celular, que está cheio de notificações.

Vou passando as mensagens de "meus pêsames" e de "se precisar de qualquer coisa…", e estou prestes a desligar o aparelho quando recebo um novo alerta da página da vaquinha on-line.

Há uma parte de mim que ainda se sente um pouco envergonhada por parte da internet conhecer toda a minha história triste, nos mínimos detalhes, expostos para quem quiser ler. Mas não posso negar que o dinheiro da vaquinha me ajudou muito. Nós sempre estávamos com as contas atrasadas, e os impostos da casa tinham vencido. Então, para piorar, eu não tinha absolutamente nada no meu nome depois do incêndio — nenhum dinheiro para tentar reconstruir o que tinha se dizimado, nenhum objeto para vender, nem mesmo uma poupança. Quando manifestei minha preocupação com a conta do hospital, Tawny balançou a mão com impaciência.

— Não se preocupe. Está tudo resolvido.

— Mas como? — perguntei, perplexa.

Ela ergueu o celular e me mostrou a postagem que tinha feito no site da vaquinha, descrevendo o que tinha acontecido, ao lado de uma foto minha com meu pai no Prickly Pear, um bar local onde eu costumava cantar na noite de palco aberto.

— Você não precisava ter feito isso — protestei, e ela deu de ombros.

— É o mínimo que eu poderia fazer, considerando… bem, considerando tudo.

Durante as quase duas semanas antes do funeral, e também nos dias seguintes, meu celular não parou de vibrar com notificações. Uma doação de cinco dólares

aqui, setenta e cinco dólares ali. Alguém chegou a doar quinhentos. Reconheci os nomes de alguns doadores, porém também havia pessoas de estados distantes que tinham lido sobre o acontecido e doado, e algumas doações eram simplesmente anônimas. Aos poucos, o valor total foi subindo: primeiro, chegou às centenas de dólares, depois aos milhares, até, surpreendentemente, atingir as dezenas de milhares. Fiquei chocada com a generosidade e o apoio de todos, mas, ao mesmo tempo, me sentia enojada quando pensava que, de certa maneira, eu estava me beneficiando de uma tragédia. Ao comentar isso com Tawny, ela riu e balançou a cabeça.

— Só você mesmo, River, para pegar algo bom e enxergar dessa maneira. Não é culpa sua que o sistema de saúde seja tão caro, nem que seus pais não tenham uma fortuna secreta. Não é dinheiro sujo, é só uma ajuda. Apenas aceite e agradeça.

Então, foi isso que fiz.

Naquele momento em que o celular chamou minha atenção, o site demora um instante para carregar. Depois que isso acontece, paro de andar.

Tawny e Tita Anna só percebem depois de alguns passos. Logo Tita Anna se vira e vem correndo até mim ao ver meu rosto.

— Está tudo bem? O que aconteceu?

Não consigo falar, ergo meu celular e mostro a ela e a Tawny o valor no site. De repente, surgiram zeros demais ali. Muitos, *muitos* zeros a mais.

Porque alguém acaba de doar anonimamente dois milhões de dólares.

seis meses depois

capítulo 2
river

Estou sentada numa caixa de laranjas grandes e maduras, encolhida e tremendo, espremida entre as estantes altas com frutas e verduras dentro da câmara fria da lanchonete Gertie's. Encostei a cabeça numa caixa de papelão cheia de cebolas-brancas tão pesadas e redondas quanto bolas de beisebol. Através dos buraquinhos na lateral, dá para sentir o cheiro fresco delas e prever o quanto vou chorar ao fatiá-las amanhã.

É irônico, pois estou tentando — em vão — não chorar neste momento.

Tudo por causa da primeira mesa que atendi. Era uma família: uma mãe, um pai e uma menininha de longos cabelos pretos.

— Três fatias de bolo de cenoura — pediu o pai. — Sei que é meio cedo, mas sempre comemos bolo de manhã no aniversário dela.

Por um instante, o cenário se inverteu. Por um instante, estávamos eu e meus pais sentados ali, pedindo bolo no café da manhã, exatamente como fizemos em todos os meus aniversários desde que me entendo por gente. Porém, com a mesma rapidez, a cena se rearranjou, e a realidade me atingiu de novo. Não éramos nós sentados ali — e isso nunca mais aconteceria.

Mal consegui me conter antes de abrir a porta metálica pesada e entrar no ar glacial delicioso da câmara fria, onde estou escondida há dez minutos geladíssimos.

Agora escuto a porta da câmara se abrir e o barulho de alguém passando pela cortina plástica. De onde estou escondida, não é possível enxergar a porta, no meio das torres de ovos e dos tijolos de cheddar, mas sei quem é.

Enxugo os olhos e respiro fundo para tentar me recompor.

— Desculpe, Tawny. Já estou indo.

Quando abro os olhos, porém, expiro assustada, e o ar rodopia visivelmente devido ao frio. Não estou olhando nos olhos castanho-claros da minha melhor amiga. Quem está aqui é Logan Evans, a última pessoa que eu gostaria que me flagrasse chorando numa câmara fria.

— Você… não é a Tawny.

— Não, não sou — responde ele.

Ele cruza os braços musculosos e inclina a cabeça enquanto o compressor da câmara ruge. Uma mecha de cabelo espesso e escuro cai na sua testa, quase encostando na sobrancelha erguida. O maxilar cerrado dele deixa o rosto ainda mais anguloso do que o normal.

Não tem como negar: Logan Evans é o maior gato. Faz sete meses que ele está aqui, e sua beleza ainda me surpreende.

No ano passado, Tawny quase derrubou a pilha de pratos na primeira vez que o vimos conversando com Gertie depois de ver o aviso de ESTAMOS CONTRATANDO na entrada.

— Quem é *ele*? — disse ela. — Parece um príncipe que a Disney teve que demitir por provocar cedo demais o despertar sexual das pessoas.

No seu primeiro dia, acidentalmente esbarrei nele com uma bandeja cheia de Coca Zero. Peguei depressa uma toalha para enxugar sua camiseta encharcada, pedindo mil desculpas. Mas, em vez de aceitar minha ajuda, Logan recuou como se meu toque o tivesse queimado. Quando meu olhar encontrou o dele, sua expressão me deixou sem ar. Havia uma fúria inconfundível em seu rosto, como se ele me *odiasse*, apesar de ter me conhecido menos de uma hora antes.

Depois disso, por mais que eu tentasse ser simpática, Logan só falava comigo o necessário. Nossas conversas se limitavam a coisas como: "Pode reabastecer as bisnagas de maionese?"

— Ele sabe que é gato — reclamei para Tawny enquanto o observava servir duas vovós que davam risadinhas, odiando o jeito como meu coração estúpido martelava dentro do peito ao ver seu sorriso, odiando o quanto eu reparava que ele nunca *me* reparava. Odiando o fato de eu me importar, mesmo que eu já tivesse o namorado perfeito na época (tento não pensar demais no "na época"; tento não pensar demais *nele* em geral). — Ele usa o próprio rosto como arma.

Voltando ao agora, enxugo os olhos e me viro para Logan.

— Desculpe. Estou tendo um dia ruim.

Logan se agacha até nossos olhares ficarem na mesma altura. Ele está tão perto que consigo ver pontinhos amarelos espalhados em suas íris azul-claras. Por um breve instante, quase vejo algum sinal de afeto. Ele estende a mão, e, de repente, paro de respirar.

Será que Logan Evans, que só disse umas cinco frases completas para mim em toda a sua vida, que raramente sorri ou demonstra qualquer emoção em relação a mim que não seja irritação, vai me *consolar*?

Mas, em vez de me tocar, ele estica os braços e puxa alguma coisa que estava atrás de mim. O movimento me desequilibra, e eu preciso estender a mão para não

cair.

— Gertie me pediu para pegar mais laranjas. O suco acabou. — Seus olhos se voltam para os meus. — Você… está sentada na última caixa.

Maravilha. Que maravilha. Enquanto torço para que o piso metálico se abra de uma vez e me engula inteira, a porta se abre de novo.

— Servi a família, levei as fatias de bolo de cenoura. Amiga, não consigo nem imaginar…

Tawny não completa a frase, parando ao ver as costas de Logan enquanto ele pega as laranjas em silêncio.

Depois de encher os braços, Logan se levanta e sai do meio das estantes, quase derrubando uma laranja enquanto tenta não encostar em nós duas. Ele não se dá ao trabalho nem de olhar para nós.

As narinas de Tawny se alargam.

— Meu Deus, parece até que a gente atropelou o cachorro dele. Cadê a educação, hein? — Ela estuda o meu rosto, atenta. — Mas falando sério agora. Você está bem?

Dou uma fungada, e Tawny me abraça. É bom abraçá-la, ser envolvida pelo cheiro de coco de seu xampu, pelo calor de seu corpo contrapondo-se à temperatura do freezer.

Balanço a cabeça.

— Está tudo bem. Tirando a vergonha que passei agorinha por estar sentada nas laranjas do Logan.

Tawny revira os olhos.

— Ah, ele que se dane. Ele tinha era que agradecer por você estar sentada nas laranjas dele.

Quando me sinto pronta, sigo Tawny para fora da câmara e limpamos os cardápios sujos no balcão da frente. Estou esfregando uma mancha duvidosa na parte das sobremesas quando vejo a imagem dos waffles belgas. *Os preferidos de Noah*. Como sempre, sinto um aperto no coração só de pensar no nome dele.

Noah, tão lindo e perfeito, e que partiu meu coração.

— Pare de pensar nele — diz Tawny, interrompendo meus pensamentos.

Esse é o problema de ter Tawny como melhor amiga: ela consegue ler minha mente.

— Eu não estava pensando nele — minto.

— Você suspirou três vezes no último minuto. — Tawny joga outro cardápio na pilha dos limpos. — Precisa melhorar seu gosto pra homens, Riv.

— Olha só quem fala. — Ergo a sobrancelha para ela. — Pelo menos não fiquei

a fim do pior rei de baile de formatura que já existiu.

— Que mentira! — De um jeito brincalhão, Tawny bate um cardápio laminado em mim. — Não fiquei a fim dele. Foi mais uma quedinha boba. E tem mais: isso foi quando eu era jovem e tola.

— Foi cinco meses atrás — digo, séria.

Tawny joga o rabo de cavalo para que ele bata levemente no meu rosto.

— Já falei: eu era jovem e tola.

Pego outro cardápio e tiro um pedaço de gema seca do canto.

— Sabia que, se você tivesse simplesmente o convidado para sair, ele teria aceitado?

Ele jamais diria não. Tawny é linda, tem cabelos loiros que ela vive tingindo de cores diferentes, olhos castanho-claros e rosto com formato de coração. Minha amiga não é apenas bonita: ela é charmosa, de um jeito astucioso, e acaba te atraindo para a órbita dela.

Se tenho algum vestígio de sorte na vida, esse vestígio é ela, que graças a um deus desconhecido, regente da grade de horários, foi colocada na mesma aula de espanhol que eu no segundo ano do ensino médio. Embora Tawny fosse novata no colégio, de alguma forma, foi ela quem me acolheu, como se a veterana fosse ela, e não eu. Além de Tita Anna, Tawny passou a ser o que mais se assemelha a uma família na minha vida.

— Deixa disso. — Ela faz um gesto de mão, fazendo pouco-caso do que eu disse. — Matt já era, amiga. Vi no Insta que ele foi para a formatura completamente bêbado, e que, na hora em que ele caminhou, ou melhor, *cambaleou* até o palco, tentou fazer um discurso.

— Nossa. — Fico sem reação. — O que ele disse?

— Acho que ele só gritou o nome do time dele sem parar. — Tawny dá de ombros. — Entendeu? Escapei de uma furada.

Minha risada acaba, e fico quieta.

— Desculpe por você ter perdido o show. Desculpe por ter perdido tudo — digo com a voz baixa, sentindo a pressão dolorosa voltar e aumentar no meu peito.

Não tive coragem de participar da formatura, não sem meus pais na plateia. Em solidariedade, Tawny passou o dia no cinema comigo, indo de uma sessão para a outra, comprando pipoca e balas azedinhas para mim e me dando um lenço de papel após o outro, tudo sem me fazer sentir como uma mala sem alça.

— Ei, *ei*… — Tawny me lança um olhar sério, franzindo a testa. — Nem pense em pedir desculpa. Meu lugar é ao seu lado. Sempre. — Minha amiga estende a mão e aperta meu braço. — Além disso, minha mãe nem ia mesmo. Ela estava em

Berlim. Colocaram ela para trabalhar dez dias seguidos. — Ela dá de ombros. — Não consigo nem imaginar isso… ficar viajando sem parar para outros continentes, indo e voltando, indo e voltando. Que coisa mais inútil.

A mãe da Tawny é comissária de bordo e está sempre ocupada. Vive fazendo horas extras e aceitando voos a mais para se virar como mãe solteira. Quase nunca está em casa. Fico mal por Tawny, mas ela diz para eu não desperdiçar minha pena assim. Para a minha amiga, a situação é ótima. Pouca supervisão significa que ela pode viver a vida do jeito que quer, sem brigas constantes. "Juro que nós duas nos amamos mais porque nos vemos menos", ela costuma dizer.

Bem, costumava dizer. Hoje em dia, ela toma cuidado para nunca dizer algo assim na minha frente.

Logan passa por nós duas carregando uma pilha de cardápios, com seus olhos azuis penetrantes.

— Tem uma mesa pra você, Santos. Três águas e uma Coca.

— Ah — respondo. — Obrigada, Logan. Você não precisava…

Mas ele nem sequer está ouvindo. Já deu as costas para mim, e me odeio por reparar nos músculos se mexendo debaixo de sua camisa, a maneira como a calça jeans cai perfeitamente nele.

Eu me recomponho antes que Tawny também perceba isso e me repreenda. Vou anotar os pedidos da mesa e peço mil desculpas por tê-los feito esperar. Eles são extremamente generosos e terminam deixando uma farta gorjeta. Pego as notas dobradas, com o coração acelerado. E, como sempre, me pergunto: *Será que foram eles? Será que eles são os doadores anônimos?*

Isso virou um jogo mental que faço quase todos os dias. Entretanto, todas as pistas que investiguei nos últimos seis meses não deram em nada. Pensei em jogadores treinados pelo meu pai que hoje jogam profissionalmente. Membros do seu grupo do Alcóolicos Anônimos. Um parente secretamente rico. Perguntei até para o site da vaquinha. *Não, não e não — e isso é contra as nossas regras.*

— Não foram eles — cantarola Tawny ao passar por mim, percebendo que estou distraída encarando a gorjeta.

Lá vem ela com essa mania irritante de ler meus pensamentos. Guardo depressa as notas no bolso.

— Como você sabe?

Ela dá de ombros.

— Bom, não sei. Mas, Riv, a gente já conversou sobre isso. Por que importa tanto assim quem foi que doou? Dinheiro é dinheiro.

Uma pequena parte de mim sabe que ela tem razão, mas a maior parte de mim

não consegue deixar esse mistério de lado. É como se fosse mais um fio solto da minha vida, que só se desfia cada vez mais. E, por algum motivo, é diferente de aceitar vinte dólares de um ou de outro. Dois milhões de dólares doados por *uma* pessoa? Quem é que tem tanto dinheiro assim? E quem o daria *para mim*, sem esperar nem sequer um obrigada?

Bastante atarefada, porém, sou obrigada a tirar o mistério da cabeça. Tawny e eu passamos uma pela outra como patinadoras artísticas numa pista de azulejos brancos e pretos. Tamanha sincronia existe porque trabalho como garçonete no Gertie's desde que tinha quinze anos e porque minha colega de trabalho é minha melhor amiga.

— A mesa seis precisa de mais ketchup. Trouxe uma bisnaga pra eles — diz Tawny ao passar debaixo da minha bandeja cheia de chás gelados.

— Vi que está atendendo a sra. Lewis. Coloquei lá a porção extra de molho ranch dela — digo, deixando o próximo pedido na cozinha.

Algumas vezes, juro que sinto que Logan está me observando, mas, sempre que levanto o olhar, ele está concentrado anotando um pedido ou fechando a conta de alguém. O milagre do dia foi que não tive mais nenhum surto vergonhoso na frente dele e, já pela hora de pegarmos nossas bolsas nos armários e batermos o ponto, Tawny tinha me animado o suficiente.

Quando saímos pela porta dos fundos, ouvimos um miado baixo e rouco. Um grande gato malhado e desgrenhado aparece no canto da lanchonete, mexendo o rabo torto.

— Malhadinho! — exclamo, alegre, e me abaixo para fazer carinho atrás de suas orelhas.

Foi preciso muita paciência e *muito* frango extraviado da cozinha da Gertie's, mas aquele gatinho de rua desconfiado enfim permitiu que eu expressasse meu amor por ele. Malhadinho tem me reconfortado muito desde o incêndio. Assim que eu for morar num lugar que permita bichinhos, vou mimá-lo com camas fofas e caviar como um príncipe indefeso.

— Sempre que você vê o gato parece que está reencontrando um marido amado depois de décadas separados — brinca Tawny. — Você o viu hoje de manhã.

— Bom, talvez algumas horas sejam *mesmo* uma década para um gato. E nada a ver, Tawny… marido? Acho que Malhadinho é melhor que muita gente.

Malhadinho se joga no asfalto e estende as patas.

— River — diz Tawny. — Ainda não estamos no nível de vou-me-casar-com-meu-gato. Está bem? E acho que nem chegaremos a esse ponto.

Malhadinho bate o rabo no asfalto como se concordasse.

— Obrigada aos dois por acreditarem em mim — respondo.

Depois de mais um ou dois carinhos, Malhadinho está satisfeito e sai correndo em direção às sombras. Começo a limpar os pelos que grudaram em minhas pernas.

— Valeu por hoje — digo, abraçando Tawny. — Amo muito você.

— Dã! — diz ela, beijando minha bochecha. — Amo você mais ainda.

Vou até o meu carro me sentindo bem, quase feliz. Porém, assim que bato a porta, o silêncio me envolve, uma espécie de assassino à espreita, que eu deveria ter previsto. O calor de junho do Arizona logo me sufoca, e a fita adesiva que segura meu retrovisor no lugar está basicamente derretendo. Sem Tawny, sem o burburinho das vozes dos clientes, sem o barulho do pequeno sino da porta da lanchonete, todas as lembranças ruins me atingem de uma vez.

A realidade que está sempre à espreita, a realidade que, durante alguns breves e alegres momentos do meu dia, eu esqueço. Agora ela reaparece inteira e sobe lá do fundo do meu coração: minha mãe foi embora, meu pai morreu e minha vida nunca mais será a mesma.

capítulo 3
river

Sinto o fedor de comida queimada assim que abro a porta da frente. O cheiro acre penetra a névoa que me cercou durante todo o trajeto para casa, e, por um instante, estou de volta àquela noite. Para o meio das chamas ondulantes e da fumaça preta saindo em enxurrada pelas janelas. Para o momento em que não consigo respirar, não consigo enxergar…

Não.

Bato a porta na cara dessa lembrança e pressiono as unhas nas palmas das mãos para voltar ao presente.

— Oi! — chama Tita Anna da cozinha. — Estou aqui!

Quando meu pulso se acalma, penduro a bolsa no gancho perto da porta e espio a cozinha. Tita Anna está inclinada na frente do forno, olhando através do vidro.

— Está quase pronto.

— Acho que estava pronto quarenta minutos atrás — digo, colocando um sorriso no rosto.

Ela fica séria.

— Meu Deus. Está com cheiro de queimado?

Pressiono os lábios, sem querer reafirmar o óbvio.

— Ah, tudo bem. O pior é que eu *realmente* tentei. — Ela balança os punhos cerrados para o teto. — Vá se ferrar, blogueira mentirosa! Talvez se a página de receitas dela tivesse mais *receitas* e menos reclamações sobre o casamento…

Pego as luvas de cozinha e ligo o exaustor acima do fogão.

— Dá licença — digo, abrindo a porta do forno quando ela recua.

Puxo a travessa, e Tita Anna fecha a porta antes que escape muita fumaça dali.

Ficamos olhando a gororoba preta.

— O que… era isso? — Dou uma cutucada, e a crosta preta se esfarela.

— Era para ser um empadão de frango. — Ela empurra os óculos para cima do nariz, balançando a cabeça. — Puxa. Era Jay que sempre… — Ela limpa a garganta. Depois de um instante, ela endireita a postura e ajeita a camiseta. — Quer sair para comer? É por minha conta.

Embora o exaustor esteja trabalhando a todo vapor, o ar ainda está chamuscado, e o cheiro faz meu coração disparar.

— Sim — respondo, pois no momento qualquer lugar é melhor que aqui.

EU AMO TITA ANNA. Ela é bem mais jovem que meu pai, ainda está na casa dos trinta e sempre me fez morrer de rir, desde que eu era criança. Tecnicamente, Tita Anna é prima em segundo grau do meu pai, porém, tendo três irmãs, saiu de casa assim que possível e sempre disse que meu pai era o irmão que ela nunca teve.

Tita Anna é gerente de projetos numa empresa de tecnologia e trabalha de casa. Não existe ninguém mais irreverente do que ela. Agora mesmo, estamos jantando num restaurante italiano, e ela está me contando que, para o seu novo plano de fundo do Zoom, gravou um vídeo de si mesma entrando em seu escritório em casa, fingindo se surpreender ao ver que tem alguém numa reunião on-line e saindo de fininho.

— Como é que é? — Balanço a cabeça, enrolando meu linguine no garfo. — Explique de novo.

— Está bem, está bem — Ela joga o longo cabelo preto para trás e se senta na beira da cadeira. — Então, quando uso aquele vídeo como fundo no Zoom, parece que estou sentada no quarto diante do computador, né? Só que sou eu de verdade no vídeo e, quando a gravação passa, apareço entrando, com cara de surpresa por interromper a *mim mesma* numa reunião do Zoom, pedindo desculpa e saindo.

Ela dá uma gargalhada enquanto pega um ravióli com o garfo.

— Não vá se engasgar — digo quando ela o põe na boca, ainda rindo.

— Não vou — garante ela. — Enfim. Ninguém disse nada até agora. Nem o cliente, nem meu chefe. Parece que estão com medo. Acho que eles pensam que é minha irmã ou alguma outra mulher filipina e têm receio de perguntar se sou eu, com medo de soarem racistas. Ai, como eu adoraria que isso acontecesse. Mas, se eu entrar nessa com eles, é capaz de pedirem pra eu falar algo em tagalo.

Balanço a cabeça, sorrindo para o meu prato quase vazio. O garçom se aproxima, enche nossos copos de água e pergunta se já terminei. Tita Anna pede para embalar sua comida para viagem e para ver o cardápio de sobremesas.

— Então… — diz ela, enquanto me olha por cima da foto de uma fatia de bolo de limoncello.

— Então… — repito, dando um sorriso hesitante.

Tita Anna põe o cardápio na mesa e coça o queixo, contemplando o teto.

— Nosso apartamento é uma porcaria, não é? — diz ela após um instante.

Eu rio, surpresa. Depois do que aconteceu, Tita Anna insistiu para que eu fosse

morar com ela. Tem sido maravilhoso. Mas o apartamento… Eu jamais diria nada porque ela foi muito gentil. No entanto, as paredes são tão finas que consigo ouvir os vídeos a que os vizinhos assistem no YouTube. Consigo ouvir o barulho do teclado do celular deles. Há um buraco no banheiro que fica vazando sempre que o vizinho de cima usa o chuveiro.

E o pior de tudo?

É proibido ter animais de estimação, então nada de Malhadinho.

Ainda assim, se posso morar com Tita Anna, esse é um pequeno preço a pagar.

E Tita Anna jamais faz com que eu me sinta culpada pelo fato de que eu poderia pagar com tranquilidade um lugar melhor para nós duas — poderia até comprar um lugar para nós, se quisesse. Ela sabe que não quero mexer no dinheiro da vaquinha, que não quero transformar a pior coisa que já me aconteceu em algo que pode ser consertado com dólares. Ainda mais quando não faço a mínima ideia da origem do dinheiro.

E é por isso que eu respondo:

— Sinceramente? Qualquer apartamento é o melhor de todos se eu estiver morando com você.

— Ah, Rivvy… — Tita Anna estende o braço por cima da mesa e aperta meus dedos. — Eu não te mereço. E é óbvio que concordo. — Ela se inclina. — Mas a gente pode ir para qualquer lugar. Morar em qualquer lugar. Basta ter wi-fi que posso fazer meu trabalho. — Ela se inclina em minha direção, ávida. — River, a gente pode ir morar em Roma. *Roma*. Já pensou? Massa caseira toda noite. Limoncello de verdade. Vinho de uma vinícola que fica apenas a uma breve viagem de trem de distância.

Meu coração se parte no meio. Ao ver meu rosto, os olhos de Tita Anna ficam tristes.

Nós duas pensamos no meu pai.

Ele sempre acrescentava mais e mais itens na sua lista de coisas para fazer antes de morrer. A maioria era bobagem: jogar xadrez com o papa; participar de um episódio de *Lei & Ordem*; fazer amizade com um porco-do-mato e adestrá-lo para segui-lo por aí como um familiar.

Um item da lista, porém, era real: uma viagem à Itália.

Era como ele planejava comemorar seus vinte e cinco anos de sobriedade. Começaríamos em Roma, porque ele queria jogar uma moeda por cima do ombro esquerdo na Fontana di Trevi, depois iríamos a Florença e a Veneza. Ele planejava tomar três sorvetes por dia e alimentar os pombos da Praça de São Marcos. Quando lhe contei que isso era ilegal, ele insistiu que valeria a pena pagar a multa.

Nem preciso dizer que ele nunca chegou a fazer essa viagem.

Lágrimas brotam nos meus olhos. Enxugo-as depressa.

— Eu… pois é. Melhor não. Eu não pensei antes de falar… — Tita Anna balança a cabeça. — Mas tem outros lugares. Que tal a Califórnia? — Ela abre um sorriso pequeno. Esperançoso. — E Nova York? Talvez a cordilheira Great Smoky? Qualquer lugar que não dê para fritar um ovo no asfalto no meio do verão de julho. Ou qualquer lugar que não tenha uma "temporada de escorpiões".

Por um momento, começo a imaginar. Nova York, um lugar com estações definidas. Uma passada no mercado à meia-noite com Tita Anna para comprar um pote de sorvete Ben & Jerry's. Os inúmeros bares com palco aberto todos os dias da semana. Tita Anna reclamando comigo porque andei de metrô tarde da noite. Parece maravilhoso.

Só que não é possível. Não posso ir embora. Minha vida são apenas cacos de vidro espalhados entre os cactos do Deserto de Sonora, cada um deles representando uma pergunta. Para que eu siga em frente, preciso juntar todos, encaixar as peças e achar algum sentido. Preciso de respostas. E eu jamais as encontrarei em nenhum outro lugar que não seja aqui.

— Não posso ir embora daqui.

Suspiro. Tita Anna acena com a cabeça, como se já soubesse que minha resposta seria essa.

— É por causa da sua mãe?

— Entre outras coisas — digo, pensando em Tawny, na lanchonete, em Malhadinho. — Quero dizer, e se ela voltar… e eu não estiver aqui?

Tita Anna faz uma careta, mas não diz nada. Nem precisa. Sei o que está pensando. É a mesma coisa que Tawny pensa, a mesma coisa que a polícia pensou.

Por que se prender a alguém que não quis se prender a você?

Minha mãe era o tipo de mãe que lia para mim toda noite, fazendo as vozes de cada personagem — o grilo Chester, o mago Gandalf, a srta. Mel de *Matilda*. O tipo de mãe que jogava a cabeça para trás quando se acabava de rir com minhas histórias. O tipo de mãe que beijava meu pai quando achava que eu não estava vendo; que comemorava não apenas as bodas, mas também a data do primeiro encontro deles.

Minha mãe, porém, também tinha suas dificuldades. Eu não sabia que nome dar para as suas extremas variações de humor. Em alguns momentos, ela estava cheia de alegria, e em outros, mal conseguia sair da cama. Ela dizia que eram seus Dias Sombrios e que a única coisa que a ajudava era fazer trilhas. Se estivesse bem, ela pegava todos os seus mapas de trilhas, apontava para as veias azuis dos rios e as

artérias vermelhas das estradas e mostrava todas as rotas que já fizera, todas as que ainda planejava fazer. Quando não estava bem, ela agarrava a mochila e saía, muitas vezes sem nem se despedir.

Em relação às trilhas, ela era bem tradicional. Nunca levava celular. Precisava apenas da mesma mochila que tinha desde a adolescência, de uma bússola e de uma música para assobiar.

— Eu nem *tinha* telefone quando comecei a fazer trilha — disse uma vez. — Eu costumava enviar cartas. Não devia nada a ninguém. Tudo o que eu precisava fazer era mandar um cartão-postal a cada três semanas.

Eu me perguntava: *Para quem?* Ela já tinha perdido os pais.

Depois que nasci, os cartões passaram a ser para mim. Quando passava mais de uma semana fora, ela voltava com uma pilha de cartas e gostava de estudar meu rosto enquanto eu lia suas palavras.

— Assim parece que você estava lá comigo — dizia toda vez.

Então me leve com você. Era o que eu sempre queria pedir e nunca conseguia, pois tinha medo de que minha presença acabasse alterando a magia que a curava em suas trilhas.

Pouco depois do meu aniversário de dezoito anos, ela começou a piorar de novo. Voltou a sair de casa sem nos dizer aonde ia, a ter crises de choro quando as roupas ainda estavam molhadas depois de um ciclo na secadora, a dormir até as quatro da tarde.

Não fiquei surpresa ao perceber que ela tinha ido embora numa manhã no início do mês de outubro.

— O equipamento de trilha dela não está aqui. — Meu pai checou o armário antes de suspirar, desanimado. — Acho que era só questão de tempo.

— Ela vai estar melhor quando voltar — falei com mais certeza do que estava sentindo de fato.

Quando o Halloween chegou e ela ainda não tinha voltado, senti a primeira pontada de medo. Logo ela perdeu o Dia de Ação de Graças. Mas, quando perdeu o Natal, meu pai chamou a polícia. Depois ele se sentou comigo e disse:

— Riv, acho melhor nos preparamos para o fato de que talvez sua mãe não… — Seus olhos brilharam com lágrimas não derramadas. — Talvez ela tenha deixado a gente de vez.

Não quis acreditar. Independentemente do humor de minha mãe, uma coisa jamais mudava: o quanto ela me amava. Eu sabia e, de alguma maneira, sentia lá no fundo, que um dia ela voltaria.

Ou que talvez já tivesse voltado.

Uma semana após o enterro, alguém deixou um buquê de jacintos, as flores preferidas do meu pai, na porta de Tita Anna. Não tinha nenhum bilhete, e eu sentia que só podia ser dela. Achei insuportável a ideia de vê-las murchando, então as pendurei de ponta-cabeça para que secassem. Guardei-as em um pote de vidro em cima da minha cômoda. São tão frágeis que basta um toque para que se despedacem por inteiro.

Tita Anna estende o braço e pega minha mão.

— Nesse caso — diz ela —, talvez a gente devesse viajar. Sair daqui. Dar um tempo para você se afastar de… tudo, só que com data para voltar.

Hesitante, observo as migalhas no meu prato e imagino meu pai jogando-as para um monte de pombos.

— Sabe de uma coisa? — digo baixinho. — Vamos nessa. Vamos à Itália.

— Sério? — Tita Anna se anima.

Meu coração se parte ao meio com a ideia de fazer todas as coisas que meu pai queria fazer, mas sem ele. No entanto, também não consigo pensar em nenhuma maneira melhor de honrar sua memória.

E, talvez, se a sorte de ganhar um grande prêmio de novo, minha mãe esteja aqui quando eu voltar para casa.

capítulo 4

river

Minha mãe não perdeu o amor pelas trilhas quando cascavéis entraram na sua mochila nem quando sua pele ficou em carne viva depois de ser arranhada por urtiga. Meu pai não deixava seu trabalho de lado quando os jogadores — ou os pais deles, na maioria das vezes — davam chilique no meio do campo. Somos todos obrigados a coexistir com coisas que não são agradáveis.

E foi por isso que não pedi demissão imediatamente quando Gertie nos disse que serviríamos a comida na festa de formatura organizada por Tate Franklin, a pessoa mais merecedora de uns tapas do colégio, em sua mansão no condomínio mais exclusivo de Scottsdale.

Tate era, com certeza, a pessoa mais irritante da nossa turma. O pai dele foi capitão do time profissional de futebol americano na NFL, e quando Tate não está mencionando isso a cada três segundos, está falando de fundos fiduciários e do Corvette vermelho que ganhou no aniversário de dezesseis anos.

Os dez minutos que precisei passar com Tate Franklin na sala de estudos foram mais do que suficientes para mim. E precisarei passar as próximas seis horas usando camisa branca engomada e gravata-borboleta, servindo-lhe minissanduíches numa bandeja prateada. Pelo menos vou trabalhar com Tawny. E com Logan, que, como sempre, vai me ignorar.

Já durante o serviço ele mal me olha, como se eu fosse um mero fantasma carregando bandejas de enroladinhos ao seu lado. Na verdade, todo o pessoal que era da minha turma está me tratando assim. Como se eu fosse somente uma bandeja flutuando no ar e oferecendo tira-gostos. É um alívio, embora também me sinta péssima com isso.

— Só mais quatro horas, Riv. — Tawny endireita minha gravata quando vamos encher as bandejas.

— Não vou aguentar — sussurro.

Tawny me lança um olhar compassivo antes de sair apressada ao ver um ex-colega de turma estalando os dedos para chamá-la.

— Aqui só tem idiota — digo baixinho.

Logan, que está por perto, olha para mim por meio segundo. Bem na hora em que me pergunto se tem um sorriso se insinuando nos seus lábios, ele se vira para um grupo de meninas que não tiram os olhos dele.

Está quente demais para ficar lá fora, então a festa é no salão de entrada da casa, um imenso cômodo com pé-direito alto, piso de mármore e uma escada curva de cada lado. Nós que estamos servindo, contudo, precisamos ficar entrando e saindo, um caos quase fora de controle. Num instante estou ao lado da grelha, onde Gertie prepara os mini-hambúrgueres; no outro, estou enxugando Coca-Cola derramada no piso de mármore. Tudo passa como um borrão, até eu ouvir meu nome vindo de um grupo de garotas de cabelos sedosos e elegantes.

— Ela não quer tocar nos milhões de dólares? Mas que absurdo.

Fico sem reação. Elas estão mesmo falando de mim.

— É mais do que absurdo! É burrice. — Quem está falando é uma menina alta que fez educação física comigo no primeiro ano. — Vocês viram que ela está aqui? Eu ia preferir *morrer* a ser vista andando pela mansão do Tate, servindo *salada de atum* para o pessoal que era da minha turma. — Ela examina as unhas das mãos, fazendo uma careta de repulsa. — Tipo, por que ela ainda trabalha? O que ela está querendo provar, hein?

— Bem — diz uma das outras meninas —, eu colocaria salada de atum até dentro do bolso se fosse para trabalhar *com ele*.

Vejo a cabeça de todas se virarem para Logan, que de fato continua bonito mesmo usando um uniforme feito para deixá-lo invisível (o que não está funcionando).

— Aceitam salada de atum, senhoritas? — pergunto com a voz alta e glacial.

Sinto uma pequena satisfação quando elas se viram depressa, arregalando os olhos perfeitamente maquiados. Não me surpreendo quando se afastam em silêncio, sem nem sequer olharem para os pimentões recheados na bandeja.

— Nem sei se quero saber o que aconteceu — diz Tawny se aproximando por trás, semicerrando os olhos na direção das meninas que se afastaram.

Antes que eu possa responder, o pai de Tate vem até nós, gesticulando com uma taça de champanhe.

— River, é um prazer vê-la. — Ele está falando de um jeito mais arrastado e meloso. É óbvio que está bêbado. E que está acostumado a falar bêbado. Ele abre um sorriso charmoso para a gente. — No começo, fiquei surpreso quando Tate pediu a comida da Gertie's pra hoje. O menu é tão simples… — O sr. Franklin percebe o que está dizendo e se interrompe, limpando a garganta. Ele tem algum bom senso, quem diria. — O que eu quero dizer é que está tudo ótimo, e Tate está

bem feliz. Obrigado pelo trabalho duro de vocês hoje. — Por um instante, seus olhos embaçados ficam sérios. — Você puxou à sua mãe nisso.

Minha nuca esfria. Sinto Tawny enrijecer o corpo perto do meu ombro. Como foi que não lembrei? Eu estava tão concentrada nos meus próprios sentimentos em relação a hoje que esqueci completamente.

Minha mãe trabalhava para ele. Ela fazia faxina na casa de Tate Franklin.

Será que é poético ou patético eu ter assumido o lugar dela e estar trabalhando para o mesmo milionário para quem ela trabalhava?

— Sua mãe era nossa melhor faxineira — diz o sr. Franklin. — Sentimos muita falta dela, sabia? — Há um toque de melancolia na voz. Como se tivesse revelado demais, ele endireita a postura e retoma a formalidade. — Ela deixava nossas colheres de prata brilhando. E não quebrou nenhuma peça de nossa louça de porcelana. Nenhuma! — conta ele, com um ânimo exagerado. — Você tem ideia do quanto é difícil achar faxineiras assim?

A festa barulhenta continua ao nosso redor. Logan está a apenas alguns metros de distância, servindo tacos para as minhas antigas amigas Audrey e Marissa. A música ambiente mudou de Dua Lipa para algo instrumental e cafona. Kailey Collins e o ex estão se beijando não-tão-secretamente num canto. Mas não registro nada, pois minha raiva transformou o mundo num pontinho minúsculo, e ele continuará assim enquanto esse bêbado não parar de dizer o quanto minha mãe desaparecida era *boa de faxina.*

— Se um dia sua mãe aparecer, diga a ela eu estaria disposto a fazer outra entrevista de emprego para que volte a trabalhar aqui.

Ele ergue a taça vazia antes de ir cambaleando até algum convidado.

Fico tremendo de fúria, e ele se afasta.

— Esse imbecil é *inacreditável* — diz Tawny, tremendo de raiva, gesticulando com as mãos.

Fico surpresa. Tawny costuma sentir raiva da minha mãe em vez de defendê-la. É comovente. Acho que, na escala de imbecilidade, um babaca ex-jogador da NFL é pior do que uma mãe que abandona a filha.

— Pois é — concordo, mas ela mal parece me ouvir.

— Esnobe, elitista… — Ao dizer a última palavra, ela joga a mão para o lado e derruba acidentalmente a bandeja com salada de atum em cima do meu peito.

Ela cobre a boca com as mãos, enquanto solto um grunhido. Duas meninas da minha turma de espanhol observam tudo e riem baixinho.

— Ai, River, foi mal mesmo. — O rosto dela está carregado de culpa. Suspiro.

— Eu sei. É só que… Logo a salada de atum, Tawny…

— Vou pegar alguns panos. — Ela se afasta apressada.

Ajoelho-me e pego guardanapos para limpar o atum espalhado no chão e colocá-lo na bandeja bagunçada. Uma sombra me cobre, e, de repente, sou cercada pelo cheiro defumado de palo verde aceso em uma noite escura no Deserto de Sonora. Olho para cima e vejo Logan, e agora que sei que ele tem *esse* cheiro, só Deus pode me ajudar.

— Noite difícil? — pergunta ele, se abaixando para me ajudar com a bagunça.

— Hum, pois é — consigo dizer, surpresa. Acho que é a primeira vez que Logan fala comigo sem ser por causa do trabalho. — Acho que sim.

Logan para e me olha.

— Parece que você está tendo muitas noites assim.

Engulo em seco. Então ele percebeu. No fim das contas, talvez eu não seja tão invisível assim pra ele.

Ele põe a mão dentro do avental, tira um pano limpo e o estende para mim.

— Obrigada — sussurro, meus dedos roçando os dele ao pegá-lo.

Eu nunca tinha percebido, mas Logan tem uma pequena cicatriz no lábio superior, logo à esquerda do arco de cupido. É uma marca inclinada, como se uma unha grande tivesse sido pressionada fundo contra o arco macio daquele lábio e a marca tivesse ficado. Sério, não é justo que alguém seja tão gato assim.

Ele limpa a garganta.

— Escute, Santos… — diz ele, porém, antes que possa continuar, o grito bêbado de Tate atravessa o salão.

— Olha só quem finalmente deu as caras! Já estava mais do que na hora, Pierce.

Ah, não. Por favor, não. Já não sofri o bastante?

Não sei de onde tiro forças, mas me viro na direção dele. Noah Pierce.

O garoto que partiu meu coração.

capítulo 5
river

Noah está parado meio sem jeito na entrada de portas duplas, e seus olhos vasculham o local e se fixam nos meus antes de Tate envolvê-lo num abraço bêbado.

Viro-me para Logan, que já não está mais do meu lado. Ele pega uma bandeja vazia num balcão próximo e vai para dentro da cozinha, seu rosto de volta a máscara pétrea de sempre.

Sigo o exemplo, desesperada para fugir de Noah e do alvoroço da festa, sem prestar atenção ao meu caminho. As pessoas me contornam, esbarrando em mim, quase tropeçam para me evitar. Enfim, vejo a porta do lavabo que a mãe de Tate nos mostrou mais cedo, explicando que era o único banheiro que "os empregados" poderiam usar. Estou quase lá quando alguém diz atrás de mim:

— River?

A voz me faz parar bruscamente. Mesmo seis meses depois, o som é tão familiar quanto a minha própria voz. Sinto um frio na barriga, que desce para meus pés e depois sobe até minha garganta em disparada, fixando-se ali. Quando me viro para ele, todo o ar dos meus pulmões some.

Consigo abrir um sorriso forçado.

— Oi, Noah.

— Oi — diz ele, passando a mão na nuca. Quero mais é que ele *vá se ferrar* por ter conseguido ficar ainda mais gato.

Por um instante, tudo o que conseguimos fazer é encarar um ao outro, o barulho da festa no salão nos alcançando no corredor. Não sei o que está se passando na cabeça dele, mas mal me aguento em pé. Sua beleza juvenil evoluiu para algo mais adulto, mais confiante. Ele ainda tem o mesmo cabelo loiro sedoso, só que o maxilar está mais definido, as maçãs do rosto, mais pronunciadas. E, embora seus olhos grandes tenham o mesmo tom de verde elétrico, percebo que não consigo lê-los com a mesma facilidade de antes.

— O que está fazendo aqui? — pergunto.

Não é a pergunta que estava na minha cabeça. O que eu queria dizer era: por

que está aqui em Scottsdale? Por que está na festa do Tate? Por que… bem, são muitos *porquês*.

Mas não digo nada disso.

A boca de Noah se contrai.

— Ah, sabe como é. Tate ficou sabendo que eu estava de volta e me convenceu a vir na marra. É difícil dizer não para ele.

— Não tenho tanta certeza disso — respondo. — Acho que metade das alunas lá do colégio disse não pra ele em algum momento.

Noah ri.

— E com razão. Ele pode até ser meu amigo, mas é um babaca.

Isso é algo familiar. Uma conversa descontraída que costumava terminar com ele me puxando para seus braços e sussurrando mais alguma gracinha no meu cabelo.

Não estamos no passado, sua idiota, lembro a mim mesma. Ele não veio comigo para a festa. Estamos no presente, e estou trabalhando em uma festa com convidados que fingem não me conhecer, toda suja de salada de atum, na casa mais linda que já vi, com o garoto que estilhaçou meu coração sete meses atrás.

Como se tivesse percebido a mesma coisa, Noah endireita a postura e limpa a garganta.

— Enfim. Vim passar o verão em casa para ajudar meu pai na clínica.

O pai de Noah é um dos maiores cirurgiões do estado, e ele é tão habilidoso com investimentos quanto é com um bisturi. Noah sempre idolatrou o pai. Quando era pequeno, seus pais se divorciaram, e a mãe e o padrasto se mudaram para a Califórnia, mas Noah quis ficar com o pai. Ele sabia que queria cursar Medicina desde cedo. Diferentemente do filho, contudo, o dr. Pierce é uma pessoa ótima. Ele era um dos melhores amigos do meu pai e o ajudou a montar cronogramas de treinos de musculação para que seus jogadores não se lesionassem — de graça.

— Legal — digo. — Muito legal. Legal mesmo. Você veio com o Jonah? — digo, me referindo ao melhor amigo dele do colégio. Ele, Tate e Noah faziam parte do time de futebol. Por ironia do destino, Tate, filho de um ex-jogador de futebol americano conhecido pela força de seu arremesso, era tão ruim nisso que precisou encontrar um esporte em que não fosse necessário usar os braços.

— Vim com uns amigos da universidade. — Noah aponta o dedão por cima do ombro, na direção do salão, sem me olhar. — Ben e Ryan. Eles vieram passar alguns dias aqui.

Interagir com Noah é como abraçar um cacto: é impossível fazer isso sem sofrer. A mera menção de dois amigos seus que nem conheço já me deixa nauseada. Se ele não tivesse terminado comigo, eu saberia quem são os dois. Teria vindo para a festa

com eles.

Mexo na bainha do meu avental e olho para o chão para disfarçar meu sofrimento quando surge mais um silêncio constrangedor. Sabia que terminaria esbarrando com ele em algum momento. É a lei do universo. Se tem alguém do seu passado que você está louca para evitar, vai acabar ficando presa com ele num elevador no segundo dia da sua menstruação.

Encontrar Noah era inevitável. Eu já tinha até elaborado um plano.

Mas o plano *não* era esse.

Era para Noah esbarrar em mim em algum lugar por aí, enquanto eu estivesse rindo de algo que meu baterista tivesse acabado de dizer, a caminho do nosso show como atração principal da noite. Eu estaria com uma roupa perfeita para o palco, que chamaria a atenção até da Taylor Swift. Eu estaria gatíssima, tão gata que Noah, lá pelos seus noventa anos, segurando uma colher cheia de gelatina na boca, ainda estaria pensando: *River Santos… terminar com você foi o maior erro da minha vida.*

Em vez disso, estou toda suada e suja, enquanto ele está com sua calça jeans de caimento perfeito, camiseta justinha-no-corpo-mas-não-justa-demais, e olhos verde-escuros.

— Se quiser saber por que estou fedendo a peixe molhado, Tawny derrubou uma bandeja de salada de atum em cima de mim. — Passo a mão na camisa, constrangida. — Tente me imaginar vinte minutos atrás, quando eu estava de roupa limpa, com a aparência mais perfeita possível para uma garçonete de bufê — digo com a voz descontraída e casual, como se tivéssemos aula juntos e eu *adorasse* vê-lo ali. Solto uma risada nostálgica, do tipo *lembra-se daquela vez?*

Noah observa a mancha com uma expressão indecifrável. Ele limpa a garganta outra vez.

— Foi ótimo vê-la. Eu queria saber como você estava.

Eu estava melhor antes de esbarrar com você, penso. Ele parece tão calmo. Tão seguro. Tão completamente indiferente. É pior do que um tapa na cara.

— Estou ótima — digo, tentando manter a voz tranquila.

Noah recua um pouquinho e me lança um olhar preocupado.

— Pode ser sincera, River. Eu… eu me preocupo com você.

Pena. Ver a pena nos olhos dele me dá vontade de vomitar. *Como ele se atreve a sentir pena de mim?*

A raiva se espalha pelas minhas veias. Eu me permito senti-la.

— Sinceramente? — digo com frieza. — Estou bem *pra cacete*. Tenho Tawny. Tenho Tita Anna. E, diferentemente de outras pessoas, elas nunca me abandonam.

Por um instante, uma espécie de apreensão parece surgir no rosto dele. Mas,

obviamente, foi só imaginação minha. O lampejo some num piscar de olhos. Foi *ele* quem terminou o namoro. Ele está apenas tentando não sentir tanta culpa por ter terminado comigo momentos antes da minha vida inteira ir pelos ares. Literalmente momentos antes.

Ainda sinto uma pontada quando penso no quanto fui pega de surpresa. Eu achava nosso namoro perfeito. Para mim, estar apaixonada por Noah era a coisa mais fácil do mundo. Ele era atencioso, mas sem ser grudento. Sempre ligava quando dizia que ia ligar. Lembrava se eu tinha prova de Biologia e me ajudava a estudar. Passava na porta dos fundos da Gertie's para me dar um beijo durante meu intervalo.

Meu Deus, os beijos. Eu ia dormir pensando naqueles beijos, ficava deitada sentindo os ecos de seus braços na minha cintura.

Parecia algo tão certo.

— Vamos usar os sobrenomes dos dois quando nos casarmos — dizia Noah. — Porque, pra falar a verdade, eu me sinto como um Santos.

Com Noah, era sempre *quando*, e nunca *se*.

Quando fizermos nossa viagem de lua de mel para Chamonix.

Quando tivermos um corgi.

Quando tivermos nosso terceiro filho.

Todo dia de manhã, era um drama para Noah escolher uma roupa para usar. Ele odiava decidir. Mas costumava dizer que nosso namoro não era uma decisão para ele. Era apenas um fato. *River Santos, vou me casar com você,* falava como se estivesse dizendo que horas eram. *São 13h03 no horário local,* e *vamos passar o resto da vida juntos.*

E foi por isso que achei que ele estivesse brincando quando falou em término.

Era para ser *A Noite*. Ele tinha voltado para casa, por causa das férias de inverno da universidade. Só que seu pai estava fora da cidade. Seríamos apenas nós dois, sozinhos em sua casa. Então, eu estava esperando ser recebida com velas e pétalas de rosas, no mínimo. Mas, em vez disso, encontrei um Noah quieto, pálido.

— A gente precisa terminar — disse ele.

— Engraçadinho — respondi.

Ele colocou as mãos no rosto, parecendo aflito. Eu fiquei mais afetuosa.

— Dá para entender que você esteja nervoso. Mas sou eu. Estou aqui com você. — Ele não respondeu. Pus a mão no seu braço. — Aconteça o que acontecer, vai ser perfeito. Além disso, a gente nem teria como comparar.

Ele afastou o braço do meu toque.

— Não é isso. Só não quero mais ficar com você.

Estudei seus olhos e percebi o vazio gélido das suas pupilas. Todo o oxigênio saiu dos meus pulmões.

— Você está falando sério — gaguejei, sentindo-me zonza.

Noah não respondeu a mais nenhuma pergunta minha enquanto me acompanhava até a porta. Ele estava com o rosto impassível, e a frieza tornava sua beleza cruel.

Apertei minha bolsa, com roupas para passar a noite, contra o peito.

— O que eu fiz? — sussurrei, mais perdida do que nunca. — Posso corrigir o que fiz. — Estendi o braço na direção dele, e Noah se afastou do meu alcance. — Eu posso corrigir.

Ele me encarou com seus olhos grandes e expressivos. Tão impenetráveis quanto o Forte Knox.

— Vou chamar um Uber pra você — falou ele, pegando o celular. — É melhor não dirigir assim.

Derrubei o celular da mão dele. Noah o pegou centímetros antes de o aparelho bater na escada de concreto na frente da casa. Havia um brilho agitado em seu olhar quando ele o ergueu para mim.

— Não me faça favor nenhum. — Minha voz estava irreconhecível de tanta dor. — Nunca mais… nunca mais faça nada por mim.

Voltei dirigindo em meio às lágrimas, e meu pai estava a postos com um abraço e uma fornada dos meus cookies prediletos. Ele me levou até meu quarto, onde deitei na cama e chorei até pegar no sono.

Três horas depois, nossa casa foi tomada pelas chamas.

O som da gargalhada de duas garotas a alguns metros de distância me faz voltar ao presente. Uma ruiva linda está atravessando o salão e se aproximando de nós. Gesticulo para que Noah se afaste para ela poder passar e usar o banheiro. Mas, ao vê-la, ele fica tenso, endireita a postura e se afasta de mim. Fico confusa até ela parar perto dele e franzir a testa ao nos ver juntos.

— Achei que tinha acontecido alguma coisa — ela está nitidamente falando com Noah, mas seu olhar está preso em mim.

— Desculpe — responde ele, parecendo constrangido. — Eu encontrei… — Ele gesticula na minha direção e, por um instante, parece perdido. — Uma velha amiga.

— Ah, oi! — A ruiva abre um sorriso deslumbrante para mim enquanto entrelaça o braço ao de Noah. — Meu nome é Ryan. Prazer!

A raiva e a mágoa formam dois furacões no meu corpo. Cruzo os braços para esconder o tremor nas minhas mãos. É tão enfurecedor que sou obrigada a rir.

— River — digo com uma alegria quase frenética. *Quero só ver quando Tawny ficar sabendo disso.* — É um imenso prazer conhecê-la. Agora preciso ir. Tenho que voltar ao trabalho. Não quero deixar meus colegas esperando. Não sou tão babaca quanto este cara aí. — Aponto o dedão para Noah.

— Não é? — Ryan ri e empurra Noah com o quadril. Ele está pálido. — A gente deveria marcar um almoço! Vou adorar saber todos os detalhes sobre como ele era no colégio.

Como Noah era no colégio? Por onde eu começo?

Ele me buscava uma hora antes todos os dias para que a gente pudesse ficar se agarrando no carro dele antes das aulas.

Ele fazia questão de que sempre tivesse suco de laranja na geladeira dos pais, pois sabia que era minha bebida predileta.

Certa vez, ele me disse que me amava tanto que doía — era como se ele estivesse segurando brasas quentes contra o peito. Disse que, pelo meu amor, valia a pena sentir o fogo queimando seus pulmões pelo resto da vida.

— Ele fazia parte dos grupos de debate e de xadrez — conto. — Infelizmente, não tem muito o que dizer: ele era entediante. Pronto, agora você já sabe de tudo.

Parece que minhas unhas dos pés estão sendo arrancadas. Não vou aguentar essa situação por muito mais tempo. Olho para a área onde estão as comidas. Logan está lá e me vê. Desvio o olhar, mas, pelo canto do olho, percebo que ele está se aproximando com a gravata-borboleta espremida numa das mãos. *Merda. E eu achando que não dava para piorar.* Faço o possível para fingir que não o vi.

E então, quando nos alcança, ele põe o braço ao redor da minha cintura e me puxa para perto. Todo o ar sai dos meus pulmões. *Mas o que tá rolando?*

— Pode ajeitar minha gravata, Santos? Ela afrouxou, e não consigo de jeito nenhum amarrá-la tão bem quanto você. — A voz dele está diferente. Ele parece estar… flertando.

Olho para ele, chocada. Ele ergue as sobrancelhas. *O que Logan…?* Então cai a ficha. A pressão da sua mão está deixando uma marca quente na minha lombar, então demoro um instante para recuperar a voz.

— P-posso, sim. — É difícil pensar sentindo o calor do seu corpo na lateral do meu. — Meu amor.

Engulo em seco. Como é que ele ainda está cheiroso e perfeito? O único garoto que me acharia atraente neste momento é Malhadinho. *Por que Logan está me ajudando?*

— Desculpe, mas tenho que roubá-la. — Logan mal olha para Noah e Ryan. Lanço um olhar rápido para Noah, que está com os braços cruzados.

— Tchau, Noah — me despeço. — Foi um prazer ver você.

E espero nunca mais te ver de novo.

Tento (e não consigo) fazer com que minhas mãos parem de tremer enquanto caminhamos em direção do banheiro. Respirando fundo, viro-me para Logan.

— Como foi que você…

— Seus olhos estavam praticamente gritando *socorro*, e Tawny estava ocupada, então… — Ele abaixa o queixo e ajeita a gravata habilidosamente, voltando ao seu jeito distante.

— Bem… obrigada. Fico te devendo uma. Ou duas, na verdade. — Respiro, pensando no incidente do atum.

— Você está mesmo me devendo — diz ele, olhando nos meus olhos. Estão parecendo uma tempestade no oceano esta noite, e me deixam sem ar. A pergunta que estou louca para fazer dança na minha língua: *Por quê? Por que me ajudou, Logan?* — E é por isso que vai pegar o meu turno no sábado. Vai ser o fim de semana da torta grátis.

Ah.

Ele se inclina, sorrindo. Uma mecha de cabelo cai na sua testa.

— Foi um prazer negociar com você, Santos — sussurra ele antes de ir embora.

capítulo 6
logan

Por quê.

Por quê?

Por quê?

O carro atrás de mim buzina sem parar. Semáforo verde, merda. Nem percebi. Meu Deus, como estou distraído. Nem ligo quando o sedã passa por mim, o motor rosnando, e a pessoa sentada no banco do passageiro mostra o dedo do meio pela janela. Agora meu cérebro só tem espaço para cinco palavras: *Por que diabos fiz aquilo?*

Solto um gemido. Bato o punho no volante. Ligo o rádio e aumento o volume, mesmo saindo mais chiado. Nada disso diminui o frio na minha barriga nem me faz parar de pensar nessa pergunta. Está bem. Vou encará-la. Por que *diabos* decidi ajudar Santos?

Porque sou um cara legal.

Penso no bem-estar da equipe.

Precisava resolver o sábado da torta grátis.

Eu… não virei onde era para virar.

— Meu Deus, Logan — sussurro, pegando o retorno. — Como você mente.

E é isso mesmo, estou mentindo. Porque não foi por nenhum desses motivos. Por que decidi ajudar Santos?

É o seguinte: não decidi. Tipo, não foi uma escolha consciente. Lá estava ela pressionando a bandeja suja de atum contra o peito, mantendo o queixo erguido, balançando o rabo de cavalo, concordando com a cabeça enquanto aquele babaca dizia alguma coisa. Lá estava ela sendo *corajosa para cacete*, especialmente depois de tudo pelo que ela passou e sabendo o que aquele idiota mimado fez. Ela me olhou, e foi então que vi o desespero nos seus olhos, a agonia, a destruição, enquanto ela fingia estar bem.

Duvido que alguém consiga olhar nos olhos arrasados de River Santos e *não* fazer de tudo para acabar com aquela dor.

Impossível.

Bastou um vislumbre daquela tristeza para eu arrancar minha gravata-borboleta e ir até ela, sem ter nenhum plano formado. Está vendo só? Não foi uma decisão. Não foi culpa minha. Sou inocente.

Chego ao meu prédio e estaciono o carro. Não saio dele. Bato a cabeça no encosto do banco. Passo a mão no rosto, frustrado.

Pare de mentir, Logan. Você quebrou sua própria regra. Admita.

É o seguinte: não quebrei completamente minha regra de uma vez só. Sou mais forte que isso. Foram semanas e semanas até eu ceder. Santos chegava de olhos vermelhos e inchados. Havia dias em que ela estava mais quieta. Outros em que ela não dizia nada. E depois teve aquele dia em que ela estava chorando na câmara fria. Cacete, como foi difícil. Eu não cedi *nem naquele momento.* Mereço uma medalha por isso. Deixei-a lá, sentada na caixa, tremendo, fazendo o possível para conter as lágrimas enquanto tentava manter o queixo erguido por minha causa. Sim, mordi tanto a língua que passei uma semana sem conseguir comer nada muito temperado. Sim, não consegui tirar aquilo da cabeça. Sim, fico acordado à noite me sentindo *arrependido*.

E mesmo assim não cedi. Porque… e se ela soubesse quem sou e o que fiz? Seria o fim de tudo.

Então fui forte.

Mas hoje? Bem, hoje já estava sendo o maior inferno para ela. Ouvi o que aquelas imbecis diziam. Precisei esconder um sorriso ao vê-la surpreendendo as idiotas e oferecendo salada de atum para elas, toda educada. Tudo foi piorando a partir daquilo. Ela derrubou a salada. Eu a ajudei. Fiquei tão perto dela que consegui sentir seu perfume doce, tão delicioso que deveria ser ilegal, e enxergar as sardas minúsculas no seu nariz.

Quase quebrei minha regra naquele momento. Eu ia passar dos limites. Ia dizer que, se em qualquer momento ela precisasse de algo, ela poderia…

Nossa, ainda bem que fiquei quieto. Pelo menos isso.

Mas sou humano. Fiz o possível, mas não consegui resistir. Embora eu devesse ter resistido. Porque agora vai ser muito mais difícil.

Eu me permiti falar com ela, então agora sei como é fazer seus olhos brilharem. Me permiti tocá-la, então agora sei o quanto sua pele é morna. Me permiti abraçá-la, então agora sei como é sentir seu corpo contra o meu.

Estou tão ferrado. Já estava sendo difícil antes, mas agora… Bem, que Deus me ajude. Não sei se tenho forças para me manter longe dela.

capítulo 7
river

Passo o sábado inteiro do fim de semana da torta grátis xingando Logan. Ele pode até ter me ajudado algumas vezes na casa de Tate, mas agora entendi o motivo. Ele estava apenas esperando uma chance para me ferrar. Nem lembro quando foi a última vez que teve tanto movimento na Gertie's. E a pobrezinha da Tawny passou o dia inteiro com enxaqueca. É muito mais fácil me preocupar com o bem-estar dela do que com o dos homens tóxicos que perturbam minha vida.

— Já deu, Tawny. Por favor, vá para casa — digo ao encontrá-la encostada na parede, perto das pias dos fundos.

— Estou bem. — Tawny balança uma das mãos, enquanto mantém a outra na barriga.

— Se isso é você "bem", não quero nem ver quando estiver mal. — Faço um carinho nas costas dela. — Já são oito horas da noite. A noite praticamente acabou. Volte para casa, tome um remédio e vá se deitar.

Agradecida, Tawny me abraça e vai embora sem me questionar mais.

Há um grande show na cidade hoje, então perto das 20h30 o dilúvio de gente louca por torta já diminuiu bastante, e o restante da noite é surpreendentemente tranquilo. Todos os clientes dão gorjetas generosas ao perceberem que sou a única garçonete trabalhando nessas duas últimas horas.

Infelizmente, nenhum deles revela ser meu doador milionário secreto.

É muito satisfatório virar a plaquinha de ABERTO para FECHADO. Empilho as cadeiras e limpo as mesas. Gertie e seus cozinheiros desligam a grelha, arrumam a cozinha e me dão tchau ao saírem.

São quase dez da noite quando vejo a hora e percebo que, em meio à agitação, esqueci de dar o jantar de Malhadinho. Pego um saquinho de ração para gato que deixo no meu armário e vou correndo lá para fora. Encontro Malhadinho me esperando, balançando o rabo torto, irritado.

— Eu sei, eu sei… desculpe, amiguinho.

Pego um punhado de ração e o derramo na tigela vazia que deixo nos fundos. Depois de mais uma balançadinha de rabo, ele começa a comer, e volto para dentro.

Faltando poucas coisas para fazer, escuto um estrondo bem alto nos fundos. O medo sobe pela minha coluna e ativa todos os meus nervos. Vou sorrateiramente para a sala de Gertie e espio pela janela, de onde dá para ver muito bem o estacionamento dos funcionários. Tirando o meu carro caindo aos pedaços, que só continua inteiro por causa de fita adesiva e orações, está vazio.

Talvez tenha sido apenas um gambá… Um gambá bem, bem grande. Isso existe, né?

Começo a relaxar, mas logo ouço outro estrondo, agora mais próximo. Penso logo em Malhadinho. Se for um gambá, não é uma briga que eu gostaria que o gato enfrentasse sozinho.

Com o coração acelerado, pego uma das facas grandes da cozinha. Não planejo *usá-la*, só me sinto melhor com ela na mão. Abro devagar a porta dos fundos e dou uma olhada na área. Uma lata de refrigerante sai rolando de trás da caçamba de lixo.

Aperto mais o cabo da faca, o coração disparando.

Então Malhadinho sai correndo de trás da caçamba, os olhos formando meias-luas simpáticas. Ele encosta a cabeça na minha canela.

— Cara, isso não foi nada legal — sussurro.

Malhadinho boceja. Relaxo e abaixo os braços.

Uma mão encosta no meu ombro.

Solto um grito, me viro e ergo a faca. Uma mão forte agarra meu pulso, paralisando meu braço.

— Meu Deus, Santos. Qual é o seu problema, hein?

Logan Evans, apertando meus braços, com os olhos arregalados como se eu tivesse três cabeças. Puxo o braço para soltá-lo e esfrego meu pulso. Sinto um formigamento na pele.

— Qual é o *meu* problema? — digo bruscamente, me recompondo. — É você que está andando escondido pelo estacionamento à noite, como um assassino!

— Falou a garota que está segurando uma *faca de açougueiro*.

— Ei, tenho o direito de me defender! — grito, jogando as mãos para o alto e morrendo de vergonha por parecer tão boba. Logan dá um passo para trás. Ele me avalia com um olhar crítico.

— O que é que você ainda está fazendo aqui? — diz ele, com um tom de acusação.

Fecho a cara.

— Peguei seu turno hoje. Ou já se esqueceu disso?

— É óbvio que não — diz ele, desviando o olhar. — Só não consigo acreditar que você ainda não acabou.

Balanço a mão com desdém. Estou tão irritada que esqueço que é a mão com a faca.

— *Cuidado*. — Ele desvia de um jeito exagerado.

— Não cheguei nem perto de você, seu dramático.

— Dramático? — Ele parece tão ofendido que é quase engraçado. — Eu *não* sou dramático. Escute, só vim aqui resolver uma coisa rapidinho. E aí a primeira coisa que acontece é eu quase quebrar o pescoço tropeçando nessa pilha ridícula de… Por que tem um saco gigante de latas vazias perto da caçamba?

Ergo o queixo para ele.

— É da Gertie. Ela junta as latas pra fazer uma arte bem legal. Não gosta de guardar na lanchonete, e o apartamento dela é pequeno demais. — Cruzo os braços. — Você saberia disso tudo se tivesse *conversado* com a gente alguma vez.

Logan suspira.

— Escute aqui. Você pode guardar logo essa coisa antes de machucar alguém? Hein, sua assassina? — Ele soa exausto. Quando ergue a vista e me encara, fico um pouco surpresa ao ver que seus olhos estão um tanto vermelhos, e suas olheiras, escuras e profundas.

— Está bem — digo, desarmada, literal e figurativamente, pela sua aparência de cansaço.

Ponho a faca em cima de um balde de cabeça para baixo que Gertie deixa perto da porta para se sentar quando sai para fumar.

Ele não agradece, mas a tensão sai de seu corpo como se estivesse aliviado.

De onde será que ele veio? Está bonito, com uma calça jeans escura e elegante e uma camisa azul simples, com as mangas enroladas na altura dos cotovelos. Tento não encarar os músculos de seus antebraços, nem a maneira como o tecido se estica por cima de seus ombros largos. Duvido que ele vá me contar por que precisou que eu pegasse seu turno hoje, então faço uma pergunta menos pessoal.

— Como veio até aqui? Não estou vendo seu carro. — Dou uma olhada no estacionamento.

— Vim a pé. Moro em um prédio logo depois da esquina. — Logan tira um pequeno saco hermético do bolso e o balança para Malhadinho. Assim que ele faz isso, Malhadinho fica todo alerta, passa a miar bem alto e a andar em círculos. — Desculpe o atraso, cara. Mas estou aqui — sussurra Logan. Ele vira o conteúdo do saquinho no asfalto, e é então que percebo que é ração de gato.

— Espere aí… — Aponto para Malhadinho, que está devorando o montinho de ração. — Você tem alimentado ele?

Logan dá de ombros.

— Se eu não der comida a ele, quem vai?

— Eu — digo, inexpressiva.

— Sério? — Dessa vez, Logan está genuinamente surpreso.

— Sério. Deixo a ração no meu armário.

— Ah. — Ele observa Malhadinho com um novo senso de respeito. — Muito bem, seu espertinho. Enganou nós dois. — O afeto na voz dele faz meu coração acelerar.

River Rose Santos, é sério que você está com ciúme de um gato?

— Aliás, que reflexos rápidos, viu? — digo de repente para esquecer o pensamento humilhante anterior. Faço um gesto imitando a cena, como se estivesse esfaqueando alguém, um pouco tímida, e Logan solta uma gargalhada. Eu a odeio imediatamente, pois já quero fazê-lo sorrir de novo. — Você tem esse costume, então? Fica por aí nas sombras, esperando com seu reflexo ágil para salvar as pessoas das mãos de assassinos?

— Querendo saber mais sobre mim, Santos? — Logan cruza os braços e ergue as sobrancelhas. Há um leve tom de provocação em sua voz.

— Não, é óbvio que não — digo, nervosa. — Não estou nem aí.

Ele suspira. Por algum motivo, seu sorriso parece triste. Ele se levanta devagar e limpa as migalhas de ração das palmas das mãos.

— Está bem. Fiz aulas de futebol americano, incluindo muitos treinos de agilidade. Mil anos atrás.

Futebol americano? O rosto do meu pai surge de súbito na minha mente. Sempre que me abraçava depois do treino, ele estava com cheiro de suor e de grama recém-cortada. Seus abraços eram tão apertados que o apito pendurado em seu pescoço pressionava meu esterno. Mas eu simplesmente o abraçava mais forte ainda.

Não sei se meu rosto transparece tudo isso, pois, ao notar que Logan está me observando, juro que vejo compaixão nos seus olhos. Limpo a garganta.

— Você, futebol americano… sei lá. Não consigo imaginar.

— Pois é. — Ele passa a mão no rosto e, de repente, parece exausto. — Não durei muito tempo. Não gostei — conta ele, com a voz baixa.

— Então… do que você gosta? — arrisco fazer mais uma pergunta.

Logan abre um sorriso irônico.

— O que é isso? Um interrogatório?

— Eu só fiz *duas* perguntas — digo, irritada.

— Mesmo assim. — Ele boceja e se alonga, e me abaixo para coçar a cabeça de Malhadinho e evitar a tentação de conferir se os músculos do abdômen de Logan formam aquele "V", que Tawny chama de *linhas do sexo*. Continuo fazendo carinho

no gato para que Logan não veja o quanto estou corando.

— Bem, o rapaz aqui já foi alimentado. Duas vezes — observa ele. — Vou embora. O que eu *gosto* é de dormir bem.

Ele põe as mãos nos bolsos e começa a se afastar.

Só isso?

— Sabe de uma coisa… — digo para suas costas. — Parece até que você está escondendo alguma coisa.

Logan vira a cabeça e diz por cima do ombro, sem se dar ao trabalho de parar:

— Aqui vai uma dica, Santos: *todo mundo* está escondendo alguma coisa. Até mesmo esse gato comilão aí.

capítulo 8
river

Horas depois, o breu se instaurou do lado de fora. Não tem nenhum poste brilhando. Nenhum farol lançando um feixe de luz. Não tem nem sequer um vaga-lume iluminando o ar ao nosso redor. A única luz vem da lua aquosa lá no alto, que mal está visível entre as nuvens. Apesar do escuro, consigo enxergar tudo com uma nitidez assombrosa.

Vejo minha mãe parada do meu lado, a pele pálida enquanto encara os escombros.

É horrível. A estrutura caótica da casa no meio das pilhas de destroços. Vergalhões se estendendo em todas as direções como dentes de metal. Tijolos chamuscados apoiados um no outro, desmoronando como um castelo de areia molhado. É feio e caótico, e nem sei por que estou aqui.

Mas, de repente, avisto a caixa de correio vermelha, em perfeitas condições, logo na entrada.

Minha mãe suspira e passa a se apoiar no outro pé.

— É a única casa em quilômetros com uma caixa de correio tão espalhafatosa. Da cor do sangue!

Ela disse isso tantas vezes ao longo dos anos. Ainda assim, deixou meu pai pintá-la daquela cor e jamais insistiu para que a pintasse de preto de novo.

Ela põe uma mecha de seu cabelo loiro atrás da orelha e me olha de esguelha.

— Como foi que você conseguiu?

Me viro para ela, confusa. Ao luar, ela parece mais velha do que eu me lembrava. Cansada e pálida. Um pouco incorpórea. Como se fosse se esvaecer e se mesclar ao luar.

— Como consegui o quê? — pergunto.

Seus lábios se curvam formando um sorriso triste.

— Sobreviver, é óbvio.

E é então que cai a ficha. Não estou encarando um monte de escombros. Estou encarando um cemitério.

A estante de livros que meu pai e eu demoramos dez horas para montar. A TV

de tela plana que meu pai passou um ano inteiro poupando para comprar. Os livros de recorte e colagem que minha mãe fez, os catorze álbuns cheios de fotografias tiradas antes do mundo digital, antes do armazenamento em nuvem. Fotografias que não existem mais em nenhum lugar deste universo. A coleção de vinis do meu pai, seu grande orgulho. A pilha de doze discos do ABBA que ficava ao lado da vitrola que ele comprara na infância. Ficava tudo na cozinha, para que ele pudesse dançar enquanto esperava seus biscoitos amanteigados terminarem de assar.

Como foi que nossa vida inteira, nossa família inteira, se transformou *nisso*? Numa pilha de cinzas pretas e podres que nem sequer alcançam meus joelhos?

Permaneço ali, observando os destroços que antes continham muito mais do que sou capaz de imaginar. Encaro os rastros do massacre, ávida por alguma sensação de reconhecimento. Porém, os restos se desmancham como se fossem areia movediça chamuscada.

Viro para minha mãe, me sentindo descontrolada.

— Onde é que tudo foi parar?

— Tudo foi perdido, River. Eu te amo. Mas tudo foi perdido.

Lágrimas brancas e redondas como pérolas abrem caminho em suas bochechas.

Pisco os olhos, horrorizada. Enquanto as lágrimas escorrem pelo seu rosto, minha mãe vai desaparecendo devagar na minha frente. Vai esvaecendo-se cada vez mais, até não passar de um contorno mal definido.

— Mãe, não! — Tento agarrar sua mão. Mas ela já sumiu, uma névoa subindo para o céu. — Não! Não me deixe! — grito várias e várias vezes, até os gritos preencherem o ar, até o chão começar a se mexer sob meus pés, meu desespero provocando um terremoto.

À distância, uma sirene toca bem alto.

E eu acordo.

PISCO OS OLHOS em meio à escuridão, só que essa escuridão não é nada como a do meu sonho. A luz do estacionamento atrás do prédio passa por entre as persianas de plástico, formando finos feixes. Meu relógio emite um brilho azul no canto. E meu celular na mesa de cabeceira está aceso porque uma mensagem chegou.

— Foi apenas um sonho — sussurro para mim mesma, o coração ainda batendo em disparada, o travesseiro úmido de lágrimas.

Puxo o lençol contra o peito, ouvindo Tita Anna roncar no quarto ao lado e tentando desacelerar minha respiração.

— Foi apenas um sonho — sussurro de novo.

Porém, não foi somente um sonho. Nunca vou conseguir acordar de certas

partes daquele pesadelo. E certas partes estão tanto nos sonhos quanto nas lembranças, tão emaranhadas que não consigo distinguir entre fatos e trauma.

Partes que nunca contei para ninguém, nem mesmo para Tita Anna.

Fecho os olhos e me concentro na lembrança que me assombra há meses. Não são as chamas, nem a fumaça tão densa que me dava a sensação de estar me afogando.

É a lembrança de uma presença familiar do meu lado enquanto eu perdia a consciência no corredor, na frente do meu quarto.

Lembro que chamei meu pai, sentindo dor a cada inspiração, como se tivesse vidro nos meus pulmões. Depois, lembro que senti mãos segurando as minhas e que fui arrastada para fora da casa e para o ar fresco da noite. Eu estava tão alheia a tudo, perdendo e recobrando a consciência, que não cheguei a ver nenhum rosto. Vi apenas um vulto e senti a força de um corpo me puxando por entre as paredes de chamas. Quem quer que tenha me deixado no jardim me deu um rápido beijo na têmpora e desapareceu noite adentro.

Uma parte de mim acredita que isso tenha acontecido. A outra pensa que foi uma alucinação causada pela inalação de fumaça — inventei um herói para me salvar quando não conseguia salvar a mim mesma. Ainda assim, não consigo parar de pensar que tem algo verdadeiro naquela lembrança, que tem *alguém* verdadeiro por trás dessa lembrança. Alguém que me amava tanto que entrou no meio do fogo.

A pessoa mais impossível do mundo inteiro, mas também a única que faz algum sentido.

Minha mãe.

Todo o meu lado racional luta contra esse pensamento, porque se foi *mesmo* ela, o que ela estava fazendo lá, para começo de conversa?

E se ela me salvou, por que não salvou meu pai?

Por que ela fugiu e me deixou lá?

Pego o celular na mesa de cabeceira, sentindo o metal frio na minha mão e, tomada pela culpa, ignoro a mensagem de Tawny, como se ela pudesse ver o que estou prestes a fazer. Sei que ela e Tita Anna não aprovariam, mas é algo mais forte que eu.

Digito uma mensagem para minha mãe.

River

Mãe. Você estava lá na noite do incêndio? Por favor, me responda. Preciso saber.

Mandar mensagens para ela é perigoso, não porque nunca recebo resposta, e sim porque sempre fico esperançosa. É uma roleta-russa de emoções — mas com cinco balas no revólver e somente uma câmara vazia. Só uma masoquista mesmo para enfrentar uma probabilidade como essa.

Ou talvez uma garota arrasada, desesperada para ter alguma notícia da mãe.

Um segundo depois, meu celular vibra na minha mão. Eu levo um susto, quase sem querer acreditar. Porém, assim que vejo a notificação, sinto um aperto no peito. A mensagem não é da minha mãe, e sim de Noah.

Noah

Foi bom te ver ontem. Espero que saiba que sempre vou me importar com nossa amizade.

— Ah, *vá se ferrar* — digo com raiva.

Apago a mensagem e jogo o celular no edredom, furiosa com Noah. Furiosa comigo mesma por me importar com isso. Furiosa por achar que minha mãe responderia à minha mensagem.

Ajeito os meus travesseiros e me encosto na cabeceira. Queria poder conversar com Tawny sobre isso, mas o assunto minha mãe é o limite dela. Com Tawny funciona assim: você nunca vai desejar ter outra pessoa do seu lado. Ela é a amiga mais protetora que já tive. É algo que valorizo de verdade, algo que faz com que eu me sinta amada.

Só que, vez ou outra, essa lealdade se transforma em uma raiva intensa, que leva a comentários mais ácidos do que justos. Especialmente em relação à minha mãe.

— Como é que você não a odeia? — perguntou Tawny para mim certa vez, andando de um lado para o outro como um animal selvagem no meu quarto, enquanto eu pressionava os joelhos contra o peito, sentindo vergonha das minhas emoções "erradas" naquele momento.

— Ela é minha mãe — respondi baixinho, com medo do olhar fulminante de Tawny. — É complicado. Não dá… não dá pra odiar minha mãe. Sei que ela tem seus motivos pra fazer o que fez. Um dia ela vai me explicar. Tenho certeza.

— River. Não tem nada, *nada*, que ela possa dizer que justifique o fato de que ela abandonou a filha.

Naquele momento, Tawny, que é como um dia ensolarado em forma de gente, com o cabelo queimado pelo sol e olhos castanho-claros, foi envolta pelas trevas. Sua voz, seus olhos, seu rosto. Fiquei sem saber o que dizer, então ela se calou e se virou para olhar pela janela.

Eu entendo. Entendo o que ela diz e por que ela se sente assim. É um assunto pessoal para ela.

Tawny descobriu que tinha sido adotada quando estava no ensino fundamental. Já conversamos sobre isso algumas vezes, mas até hoje é um tema sensível para ela. Ela não sabe nada sobre a mãe biológica, então há uma lacuna imensa sem informações que é preenchida por uma mágoa compreensível. Sua mãe adotiva é maravilhosa, embora o pai adotivo tenha falecido antes que ela pudesse ter lembranças dele. De certa maneira, sua sensação de perda só aumenta devido a todas essas figuras paternas e maternas que não passam de fantasmas.

E é por isso que não vou insistir para que Tawny converse sobre esse assunto comigo. O que é péssimo, porque ela é a pessoa em que eu mais confiaria para me ajudar a entender o que deu errado, por que minha mãe foi embora e não voltou.

No começo, a polícia tratou o desaparecimento como algo suspeito. Uma mulher branca desaparecida e um marido filipino que só comunicou o desaparecimento dela depois de meses? Basicamente uma manchete trágica de noticiário esperando para ser escrita. Fizeram mil perguntas ao meu pai sobre o casamento dos dois, mas, quando ficaram sabendo dos "problemas de saúde mental" da minha mãe, os policiais praticamente deram de ombros e julgaram que não havia nada a ser feito — apesar de terem feito uma ameaça sutil de que ficariam de olho no meu pai.

Os policiais foram inúteis, mas suas perguntas me fizeram pensar. Cresci achando que tudo entre meus pais era… bom. Não perfeito. Nenhuma família é perfeita. Meu pai e minha mãe brigavam. Francamente, seria mais estranho se eles não brigassem. Mesmo assim, pareciam brigar menos do que os pais de alguns amigos meus.

As coisas se tornaram um pouco mais estressantes nos últimos anos. Nunca tínhamos dinheiro sobrando, e o colégio do meu pai fez alguns cortes no orçamento. Ele não recebeu o aumento com o qual estava contando. E os juros do financiamento estudantil da minha mãe aumentaram. Era um tema muito sensível, pois ela nem sequer tinha um diploma para justificar esse gasto. Ela precisou abandonar a universidade quando engravidou de mim, uma culpa que me acompanhava como uma pedra no sapato.

Quando consegui o emprego na Gertie's, pedi para ajudar com as contas.

— Jamais — disse ela, com os olhos brilhantes e intensos. — Esse dinheiro é *seu*, filhota. Poupe para a universidade. Poupe para conseguir construir uma escada que te leve para longe daqui.

Eu não havia entendido.

— Escada? Não quero ir para nenhum outro lugar.

Também não entendi quando ela caiu no choro e me abraçou, abafando os soluços no topo da minha cabeça.

Então, sim. Parando para pensar agora, sim, eles estavam brigando um pouco mais que o normal no ano antes de ela ir embora. Em vez de aceitar meu dinheiro, meu pai começou a dar aulas particulares entre um treino e outro, e minha mãe pegou turnos a mais fazendo faxina. Sinceramente, acho que isso piorou um pouco a situação dela.

Passar o dia nos redutos da elite começou a afetá-la cada vez mais. E como não afetaria, tendo como uma de suas tarefas afofar as almofadas de uma cama de cachorro com o maior número de fios que ela já tinha visto na vida? Cachorros que comiam cordeiro e canguru ("Sim, River, *carne de canguru de verdade*"), enquanto nós três jantarmos no Applebee's tinha se tornado uma rara extravagância.

— A sra. DuPont comprou um tapete novo hoje — disse minha mãe, enquanto se jogava em nosso sofá cheio de buracos. — Adivinha só quanto custou.

— Quanto? — perguntei, odiando o quanto ela se desanimava com aquele tipo de coisa.

— Duzentos mil dólares, River. O preço de uma casa inteira. — Ela franziu o rosto. — Pelo menos antigamente.

Depois ela ficava distante, se desconcentrava e se perdia em seus próprios pensamentos.

Eu sabia para onde ela ia toda vez.

Seus devaneios eram bem detalhados. Vívidos como uma lembrança recente. Neles, a gente nunca se preocupava no fim do mês. Meus pais nunca precisavam decidir quem seria a vítima da vez: o orçamento para as compras no mercado ou os pagamentos do financiamento estudantil. Nós ganhávamos na loteria. Uma fortuna caída do céu, a resposta para todos os nossos problemas. E ela jamais a gastaria com *tapetes*.

— O que você vai fazer com o dinheiro? — eu sussurrava enquanto observava sua moeda da sorte raspar o bilhete da semana. Eu sempre perguntava como se fosse algo inevitável, apenas uma questão de tempo. A esperança frágil da minha mãe não sobreviveria se eu colocasse de forma hipotética. Os prêmios que ela deixava de ganhar a cada semana variavam, mas sua resposta era sempre a mesma:

— Vou dá-lo para você, filhota. — Ela erguia a cabeça, e seu cabelo loiro e liso caía sobre seus ombros. — Quando eu ganhar a grande fortuna, vai ser tudo seu.

Mais uma coisa que não posso contar a Tawny. É uma esperança frágil que tenho, mais fina do que teia de aranha. Tawny a rasgaria num piscar de olhos. Uma

coisa em que mal consigo pensar, muito menos dizer em voz alta:

Será que finalmente aconteceu?

Será que minha mãe ganhou um prêmio milionário?

E me deu tudo? Os dois milhões de dólares? Seria uma porta de saída daqui, mas que me recuso a usar?

É a ingenuidade de um conto de fadas. Sou apenas uma idiota me recusando a acreditar na realidade, inventando provas de que minha mãe não me abandonou.

Apego-me a elas mesmo assim. Às minhas crenças nada convincentes.

Minha mãe está me protegendo. Esse é o jeito dela de cuidar de mim. É o jeito dela de dizer que me ama, mesmo não estando aqui.

Um dia ela vai me contar o motivo. Sei que vai.

E quando ela fizer isso, vou lhe dizer:

— A porta de saída é nossa, mãe. Podemos escapar juntas.

Para minha filhota,

Sei que deve estar se perguntando por que abandonei você. Gostaria que a resposta fosse simples, uma explicação que mostrasse que não teve nada a ver com você e tudo a ver comigo e com seu pai. Você não faz ideia de quantas vezes tentei escrever tudo de uma maneira que fizesse sentido para você, para te mostrar por que achei que essa era a decisão certa.

A vida embaralha as cartas e distribui, e a gente joga com elas da melhor forma que pode. Mas, às vezes, as probabilidades estão contra os jogadores. E as probabilidades estavam contra nós.

Sua vida começou com uma tragédia e um segredo. Ah, minha filhota, já fiz coisas terríveis. Coisas que jamais, jamais poderei corrigir. Sei muito bem que é hora de voltar para casa. De contar tudo. De encontrar você.

Mas tenho medo de fazer isso e perder tudo.

Tenho medo de te perder.

Conheci uma garota na trilha hoje. Ela era inteligente, estava no último ano da universidade. Ela é exatamente como imagino que você será quando estiver com seus vinte anos. Forte. Esperta. Seguindo seu próprio caminho e mantendo a cabeça erguida.

Não consegui explicar para ela por que comecei a chorar do nada. Por que me arrependo tanto. Me desculpe, querida. Nunca vou me desculpar o bastante. Desculpe, desculpe, desculpe.

Me desculpe. Te amo. Mesmo de tão longe, eu te amo. Consegue sentir isso?

Consegue?

Com amor,
Mamãe

capítulo 9
river

Desde o jantar, Tita Anna e eu temos conversado sobre a viagem à Itália, pesquisando hotéis e procurando voos baratos na internet. O problema é que, aparentemente, para solicitar um passaporte, é preciso ter certidão de nascimento. De preferência uma que não tenha virado cinzas em um incêndio domiciliar. Assim, tive que passar a manhã no Departamento de Serviços de Saúde, pedindo uma cópia de um documento que prove que realmente sou River Rose Santos.

Foi doloroso repetir os nomes dos meus pais várias e várias vezes nos formulários. Minha mão ficou doendo, e senti um aperto no coração ao escrever seus nomes lado a lado, como se em uma realidade alternativa eles ainda estivessem juntos, casados e felizes. Foi impossível ignorar as lembranças.

Não consigo parar de pensar em quando eu tinha seis anos e minha mãe revirou a sala de estar à procura do controle remoto da TV depois de um dia difícil. Ela estava aos prantos no sofá, até que o encontrei debaixo da mesa e o coloquei em sua mão. Suas lágrimas viraram risadas quando ela me abraçou e me girou pela sala inteira. Na próxima trilha que ela fez, escondi o controle na sua bolsa térmica, pensando que assim ela não choraria. Ao escrever uma carta para o meu pai contando o que eu havia feito, ele riu e me deu um grande abraço.

A vontade de ver meu pai é tão avassaladora que, na volta para casa, faço um retorno e pego o caminho já familiar para o Cemitério de Ocotillo Ridge.

Chegando em seu jazigo, tiro a terra da lápide. Afasto as folhas mortas da base com as mãos. Eu deveria ter trazido flores. O cacto saguaro que plantei ainda está aqui, fino, mas resistente. Ele mal chega ao meio da lápide, mas sei que vai ficar mais alto que ela com o passar do tempo, já que o saguaro adulto pode chegar a mais de doze metros de altura. Eu me imagino um dia podando um caule lateral dele e plantando-o no quintal da casa em que eu estiver morando, para ter uma parte do meu pai sempre comigo.

Depois do dia em que o sepultamos, Tawny nunca visitou o túmulo do meu pai. Na terceira vez que a convidei para vir comigo, ela desmoronou.

— Não consigo — disse ela, parecendo envergonhada. — Dói demais. Quero estar ao seu lado, Riv, de verdade, mas…

Eu a interrompi porque ela não precisava me explicar nada.

Meu pai era como um pai substituto para Tawny. Certa noite, durante o jantar, ela deixou escapar que sua mãe havia lhe prometido ingressos para um show da Taylor Swift, mas, devido a todas as suas viagens, acabou não rolando. E então, no aniversário de dezessete anos de minha amiga, tinha um envelope endereçado a ela na bancada da cozinha lá de casa. Nós o abrimos juntas enquanto meu pai observava com um sorrisinho bobo no rosto. Eram três ingressos para um show de covers da Taylor Swift à luz de velas, com uma orquestra tocando versões instrumentais de suas músicas. Comecei a pular como uma criança, e Tawny quase desmaiou de tanta animação. Taylor não estaria presente, mas isso nem importou. A gente sabia cada música. Meu pai até aprendeu as letras para cantar com a gente no carro. Nós três enchemos os braços de pulseirinhas da amizade e fizemos corações com as mãos o tempo todo. Pelo menos eu o tive durante dezoito anos. Ela só o teve por dois.

Enxugo os olhos, lacrimosos graças à lembrança, e de repente noto um homem sentado em um banco a alguns metros de distância.

Ele está encurvado sobre um caderno, balançando o pé num ritmo agitado. Tem um buquê de flores apoiado na bela lápide ao seu lado. Tamborila, ritmado, uma caneta nas páginas em branco, e por alguma razão isso parece uma situação bastante compreensível, embora eu nunca tenha ouvido nenhum cantor falar de bloqueio criativo. De qualquer modo, desejo boa sorte ao desconhecido mentalmente: *Tomara que você encontre sua musa*. E, para não perder a chance, acrescento, com um pouco de egoísmo: *E tomara que eu encontre minha voz.*

Não quero de jeito nenhum que me peguem no flagra observando o momento privado de alguém, então prendo a respiração e recuo, esperando dar cada passo em silêncio. Milagrosamente, eu consigo.

Por uns três passos.

No quarto, meu calcanhar esbarra numa pedra, e caio ruidosamente no chão.

— Merda — resmungo, fazendo a poeira levantar enquanto me esparramo no chão.

A cabeça escura do desconhecido se ergue, e reconheço seus olhos.

Merda.

É o maldito do Logan Evans.

Nesse momento, vejo o que está inscrito na lápide de mármore aos seus pés. *Helen Evans: 6 de maio de 1977 — 14 de junho de 2023. Querida esposa e mãe, eternamente amada.*

Meu Deus. Helen Evans. A mãe de Logan. Dia 14 de junho foi o sábado da torta grátis.

Exatamente dois anos depois da morte de sua mãe.

Ouço o ruído do caderno de Logan sendo fechado. Ele se levanta do banco e anda até mim.

— Santos, quando eu disse que todo mundo tem seus segredos, não estava sugerindo que você me seguisse pra descobrir os meus.

— Meu Deus, não é isso que estou fazendo. Quero dizer, estou aqui para ver… Eu não estou te seguindo. — Ergo as mãos num gesto apaziguador. — Vou embora.

— Fique — diz ele.

Ele oferece a mão, e eu a aceito. Delicadamente, ele me ajuda levantar. Depois do susto, ele volta a controlar as expressões do rosto, que volta a ser belo e impenetrável outra vez.

Dou uma olhada no caderno em suas mãos.

— O que estava escrevendo?

Sinto a maneira como ele se fecha, vejo sua postura se enrijecer. Tento voltar atrás.

— Olha só, você não precisa me dizer nada que não queira. — Dou de ombros. Meus olhos se voltam para o lindo buquê no túmulo de sua mãe. Jacintos. — Ah! — digo ao reconhecê-las. Passo o polegar numa pétala sedosa. — É a flor favorita do meu pai. Sempre que chovia no inverno, ele levava eu e minha mãe para o Deserto de Sonora na semana seguinte. Depois das tempestades de janeiro, elas ficavam grossas, pareciam uma manta azul. "Está vendo só como elas florescem no meio do deserto, River?", ele dizia. "Isso é resiliência. Até uma flor pode ser forte."

Por um momento, apenas ficamos em silêncio. Em seguida, algo entre nós parece se expandir, como um carretel se desenrolando.

— Pelo jeito, ele era um cara poético — Logan diz, finalmente.

— Sim, ele gostaria de ser descrito como um. — Dou um sorriso. — Meu pai nunca curtiu o estereótipo de técnico cabeça-dura. "Por que um homem não pode entender de estratégia ofensiva e também de cozinha?" — imito a cadência que marcava a fala do meu pai.

O aperto no meu coração se alivia, e parece que um pouco da minha dor também diminui.

— Seu pai… cozinhava? — Logan balança a cabeça. — Não consigo imaginar um técnico de futebol americano na cozinha.

Dou outro sorriso.

— Ele cozinhava, sim. Sua especialidade eram cookies. Ele inventava as próprias

receitas.

— E eram bons?

— Os melhores de todos. — Então meu sorriso diminui. — Mas ele era antiquado e guardava as receitas em papel, então… — Não termino a frase.

Demora um instante, mas Logan logo entende. Ele baixa a guarda perceptivelmente. Todo mundo sabe do incêndio que destruiu tudo.

Até mesmo ele.

— Ah — diz ele baixinho. — Sinto muito. Pelas receitas. E pelo seu pai.

— Eu também — sussurro, apontando com a cabeça para o túmulo de sua mãe.

— Obrigado.

Após um instante, ele gesticula na direção da pedra de granito na nossa frente.

— Aliás, gostei da lápide do seu pai.

— Obrigada… — Mordo meu lábio. — Eu me sinto um pouco mal a respeito dela. Era uma das mais baratas, embora eu tivesse… — Massageio o pescoço, sem querer mencionar o dinheiro da vaquinha. — Enfim. Talvez eu devesse ter escolhido uma melhor, deixando meus sentimentos de lado e gastado mais para homenageá-lo com elegância. Como a da sua mãe. A dela é linda…

— Eu odeio.

Fico surpresa com a intensidade de sua voz.

— Por quê?

O músculo do maxilar de Logan se contrai.

— Minha mãe era minimalista. Ela achava a simplicidade algo bonito. Essa lápide foi cara só para *todos verem* que foi cara. — Ele suspira e passa a mão no rosto. — Desculpe. Estou me referindo ao meu pai.

— Pelo visto vocês não se dão bem.

— Nem um pouco. — O músculo de seu maxilar se contrai de novo. — Saí de casa no ano passado.

— Caramba. Você mora sozinho. Impressionante.

Sei que tecnicamente somos adultos, mas a ideia de morar sozinha me intimida.

— É bem pequeno. — Ele balança a mão, como se não fosse nada de mais. — A parte ruim é que lá não pode ter bicho de estimação. Se não fosse por isso, já teria levado meu camarada da lanchonete pra morar comigo.

Ergo as sobrancelhas.

— Está falando do Malhadinho?

Ele me lança um olhar incrédulo.

— Não me diga que você deu esse nome a ele.

— Ei, foi ele que escolheu. — Ergo as mãos. — Um dia, parei lá fora e fiquei

falando vários nomes de gato. Assim que eu disse "Malhadinho", ele veio correndo até mim de rabo levantado.

Logan revira os olhos, mas percebo algo de afetuoso na sua risada.

— Fale da sua mãe — digo, já esperando Logan se fechar de novo.

No entanto, ele apenas olha para o céu com uma expressão pensativa.

— Ela era incrível. Inteligente e bondosa. Era veterinária. Amava todos os animais. Todos *mesmo*. — Ele inclina a cabeça. — Certa vez, ela quase pôs a mão num escorpião que estava se escondendo na nossa lava-louça. Eu teria simplesmente pisado nele, mas ela o levou com cuidado para fora de casa.

— Caramba. Não sei se eu teria feito isso. Quando eu era pequena, meu pai foi picado uma vez e ficou dois dias inteiros passando mal. Depois disso, minha mãe e eu assumimos os cuidados com os escorpiões.

Logan me estuda por um tempo antes de suspirar e responder.

— Tá, fiquei curioso. Que papo é esse de "cuidados com os escorpiões"?

Ergo a sobrancelha.

— É um privilégio não saber o que são os cuidados com os escorpiões. Você já viu um escorpião sob luz negra?

Logan balança a cabeça.

— Eles *brilham*. Acendem como uma árvore de Natal ou como alguma criatura alienígena esquisita. Então, durante a época dos escorpiões, minha mãe e eu desligávamos as luzes de casa e acendíamos uma luz negra. A gente caçava as criaturas e as esmagava com bastões de madeira. — Solto uma risada, balançando a cabeça. — No começo foi apavorante. Mas minha mãe dizia que éramos poderosas caçadoras defendendo nossa fortaleza. Depois que matei meu primeiro escorpião, ela fez um risco no meu bastão.

Os lábios de Logan se curvam, formando um sorriso.

— Caramba. Quantas vítimas você fez?

— Da última vez que conferi, meu bastão tinha 67 riscos. — Preciso me forçar a não pensar na pilha de cinzas que o bastão deve ter virado.

Logan fica boquiaberto.

— Sessenta e sete?! Não sei o que é mais assustador: o fato de que vocês tinham *tantos* escorpiões dentro de casa, ou o fato de que você contava o número de vítimas nessa sua arma letal.

Dou de ombros.

— Melhor 67 vítimas do que 67 picadas. Mas, sendo sincera, sinto certa vergonha de nunca ter sido picada. Acho que a pessoa só é uma verdadeira habitante do Arizona depois de ser picada.

— Eu já fui picado.

— E…?

— Não considero isso um motivo de orgulho. Doeu. Muito.

— Ah, é? Muito mesmo? — pergunto, surpresa por ele ter admitido isso. Logan nunca demonstrou vulnerabilidade antes.

Um sorrisinho se insinua nos seus lábios.

— Quer mesmo saber?

Estreito os olhos.

— Por quê? Tem um escorpião no seu bolso, é?

Ele me olha fixamente.

— Me dê sua mão — murmura Logan, estendendo a palma.

Engulo em seco. Ele pega minha mão e a vira, tocando a pele delicada e pálida da parte interna do meu pulso, percorrendo uma veia azul.

— Tem menos terminações nervosas aqui — diz ele, depois leva o dedo ao centro da minha palma — do que *aqui*. — Ele desenha um círculo no centro da minha palma. Não consigo ignorar a maneira como inspiro pela boca ao sentir seu toque, o frio na barriga. O dedo de Logan para e tamborila na pele logo acima da minha linha do coração, no espaço sob meus dedos. — Foi aqui que fui picado.

Ele segura meus dedos com uma das mãos enquanto, com a outra, belisca levemente um pedacinho da minha pele com o dedão e o indicador.

— Essa demonstração foi incrivelmente decepcionante — digo.

Logan dá uma risada.

— Achou mesmo que eu te ia machucar, Santos? Imagine isso mil vezes mais forte. Meus dedos dobraram de tamanho de tão inchados. Passei uma semana sem conseguir escrever.

— Não desejo isso nem ao meu pior inimigo.

— É isso que sou para você? — A voz dele sai tão baixa que quase penso que foi minha imaginação.

— Sinceramente, Logan? — Ele me olha nos olhos ao ouvir seu nome. — Isso meio que depende de você.

Ficamos em silêncio e nos viramos para o túmulo do meu pai. O céu está atipicamente nublado, com as monções do fim do verão se aproximando. Elas deixam os dias um pouco mais frios e escuros. O momento parece algo íntimo, e percebo que estamos bem próximos.

Como se também tivesse percebido, Logan se move ao meu lado, procurando algo em sua bolsa.

— Você não precisa aceitar, se não quiser… — Ele estende um pequeno buquê

de jacintos e o oferece para mim. — Minha mãe sempre foi de compartilhar. Especialmente flores.

— Puxa. — Minha voz se enche de emoção enquanto ergo o buquê de suas mãos com uma leve reverência. — Obrigada, Logan.

Ele sorri para mim, e nunca vi seu rosto com uma expressão tão gentil. Ele fica ainda mais bonito, esse idiota. Não é justo que a cor dos seus olhos vá do azul mais vivo ao cinza-mercúrio em questão de segundos. Não é justo que um único olhar dele faça meus neurônios se embaralharem, meus nervos vibrarem, o sangue disparar nas minhas veias. É injusto que haja apenas dois centímetros entre meu ombro e o de Logan e que ainda assim eu não consiga romper esse espaço, nem mesmo aqui, enquanto nós dois sentimos a saudade avassaladora de pessoas que foram tiradas de nossas vidas cedo demais.

Ou será que consigo?

Inclino-me um pouquinho de nada e mal encosto nele. Não sei se é minha imaginação ou se, de fato, ele ficou tenso e, um segundo depois, relaxou.

Mas percebo que ele não se afasta.

capítulo 10
river

Ainda estou pensando em Logan ao chegar à lanchonete para o meu turno da manhã. Nunca imaginei que ele poderia ser tão… gentil. Fico pensando sem parar na nossa conversa, procurando pistas de que interpretei tudo errado. Nós ficamos mais próximos? Ou ele estava com pena de mim? Meu Deus, o que é pior? Ele sentir pena de mim ou ser inimiga dele? *É isso que sou para você?*, perguntou ele. Logan não declarou se eu sou sua amiga ou inimiga, mas *me deu* flores. Isso significa *amiga*, certo? Ai. Por que tenho que me importar assim? E *por que* os olhos dele precisam ter o mesmo tom idiota daqueles jacintos lindíssimos?

Quando abro a porta que dá para o salão principal da lanchonete, o sino toca acima de mim. Assim que Logan ouve o som, seus olhos se arregalam e encontram os meus. Meu corpo, me traindo mais uma vez, reage imediatamente ao seu olhar intenso. Não consigo desviar o olhar. Ele desvia primeiro, porque, *óbvio*, o que eu esperava?

Limpo a garganta ao me aproximar da caixa registradora, onde Logan está parado contando o dinheiro. Quero que ele me cumprimente primeiro, mas eu sou *eu*, então digo:

— Bom dia, Logan.

Minha voz sai bem aguda. Ele não tira os olhos das notas de um dólar em suas mãos.

— Trinta e três, trinta e *quatro*… — diz ele com ênfase, concentrado.

— Ah, merda. Foi mal.

Então tudo voltou ao normal. *Ah, pelo menos sempre teremos o nosso momento no cemitério*, penso (um tanto sombriamente), combatendo a decepção e me dirigindo ao meu armário para pegar o avental.

— Só pode ser brincadeira — resmungo ao amarrá-lo na cintura. Eu tinha me esquecido completamente da mancha de gordura que eu *deveria* ter tirado depois do último turno.

— Precisa de outro? — Olho para cima bem na hora em que Logan joga um avental novinho em folha para mim. Pego-o antes que atinja meu rosto.

— Obrigada. — Não reajo, surpresa. — Sempre preparado, hein?! — brinco. — Me surpreende que você tenha aventais a mais.

— Eu não tenho. — Ele aponta a cabeça para a porta fechada do escritório. — Gertie que tem.

Ah. Amarro o avental com um pouco mais de força do que o necessário.

— Bem… obrigada.

— Sem problema. — Os olhos de Logan brilham por meio segundo quando acrescenta: — Rainha dos Escorpiões.

O sorriso que ele dá é rápido, mas o suficiente para me deixar mais confusa e fazer um frio inconveniente se espalhar pela minha barriga. Ele então sai em direção ao salão, carregando um monte de panquecas empilhadas.

O restante da manhã é igualmente confuso.

O que quer que esteja rolando entre a gente — *será que tem algo rolando mesmo?* — nos deixou constrangidos e desajeitados. Esbarramos um no outro o tempo todo. Em um dado momento, ficamos frente a frente, naquela situação ridícula em que nenhum dos dois sabe para que lado o outro vai. A solução dele foi colocar a mão na minha cintura e me afastar para o lado, para poder passar. Teve algo de carinhoso no seu toque, e juro que não foi só minha imaginação.

Ainda estou sentindo o peso de sua mão ao ouvir o sino da porta da frente tocar, e alguém muito familiar entra na lanchonete.

É o dr. Charles Pierce, pai de Noah — e, como era de esperar, Noah vem logo atrás. O dr. Pierce está com um boné de beisebol cobrindo seus cabelos grisalhos e com um paletó que, a olho nu, não parece caro, embora seja, e que Noah me explicou uma vez que não é "preto", mas "ônix". Dou uma olhada ao redor, torcendo para que Logan possa servi-los — prefiro evitar mais uma interação constrangedora com Noah. Porém, para meu azar, assim que eles chegam ao salão, Logan entra na cozinha com o rosto tenso.

Eu me viro e abro um sorriso forçado. Meu pai e o dr. Pierce eram muito amigos. Passamos o último Natal (o *último* Natal do meu pai) com Noah e o dr. Pierce, e, quando estávamos indo embora, meu pai disse: "Será que Noah sabe distinguir amor de medo?"

Porque o dr. Pierce pode dar fim a uma conversa inteira com um simples olhar. Ele raramente sorri.

Quer dizer, exceto para mim. Ele sempre foi muito gentil e de voz calma, e dava tapinhas nas costas do meu pai enquanto cuidavam da churrasqueira, observando Noah e eu brincando com Pepper, a border collie deles.

Agora ele está sorrindo enquanto se aproxima do balcão e tira os óculos escuros.

Noah vem atrás dele, de mãos nos bolsos, parecendo superconstrangido.

— River, é um imenso prazer vê-la.

Fico surpresa ao perceber o quanto é bom ouvir a voz grave e estrondosa dele. Desde o funeral, ele mandou algumas mensagens para ver como eu estava, mas já não o vejo há meses.

— Também é um prazer vê-lo, dr. Pierce — digo, sentindo uma pontada no peito, encarando o homem que eu tinha certeza de que seria meu sogro um dia.

— Oi, River — diz Noah.

Ofereço um sorriso forçado a ele.

O dr. Pierce se senta num banco alto na minha frente. Noah se acomoda ao seu lado.

— Para você é *Charlie*, River.

— Sim, senhor. — Deixo os cardápios e os talheres envoltos em guardanapos na frente dos dois. — O que vocês gostariam de beber?

Se percebeu que estou intencionalmente ignorando seu filho, teve tato o bastante para não demonstrar.

— Ele vai tomar uma Coca, e eu quero um café.

Quando trago as bebidas, Noah me olha. Prendo a respiração, e ele pega o refrigerante sem dizer nada. Sei que ele não vai bebê-lo. Noah só bebe Sprite.

— Então… — diz o dr. Pierce, dando uma olhada no cardápio. — Percebi hoje de manhã que faz um bom tempo que não como os famosos waffles da Gertie. — Ele ergue o rosto. — Mais importante, no entanto, é que faz um bom tempo que não vejo *você*. Como você está, menina?

Suas palavras fazem uma pressão se acumular atrás dos meus olhos. Sinto que Noah está esperando minha resposta.

Até parece que eu admitiria a verdade na frente *dele*.

— Ah, sabe como é. — Dou um sorriso fraco. — Estou segurando as pontas. — O dr. Pierce dá um sorriso triste. Sei que ele entende. Ele também amava meu pai.

— Somos família, River. — Ele põe a mão no meu braço. — Sempre seremos uma família. Pode me procurar se precisar de ajuda com qualquer coisa, está bem?

Eu adoraria poder pedir a ajuda dele. *Você pode fazer uma coisa por mim, Charlie. Me diga por que o seu filho partiu meu coração.*

— É muito bom saber disso — respondo. — E sei que meu pai também ficaria contente com isso.

A expressão do dr. Pierce muda outra vez, com uma espécie de agonia em suas feições. Sei que ele sente saudade do meu pai. E sei que ele faria de tudo por mim, sem questionar — e que tem condições de me ajudar.

Foi por isso que ele foi a primeira pessoa para quem perguntei sobre a doação anônima. No dia depois do funeral, esperei-o na frente do hospital. Ele finalmente apareceu, exausto e pálido, com uma mancha de sangue visível em seu uniforme hospitalar azul.

— Foi você, dr. Pierce? — perguntei na ocasião, mostrando-lhe o site da vaquinha. — Foi você que doou os dois milhões?

Suas sobrancelhas se ergueram, surpreso; ele ficou tão chocado que nem reclamou por eu o ter chamado pela maneira mais formal.

— River — disse ele enfim, com uma sinceridade dolorosa, quase com culpa. — Lamento muito. Você sabe que sempre vou ajudá-la se precisar, seja financeiramente ou não. Mas não… não fui eu.

Senti um aperto no estômago. Teria feito tanto sentido que fosse ele. O dr. Pierce é rico. Ele não ostenta como Tate e o sr. Franklin, mas a casa de Noah parece um modelo de revista de arquitetura. Ele e o pai fazem viagens incríveis pelo mundo inteiro — esqui na Suíça, trilhas na Patagônia, tour pelo Japão. Eles têm até uma segunda casa no Lago Tahoe. Além disso, ele é generoso, tendo criado um fundo que concede bolsas de estudos a alunos do nosso colégio que precisam de ajuda financeira.

E ele amava meu pai.

Fazia tanto sentido… e teria sido bem mais fácil aceitar a ajuda se eu soubesse sua origem. Em vez disso, o que me restou foi meu luto e um mistério.

Naquele dia, me sentindo uma boba, balancei a cabeça, meio entorpecida, me virei para o meu carro e me afastei antes que as lágrimas que estavam se formando caíssem.

Agora estou levando para eles um prato de waffles, uma jarra de xarope de bordo morno e manteiga. Como a jovem madura que sou, evito-os pelo máximo de tempo possível. Quando eles terminam de comer, já está quase no final do meu turno.

— Estava tudo ótimo — diz o dr. Pierce, limpando a boca com um guardanapo. — Tanto a comida quanto a companhia.

Ele tira uma nota de cem dólares da carteira.

— Aqui está, acho que dá conta. Pode ficar com o troco, obviamente.

Fico de queixo caído. É uma gorjeta de 200%.

— De jeito nenhum. Senhor, eu…

— Pode parar, River. — Ele faz um gesto e depois fica sério. — E, menina… vê se não some, viu?

O dr. Pierce sorri para mim de novo enquanto sai da lanchonete. Noah parece querer dizer algo, mas acaba seguindo o pai em silêncio. É exatamente o que eu

queria: ignorá-lo e fazê-lo sentir um décimo do constrangimento que ele me causou.

Mas tudo o que eu desejo agora é voltar para casa. E talvez chorar um pouco.

Está bem… talvez chorar muito.

Vou até os fundos para bater o ponto, e vejo Logan tentando inserir uma bandeja metálica na prateleira.

— Deixa eu tentar — digo, indo para o lado dele.

— Eu consigo — responde Logan, ríspido. Após empurrar uma última vez, a bandeja entra. Ele enxuga o suor da testa e suspira. Ao ver a expressão no meu rosto, ele relaxa. — Desculpe. Estou de mau humor hoje. Olha só, talvez…

— Evans, pode passar aqui um instantinho? — chama a voz de Gertie do interior de sua sala. — Preciso da sua ajuda com uma coisa.

Logan me olha como quem pede desculpa.

— Mais tarde a gente se fala, Santos.

Tento não me sentir magoada. É mais fácil dar um desconto para o jeito dele agora que sei que perdeu a mãe. Pego minhas coisas no armário e saio para o estacionamento. Estou procurando as chaves na bolsa quando ouço alguém me chamar. Olho para cima. Noah está encostado no meu carro.

Maravilha.

Noah suspira, ergue a mão e mexe no cabelo logo acima de sua nuca.

— Os waffles continuam bons. Mesmo gosto de sempre.

— Mesma receita, mesma lanchonete da Gertie.

Giro as chaves no meu dedo. Apesar de estar quase 40ºC do lado de fora, uma fúria gélida se espalha pelo meu corpo. Sete meses se passaram, e eu continuo sentindo o choque de suas palavras na noite do término.

— Pois é. — Noah abaixa os ombros. — Escuta. A gente pode conversar? Meu pai e eu viemos em carros separados… ele foi para uma reunião.

— Sei lá, Noah. Será que podemos? — Eu me arrependo das palavras infantis assim que elas saem da minha boca. — Está bem. Vamos conversar.

— Eu, hum… você já decidiu qual… você vai… fazer faculdade?

Suas maçãs do rosto definidas coram levemente, e ele passa a mão na nuca com força.

— Faculdade? — Jogo as mãos para o alto. — E eu lá sei? Um dia, talvez. Estou com a cabeça um pouco cheia ultimamente, Noah. Você não está mais por perto, então não tem como saber, mas ir para a universidade não é minha prioridade no momento.

Na verdade, Tita Anna e eu já tínhamos conversado sobre isso. Eu recebi uma bolsa para estudar música na Universidade do Arizona, e Tawny ia estudar hotelaria

para ajudar com sua carreira como planejadora de eventos. Era esse o plano desde o segundo ano. Nós íamos morar juntas, fazer as refeições juntas, fazer as tarefas juntas e sermos felizes juntas.

Mas isso foi antes.

A universidade foi compreensiva e me permitiu adiar o início dos estudos e manter a bolsa, mas não faço ideia de quando estarei pronta.

Não que Noah mereça saber dessas informações.

— O que você quer de mim, Noah? — digo, ríspida.

— Ah, certo. — Ele passa a mão no cabelo loiro, bagunçando os fios. — Não estou me expressando muito bem. Eu só queria… eu precisava saber que você está bem.

A frustração transborda pelos meus poros.

— Se eu estou *bem*, Noah? — Solto uma risada fria. — Será que estou bem agora que meu pai morreu? E que minha mãe foi embora? E sem saber até hoje por que meu namorado terminou comigo? — Balanço a cabeça com força. — Você é um cara esperto. O que acha? Ou melhor ainda: o que *Ryan* acha?

Pelo canto do olho, vejo uma sombra se mexer. Logan está parado segurando dois sacos de lixo na mão, observando-nos. Seu olhar encontra o meu. Na verdade, parece prendê-lo. E então percebo: ele está me perguntando se estou bem. Se eu preciso que ele intervenha. Balanço a cabeça sutilmente. Logan hesita por um instante e, depois de um último olhar, desaparece de volta para o restaurante. Mas, de alguma forma, sei que ele não foi muito longe.

— Desculpe.

Eu me viro para Noah novamente. Ele está com os olhos bem abertos e expressivos, tão verdes quanto um trevo-de-quatro-folhas.

— River, me desculpe… quero dizer… — Noah pressiona a palma na testa. — Ryan e eu… — prossegue ele, agora com a voz mais baixa. Ele olha para cima. — A gente não está namorando.

— E ela sabe disso? — contesto. — Porque no outro dia ela estava com o maior jeitinho de futura esposa do dr. Noah. "Como ele era no colégio?"

— Eu não disse que ela não *quer* namorar comigo.

Reviro os olhos.

— Estou me expressando muito mal. — Ele franze a testa. — Eu só queria dizer que… eu decidi que… não quero. Não quero namorar ela. — A voz dele fica intensa, e ele se aproxima. — River, eu gosto de você.

Tento rir, mas a risada sai trêmula.

— Você gosta de mim? — Balanço a cabeça. — Você tem uma maneira peculiar

de demonstrar o quanto *gosta* de mim, Noah.

— Eu fiz merda, beleza? Cometi um grande erro. A maneira como lidei com as coisas… foi tudo errado.

Suas palavras ecoam entre nós dois, estendendo-se no silêncio sobre nossas cabeças. E não consigo me controlar: meu coração se anima contra minha vontade. São as palavras que eu queria ouvir há muito, muito tempo. Nunca amei ninguém tanto quanto o amei.

— Então por que você fez aquilo, Noah? Me diga, por favor.

Noah deixa escapar uma expiração ruidosa.

— Não posso explicar, River. Eu só…

— Não pode ou não quer? — interrompo-o.

Noah fica parado, sem dizer nada.

— Meu Deus, sou a *maior* idiota — sussurro, mais para mim mesma. Meus lábios estão trêmulos quando entro no carro.

Noah segura a porta antes que eu consiga batê-la.

— River, fui um babaca. Não fique se achando idiota por causa disso.

Puxo a porta das mãos dele e a bato. O espelho retrovisor cai ruidosamente no asfalto.

Ah, merda.

Noah fica me olhando sem reação enquanto pego o rolo de fita adesiva no porta-luvas.

— Calma aí. Isso estava colado com fita?

— Está tudo bem. Eu consigo resolver isso — digo ao colar de novo o retrovisor no lugar com a fita. — A temperatura está mais quente, então a cola da parte adesiva derrete.

O rosto de Noah fica vermelho.

— River, isso não pode… — Ele está ultrajado. — Leve para a oficina! Compre um carro novo!

Lanço a ele um olhar fulminante.

— Escuta aqui. Sei que pra você o normal é ter uma frota de carros de luxo à disposição, mas eu…

Ele gesticula com as mãos.

— River, você é *milionária.* Por que não está gastando o dinheiro? Por quê?

— O dinheiro não é meu para gastar! — digo, já sem paciência.

— O que raios você está querendo dizer? De quem mais o dinheiro seria?

Não consigo responder em voz alta, mas, no instante em que Noah entende a quem estou me referindo, uma expressão de pena surge em seu rosto.

— River. Sei que você quer que sua mãe volte. Mas enquanto isso… use a porcaria do dinheiro.

Depois disso, ele enfim se dirige ao próprio carro. Assim que o perco de vista, encosto a cabeça no volante quente e choro.

capítulo 11
logan

Estou quase deixando o estacionamento da Gertie's quando ouço o barulho de um motor que não dá partida de jeito nenhum. Dou uma olhada e percebo que é o carro de Santos, porque, óbvio, só poderia ser mesmo o carro dela. Fico em dúvida sobre o que fazer por um instante, mas, quando vejo sua testa encostada no volante, não tenho mais escolha.

É óbvio que vou ajudá-la. Ainda mais agora que percebo que ela está chorando.

Tento não a assustar ao bater delicadamente na janela.

— Não preciso da sua caridade, *Noah* — diz ela, sem olhar para cima.

As palavras saem pesadas devido ao seu nariz entupido: *Dão preciso da sua caridade, Doah.*

Seria bonitinho se fosse o nome de qualquer outra pessoa. Ela pega um guardanapo no chão e assoa o nariz discretamente.

Finjo não ouvir e bato de novo.

— Está tudo bem? — pergunto.

Ela se assusta com minha voz e me olha. No sol, seu cabelo escuro adquire um tom brilhante de mogno. Não que eu tenha notado isso.

Santos parece ter se recomposto. Ela abre a porta e limpa a garganta.

— Estou ótima.

Ela funga. O suor escorre pelo seu rosto e pescoço. Aperto a ponta irregular da minha chave na palma da mão, tentando distrair minha atenção da gota que desliza até sua clavícula.

— Posso dar um jeito — ofereço, gesticulando para que ela saia.

Seu corpo roça no meu quando ela sai, e tento não recuar. Essa garota está me deixando louco.

Ponho a chave do carro na ignição outra vez e viro. O motor ruge, se esforçando, e as luzes do painel acendem, mas o carro não liga. Pelo jeito, o conserto não vai ser barato.

Santos parece já saber disso. Ela solta um gemido alto.

— Cacete, universo, você não pode me dar uma *trégua*?

Fecho os olhos. Sei o que *devo* fazer: deixá-la ligar para sua tia, para Tawny ou para alguma outra pessoa que possa ajudá-la. Não deveria ser eu. Mas sua voz falhou na última palavra, e, quando olho para cima, vejo lágrimas se formando entre seus cílios grossos.

Mais uma vez, não tenho escolha.

Limpo a garganta. Consigo fazer isso. Está tudo bem. Eu faria a mesma coisa por Gertie.

Certo?

— Olha, Santos, não sei se posso te dar uma trégua — digo. — Mas uma carona eu posso.

VAMOS ANDANDO ATÉ meu apartamento, logo depois da esquina.

— Quanto tempo de trajeto? Três minutos, no máximo? — pergunta ela.

— Um minuto e cinquenta segundos. — Tiro a chave do bolso e destranco meu carro. — Isso se eu não parar para amarrar o cadarço ou… — Olho para ela. — Para resgatar garotas em apuros que aparecerem no meu caminho com carros quebrados.

Fico surpreso quando ela cora. Me concentro tanto em conter o calor que invade meu peito que só volto a falar quando já estamos de cinto, saindo do estacionamento.

— Espere aí. Como você sabe até os segundos? — pergunta ela.

Ergo a sobrancelha e dou a seta para sair do condomínio.

— Você e seu interrogatório — resmungo.

É difícil não expressar carinho na minha voz. Na verdade, estou me segurando para não sorrir. Quando paro no sinal, pego o celular e começo a rolar a tela.

Vamos ver o que ela acha disso.

Depois que aperto um botão, um riff de guitarra familiar, animado e estridente, começa a tocar.

— É a música que escuto no caminho para o trabalho. Ou uma delas, pelo menos. É perfeita. Ela acaba bem na hora em que sinto o cheirinho de gordura de bacon ao chegar na lanchonete. — Noto que ela está franzindo a testa. — O que foi? Odiou?

Ela tenta acompanhar o ritmo batendo no joelho, mas percebo que não consegue distingui-lo devido à mistura frenética. Odeio admitir para alguém que não gosto de uma de suas músicas prediletas, então me pergunto se é isso que ela está fazendo.

— *Odiar* é uma palavra forte, mas… acho que é a guitarra. Ela é muito "ei, sou

muito maneira, a atração principal, olha eu aqui".

Dou uma risada. Ela odiou mesmo.

— Vou contar sua opinião para o sr. White — digo.

— É mais do que isso. — River se mexe no banco e se vira para mim. — Acho que é mais porque não curto esse tipo de música. Tipo… nem me deu vontade de cantar.

Dã. Ela é cantora.

— Faz sentido. — Balanço a cabeça em concordância. — Você quer cantar, não gritar. — Antes que eu perceba, estou analisando o catálogo de músicas que conheço, tentando encontrar alguma de que ela vá gostar. *Você também estaria tentando pensar em uma música que agradasse Gertie, Logan?*, diz uma vozinha ridícula lá no fundo da minha mente. Digo a essa vozinha para calar logo a boca. A não ser que ela saiba de alguma música que faça Santos querer cantar.

Por que é tão difícil pensar em uma música de que uma cantora como ela iria gostar? Bato no volante no ritmo da música ao me aproximar do seu bairro, com os pensamentos a mil.

— Ei. — River endireita a postura. — Como você sabe onde eu moro?

Ela aponta para a placa pela qual estamos passando, que diz COPPER CANYON COVE, o nome do bairro onde fica o prédio dela.

Merda, merda, merda. Aperto tanto o volante que os nós dos meus dedos ficam brancos.

Meu Deus, eu devia ter ouvido aquela vozinha idiota do bom senso. É por isso que devo ficar bem longe dessa garota. Ela me deixa *burro*.

Mas é melhor eu voltar a ser esperto bem rápido, senão estou ferrado.

Limpo a garganta e dou de ombros, tentando fingir indiferença.

— Santos — digo devagar e delicadamente. — Acho que todo mundo na lanchonete sabe onde você mora. Você e Tawny não são de falar muito baixo.

Quando seu rosto relaxa, eu deixo um suspiro longo escapar.

— Hum. Quer dizer que fica ouvindo nossas conversas? — diz ela com um sorrisinho malicioso.

Reviro os olhos.

— Não é culpa minha se Tawny McGill não sabe falar baixo.

— Ela sabe falar baixo. Ela só… prefere não falar baixo.

— Como é mesmo aquela frase que ela vive repetindo?

Santos parece envergonhada.

— Tá bem, já entendi…

Continuo com um leve falsete:

— “Esqueça o Copper Canyon Cove. Vamos sair do CCC, isso eu te garanto!” — Dou um sorriso. — Isso gruda na cabeça.

— Nossa. Quem diria que sua voz consegue ficar tão aguda?

Meu sorriso aumenta.

Não menti quando disse que provavelmente todos da lanchonete sabem que Santos mora num prédio pequeno e bem simples. Nos dias em que ela deixa transparecer a falta de ânimo para bater o ponto e voltar para o seu bairro, Tawny diz a frase em questão.

— É sério. Gruda mesmo. Até demais. — Balanço a cabeça. — Uma vez, passei o turno inteiro do jantar com isso na cabeça. Foi um pesadelo.

Observo-a com curiosidade, estendendo a mão para o porta-luvas para pegar o meu cabo USB. Nossos dedos se encostam quando o entrego para ela, e ignoro a maneira como minha pele parece queimar.

— Conecte no seu celular. Me mostre uma música que te faz cantar.

Ela encara o celular enquanto afasto minha mão.

Após um instante, ela escolhe uma música e aperta o *play*.

Ouço atentamente os timbres pulsantes e harmônicos. Os tons distorcidos dos instrumentos eletrônicos me fazem pensar em equipamentos com defeito, em uma sirene de alerta anunciando a tragédia tarde demais; e tudo o que você pode fazer é abraçar sua família e *esperar*. Não tem outro jeito de dizer: é uma vibe ruim.

Santos fica mexendo na cutícula do polegar, esperando. Quando a música acaba, franzo a testa.

— Isso era música ambiente. Música ambiente bem sem graça. — Observo-a. Tem uma certa tristeza nos seus olhos. — E sem nenhuma voz — acrescento.

Ela inspira profundamente.

— Faz mais de sete meses que eu não canto.

Sinto um aperto no peito.

— Por quê?

— Porque meu pai morreu.

Merda. Não sei que resposta eu esperava, mas não era essa.

— No começo, não me dei conta — prossegue ela. — Quando minha mãe foi embora, ficou mais difícil escrever músicas. Passei meses sem abrir meu caderno. Não tive coragem de subir num palco. Mal conseguia cantar no chuveiro. Falei para o meu pai que eu só precisava de um tempo. Só de um pouco mais de tempo. Mas aí ele morreu. Meu caderno foi queimado no incêndio. — Ela me dá um sorriso trêmulo. — Não tem um por que mais, sabe?

Lembranças sombrias e desastrosas ameaçam me levar para um lugar ruim.

Inspiro e pisco os olhos para afastá-las.

— Eu entendo — digo com a voz rouca.

— Sério? — sussurra ela, me olhando.

Meu Deus, seus olhos cor de mel estão acabando comigo.

— Sim — respondo devagar. — Você… naquele dia no cemitério, você me perguntou o que eu estava escrevendo. Ainda quer uma resposta?

— Quero. O que você *escreve*, Logan?

Dou um sorriso resignado.

— Nada.

— O quê?

Ela pisca os olhos. Passo a mão no queixo, os dedos roçando minha boca.

— Bem, não escrevi quase nada nos últimos dois anos.

Eu viro o rosto ao dizer isso, escondendo a tensão que tomou minha expressão.

Chega, penso. *Você já disse demais*. Mas não consigo parar de falar.

— Antes disso — continuo, com voz baixa —, eu escrevia contos. Minha mãe costumava me contar histórias incríveis sobre sua infância. Aventuras que ela tinha com os irmãos, como a vez que ela passou dois dias perdida num parque nacional quando era criança. Eu não vivi nada assim, então os contos eram meio que minha maneira de imaginar como teria sido crescer daquele jeito, sem as regras do meu pai para me impedir. Mas então minha mãe faleceu, e eu meio que… parei.

As pálpebras de Santos tremem.

— Eu entendo — diz ela. E parece entender mesmo. *De verdade.*

— Que tipo de música você cantava? Na época em que cantava — pergunto, tentando mudar de assunto para que eu não seja mais o tema da conversa.

Santos morde o lábio. Tento não encarar sua boca. Ela passa tanto tempo quieta que me pergunto se passei dos limites. É compreensível que ela não queira falar sobre o assunto. Nunca mais. E provavelmente devo ser a última pessoa com quem ela *gostaria* de falar sobre isso.

Abro a boca para dizer algo e tentar voltar atrás.

— Eu cantava de tudo — diz ela finalmente, e fecho a boca. — Qualquer coisa. — Ela inclina a cabeça. — Bom, isso não é exatamente verdade. Mas era bem variado. Podia ser uma música que eu tivesse ouvido enquanto trabalhava na lanchonete. Ou algo mais antigo, dos vinis do meu pai. E às vezes… — Ela põe o cabelo atrás da orelha. — Às vezes eram músicas que eu compunha.

Meu Deus, como quero saber quais músicas ela compunha, quais músicas ela cantava. Mas é um assunto sensível, e eu sou *eu*, então escondo minha curiosidade.

— Mas toda vez… — prossegue ela. — Eram músicas que me deixavam

paralisada enquanto eu limpava o balcão da lanchonete. Ou músicas que me faziam descer a escada para ouvi-las melhor enquanto meu pai escutava seus vinis na cozinha. O tipo de música que não saía da minha cabeça. Músicas que me faziam dizer…

— Eu não fazia ideia de que eu podia me sentir assim — concluo sua frase, entendendo perfeitamente.

— *Exatamente* — diz ela.

Eu me viro e nos entreolhamos. Meu olhar percorre seu rosto, pois não consigo mais me controlar. Sua beleza me atinge como uma facada no estômago. Meu pulso acelera, e, quando ela passa a língua pelos lábios para umedecê-los, fico encarando o movimento, desnorteado.

Pare, Evans, repreendo-me.

Eu me viro para a janela do motorista quando chegamos ao seu prédio. Paro numa das vagas.

— Vou te avisar da próxima vez que eu ouvir uma música dessas. Talvez assim você sinta vontade de cantar de novo.

O sorriso que ela abre é tão afetuoso e sincero que também sorrio e me inclino um pouco na direção dela, atraído por essa sensação boa. Santos abre e fecha a boca, as palavras morrendo em sua língua.

— Pode dizer, Santos — digo, em tom de provocação. Desembucha.

— Por que você me ajudou hoje?

Merda.

O que diabos estou fazendo? Eu me afasto e cerro os punhos no colo.

— Ah, e o que mais eu podia fazer, Santos? Deixar você morrer naquele calor?

Odeio a maneira como ela franze o rosto para mim ao ouvir minha resposta.

— Então foi isso? — contesta ela. — Você teria feito isso por qualquer pessoa?

Não.

— Teria — digo, engolindo em seco. — Sou um bom samaritano. Fazer o quê? — Arrisco olhar para Santos, o que é um erro. Ela está se inclinando para perto de mim, tentando me prender com seu olhar. Está funcionando. Não consigo desviar a vista. E olha que estou tentando. *Muito*.

— Sabe de uma coisa, Logan? — Santos ergue o queixo, com os lábios perfeitos fazendo um bico para me desafiar. Meu coração acelera e meus dedos estão loucos para tocá-la.

— O quê? — digo com a voz rouca. Não consigo tirar os olhos de seus lábios.

— Eu não acredito em você — sussurra ela.

Ela fecha os olhos e, para o meu terror, se aproxima de mim.

Por um instante, por meio segundo, penso em deixar tudo de lado. Mas apenas por um instante.

— *Pare.*

Seus lábios estão tão próximos dos meus que, quando falo, sua boca roça na minha. Eu estremeço e quase reconsidero.

Santos abre os olhos, e a mágoa e confusão que vejo são agoniantes. Mas não é nada em comparação ao que poderia acontecer. Já deixei isso chegar longe demais.

— Santos. — Preciso limpar a garganta duas vezes para conseguir falar. — Somos colegas de trabalho. Somos até amigos. Tudo bem? Me desculpe. Não quis te passar… uma impressão errada. Ou algo assim.

Ela se encolhe no banco, com a respiração superficial.

— Desculpe — murmuro de novo. — É melhor eu…

— É, eu também — balbucia ela, saindo do meu carro, as bochechas vermelhas.

Meus dedos batem sofridamente no volante.

— Sabe, eu… — Limpo a garganta de novo e balanço a cabeça. — Tomara que o universo te dê uma trégua em breve, Santos.

— Obrigada — sussurra ela.

Ela parece quase tão arrasada quanto eu me sinto ao se virar e se dirigir à entrada do prédio.

Engato a marcha a ré. Preciso colocar quilômetros de distância entre mim e essa garota. Mas meus pés só saem do freio quando a vejo pôr a chave na porta e abri-la.

Ela está em segurança, penso.

Antes de entrar, Santos lança um último olhar por cima do ombro. Parece surpresa ao ver que ainda estou aqui, observando-a.

Assim que a porta se fecha, caio fora. Porque quero que ela fique segura. E se eu estiver por perto, ela não estará segura.

capítulo 12
river

Como pude ser tão burra?

Sinceramente, nem sei onde eu estava com a cabeça. Em um instante, estávamos conversando sobre música, e, no outro, ele estava me *olhando* de um jeito que apenas outra pessoa no mundo me olhou antes. Seus olhos estavam tão azuis, e de repente cansei. Cansei de fingir que não o desejava. Que não o desejo há semanas. Meses, talvez.

E parte de mim sabia que ele também me desejava.

Ou era o que eu achava. Sou a maior idiota, e estou me dando conta de que inventei uma narrativa do que eu queria que fosse verdade em torno da realidade. Logan só me ajudou na festa na casa de Tate por ter ficado com pena de mim. Ele só conversou comigo no cemitério porque eu o encontrei num momento vulnerável. Ele só me trouxe para casa porque é "um bom samaritano". Eu sou apenas uma amiga. Ou nem isso. *Como ele disse mesmo? Ah, é. "Colegas de trabalho."* Ele me deu uma carona até minha casa, não um anel de compromisso, e agora consigo enxergar o final da narrativa, que com certeza terminará em um coração partido.

Como se meu coração já não estivesse partido o suficiente, acordei hoje com uma notificação do calendário do meu celular me lembrando de um evento anual: "Degustação de Cookies do meu Pai".

Isso significa que, se ele ainda estivesse vivo, teríamos começado a manhã sorteando um papel dobrado do pote de "ingredientes misteriosos". Depois, meu pai e eu faríamos compras. Em alguns anos, os ingredientes eram todos fáceis e dava para encontrá-los na maioria dos mercados. Em outros, precisávamos passar em mercados asiáticos.

Neste exato momento, meu pai estaria na antiga cozinha, com as panelas batendo e produzindo aquele som metálico enquanto ele andava de um lado para o outro como um cientista maluco, misturando, despejando, mexendo, criando cheiros deliciosos com coisas questionáveis. Depois que ele terminava de fazer várias levas de sabores "inéditos" de cookies (como milho com limão ou maçã com queijo feta), minha mãe e eu provávamos e avaliávamos cada uma delas com cuidado,

anotávamos a pontuação em folhas de papel e as erguíamos como juízes das Olimpíadas. Alguns cookies ganhavam notas bem altas, como o de azeite com coco; outros, não, como o de alho assado.

O sentimento de perda me atropela outra vez. Todas essas tradições acabaram para sempre. E como me sinto sozinha por isso.

Assim que afundo meu rosto no travesseiro, ouço alguém bater delicadamente à porta.

— Estou dormindo, Tita — digo, com a cabeça debaixo do travesseiro. Ouço a porta se abrir. — Amo você, mas, por favor, me deixe sozinha.

— Também amo você, mas não. Não vou te deixar ficar aí. Já é quase meio-dia, River.

Ergo a cabeça e olho por cima do ombro. Vejo Tawny parada na porta, com um copo de *bubble tea* de taro (o meu preferido de todos) e uma caixinha branca. Ela parece estar bem-disposta, apesar de ter sido a melhor amiga do mundo e de ter ficado acordada comigo até tarde ontem à noite, analisando cada detalhe humilhante da rejeição de Logan. Ela abre a tampa e mexe a mão para que o cheiro se espalhe sob meu nariz. Solto um gemido. O cheiro está delicioso. É cheiro de coco açucarado e amanteigado.

Dou uma olhada na caixa.

— É do Nanay's?

— Sim, senhora. Tinham acabado de sair do vapor quando cheguei lá.

Ela solta a caixa no meu colo e se acomoda na ponta da minha cama. A caixa ainda está morna. Abro a tampa de papelão e suspiro ao ver a pilha de *ube puto*: bolinhos de arroz roxos, adoçados com coco e leite evaporado. Ponho um na boca, e sinto o sabor delicioso. Molhadinho, borrachudo, amanteigado.

Tawny aguarda pacientemente, ajeitando o lindo vestido de verão que está usando enquanto olha o celular. Ela me entrega o *bubble tea*, que tomo para ajudar a engolir as últimas mordidas de um bolinho.

— Obrigada — digo depois de finalmente comer tudo.

— Dá — diz Tawny. E sua voz fica ainda mais gentil. — Eu sei que dia é hoje.

Concordo com a cabeça, abrindo um meio sorriso. Se ela disser alguma coisa, vou chorar.

— Tem mais um motivo também. — Tawny balança a mão, afastando as palavras tristes no ar. — Um motivo mais divertido. Minha mãe vai ter que fazer um monte de viagens longas. Ela vai fazer bate-volta para a Ásia umas quatro vezes. O que quero dizer é: depois da festa idiota do Tate, fiquei me perguntando por que raios *a gente* não fez o maior festão? Nós merecemos bem mais! Podemos chamar de

“Superfesta de Arromba da Tawny e da River”!

Tawny está usando o que chamo de sua voz de “professora do jardim de infância”. A cadência animada e feliz que os adultos usam quando tentam convencer crianças de cinco anos de que lavar louça é na verdade uma brincadeira muito divertida, e, meu Deus do céu, brócolis é praticamente idêntico a sorvete! Sorrio toda vez que ela fala assim. Não porque ela conseguiria me convencer de que brócolis é gostoso, mas porque adoro ver o quanto ela se esforça para facilitar um pouco a minha vida.

— Uma festa — repito, concordando com a cabeça. — Beleza, pode ser.

Tento me acostumar à ideia. Neste momento, com minhas pernas debaixo do meu edredom com estampa de margaridas, e as lembranças dolorosas e a rejeição de Logan deixando meu corpo insuportavelmente pesado, pensar em qualquer tipo de festa me parece *exaustivo.*

Ela deve ter percebido isso no meu rosto, pois se aproxima e afasta meu cabelo emaranhado, que tampa meu rosto.

— Quer falar mais sobre Logan? — pergunta ela.

Balanço a cabeça com vigor.

— Não quero nem pensar nele hoje.

Ela concorda.

— Tudo bem. Você vai se sentir melhor depois de um banho quentinho. — Ela me entrega meu celular. — Tomei a liberdade de acrescentar uma playlist de festa ao seu Spotify. Escute no banho e depois me diga o que acha.

Olho para o meu travesseiro, que parece me chamar.

— Por que preciso tomar banho? Aonde é que a gente vai?

Tawny aperta minhas mãos, os olhos brilhando de entusiasmo.

— Vamos comprar vestidos — diz ela, quase sem fôlego. — River, você e eu vamos estar gatas pra cacete na nossa Superfesta de…

— Está bem…

— Arrom…

— Você não precisa dizer tu…

— …ba! — Ela joga as mãos para o alto.

— Você venceu. — Suspiro. — Mas vou precisar de mais cafeína.

DAMOS UMA OLHADA no shopping e em algumas outras lojas de departamentos, sem encontrar nada muito empolgante. Tenho vontade de dizer a Tawny para desistirmos, que podemos vestir o que temos em casa mesmo, mas ela decidiu que *precisamos* de roupas novas.

E, sendo sincera, tenho um motivo para querer uma roupa nova — um motivo gato, de cara fechada e olhos azuis. Mas será que Logan iria para a festa depois do que aconteceu ontem? Aliás, eu quero que ele vá? Eu deveria estar focada em dar uma festona, não em ficar me preocupando se um cara lindíssimo que não está nem aí para mim vai comparecer. Ainda assim… ficar gata não faz mal, não é mesmo? Balançando a cabeça, afasto o pensamento e tento me concentrar em Tawny.

Ela faz uma última tentativa e, pelo Google, encontra uma butique local chamada Desert Rose. Assim que entramos, sabemos que acertamos em cheio.

— Meu Deus, tudo aqui é *tão lindo*! — Tawny segura o grande laço de um vestido rosa-choque e sente a seda. — Como é que a gente vai escolher?

Dou de ombros, sorrindo.

— Acho que vamos ter que provar todos.

Tawny corre de uma arara para a outra, pegando vestidos de todos os tipos de tecido, comprimento e corte, brilhantes e coloridos, e os empilha nos braços. Felizmente, a atendente é simpática e tranquila.

— Divirtam-se — disse ela, depois de tirar os olhos do Kindle por um instante para sorrir para nós duas, mas logo voltou a ler.

Ando em meio às araras dando uma olhada em tudo. Os vestidos são mesmo bonitos. Mas nenhum deles me chamou a atenção. Hoje vai ser mais difícil mesmo.

E então eu o vejo.

Há um belo vestido vermelho-rubi pendurado na parede. Ele tem mangas curtas que caem elegantemente dos ombros, espartilho, sendo a silhueta mais justa na cintura e fluida na parte da saia. Tiro-o do cabide e o coloco diante do corpo para ter ideia do caimento. Na frente, a bainha acaba no meio das minhas coxas, e na parte de trás ela se alonga.

Sempre quis um vestido assim. Um vestido que combinasse com meu cabelo preto e meu batom vermelho. Elegante. Sexy. *Intenso*. O tipo de vestido que eu poderia usar tanto em uma festa bacana em um *rooftop* quanto no palco, como vocalista de uma banda em turnê. O tipo de vestido que faria os homens pensarem que sou uma assassina de elite. Fatal e linda.

— Meu Deus do céu… — Tawny aparece à minha direita, boquiaberta enquanto olha o vestido. Ela agarra meu braço. — Você vai provar agora mesmo.

Quando saio do provador e fico em frente ao espelho de três lados, me surpreendo ao perceber que a peça ficou ainda melhor *em mim*. É o vestido perfeito para *o suficiente* de pele. Ombros nus. Alguns centímetros de coxa. Para deixar aquele gostinho de "quero mais".

Tawny está sentada no pequeno sofá do provador atrás de mim. Ao me ver, ela

suspira.

— River! — diz ela. — Você está incrível.

Sinto minhas bochechas esquentarem, contente e envergonhada ao mesmo tempo.

— Pois é… eu adorei. — Olho nos olhos dela pelo espelho. — Não é… você não acha que é demais?

Ela revira os olhos.

— De jeito nenhum.

Sinto o entusiasmo se espalhar pelo meu corpo.

— Cara, estou aqui babando por mim mesma no espelho. — Eu me viro para ela, balançando a cabeça. — E você, conseguiu achar o seu?

Ela sorri e entra correndo em um dos outros provadores.

— Só um segundinho! — pede ela, com a voz abafada.

Quando ela sai, é minha vez de suspirar. Tawny ficaria bonita até usando um saco de batatas, mas ela está linda demais com um vestido reto e prateado também na altura das coxas.

— Caramba, Tawny!

— Valeu. — Ela sorri para mim e se examina no espelho, brincando com o cabelo tingido de verde. — Mas não sei se combina com o meu cabelo. O que acha? Ficaria melhor se eu pintasse de azul? Verde-azulado? Arco-íris?

Sinto meu sorriso diminuir. Minha mãe costumava ajudar Tawny a tingir o cabelo. Nós o pintávamos no banheiro dos meus pais. Eu ficava sentada na beirada da banheira vendo minha mãe esfregar o cabelo de Tawny na pia. Na primeira vez que mostramos o novo visual de Tawny para o meu pai, ele sorriu.

— Ficou bom — disse ele.

— Só isso? — minha mãe questionou. — Está *roxo*, Jay! Ela parece uma roqueira!

Depois disso, meu pai sempre exagerou nas reações. Ele caía da cadeira. Derrubava os óculos escuros. Corria em torno na mesa da cozinha. Basicamente um técnico sisudo dando uma de ator de comédia. A gente caía na gargalhada.

Agora, Tawny está virando a cabeça de um lado para o outro, com o cabelo naturalmente loiro e liso balançando na altura dos ombros, com certeza se imaginando com mechas da cor do arco-íris no lugar do verde. Paro ao seu lado, encostando ombro no ombro, e encaro nós duas no espelho.

— Minha mãe iria adorar ver a gente com esses vestidos — digo baixinho. — Lembra que ela ficou toda empolgada quando nos levou para comprar vestidos para o baile do colégio? — Passo as mãos no vestido, e meus dedos deslizam na seda.

Como a reação dela é o silêncio, olho para Tawny. Ela está me encarando como se me analisasse. Sei que falar desse tema é como pisar em um campo minado. Mas hoje o luto está mais pesado, e me sinto um pouco mais leve quando coloco um pouco dele para fora.

— Ela teria adorado a cor — diz Tawny, em oferta de paz. — Mas com certeza acharia curto demais.

— Com certeza.

Olho nos seus olhos e dou um sorriso.

— Tawn… Ela é uma boa mãe. *Ela é*. — Dou de ombros. — Todo mundo passa por crises. Tenho certeza de que ela tem alguma razão… — Engulo em seco. — Ela é uma boa mãe.

Tawny se vira para mim e põe a mão na minha bochecha.

— Mães boas não abandonam as filhas, River — diz ela, gentil e relutante, como se fosse uma verdade dura que ela preferiria levar para o túmulo a usar para partir meu coração.

Embora não deixe de ser uma verdade.

Eu entendo. Só que dói mesmo assim. Eu achava que, se teria alguém que entende o que estou passando, esse alguém seria Tawny. Como a mãe dela viaja demais, nós praticamente viramos sua família de criação. Tawny conversava com minha mãe sobre seus crushes e confessou a ela que precisava de um professor particular quando estava prestes a ser reprovada em espanhol. Minha amiga revirava os olhos quando minha mãe lhe dava sermão ou reclamava do comprimento da sua saia.

Porém, nas primeiras semanas depois que minha mãe foi embora, ficou nítido que nós discordávamos quanto a esse assunto. Tawny tinha uma perspectiva sombria, taciturna e agressiva sobre isso, como se fosse um cachorro abandonado que pensa que o dono nunca mais voltará para buscá-lo — *o maldito que se dane! Vou me virar dormindo em quintais e procurando restos de comida no lixo*.

Já eu sou o tipo de cachorro que volta à estação de trem todos os dias durante dez anos: fico esperando-a sair da plataforma, de braços abertos, chamando meu nome.

Tawny me puxa e me dá um abraço longo e forte. Isso ajuda. Ajuda mesmo. É a melhor coisa que ela poderia fazer, e me sinto grata.

— Bem — diz ela ao se afastar —, o que acha? Encontramos os vestidos perfeitos?

Ela olha nossos vestidos.

— Com certeza.

Trocamos de roupa e vamos até o balcão, segurando os vestidos com reverência e carinho.

— Não tem etiqueta de preço. Não devíamos nos preocupar com isso? — sussurra Tawny.

— É uma butique, então talvez seja assim mesmo, não? — digo, hesitante.

Mas Tawny tinha razão. Deveríamos ter nos preocupado.

— Como é que é? — sibila Tawny, de olhos arregalados. — Como isso é possível?! — pergunta quando a vendedora nos diz os valores. Ela olha os vestidos e quase chora. — Eles eram tão perfeitos. Ah, se eu tivesse dinheiro para gastar…

Faço algumas contas rápidas de cabeça. Recentemente, as pessoas têm dado gorjetas generosas — só minhas gorjetas do fim de semana da torta grátis já pagariam um dos vestidos. E trabalhei alguns turnos a mais nos dias em que a enxaqueca de Tawny estava atacada.

Tenho condições de comprar esses vestidos.

Mais importante ainda, Tawny merece. Certo, acho que *nós duas* merecemos, mas especialmente ela, minha melhor amiga. Ela não é apenas o bote salva-vidas que impediu que eu me afogasse no último ano — ela é a equipe de resgate inteira.

É por causa de Tawny que tenho a chance de construir uma vida que vale a pena ser vivida. Queria poder comprar um shopping inteiro para ela. Mas um vestido novinho em folha já quebra o galho.

Por enquanto.

Tawny já pôs o vestido dela de volta na arara, mas não consegue se afastar e está passando os dedos nas lantejoulas.

Vou até lá e tiro o vestido da arara.

— Espere aí. O que está fazendo? — Seus olhos se alternam entre meu rosto e minha mão no cabide, confusos.

— Não são tão caros assim — comento.

Ela dá uma bufada e me acompanha até o caixa.

— Em que mundo eles não são caros, Riv?

— No mundo em que somos as maiores gatas da festa.

Tawny fica boquiaberta, e eu me viro para a moça atrás do caixa.

— Com licença — digo. — Mudei de ideia. Vou levar os vestidos.

Enquanto Tawny me abraça, dou um sorriso ao pensar no quanto vamos ficar lindas. E desejo, como sempre, que minha mãe estivesse aqui para ver.

Para minha filhota,

Sempre me pergunto se as coisas teriam sido diferentes se eu tivesse crescido com dinheiro. Eu sei: dinheiro não resolve todos os problemas. Vejo isso sempre que faço faxina numa casa e descubro segredos acidentalmente. Traições. Drogas. Dívidas de jogo. A vida pode ser cruel para todo mundo, veloz como um furacão.

Mas o dinheiro pode nos ajudar a enfrentar a tempestade.

Quando seu pai e eu nos conhecemos, senti como se tivesse ganhado na loteria. Não financeiramente, é óbvio. Meus pais tinham morrido havia muito tempo, e a família de seu pai não tinha condições de ajudar. Mas, quando nos apaixonamos, foi pra valer. E durante um tempo isso bastou. Parecia que nada era capaz de nos abalar.

E então engravidei. Foi a melhor coisa de todas — uma bebê, você — e a pior, pois éramos muito, muito jovens. Não tínhamos nada. Nenhuma grana. Nenhuma rede de apoio. Um bebê precisa de todas essas coisas. Você precisava de todas essas coisas.

Aqui na trilha, cercada pelas rochas vermelhas do deserto, não há nada para fazer além de pensar, então fico imaginando todos os diferentes rumos que minha vida poderia ter tomado, todas as diferentes escolhas, todos os diferentes cenários.

Em um deles, tenho dinheiro o bastante para te dar a vida que você merece.

Em outro, nunca vou embora.

Em outro, nós ficamos juntas para sempre.

Em outro, não faço uma escolha terrível que me assombrará pelo resto da vida.

Em outro, estou indo encontrar você neste exato momento.

Com amor,
Mamãe

capítulo 13
river

— Aff, River!

Olho para Tawny, que está balançando o delineador para cima e para baixo, irritada.

— Você piscou. De novo. Como vou te transformar numa deusa felina e sexy se você não para de se mexer?

É a noite da nossa Superfesta Incrível e Maravilhosa etc. etc., e quero estar linda, de forma que minha maquiagem e minha roupa sejam uma armadura protetora. Tawny conhece todos os truques para fazer um delineado esfumaçado que deixará meus olhos misteriosos e sensuais, realçando o castanho-escuro das minhas íris.

— Foi mal — digo, mais frustrada do que arrependida. — Sei que prometi que ia parar de falar do Logan, mas preciso desembuchar logo tudo de uma vez para não fazer papel de palhaça caso ele apareça hoje.

Tawny pressiona os lábios um no outro enquanto molha um cotonete no frasco de água micelar.

— Tudo bem, só lembre que as palavras exatas dele foram: "Tenho um compromisso, mas talvez eu consiga dar uma passada lá."

— Isso não é um não — saliento.

— Também não é um sim — retruca Tawny.

— Está bem. De todo jeito, pode ser que ele dê as caras.

Não precisei ver Logan nenhuma vez desde a carona humilhante, pois Tawny trocou alguns turnos comigo. Porém, desde que ela me contou o que ele disse durante o trabalho, estou preocupada achando que ele vai aparecer hoje, e não faço ideia de como vou reagir.

E, sinceramente, a cada dia que se passa, fico um pouco mais confusa e um pouco mais zangada. No começo, me culpei por achar que era tudo coisa da minha cabeça. Depois, analisei cada acontecimento diversas vezes. A não ser que eu seja louca, rolou *sim* um clima. Por que ele fingiria que não existo, para depois se importar comigo a ponto de me dar uma carona, flertar e, em seguida, *me rejeitar*?

Nervosa, não consigo manter as mãos paradas no meu colo. Nem mesmo os

traços delicados do delineador conseguem me acalmar esta noite. Mas a minha próxima pergunta torna fácil ficar parada — não quero ver a reação de Tawny.

— Acha que seria possível eu perguntar a ele o que aconteceu? Caso ele tenha… mudado de ideia?

Sinto o suspiro de Tawny na minha bochecha.

— Escuta, Riv — diz ela, com a voz baixa e próxima. — Eu te amo. Então vou ser franca. Acho que é melhor você simplesmente… esquecer o Logan.

Meus dedos se agitam, e acabo cerrando os punhos em cima das coxas.

— Tudo bem. Entendi. Mas e se ele…

Sinto um leve toque no meu queixo.

— Olhe para mim. — Abro um olho. O rosto sério de Tawny ocupa o meu campo de visão. — River — começa ela —, Logan não quer nada. Está bem? Se ele gostasse de você, já teria feito alguma coisa a esta altura. E com certeza teria te beijado no carro.

É um pouco humilhante o quanto dói ouvir isso. Sinto como se todos os meus órgãos tivessem despencado até as solas dos meus pés. Tawny deve ter percebido pelo meu rosto, pois se aproxima e me dá um forte abraço.

— Ah, River, isso não tem nada a ver com você. Você é *perfeita.* Logan é o maior imbecil que já conheci. — Ela faz uma pausa momentânea. — Bem, ele e o Noah.

— Eu sei — sussurro no seu ombro. — Mesmo assim…

Tawny recua e afasta uma mecha de cabelo do meu rosto.

— Eu sei como é. — Ela dá de ombros. — Óbvio que é um saco. Mas esquece ele. A gente vai dançar e ter uma noite ótima.

As palavras de Tawny ajudam, mas a confusão e a mágoa permanecem. Quando as pontas de seus dedos passam pelas minhas pálpebras, imagino que ela está espalhando um pó mágico na minha pele. Um brilho que vai me deixar linda. Que vai fazer tudo que ela disse virar verdade.

Que vai me fazer esquecer Logan, como Tawny prometeu.

— Obrigada — sussurro, de olhos ainda fechados.

— Dã.

Uma hora depois, Tawny me vira para o espelho.

— Apresento Sua Alteza Real: River Santos.

Abro os olhos.

Meu primeiro pensamento é: *Puta merda, estou maravilhosa.*

O segundo é: *Minha mãe adoraria me ver neste vestido.*

As lágrimas ameaçam cair na mesma hora.

— River! Não chore, não usei maquiagem à prova d'água!

— Desculpe!

— Não precisa se desculpar — diz Tawny baixinho, segurando meu queixo. — Escute. Esqueça ela. Esqueça todas as outras pessoas do mundo, exceto *você* e *eu*. Hoje só nós duas importamos. Hoje seremos deusas do deserto e vamos nos acabar de dançar. Hoje, com todo o respeito, quero que todo mundo vá à merda. Combinado?

Ponho os braços ao seu redor, apertando-a mais que seu vestido. Ela também me aperta, quase sem ar.

— Combinado.

A PEQUENA CASA onde Tawny e a mãe moram fica em uma rua com outras casas modestas, localizada em uma das regiões com preços mais acessíveis de Scottsdale. Se metade das pessoas que Tawny chamou aparecerem, o lugar vai ficar apertado. Ninguém vai poder entrar nos dois quartos, mas ela insiste que vai ter espaço para todo mundo dançar na sala de estar e no quintal.

Enquanto Tawny anda de um lado para o outro da sala, fazendo alguns ajustes de última hora na caixa de som via Bluetooth e organizando as bebidas, não consigo tirar os olhos dela. Minha amiga está tão linda que chega a tirar o fôlego, com seu vestido brilhante de lantejoulas espalhando a luz pelo sofá e pelas paredes pintadas de branco-gelo.

Tenho que admitir: Tawny arrasou na transformação da casa da mãe em boate improvisada. A sala está iluminada por vários bastões luminosos entrelaçados em formato de guirlandas espalhados pelo teto e por algumas luminárias neon que ela comprou em brechós. O chão está coberto de vapor branco, graças à máquina de fumaça que esbanjei ao comprar. O quintal foi decorado com tochas de bambu, e tem uma variedade de cadeiras de plástico para as pessoas se sentarem. Parte da fumaça sai de dentro da casa e encobre o chão dos fundos.

Quando está tudo do jeito que ela quer, Tawny põe nossa playlist de festa para tocar. É quando o ritmo vibra dentro de mim que a promessa da noite sobe pelo meu peito. É uma onda de empolgação na qual quero surfar, uma onda que me vai me levar para longe da angústia das mensagens não respondidas e dos imbecis tóxicos.

Imbecis tóxicos e ridículos.

Os convidados enfim começam a chegar, e fica mais fácil fingir que não existe nada além da música e das pessoas dançando.

Nossa playlist foi feita com o maior cuidado, mas não podemos dizer o mesmo

da lista de convidados de Tawny. Ela convidou *todo mundo*. Não bastasse ela ter mandado um convite pelas redes sociais para toda a nossa turma do colégio, todos que frequentam a lanchonete e que "parecem legais" ou "têm chance de serem mais ou menos legais" receberam um convite. Tawny convidou até nossas antigas amigas Audrey e Marissa.

— Pelo menos elas sabem se divertir em festas — disse Tawny, o que era verdade.

Ao ver Audrey chegar com muitas caixas de cerveja, a galera levantou os braços e comemorou. Aparentemente o ficante dela acabou de fazer 21 anos e está disposto a fazer de tudo para impressioná-la.

— Um brinde! — grita Tawny por cima da música, encostando a garrafa na minha. — A nós duas! Para sempre!

— Apenas nós duas! — grito.

Os olhos castanho-claros de Tawny brilham quando ela toma um gole da cerveja.

Quase nunca bebo, então depois da primeira cerveja já fico alegrinha.

Tawny tem razão. É fácil não pensar na minha decepção com Logan enquanto estou ocupada dançando. Depois de dançar o bastante para ficar com a testa suada, digo a Tawny que preciso de uma pausa. Pego uma segunda cerveja, mais para poder encostar a garrafa fria e molhada na testa.

Queria encontrar um lugar para me sentar na cozinha, mas está lotada demais e não tem nenhum espaço vazio.

Da sala, avisto o cantinho onde fica o armário de casacos. Como era de esperar, não tem ninguém lá. Tawny diz que a mãe dela odeia esse canto porque o espaço é muito mal aproveitado. É tão estreito que quase não dá para abrir direito a porta do armário.

Porém, hoje é isso que faz daquele canto um refúgio perfeito.

Enquanto me dirijo ao espacinho, avisto ex-colegas de turma. Alguns se surpreendem ao me ver, um ou outro diz que adorou meu vestido, e algumas pessoas dizem que estou linda. Um garoto bonito que estava na minha turma de História me dá o maior sorriso, e seus olhos se fixam nos meus quando passo.

— Oi, linda — diz ele.

Sinto minhas bochechas esquentarem de satisfação e vergonha. Nervosa demais para responder, dou um sorriso rápido em sua direção e continuo andando.

Mas paro de novo ao ver Logan.

A expressão nos seus olhos me deixa sem voz. Logan está piscando os olhos como se nunca tivesse me visto antes. Seu olhar observa meu cabelo liso e brilhante,

minhas clavículas à mostra, o espartilho que aperta minha cintura.

Ele limpa a garganta.

— Alguém esqueceu de me avisar que era pra usar traje social? Achei que era só uma festa, não um baile de formatura.

Passei a noite inteira temendo este momento, mas o álcool que percorre minhas veias me dá coragem.

— Tem gente que tem um pouquinho mais de imaginação do que os outros.

Encaro seu visual monocromático de calça jeans escura e camisa preta lisa. É entediante.

Ou deveria ser.

Fico irritada porque não deixo de perceber que a camisa de Logan marca seu tórax musculoso e que o preto torna seus belíssimos olhos azuis inescapáveis.

Obviamente, jamais comentarei isso com ninguém.

— Bem, Santos — diz Logan, recompondo-se —, tem gente que tem mais o que fazer do que passar dez horas se arrumando.

— Ha! — Encosto o dedo levemente no seu peito. — Aí que você se engana. Só demorei duas horas.

Logan ri. É uma risada genuína de surpresa que termina em um sorriso torto. Sorrio de volta, e, assim que faço isso, ele desvia o olhar.

— Escuta, Santos, a gente deveri…

Paro de ouvir, pois bem nesse momento um rosto familiar aparece na multidão.

— *Noah* — digo.

— Você quis dizer Logan — diz ele, com uma expressão de confusão no rosto. — Tem certeza de que você está…

— Atrás de você — interrompo-o, encarando a silhueta alta de Noah.

Noah e eu não nos falamos desde nossa conversa no estacionamento da Gertie's. Ele passa o olhar pela multidão, e não quero de jeito nenhum que me veja. Já ultrapassei meu limite de interações sofridas. Faço uma nota mental para lembrar de pedir a Tawny que seja um pouco mais criteriosa com os convites da próxima vez.

Ergo o olhar e noto que Logan está de cara fechada, olhando na direção de Noah. Se eu não estivesse ocupada procurando uma possível rota de fuga, teria achado graça do quanto a expressão dele mudou ao vê-lo chegar. No entanto, meu ex se aproxima cada vez mais.

Na verdade, ele está prestes a me ver.

— Merda — sibilo. Agindo por puro instinto, escancaro a porta do armário e entro. Tento fechá-la, mas a mão de Logan bloqueia a porta.

— Espere aí…

— Vai entrar ou não? — digo, ríspida.

Logan franze a testa.

A cabeça de Noah está se virando em nossa direção.

— Vai entrar agora. — Puxo Logan pela camisa e fecho a porta.

Ele solta um palavrão quando ficamos no escuro, caindo em cima dos casacos que balançam nos cabides. A boa notícia é que o armário não é grande, então nem tem espaço para a gente cair no chão.

A má notícia é que…

O armário não é grande.

— Santos — diz Logan com a voz áspera.

— Oi — sussurro.

— Está planejando me soltar em algum momento?

Ele cutuca os dedos da minha mão direita, que, para me matar de vergonha, ainda estão agarrando a parte da frente de sua camisa.

— Foi mal.

Solto a camisa dele. Preciso colocar mais espaço entre a gente. Mas não dá.

— Por que estamos aqui? — A luz suave que passa pela armação da porta ilumina a parte branca dos olhos de Logan, que me encara.

Sinto que estou começando a desmoronar diante do olhar abrasador de Logan. Meu Deus, tomara que ele não consiga interpretar minha expressão. Rezo para que ele não consiga perceber que estou fervilhando devido a essa sensação quente e grudenta no meu peito que se acumula no meu estômago.

— Você está aqui porque não conseguiu decidir a tempo — digo. — E eu estou aqui para evitar… certas pessoas.

— Noah. — Logan ergue a sobrancelha. — Você o trata como se ele fosse um assassino de um filme de terror. Ele beija tão mal assim, é?

— Nada disso — digo, com minhas bochechas esquentando. Olho para ele. — Tem certeza de que isso não é inveja, Evans?

— Ah, pois é, estou *morrendo* de inveja do sr. Riquinho-com-boca-de-peixe — diz ele, sarcástico.

Inclino a cabeça para Logan, contendo meu sorriso. *É inveja, sim.* Do dinheiro dele, provavelmente. Não vou perder a oportunidade de perturbá-lo. Passei a semana inteira me sentindo péssima. Agora é a vez dele.

— Na verdade, a boca de Noah é bonita — digo. — Sinto falta dela. — Logan faz um barulho de nojo, que me anima ainda mais. — Aliás, não é só dela que sinto falta.

Ele semicerra os olhos.

— Tenho muita saudade das mãos dele.

— Já deu, Santos — resmunga Logan. — Pare com isso, antes que eu vomite.

— E, sinceramente, dos *polegares* dele. — Sorrio para ele.

— Já basta! — A voz de Logan soa como se tivesse passado por uma britadeira. — Não quero ouvir mais nada sobre…

— Sobre como é me beijar? — interrompo. — Mas por quê, Logan? Se somos "apenas colegas de trabalho", por que você liga pra isso?

— Eu não ligo — responde ele rispidamente.

— Então prove — desafio. — Se não liga, por que está aqui? Nessa festa? Dentro deste armário?

Logan dá um passo para a frente, me pressionando contra a parede. Paro de respirar quando ele se aproxima, deixando o rosto a centímetros do meu.

— *River*, por favor, apenas…

Congelo ao ouvir meu nome saindo dos seus lábios pela primeira vez.

— Apenas o quê? — digo com firmeza, tremendo. — Eu mereço uma resposta, Logan. Durante seis meses, fui invisível pra você. Aí, do nada, você limpa a salada de atum do chão para me ajudar, me dá jacintos, pergunta que tipo de música gosto de ouvir, conversa comigo sobre sua mãe. — Logan ergue as sobrancelhas, e sua respiração acelera. Ele está ficando com raiva, mas não ligo. — Então o que sou, Logan? Inimiga ou amiga? Porque essa sua indecisão toda está me deixando tonta.

Empurro seu peito. Seus olhos agitados se fixam na minha mão, que sobe e desce acompanhando sua respiração. Dou meio passo para a frente. Seus olhos encaram meus lábios. Sua testa franzida fica um pouco diferente, menos frustrada, mais desesperada.

Logan balança a cabeça como se estivesse tentando afastar seus pensamentos.

— Eu nem queria… eu não devia…

Por um instante, ficamos apenas nos olhando.

— Você não devia o quê? — sussurro, meu coração martelando o peito. — O que você não devia fazer, Logan?

Meus lábios estão tão próximos dos dele que sinto sua respiração. Por um segundo agonizante, penso que ele vai sair e me deixar sozinha no armário.

Em vez disso, suas mãos descem até minha cintura e me puxam contra seu corpo. E então ele me beija. É um beijo intenso, quente, de língua.

Meu corpo reage de imediato, uma enxurrada de raios e de chamas inunda minhas pernas, e eu retribuo o beijo. Ardentemente. Meus lábios se movem com urgência contra os dele, meus dedos puxam sua camisa.

— *Isso*, River — sussurra ele na minha boca com a voz rouca. Ele parece tão

aliviado. Como se quisesse isso há mais tempo do que eu imaginava. — Eu não devia fazer isso. — Logan suga meu lábio e o morde, como se não conseguisse se controlar, como se estivesse morrendo e eu fosse a única cura.

Meu corpo está *pegando fogo.* As mãos de Logan estão por toda parte. Ele acaricia minha bochecha, segura minha cabeça, desliza os dedos pela minha nuca exposta e os desce pelo meu corpo. Ele me puxa com força contra si, e sem querer solto um gemido ávido.

Logan puxa um pouco meu cabelo para inclinar meu queixo para cima e ter acesso ao meu pescoço. Estremeço quando ele vai mordiscando do canto da minha boca até meu pescoço. É tão gostoso. Tudo é incrível. É tudo que eu queria que Logan fizesse comigo desde que… bem, desde muito antes de eu admitir isso para mim mesma.

Abaixo as mãos até a bainha de sua camisa.

— Logan... — sussurro, enquanto deslizo os dedos para baixo da camisa, roçando a pele de seu abdômen.

Ao ouvir seu nome, Logan congela. Endireito a cabeça, piscando os olhos, sem conseguir pensar direito em meio à névoa de desejo causada pelos seus beijos. Ele está me encarando, e, embora seus olhos estejam semicerrados, deixando à mostra apenas as pupilas, há uma espécie de frieza neles.

— O que foi? — murmuro.

Passo o polegar na sua pele, e ele se contrai, enrijecendo a postura. Ele se afasta completamente, e cada movimento brusco é como um balde de água fria na minha cabeça.

— Ei — digo um pouco mais alto. — O que aconteceu?

Logan não me olha nos olhos. Seus lábios estão inchados e vermelhos por causa das mordidas que dei, e ele não é capaz de me olhar.

— Merda. Eu não devia *mesmo* ter feito isso… — Sua voz ainda está bem rouca. Ele recua o quanto dá no espaço minúsculo. — Isso foi um erro. — Ele põe a mão na maçaneta. — Desculpe… desculpe mesmo, Santos.

Antes que eu possa dizer algo, ele vai embora.

capítulo 14
river

Chocada, fico parada por alguns instantes diante do feixe de luz que entra pela porta aberta do armário. Com o coração a mil, fico apenas encarando a jaqueta jeans surrada na minha frente, com o nome Emily escrito na etiqueta, com certeza um achado da nossa loja vintage preferida lá do centro. Eu me concentro no buraco puído perto do cotovelo, na manga desfiando, tentando encontrar alguma coisa, qualquer coisa, que me acalme. Que me ajude a entender o que acabou de acontecer.

Mas *nada* faz sentido. Eu não imaginei o beijo, o calor de seu toque, o jeito como suas mãos pegaram meu corpo, a intensidade com que ele me beijou.

Foi como se ele estivesse louco para fazer aquilo há tanto tempo quanto eu.

Ou talvez até mais.

Saio depressa do armário, mal identificando os rostos na multidão quente e pegajosa, mal notando os corpos entre os quais me espremo ao passar. Vou para a cozinha e pego um copo de água. Bebo devagar, tentando desacelerar meu coração, mas não adianta.

Toco no meu lábio inchado e decido: *Não*. Não vou permitir que ele me deixe aqui assim, como se não tivesse acabado de me dar o melhor beijo da minha vida. Ele me deve uma explicação.

— River? Está tudo bem? — Tawny me vê do sofá quando estou me dirigindo à porta. — Aonde você vai? — Ela se levanta.

— Vou atrás de respostas.

Então saio e fecho a porta da casa.

PEGO UM UBER para o apartamento de Logan, tentando ensaiar todas as perguntas na minha cabeça. Bato na porta verde arranhada com a letra D em cima. Ninguém responde. Bato de novo. Desta vez, mais forte.

A porta se abre, e Logan não parece surpreso em me ver. É como se ele já esperasse que eu fosse aparecer, mas, ainda assim, estivesse decepcionado com minha

presença. Ele se encosta no batente da porta, bloqueando a entrada com o corpo. Seu rosto está pétreo, e seus lábios grossos estão pressionados numa linha fina.

— Por favor, vá embora — sussurra ele.

— Não — digo, tentando não demonstrar a mágoa que estou sentindo.

— River — suplica ele. Quase me derreto com a maneira como ele fala meu nome.

Quero que ele o diga várias e várias vezes. Mas não assim. Não dessa maneira triste, arrasada.

— É uma ideia péssima por vários motivos. Preciso que você vá embora. Pode ir embora, por favor?

— Por quê? Por que é uma ideia tão ruim assim? — pressiono. — Foi você que *me* beijou, Logan. Não pode fingir que não estava lá. Que não foi você que começou e que não gostou. Porque sei que gostou.

Logan cruza os braços e fica me encarando.

— Foi *só* um beijo. — Ele se aproxima. — Não significou nada, e eu jamais deveria ter feito aquilo.

— Que mentira! — exclamo com a voz tão alta que uma vizinha põe a cabeça para fora da porta.

Ele solta um palavrão baixinho.

— Entre — sibila e gesticula para eu entrar.

Logan vai para trás da bancada que separa a cozinha minúscula da sala de estar — que separa nós dois, como se ele não suportasse ficar perto de mim. Ele cruza os braços na frente do peito e encosta o quadril na beirada. Seu cabelo ainda está bagunçado por minha causa, com uma mecha escura caindo na testa.

— O que você quer de mim, Santos?

— A verdade — meu tom é firme.

É a única coisa que eu quero. Nunca quis nada dele além disso.

— A verdade. — Logan umedece os lábios, fechando os olhos. Ao abri-los, ele começa a andar de um lado para o outro. No espaço pequeno, ele parece uma pantera enjaulada. — Santos, não era para você estar aqui. Você deveria estar na festa se divertindo, esquecendo que eu existo. Vou chamar um Uber pra você.

Ele tira o celular do carregador perto da geladeira.

Não. *Não*.

Vou até a cozinha e arranco o celular da mão dele.

— Não é você que decide o que eu quero ou não quero, Evans — declaro, ríspida, encostando o dedo no seu peito. — Por que não pode simplesmente admitir o que está sentindo? Por que é tão *ruim* me desejar? — Minha voz falha, e a

expressão de Logan vacila, com sua máscara fria quase caindo por um instante. Aparece algo intenso nos seus olhos, algo parecido com *dor*.

— River, não tem nada de ruim em *você*. Isso não tem nada a ver com você.

Ele passa a mão no cabelo e solta algumas expirações trêmulas antes de dar uma risada sombria, quase de desespero. Quando seus olhos encontram os meus, vejo um ciclone de emoções selvagens.

A máscara está começando a cair.

— Então o que está acontecendo? Por que está com tanto medo?

Logan tenta passar do meu lado e sair da cozinha, mas bloqueio a passagem com meu corpo. E então ele cede.

— Você merece muito mais — sussurra ele. — Por favor. É melhor você ir embora. Eu sou muito caótico, você não faz ideia. É melhor apagar meu número do seu celular e fingir que a gente nunca se conheceu.

— Eu não quero — sussurro de volta, com os lábios tão perto dos seus que mais uma vez consigo sentir sua respiração. — Eu quero *você*.

— Você não — *meu Deus*. — A voz de Logan falha, e ele abaixa a cabeça.

— Quero, sim, Logan. Quero você. Somente você.

Pressiono meu corpo no seu. Ele fica tenso e desvia o olhar. Encosto a mão na sua bochecha e viro seu rosto para mim devagar. Nossos olhos se encontram, e tudo parece congelar durante alguns segundos de silêncio.

Lentamente, como se sofresse a cada movimento, ele afasta minha mão do seu rosto.

— Vá para casa, River.

Seu tom é rouco e trêmulo. Não soa muito convincente.

Não solto sua mão. Pressiono meus lábios nos seus, bem de leve.

— Diga que você não me quer — falo em voz baixa.

— Eu… eu… — Ele suspira quando passo minha língua na sua. Seus olhos arregalados suplicam.

— Diga — sussurro. — Diga que você não me quer.

Uma tempestade se forma em seus olhos, e, ao me encarar, parece que ele está dividido.

Sinto seu pulso sob a pele, sua respiração nos meus lábios. Então, algo dentro dele reage outra vez.

Antes que eu possa entender o que está acontecendo, Logan me ergue e me põe em cima da bancada da cozinha. Seus braços seguram meus quadris. Com um gemido abafado, ele avança, agarra meu rosto e pressiona a boca contra a minha.

— *River* — murmura ele contra a minha pele, desesperado, e é a primeira vez

que ouço a voz de Logan assim, como se estivesse *faminto*. — É óbvio que quero você. Meu Deus, como eu quero você.

Ele me puxa para perto, colando nossos quadris. Dou uma arfada quando sinto exatamente o *quanto* ele me quer. Me pressiono mais contra ele, e essa fricção deliciosa aumenta meu desejo. Com um gemido, Logan me tira da bancada e me carrega até o sofá, com minhas pernas enroscadas na sua cintura. Ele me coloca sobre as almofadas e se deita em cima de mim, prendendo-me entre seus braços e joelhos. É exatamente o que eu queria. O rosto de Logan está frenético. Noto seu desejo intenso quando seu olhar observa meu cabelo esparramado no encosto do sofá, meus lábios inchados de tanto que eu o beijo com força. E seu rosto, seus olhos… nunca vi nada tão bonito.

— Você tem ideia do quanto é linda? — sussurra ele, rouco. — Tem ideia do quanto você me *enlouquece*?

Só o som de sua voz já faz meus quadris se erguerem, e suas palavras fazem minhas costas se arquearem. Logan fica sem fôlego.

— Eu enlouqueço você? — sussurro, puxando seu cabelo.

— Você *nem imagina*.

Ele me puxa para perto e pressiona os lábios nos meus novamente.

Ele tem razão. Eu não imaginava. Não imaginava de jeito nenhum que isso podia ser assim.

Noah sempre foi muito quieto, muito educado. Seus beijos eram generosos. Gentis. Controlados. Já Logan… Logan é voraz. É como se ele me desejasse com tanta avidez que só é capaz de receber. O que para mim é perfeito, porque para ele, eu quero entregar.

Quero entregar tudo para ele.

capítulo 15

river

Quando chego à casa de Tawny, o céu já está tomado pelo tom rosado do amanhecer. Ouço a TV, a voz serena do âncora do noticiário da manhã de Scottsdale atravessando a porta da frente. Tawny faz isso por uma questão de segurança. Ela sempre deixa o noticiário ligado quando está sozinha. O que significa que a TV sempre está ligada.

Logan e eu dormimos no sofá dele após uma noite de beijos e sussurros, e acordamos, ainda com a roupa da festa, quando o sol nasceu e começou a entrar pela janela dele. Depois de nos darmos um beijo de despedida que pareceu demorar uma eternidade (e mesmo assim não demorou o bastante), peguei um Uber para a casa de Tawny e fiquei observando a silhueta definida dele na porta até seu apartamento se misturar às acácias em movimento.

Devo ter dormido somente umas quatro horas, mas a sensação que tenho é de que poderia correr uma maratona porque…

Logan me beijou.

Logan gostou de me beijar. Na verdade, arrisco dizer que ele *adorou* me beijar.

Não consigo parar de pensar nisso. Tudo que quero é reviver cada momento ardente da noite de ontem. Olho minhas coxas e sinto as partes que suas mãos pressionaram, a maneira como suas palmas foram subindo hesitantemente até minha…

Pressiono as mãos nas minhas bochechas coradas, tentando acalmar meu corpo.

Entro na casa e encontro Tawny na sala de estar, sentada em uma almofada do sofá que está jogada no chão, com um saco de lixo meio cheio em uma das mãos e uma garrafa vazia de cerveja na outra. Seus olhos estão grudados na TV, e, apesar de eu só conseguir vê-la de costas, seu cabelo está um completo caos.

Assim como a sala inteira.

Tem garrafas vazias por toda parte e copos de plástico amassados na mesa de centro, no sofá e espalhados pelo chão. A caixa de som foi derrubada, e tem lixo pisoteado e largado nas prateleiras e superfícies. Há um boné com o logo do Arizona Diamondbacks pendurado no ventilador de teto e óculos escuros em cima de um

abajur. Vejo um lenço com uma mancha de batom roxo dobrado em cima da bancada.

— …encontrado *por uma pessoa fazendo trilha hoje de manhã numa área remota conhecida pelo terreno irregular. As autoridades chegaram rapidamente e isolaram a área como…*

— Quem foi que usou batom roxo ontem à noite? — Franzo a testa.

— *Meu Deus!* — grita Tawny, pulando e se virando para mim. Ela põe a mão no peito. — River, eu te amo. Mas juro que você quase me matou agora.

Ela parece estar com uma ressaca *monumental*. Seu cabelo está emaranhado, formando uma auréola dourada misturada com as cores do arco-íris. Tem manchas pretas de maquiagem em todo o seu rosto, e seus olhos estão inchados e com olheiras escuras.

Estão entrevistando um bombeiro no noticiário, e seu sotaque faz uma trilha sonora engraçada para os movimentos confusos e as piscadas lentas de Tawny. Ela encara a garrafa vazia em sua mão. Parece não saber o que é aquilo.

— Acho que estou morrendo — diz ela, desligando a TV. — Parece que minha cabeça vai explodir.

— Você está de ressaca — falo com animação, dançando ao seu redor e tocando seu nariz.

Tawny me olha como se eu fosse uma alienígena.

— Beleza. Quem diabos é você? Porque a River que eu conheço não é animada de manhã. E a River que eu conheço só acorda depois do meio-dia quando vai a uma festa que dura até tarde — resmunga Tawny.

Estendo a mão para minha melhor amiga. Ela recua, olhando-a como se fosse uma armadilha.

— Oi! — digo, irritantemente empolgada. — Eu sou a River depois de ficar com o Logan Evans. Prazer.

Tawny demora um instante para processar. Olha minha mão, meu rosto. Depois encara minha mão de novo. E então balança a cabeça com força.

— *Espere aí*. River… — Ela balança a cabeça de novo. — Você… você e Logan?

— Isso — suspiro alegremente. Deixo-me cair no sofá e escuto o barulho de algo se quebrando. Franzo a testa e tiro um saco aberto de batata chips de debaixo de mim.

— Deixa eu entender direito. — Tawny pisca devagar, como se ainda estivesse tentando se orientar. — O babaca do Logan.

— O babaca *gostoso* do Logan — respondo.

Tawny pisca uma vez, duas vezes, depois joga para o alto a garrafa vazia e o saco

de lixo, soltando um gritinho empolgado.

— *Meu Deus*, River! — Ela se joga ao meu lado no sofá. — Você… você está brilhando! Sério, você…

— Eu não consigo parar de sorrir. — Passo as mãos nas bochechas. — Sério, já tentei.

— Bem, é óbvio que preciso de um relatório com todos os detalhes imagináveis. Você acha que estou brincando, mas eu realmente preciso saber, tipo, o gosto das unhas dele.

Bato nela com a almofada.

— Tawny, eca. — Faço uma pausa. — Mas aposto que elas têm gosto de couro. Ou de pinheiro.

Como ela não responde, ergo o olhar e vejo que ela está balançando a cabeça para mim.

— O que foi? — bufo.

— Ai, River… — diz ela seriamente. — Você está *tão* ferrada.

— Nem me fala — respondo. Ponho a mão no saco de batata chips. — Bom, vamos lá. Sei que só pode ser uma emergência se até batatas esmagadas parecem gostosas. Vou preparar um café pra você e terminar de limpar aqui. Vá se arrumar, eu conto o resto durante um bom brunch.

— Ah, brunch… — sussurra Tawny, faminta. — Meu Deus, eu devoraria algumas panquecas agora. — Ela se levanta. — Vou tomar banho pra tirar as sete camadas de imundície de festa do meu corpo. Obrigada por me ajudar com esse caos. Pode escolher em qual lanchonete vamos comer, pra mim tanto faz.

Mas tenho uma ideia melhor.

— Ei, Tawny — chamo no corredor, com as garrafas de cerveja tinindo dentro do saco de lixo. — Vista uma roupa bonita. É uma comemoração. Eu pago.

Tawny sorri enquanto desfila pelo corredor.

— Uau! Cuidado, hein, Logan! Ela pode até ter dado uns pegas em você, mas quem vai ganhar um brunch sou *eu*.

Abro a página no Instagram de um resort próximo e fico olhando o feed colorido com belos jardins e piscinas safira cobertas por átrios abobadados de vidro.

É onde minha mãe queria nos levar no aniversário de dezoito anos de Tawny. Poupamos durante meses e passamos semanas discutindo se era melhor fazer massagem com pedras quentes ou massagem sueca, e vasculhando brechós atrás de roupas bonitinhas para usar em um spa. Só que, quando minha mãe desapareceu, nossos planos desapareceram junto.

Tawny fez o possível para disfarçar a decepção, mas uma melhor amiga percebe

os sentimentos da outra.

Não posso voltar no tempo para suplicar que minha mãe espere um pouquinho mais antes de sumir, nem para lembrá-la de que ela disse que todas nós íamos pintar as unhas dos pés de esmalte roxo. Mas eu posso ir lá, levar Tawny, e depois pegar uns turnos a mais na lanchonete para recuperar o dinheiro. Posso muito bem levar minha amiga para se debruçar sobre as toalhas de mesa luxuosas, ser servida por lindos garçons, se empanturrar com panquecas de mirtilo e lavanda, tomar bebidas com xarope de alecrim enfeitadas por uma flor de fada azul e fazer algum tratamento no spa.

Jamais poderei desfazer a pior coisa que aconteceu na minha vida, e jamais poderei substituir o que foi tomado de mim. O que posso é aceitar o que a vida me deu e melhorar pouco a pouco o que sobrou dela.

Porque, ontem à noite, eu exigi a verdade de Logan Evans e a obtive.

E, nesta manhã, mereço ser uma simples adolescente contando para sua melhor amiga do mundo inteiro a história de como o gato do trabalho me beijou, me beijou para cacete, enquanto fazemos massagem com pedras quentes em camas lado a lado, de mãos dadas, com as unhas recém-pintadas.

Nesta manhã, mereço ser feliz.

capítulo 16
river

No domingo, Logan e eu temos nosso primeiro expediente juntos desde a festa. No começo, sinto um certo nervosismo. Estou nos fundos, enchendo as bisnagas de ketchup sobre o longo balcão de aço onde também fica a máquina de bater ponto, quando Logan entra, com sua expressão presunçosa de sempre. Ele não diz nada enquanto mexe na pilha de cartões e tira o seu.

— Oi, Logan — cumprimento, animada.

Meu Deus. Falei com empolgação demais, que imbecil.

Logan me olha, e sua expressão não muda. Seus olhos vão dos meus pés à minha cabeça, uma espiada rápida e despreocupada antes de voltar a encarar seu cartão.

— Santos. — Ele insere o cartão na máquina, que emite um barulhinho mecânico. Ele abre e segura a porta para o salão. — Já não colocou ketchup demais aí? — diz ele, me observando por cima do ombro.

Olho para baixo, e a bisnaga está transbordando, com o líquido vermelho se espalhando no aço e deixando um cheiro agridoce no ar. Solto um palavrão, erguendo o frasco gigante de refil.

— Bom, aparentemente eu gosto muito de ket… — Levanto o olhar para me dirigir a Logan, mas ele já foi embora.

Concordamos em manter segredo na lanchonete por ora. Assim vai ser mais fácil.

Só que não dá para negar: estou caidinha por ele. Não cheguei ao ponto de sair escrevendo *sra. River Evans* num diário ou algo assim, mas passei uma quantidade absurda de tempo pensando no seu sorriso torto, na sensação dos seus braços ao meu redor, nos seus beijos. Meu Deus, seus beijos.

Então, mesmo que seu jeito indiferente seja apenas encenação — *por favor, que seja apenas encenação* —, ainda assim fico abalada. Talvez parte de mim ainda esteja pensando que Logan vai se dar conta de que o irritei por meses e meses e desistir de mim.

Estou guardando o frasco gigante de ketchup na câmara fria quando ouço a porta se abrir e fechar. Primeiro sinto o cheiro de sua colônia, depois sinto seus

braços me agarrando por trás, puxando-me para o seu tórax quente.

— Como é que vou conseguir trabalhar hoje? — pergunta Logan enquanto beija minha nuca. — Admita: você está de cabelo preso para me torturar, não é?

— É vingança por todas as vezes que você me torturou durante o trabalho. — Dou uma risada.

— Entendi — sussurra Logan, virando-me e me puxando para perto. — Bem, então eu aceito a punição.

Ele abaixa a cabeça e encaixa a boca na minha, num beijo ardente e rápido que me deixa de pernas bambas. Depois ele me lança um olhar misterioso e sai da câmara fria, e eu encaro a caixa de laranjas no chão. Não faz tanto tempo que Logan me encontrou aqui, chorando em cima dessa caixa, e praticamente me ignorou.

É estranho como as coisas podem mudar tão rápido.

JÁ SE PASSARAM três dias e algumas horas desde que ficamos (não que eu esteja contando), e nós dois estamos de folga hoje. Quero sair com ele. Quero fazer todas as coisas com ele. Ainda sinto o êxtase da primeira ficada, e preciso de mais. Só que ninguém gosta de gente grudenta, então, depois que pego meu celular na mesa de cabeceira, mantenho em mente que não devo ser afobada nas mensagens.

River

Ei. Você está de folga. Eu estou de folga.Topa fazer alguma coisa?

Espero alguns minutos. Talvez seja melhor esclarecer.

River

Tudo bem se você estiver ocupado.

Além disso, talvez seja melhor explicar que não estou simplesmente parada esperando por ele.

River

Tenho um monte de coisas pra fazer mesmo.

Cinco minutos se passam, e não recebo nenhuma resposta. Pego um travesseiro

e o aperto contra o rosto, tentando abafar meu grito de: *Por que eu sou assim, hein?*

— River, querida. — O rosto sonolento de Tita Anna aparece na minha porta. — Eu te amo muito, mas poderia deixar para ter seus surtos de adolescente *depois* que eu tomar minha primeira xícara de café do dia?

Meu celular apita. Vou para debaixo do edredom, agarrando o aparelho.

— Beleza, Tita Anna, pode deixar, te amo, obrigada, agora sai daqui, por favor!

Escuto uma bufada antes da minha porta se fechar. Abro as mensagens, e acho que nunca sorri tanto na vida.

Logan

Hum, bom dia, linda. São 7 da manhã. Eu estava dormindo.

Ah. *Ah.* Franzo o rosto. Mandar várias mensagens nos primeiros raios da manhã não é exatamente não ser afobada. Meu celular apita de novo.

Logan

Mas não consigo pensar num alarme melhor. Eu topo. Pode escolher. Podemos ir para onde você quiser. É só falar que eu vou.

Pressiono o rosto no travesseiro, e desta vez solto um grito de alegria.

— Ah, meu Deus do céu, River! Ainda não terminei a primeira xícara! — grita Tita Anna da cozinha.

TRÊS HORAS DEPOIS, bato à porta de Logan, com o coração disparando de expectativa. E de nervosismo. Ajeito, constrangida, o vestido amarelo que, algumas horas atrás, me pareceu lindo. Será que fazer ondas no cabelo foi exagero? Será que botei muita maquiagem? Ou pouca?

Estou no meio de mais um "será que" assustador quando a porta se abre. Logan encosta o braço no batente, e o canto de sua boca se ergue, formando um sorriso de lado enquanto ele me olha. Meu coração para. Ainda não me acostumei a sentir seus olhos safira percorrendo meu corpo tão devagar e se fixando nos meus. Eu me sinto impotente. Ele está com uma roupa simples: camisa de linho azul-cobalto e calça jeans. Seu cabelo espesso está molhado, cacheando um pouco na nuca, como se ele tivesse acabado de sair do banho.

— Oi — digo, com a voz já rouca.

Em vez de responder, ele agarra minha mão e me puxa para dentro do apartamento. Fecha a porta e me pressiona contra ela. Ele se aproxima, eu também, e nosso beijo logo se torna caótico e desesperado.

As mãos de Logan vão até meu pescoço e percorrem minhas clavículas até chegarem às alcinhas do meu vestido.

— Olá — murmura ele, movendo a língua contra a minha. — Você está com um gosto doce. Parece laranja.

Recuo, subitamente constrangida.

— Consegue sentir o gosto do suco de laranja que tomei?

— Uhum. — Ele abre um sorriso torto e preguiçoso, as pálpebras pesadas de desejo. Afasta uma mecha de cabelo da minha bochecha e se aproxima, os lábios roçando nos meus. — Mas seus lábios estão com gosto de… morango.

Logan leva a língua até o canto da minha boca e, com uma lentidão angustiante, arrasta-a pelo meu lábio inferior, como se estivesse me saboreando. Meu pescoço amolece, e encosto a cabeça na porta, em êxtase.

— Logan... — sussurro.

— É disso que mais gosto. — Ele ergue a cabeça e sorri. — Ouvir você dizer meu nome exatamente assim.

Umedeço os lábios, adorando ver seus olhos acompanhando o movimento.

— Assim como?

— Assim — geme ele, procurando o lóbulo da minha orelha com a boca.

Eu não queria isso de jeito nenhum… eu queria provar que tenho o mínimo de autocontrole. Mas, assim que ele lambe minha orelha, sou um caso perdido.

— Meu Deus, *Logan...* — arfo.

— Isso — sussurra ele. — Exatamente assim.

Não falo que acharia ótimo passar o dia inteiro no sofá com ele, pois seria vergonhoso demais admitir isso. E então ele diz:

— Para onde você vai me levar?

Eu me seguro para não apontar com a cabeça para trás dele e responder: *Aqui mesmo.*

— É surpresa — suspiro.

Ele solta uma risada.

— Que Deus me ajude. River Santos vai me levar a um lugar desconhecido. — Ele gesticula para a porta. — Tudo bem, Santos, vamos ver que carta você tem na manga. Lembre-se de que, no final, vou deixar uma avaliação no Yelp. Primeiro encontro, a pressão é grande.

Meu cérebro explode quando ouço as palavras *primeiro encontro*. Tento esconder

de Logan meu sorriso ridiculamente imenso enquanto vamos até meu carro.

Mas não consigo me conter. Sou um caso perdido.

capítulo 17
logan

Quero beijá-la de novo. Ainda não comecei a dirigir; eu poderia me virar para o banco do passageiro e dar uma mordiscada na pele macia e doce de seu pescoço. Me sinto um camponês que invadiu o cofre do rei: a qualquer momento, serei encontrado e arrastado para longe daqui. Quero todos os beijos de ouro que puder roubar enquanto isso ainda for possível.

Nesse ritmo, não vamos a lugar nenhum.

— Não quer digitar o endereço no Google Maps, Santos? Se demorar mais, vou acabar te puxando para o banco de trás — falo com súplica, me segurando para não concretizar a ameaça.

— Está bem, já vai — diz ela ofegante, e digita o endereço.

Adorei que ela não pareceu odiar a ideia do banco de trás.

Depois de trinta minutos no carro, chegamos a um estacionamento enorme.

— Já veio aqui alguma vez? — Ela nem consegue me olhar. Está estranhamente nervosa.

— Museu dos Instrumentos Musicais — leio a placa em voz alta. Um museu. Essa eu não teria adivinhado. É realmente uma surpresa, mas uma surpresa boa. — Não, nem sabia que existia. Olha só quem está expandindo meus horizontes.

River parece aliviada. Ela pressiona a mão no peito ao atravessarmos o estacionamento, que mais parece um forno.

— Esse museu era um dos meus lugares favoritos em Phoenix. Meus pais me traziam aqui sempre que dava. Eu adorava ficar andando pelos diferentes andares, vendo os instrumentos musicais de todos os países e épocas. Estou morrendo de saudade daqui, mas não queria enfrentar a enxurrada de lembranças. Agora, com você, é diferente. A alegria de compartilhar meu lugar feliz com você é maior que a tristeza.

Caramba. Seguro sua mão quando chegamos à entrada e lhe dou um forte abraço.

— Vou adorar conhecê-lo. Com você.

Sinto uma dor no peito ao pensar em tudo que ela está revelando para mim e em

tudo que estou escondendo dela. Me aproximo de River e roubo um beijo rápido. Assim fica fácil afastar tudo o que tem de negativo na minha cabeça.

A entrada do museu é alta, toda de mármore polido e paredes brancas elegantes. As janelas vão do piso ao teto, deixando à mostra um pátio milagrosamente verde, com grama e flores bem-cuidadas. Quando passamos pelo imponente piano de cauda no centro do lobby, paro e tamborilo os dedos na madeira polida. Esbarro meu ombro no dela, brincalhão.

— E aí? Vai me conquistar com uma música, Santos?

Ela dá uma risada e passa a mão na superfície reluzente das teclas brancas do piano.

— Você ficaria caidinho por mim se eu fizesse isso, Evans. — Ela estende a mão na minha frente.

— Por acaso eu deveria entender o que você quer dizer com isso?

— Estou te mostrando exatamente onde você ficaria: na palma da minha mão.

Dou uma risada, seguro seus quadris e aperto.

— *Ah, jura?* Só por causa de uma música, é?

Ela balança a cabeça.

— Não uma música qualquer. Uma música minha.

Percebo uma certa tristeza em suas palavras. Ela não diz mais nada.

Assim não vai dar. É para ela ficar feliz aqui dentro. Eu me aproximo dela, ignorando as outras pessoas andando pelo museu.

— Então vamos lá, minha linda. — Meus dedos pressionam seus quadris. — Quero ouvir uma música. Uma música sua.

Ela fica na ponta dos pés e inclina a cabeça para cima. Nunca curti muito ficar agarrado em público, mas todo mundo parece desaparecer quando estou tão perto assim dela.

— Um dia… — diz ela. — Um dia vou cantar uma música tão boa pra você que vai até tirar seu sono.

Dou um beijo nela para não ter que dizer a verdade: ela já me tira o sono.

Subimos a escadaria e passamos de mãos dadas pela exposição sobre a Indonésia, onde há um belíssimo gamelão montado e um vídeo de um concerto sendo exibido, antes de pararmos na exposição sobre as Filipinas.

Meu olhar se fixa no vídeo de um homem tocando um violão diferente, que a exposição diz ser um alaúde.

— Ele parece tanto meu pai — diz ela, apontando para a tela.

— Pois é, parece mesmo — respondo.

Percebo River tensa ao meu lado e me dou conta do que acabei de dizer.

Logan, seu imbecil de merda.

Ela se vira na mesma hora para mim.

— Você *conhecia* meu pai?

Faço de tudo para que meu rosto não demonstre o pavor que estou sentindo. Meu Deus, *essa garota*. Esse rosto. Esses olhos cor de mel. Tudo nela está me deixando distraído, desatento. Relaxado demais.

Burro.

Dou de ombros. Espero que tenha sido um gesto convincente.

— Eu conheci de vista — respondo. — Estudei no Mojave Prep. Mas era um colégio grande, Santos. Eu o via passando nos corredores, não conhecia seu pai direito. Ouvia falar dele, era mais isso. — Encaro as pontas dos meus sapatos, procurando alguma verdade que eu possa lhe dizer. — As pessoas… as pessoas amavam seu pai.

Sinto que ela está me observando enquanto finjo prestar atenção no homem do vídeo, dedilhando o instrumento de cordas. Por fim, ela suspira.

— Pois é — diz ela baixinho. — As pessoas amavam meu pai.

— É estranho? Eu não ter comentado nada? — Franzo a testa. — Se for… me desculpe.

River ergue as sobrancelhas.

— Logan Evans, já é a segunda vez que está me pedindo desculpa, não é? Cuidado, pois assim você acaba mostrando seu lado humano.

Ela me dá um sorriso, e eu respiro aliviado. *River acreditou em mim.*

— Xiuuu — digo, puxando-a para perto. — Ninguém pode saber disso.

Tem tanta coisa que ninguém pode saber.

Nossa última parada é um salão repleto de instrumentos que os visitantes podem tocar. O museu vai fechar mais cedo por causa de um evento, e já desligaram metade das luzes do salão. Tecnicamente, era para a gente ter ido embora dez minutos atrás.

Mas como seria possível não dar tudo de mim no *taikô*, o tambor japonês?

— Eles vão voltar e nos expulsar se você não parar — comenta River com uma risadinha.

Reviro os olhos e finalmente ponho as baquetas no chão. Ela ri quando vou direto para uma harpa de cordas duplas mais para o meio do salão. Passo o dedo nas cordas, fazendo sem querer um belo glissando, e fico maravilhado com o instrumento.

— É o mesmo som que tem nos filmes — digo, e ela não consegue parar de rir.

Vejo um violão no canto. Vou até ele, e River fica em silêncio.

Pego-o e o viro nas minhas mãos.

— Sempre quis aprender a tocar violão — confesso baixinho.

Por algum motivo, ela se mantém afastada. Me sento em um banco longo, deixando uma perna de cada lado, e toco uma nota feia no violão.

— Horrível. Agora que vai vir alguém me expulsar mesmo. — Toco de novo, e o violão é tomado de mim.

— É porque está desafinado. *Muito* desafinado — resmunga River, sentando-se ao meu lado no banco.

Observo seus dedos velozes girando as pequenas tarraxas, dedilhando ocasionalmente para conferir os ajustes. Quando ela toca uma nota que mais parece uma harmonia em seis partes, o som parece desemaranhar algo no meu peito.

Ela me olha com seus grandes olhos castanhos enquanto toca mais uma linda sequência de notas, e é tão bonito, *ela* é tão bonita, que é até difícil respirar.

— O que foi? — diz ela timidamente. — Você está bem?

— Estou ótimo — respondo, puxando-a bem para perto de mim, com suas costas no meu peito e minhas pernas longas em volta dela. Apoio levemente o queixo em seu ombro, estendo os braços ao seu redor e coloco os dedos no violão.

— Me ensine um acorde — sussurro em seu cabelo.

— Por quê? — Ela já está sem fôlego pela proximidade.

Fica difícil pensar com River encostada em mim assim. Com minhas mãos em cima das suas, seguramos o violão juntos. Dou uma mordidinha no seu ombro.

— Para que eu possa impressionar garotas universitárias, é óbvio.

— Hum. Então só vou te ensinar acordes sem graça.

Ela põe três dedos meus em cima das cordas, na diagonal.

— Tente tocar.

Toco uma vez. Sai um som meio ruim, estridente e metálico.

— Coloque os dedos com um pouco mais de força — diz River.

— Isso eu sei fazer. — Sorrio contra sua orelha.

— Pare com isso — Ela dá uma risada. — Tente tocar agora.

Toco as cordas devagar, e uma harmonia quase perfeita canta na penumbra do salão. Tudo é perfeito. A sensação de seu corpo contra o meu, sua pele sedosa e com cheiro de baunilha nos meus lábios. Deslizo as mãos no seu cabelo, afastando-o dos ombros, e planto um beijo em sua nuca. River ofega. Sinto-a tremer contra mim.

— O que você está fazendo? — sussurra ela.

— Eu costumava ficar olhando pra esta parte aqui. — Chupo seu pescoço. — Você, distraída, na lanchonete, diante do caixa, e eu só queria…

Mordo sua pele, e, puta que pariu, ela *geme*.

— Meu Deus — sussurro, tirando o violão do colo dela e o jogando para o lado sem nenhuma cerimônia. Ela vira a cabeça, e nossas bocas se encontram, cheias de desejo. Quando minha língua encontra a dela, a aula de violão já foi mais que esquecida.

capítulo 18

river

Tawny

E ele sabe usar bem os dedos?

Tawny

Quero dizer, no violão. 💩

River

Te odeio.

Estou deitada de cabeça para baixo no sofá, com a televisão ligada, rindo das mensagens de Tawny. Tita Anna chega com a correspondência. Antes que eu possa me levantar, ela joga uma carta para mim.

— Podem esconder a muçarela e os gelatos, pois estamos chegando, Itália! — Ela solta um gritinho e um envelope bate no meu rosto enquanto me sento. O remetente é o DEPARTAMENTO DE SERVIÇOS DE SAÚDE DO ARIZONA. Abro-o e franzo o rosto na mesma hora.

— Há?! — digo. — Pedido de certidão de nascimento negado?

— Deixe eu ver. — Ela pega a carta da minha mão. — "Nenhum registro encontrado. Por gentileza, corrija e envie novamente suas informações em até dez dias úteis, caso contrário, será necessário fazer uma nova solicitação." — Tita Anna amassa o papel. — Ai, minha pressão. Vou matar todos eles. Todos os departamentos de saúde do mundo. Vou pegar minha frigideira e simplesmente…

Me esquivo de seus movimentos enquanto ela finge brandir uma arma.

— Você não ficou tão zangada assim nem quando quebrei a tela do seu celular. — Dou de ombros. — Bem, as pessoas me tratam como se eu fosse um fantasma há meses. Acho que agora é oficial: eu não existo — digo, meio brincando, meio

falando sério.

Ela suspira. Sua disposição para matar todo mundo logo acaba, e ela se joga no sofá.

— Sério, é inacreditável o quanto a burocracia é cruel, ainda mais quando tudo isso já é *tão difícil.* — Ela massageia a têmpora. — Desculpe, Riv. Vou ligar para lá. Tudo que eu quero é fazer uma viagem legal com você, passar um tempinho longe daqui.

— Por favor, não se desculpe. E acredite quando digo que aqui não é tão ruim assim. — Eu me aproximo dela, ficando bem colada, e encosto a cabeça no seu ombro. — Minha certidão de nascimento não pode estar em nenhum outro lugar? Onde é que as pessoas costumam guardar esse tipo de coisa?

Tita Anna põe o braço ao meu redor e me puxa para perto.

— Bem, algumas pessoas guardam com outros documentos, outras deixam em cofres. Deixo meus papéis importantes em um cofre no banco. Não sei o que seus pais faziam, mas… — Ela nem precisa concluir. É o mesmo refrão dos últimos sete meses: *Não sobrou nada*.

— Espere aí um segundo! — digo, dando um tapinha no braço de Tita Anna. — E a sala do meu pai lá no colégio? A não ser que você já tenha tirado tudo dele de lá.

— Ah… é… tem isso. A sala do Jay. Pois é. Não, ainda não tirei nada de lá. E finja que não prometi para o colégio que ia tirar as coisas dele *meses atrás*. — Ela dá um tapinha na minha coxa. — Caso você esteja se perguntando onde estão essas coisas.

Tiro o celular do bolso e endireito a postura.

— Que bom que você esqueceu. Talvez ele guardasse documentos importantes lá.

— Talvez…

Tita Anna parece hesitar um pouco, como se não quisesse me deixar esperançosa, mas me passa o número, e eu envio uma mensagem para Gillis, técnico de futebol e antigo assistente do meu pai, perguntando se posso passar lá hoje.

Técnico Gillis

Tô viajando, volto hj à noite. Posso qualquer hr depois disso!

— Ah, técnico Gillis! — Tita Anna lê a mensagem por cima do meu ombro. — Tão fofo, mas tão burrinho.

Suspiro.

— Sei que vou parecer uma criancinha impaciente, mas não quero esperar ele voltar. Agora sei por que as pessoas compram cofres à prova de fogo.

— Eu sei, Rivvy. Tomara que você encontre alguma coisa lá amanhã — diz Tita Anna.

Mas algo me ocorre.

— Calma aí. Você guarda seus documentos em um cofre no banco. Será que meus pais não faziam isso também?

É pouco provável. Já passei muito tempo no banco na companhia de meus pais e eles nunca iam além do saguão. Mas é possível. Tudo é possível.

— Vale a pena tentar. — Tita Anna confere o relógio. — Tenho uma reunião pelo Zoom daqui a quinze minutos. Quer esperar eu terminar, caso você precise de ajuda lá no banco?

Dou uma risada amarga.

— Pode deixar, Tita. Eu me viro.

JÁ FUI TANTAS vezes à filial do banco Mesa Verde em Scottsdale que boa parte dos caixas sabe o meu sabor favorito dos pirulitos que eles têm lá para distrair as crianças. Quando estava mais disposta, minha mãe me levava com ela ao banco, e nós ficávamos na fila. Eu apertava a corda de veludo marrom com minhas mãozinhas e ficava observando as pontas dos tênis brancos e sujos da minha mãe se mexerem ansiosamente no piso de mármore enquanto ela suplicava para que não lhe cobrassem a taxa do cheque especial e a multa por não termos dinheiro suficiente na nossa conta.

Não tem nenhuma fila hoje, e reconheço Cindy atrás do balcão. Ela era uma das caixas que nunca cobravam nossas taxas e guardava os pirulitos de cereja para mim. Mesmo depois de quarenta anos morando nessa região, Cindy nunca perdeu o sotaque do sul. Fico grata por ela estar aqui.

Demora um instante para ela perceber quem sou. Quando me reconhece, ela abre um sorriso devagar, e suas rugas se unem como a cortina de um teatro.

— Meu Deus — diz ela. — É a Rivvyzinha! — Cindy sempre foi mais lenta do que os outros, seguindo seu próprio ritmo. — Sinto muito pelo seu pai, meu bem. — Cindy tem aquela voz áspera característica de fumantes. Seu tom é bastante reconfortante quando diz: — Que merda, não é?

— É a maior merda. — Solto uma risadinha. — É por isso que estou aqui. Pensei que talvez meu pai tivesse um cofre no banco, mas a chave teria sido perdida no incêndio, não tenho minha certidão de nascimento e…

Cindy vira a plaquinha do lado que diz ABERTO para o que diz FECHADO e tira um molho de chaves da gaveta.

— Pode vir comigo, boneca. Vou levá-la para o cofre do seu pai agora mesmo.

Um calafrio percorre meu corpo. Eu tinha razão. Há um cofre.

— Mas não é preciso…? Não quero criar nenhum problema para a senhora…

— Eles que se fodam. Seu pai me trazia os melhores cookies que já comi, e eu te conheço desde que você fazia xixi na fralda ali no saguão.

Cindy dá a volta no balcão e me conduz por um corredor. Quando chegamos a uma porta grossa de vidro, ela a destranca e entramos numa sala cheia de portinhas retangulares com números. Cindy abre a do meu pai, puxa uma caixa longa e retangular e a põe em cima da mesa fria de aço inoxidável.

— Não precisa ter pressa, meu bem — diz ela ao sair.

Minhas mãos tremem um pouco enquanto abro a caixa. Sim, seria ótimo se minha certidão de nascimento estivesse aqui. Só que quero mais do que isso.

Quero alguma parte nova do meu pai. Um colar da família que ele sempre quis me dar e não teve a chance. Uma carta que ele escreveu, uma mensagem do além dizendo: *Fingi minha morte, aqui estão as coordenadas da minha localização atual. Venha me encontrar*.

A mãe de Audrey, uma das minhas ex-amigas, guardava os brincos de diamantes da avó num desses cofres de banco. Já vi filmes em que os personagens encontravam essas caixas cheias de barras de ouro, ou de grandes maços verdes de notas de cem dólares.

O que está na caixa do meu pai parece infinitamente mais valioso.

Tiro uma pilha de pequenas receitas danificadas pelo tempo — as receitas de cookies que elegemos campeãs em nossas competições anuais. Tem uma ficha dos Alcóolicos Anônimos, tão antiga que as letras estão apagadas. Imagino meu pai com ela no bolso, passando o polegar na superfície plástica sem parar. Pressiono o dedo no espaço branco desgastado, imagino nossos dedos se tocando.

As lágrimas começam a cair quando encontro um cartaz já meio apagado do primeiro show em que cantei, escrito com fonte Comic Sans, provavelmente impresso na casa do meu professor de música. Tem um porta-copos de um bar, com "J + J" escrito na beira e, no verso, a localização: *Canyon Rock City, Arizona*. O nome da cidade me parece familiar, não sei por quê. Há também na caixa um par de dados vermelhos, com os pontos brancos rachados e apagados. Tem uma foto de Tawny (quero só ver quando eu lhe disser que ela era um dos tesouros do meu pai), algumas pedras das trilhas feitas com minha mãe e o recorte de uma matéria de jornal com uma fotografia dela mais jovem, com um amigo, no que parece ser uma

feira. Eu não fazia ideia de que ela tinha saído no jornal quando tinha minha idade.

Pego um caderno velho e preto. A capa mole está descascando, e eu o manuseio como se fosse um recém-nascido, tomando cuidado para que nenhuma parte se esfarele. É um de seus cadernos dos A.A. Deve ser um dos mais antigos. Ele sempre andava com um, com páginas marcadas e uma capa bem discreta. Ao abri-lo para dar uma olhada saudosa na letra minúscula e bonita do meu pai, um bilhetinho cai.

Jay,

Não costumo estar nessa posição, devido à própria natureza de meu trabalho, mas não tenho palavras para lhe agradecer por ter salvado minha vida.

O dia em que você se tornou meu padrinho foi o dia da minha ressurreição. Foi o dia em que Noah voltou a ter um pai. Foi o dia em que você me devolveu a vida.

Vou passar o resto da vida tentando lhe agradecer por esse presente.

Obrigado, meu amigo. Obrigado.

Charlie

É um bilhete do dr. Pierce. Eu sabia que eles tinham se conhecido no A.A., mas não que meu pai fora seu padrinho. Agora a proximidade deles dois faz mais sentido.

Vasculho a caixa inteira, porém, não encontro a certidão. Fico decepcionada, mas ao menos não vou embora de mãos abanando. Pego os pertences do meu pai, deixando a caixa vazia, e estou prestes a ir embora quando algo branco chama minha atenção. Viro a caixa e vejo que, no fundo dela, tem um envelope branco. Será que é minha certidão?

Abro-o depressa. Fico decepcionada outra vez ao encontrar apenas alguns pedaços de papel em branco. Dou uma vasculhada neles.

Ao virá-los, meu sangue congela.

Não estão em branco como eu achava. Têm palavras escritas à mão, e não é a letra do meu pai. Não reconheço essa caligrafia rabiscada, zangada. E as coisas escritas…

Eu sei o que você fez, diz um bilhete.

Você não vai conseguir se esconder, diz outro.

E o pior de todos tem uma única palavra:

Assassino.

***

À NOITE, ESPERO Tita Anna ir dormir para pesquisar o nome do meu pai no Google. Amo Tita Anna, mas eu a conheço — ou ela exageraria e insistiria para que eu chamasse a polícia, ou tentaria escapar do assunto arranjando alguma explicação ridícula para os bilhetes, como se fosse uma pegadinha. Os bilhetes, como todas as outras coisas no cofre, significavam alguma coisa para o meu pai. Mas o quê?

Assassino.

Milhões de adjetivos descrevem meu pai. Determinado. Trabalhador. Bobo. Gentil. Inteligente. Criativo. Mas… assassino? Não chega nem perto.

Balanço a cabeça com força e digito *Jay Santos* e *Arizona* no Google. Como era de esperar, aparecem vários artigos sobre o incêndio. Um obituário. Rolo a tela um pouco mais e encontro muitas matérias sobre futebol americano, prêmios que ele ganhou como técnico, eventos de caridade que organizou no colégio. Não muito mais do que isso.

Passo horas no Google, combinando o nome do meu pai com diferentes palavras. Chego até a digitar *Jay Santos* e *assassinato*. Vou até a décima página de resultados. Não encontro nada que eu já não saiba. Leio atentamente as informações sobre os locais, as organizações que o mencionam, as datas.

Finalmente, percebo algo interessante. Confiro as anotações que fiz num bloco do meu lado, e minha impressão se confirma.

Não tem nenhuma informação sobre meu pai que seja anterior a 2002. O que é estranho, pois tenho certeza de que ele era técnico desde antes de eu nascer. Sei que as pessoas não usavam tanto a internet naquela época, mas em todos os anos saíram várias matérias sobre esportes mencionando o nome do meu pai. Todos os anos, a partir de 2002.

O que isso significa? E isso tem algo a ver com o fato de o Departamento de Serviços de Saúde não conseguir me encontrar?

Decido que vale a pena jogar mais uma rodada de roleta-russa, isto é, mandar uma mensagem para minha mãe. Pego meu celular e digito:

River

Por que não tem nenhuma informação sobre meu pai anterior a 2002?

E agora vem a pior parte. Tudo o que posso fazer é sentar e esperar. Sei que não vou receber nenhuma resposta, embora torça por uma mesmo assim.

Para minha filhota,

Você deve estar se perguntando sobre seu pai.

Por onde eu começo?

Pelo início feliz? Ou pelo fim amargurado? Pelas qualidades incríveis dele? Ou pelos seus defeitos?

Sempre preferi falar menos e proteger as pessoas, deixando de contar verdades desagradáveis. Mas talvez isso seja apenas outra forma de mentir. Talvez seja melhor que os filhos saibam a verdade: pais também são humanos. De que adianta uma criança idolatrar os pais?

Não seria melhor se nosso verdadeiro eu fosse visto, inclusive as partes ruins? Deus sabe que cometi meus erros. E Deus sabe que ocultei muitos deles. Seu pai também.

Aqui estão algumas palavras que descrevem seu pai: gentil, travesso, amoroso, ousado.

E agora mais algumas: imprudente, tempestuoso, egoísta.

Quando nos apaixonamos, os maiores crimes dele eram sua juventude e sua ignorância. E, sim, talvez sua estupidez. Jamais subestime a natureza estúpida dos rapazes. Jamais subestime também a sinceridade bruta e a capacidade deles de amar. O amor não é menos real só porque é jovem. Amor é amor. Mesmo que você tenha de pôr um fim nele.

Mesmo que a pessoa por quem você se apaixonou não seja quem você achava. Mesmo que você não consiga o final feliz que queria.

Minha esperança é que você consiga recomeçar do zero. Espero que você se saia muito melhor do que eu. Que você ame uma pessoa que seja boa do começo ao fim. Que seja um amor que não parta seu coração.

Com amor,
Mamãe.

capítulo 19
river

Hoje apenas Tawny e eu estamos trabalhando na lanchonete. Ela percebeu que algo tinha acontecido comigo cinco minutos depois que cheguei. Senti que ela estava me observando enquanto eu cortava os tomates e empurrava as fatias para a panela de metal. Lancei para ela um olhar de "mais tarde eu falo" como resposta, e Tawny captou a mensagem, me deixando remoer mentalmente os bilhetes que encontrei ontem.

Depois que meu turno acabou, vou me sentar nos fundos para dar pedacinhos de frango grelhado na boca de Malhadinho e então sinto meu celular vibrar. Dou um sorriso ao ver de quem é a mensagem. Acho que é a primeira vez que sorri hoje.

Logan

Quando é minha próxima aula de violão? Prometo que não vou interromper da próxima vez. Ou, pelo menos, não antes de aprender a fazer o Sol maior.

River

Você precisa ser paciente, o movimento com os dedos para o Sol maior é complexo. Talvez uma aula só não baste.

Logan

Hum. Deve ser complexo mesmo. Mas vou ser um bom aluno com você. Posso praticar os movimentos com os dedos até você ficar bem satisfeita.

River

Parabéns. Você é o milionésimo cara a fazer piadinha com isso.

Logan

Caramba, Santos, que mente poluída. Sou um aluno dedicado, só isso, e estou pensando em como Jimi Hendrix tocava usando o polegar no braço do violão. Acha que consegue me ensinar isso? Uma maneira de usar meus "polegares" de um jeito mais criativo?

River

Sabia! Você ficou morrendo de ciúme naquela noite. E, tá bem, Hendrix. Vou pensar em algumas maneiras de você usar esses seus polegares aí.

A porta dos fundos se abre, e o rosto cansado de Tawny aparece. Contenho meu sorriso bobo enquanto Malhadinho balança o rabo e vai embora, insatisfeito com a movimentação repentina.

— Ah, que bom. Queria te dar um oi antes que você fosse embora — diz ela, amarrando o avental na cintura enquanto se prepara para o restante do turno.

— Está tendo dificuldade para dormir de novo?

— Pois é. Estou me sentindo um pouco sem foco depois da festa. Talvez eu precise de um novo projeto, algo assim. É isso que fico fazendo na cama, pensando… na próxima coisa que nós vamos fazer.

— Que *nós* vamos fazer? — Abro um pequeno sorriso sem querer.

— Dã, Riv. — Ela bufa. — Sempre será *nós*. — Ela me olha. — Mas agora desembucha. Por que passou o dia todo calada e pensativa?

No mesmo instante, meu bom humor causado pelas mensagens de Logan desaparece. Por que estou calada e pensativa?

Bem, parece que meu pai fez algumas coisas questionáveis. Talvez ele seja um assassino. Alguém sabia disso e o ameaçou. E faz quase um ano que não tenho nenhum contato com a única pessoa que teria respostas sobre isso.

A verdade é que não quero lhe contar sobre os bilhetes. Meu pai era meio que o pai de Tawny também. Quero entender melhor as coisas antes de estragar mais uma figura paterna da vida dela.

— Estava só refletindo mesmo — digo, passando a mão no braço, meio hesitante. — Sobre… minha mãe.

A cabeça de Tawny se vira depressa. Minha maior protetora, sempre disposta a jogar seu corpo entre mim e qualquer pessoa que vá me fazer chorar.

— Sobre o que exatamente? — fala ela, com o tom de voz mais firme que usa apenas quando esse é o tema das nossas conversas.

— Sei lá. Hoje foi um daqueles dias em que não consegui decidir se quero enviar um milhão de mensagens furiosas pra ela, ou se quero apenas lhe dizer um milhão de vezes que estou com saudades. — Suspiro. — E isso… dói.

Tawny me lança um longo olhar preocupado.

— River…

— Eu sei, eu sei. — Encosto o queixo no joelho. — Eu sou ridícula.

Tawny torce a boca.

— Riv — diz ela, vindo até mim para acariciar meu cabelo. — Você não é ridícula. Mas poderia proteger seu coração um pouquinho mais. Da próxima vez que quiser mandar uma mensagem para sua mãe, por que não manda pra mim?

— Você tem razão. — Faço que sim com a cabeça, sabendo que ela está apenas tentando cuidar de mim. — Valeu. Vou fazer isso.

Tawny se anima nitidamente.

— Ótimo. — Ela se alonga e vira a cabeça para a porta. — Bem, é melhor eu voltar antes que a Gertie surte.

Assim que Tawny passa pela porta, volto a pensar no meu pai.

Onde mais posso obter respostas? Minhas opções são limitadas.

Mas então algo me vem à cabeça. Pego meu celular.

River

Ei, técnico Gillis, desculpe avisar em cima da hora, mas posso ir pegar as coisas do meu pai agora de tarde?

Técnico Gillis

Blz, vou estar lá

River

Muito obrigada!!!

Guardo o celular, sentindo um frio na barriga. Estou ansiosa para ver se há respostas escondidas na sala do meu pai. Mas também sei que isso será difícil, porque vou entrar na sala do *meu pai*. Sua segunda casa. É como se eu estivesse fugindo de um enxame de luto e agora estivesse disposta a entrar na colmeia.

— E aí, Santos?

O técnico Gillis me cumprimenta com um toque de punhos na entrada dupla do prédio de esportes. Ele continua sorrindo enquanto me acompanha pelos corredores. Alguns garotos passam correndo e arremessando uma bola um para o outro, suas vozes jovens rindo despreocupadamente.

— Que bom que você veio.

Seu agasalho de náilon verde-limão farfalha a cada passo que ele dá. Quando chegamos à porta da sala do meu pai, ele bate na plaquinha com o nome TÉCNICO SANTOS, dando um sorriso orgulhoso.

— É aqui — diz ele, e então seu rosto desanima. — Mas você já deve saber disso. Depois de tantos anos… Escute, minha sala fica logo ali. Se precisar de algo, vou estar lá analisando alguns vídeos das partidas.

O técnico Gillis ergue o punho para me cumprimentar com uma batidinha de novo. Retribuo o cumprimento e confirmo com um aceno de cabeça. Enquanto ele vai se afastando, o farfalhar de seu casaco vai sumindo, e eu me viro para a porta fechada.

Respiro fundo e entro.

A primeira coisa que percebo é que a sala do meu pai ainda tem o mesmo cheiro. O cheiro emborrachado de um milhão de chuteiras, ataduras elásticas e todo tipo de bola para esporte. O cheiro de mentol da pomada para dor muscular. O indício de suor e do desodorante em spray que meu pai usava para tentar disfarçá-lo.

Por um instante, o luto me atravessa. Esqueço minha missão. Só consigo pensar em como meu pai sempre mantinha a postura ereta ao trabalhar em sua escrivaninha, analisando as estatísticas da última partida. Quando eu era criança, às vezes vinha para cá no verão e ficava lendo no sofá velho no canto da sala.

Tento ser forte e me obrigo a pensar nos pedaços de papel, nas palavras sombrias, que pareciam ter sido escritas por mãos tomadas pela fúria.

Assassino.

Suspiro. *Lá vamos nós.*

A boa notícia é que meu pai era organizado. Não deixava papéis amontoados como os outros técnicos. A escrivaninha dele está arrumada. Limpa. A única coisa que tem nela é um imenso calendário de mesa, ainda exibindo a folha de dezembro do ano passado. Todos os planos dele para o fim de ano estavam anotados ali: nossa competição de cookies, o festival Christkindlmarkt no centro e o Natal que passaríamos com a família Pierce. Os compromissos foram destacados com marca-texto rosa — ele sempre fazia isso nos dias em que eu e ele passaríamos juntos.

Meus olhos ardem com lágrimas que ameaçam cair, mas me contenho. Eu sabia

que seria difícil. Só preciso ser mais forte.

Demoro horas para esvaziar o armário de troféus, a escrivaninha, o gaveteiro de documentos. Os objetos que encontro não são lá grande coisa, com exceção de alguns tesouros, como uma caneta com marcas de dente na tampa que achei em uma gaveta de materiais para escritório.

De repente, estou de volta à sala de estar da minha antiga casa, vendo meu pai sentado na sua poltrona em uma noite de domingo, mastigando a tampa da caneta enquanto encara seu caderno do trabalho, franzindo a testa. Minha mãe, Tawny e eu estamos assistindo a *Um Duende em Nova York*, e as luzes de Natal se refletem nos óculos dele.

É uma lembrança tão vívida e dolorosa que preciso me sentar.

Abro outra gaveta e encontro pedaços de papel e cartões-postais de alunos que ele ajudou ao longo dos anos: *Eu nunca teria sido eleito o melhor jogador se não fosse você… Nunca vou me esquecer de quando você ficou até tarde, contando sua história… Você foi meu professor preferido da vida inteira…*

Meu pai sempre enxergava o que as pessoas tinham de melhor, mesmo quando elas mesmas não conseguiam fazer isso.

Depois de empacotar a carreira inteira do meu pai em algumas caixas de papelão, faltando apenas algumas fotos penduradas na parede, me sinto exausta. E desgastada. Cruzei um campo minado de emoções, e nada me ajudou a entender o que raios aqueles bilhetes significam ou quem meu pai era antes de 2002.

Foi um fiasco. Apenas uma longa sessão de surra emocional.

Com os braços doloridos, começo a empacotar as fotografias dos times de vários anos que ele treinou. De repente, um rosto familiar chama minha atenção. Dou uma olhada melhor na foto, e meu pulso acelera.

Sim. É ele mesmo.

Logan.

Logan, no começo do ensino médio. Ele está de pé na foto, com as mãos unidas na frente do corpo, tão sério quanto um prisioneiro. Cabelo curto, rosto jovem. Mas seus lábios grossos e seus intensos olhos azuis ainda são os mesmos. Não tem ninguém sorrindo na foto, mas a expressão de Logan me parece especialmente carrancuda.

Pelo jeito, ele não mentiu quando disse que odiava futebol americano, penso. Considero enviar a fotografia para ele por mensagem. Porém, ao observar melhor a foto, meu sangue congela.

Bem atrás de Logan, com a mão no seu ombro, está meu pai.

Penso no que Logan me disse.

"Eu não conhecia seu pai direito."

Olhando para a imagem, fica impossível acreditar nisso.

Analiso a foto do time do ano seguinte, procurando Logan. Não o encontro. De fato, ele disse que sua passagem pelo esporte durou apenas um ano. "Não gostei", dissera. Mas por que ele saiu do time? Por que ele minimizou a importância desse assunto?

Por que parece que todos que são importantes para mim estão escondendo alguma coisa?

Levo as duas fotografias para a sala do técnico Gillis do outro lado do corredor.

— Esse menino aqui… — Aponto para Logan. — Você se lembra dele?

Gillis coça a cabeça.

— Lembro, é o Evans. Apesar de ter jogado bem pouco tempo, é difícil esquecê-lo. — Ele faz uma pausa. — Aliás, é difícil esquecer o pai dele.

Fico sem reação.

— O pai de Logan?

O técnico Gillis suspira e se recosta na cadeira.

— Sim. Evans não se concentrava direito nos treinos. Se ao menos ele corresse em campo com a mesma avidez que corria para ir embora quando o treino acabava. Jay o tirou do time. E aí… — Ele dá um assobio, balançando a cabeça.

— E aí o quê?! — questiono, quase surtando com a enrolação.

— O pai dele pirou de vez. Ele era obcecado por futebol americano. Jogou na universidade, se lesionou, foi obrigado a se aposentar cedo. Parecia que ele queria *muito* que Evans fizesse o que ele não pôde fazer. — O técnico Gillis fecha a cara. — Mas Evans não levava jeito.

Engulo em seco algumas vezes antes de conseguir falar.

— O que aconteceu? Quando Logan foi dispensado do time?

O técnico Gillis dá um longo suspiro.

— A coisa foi feia. Eu não estava no dia, mas o pai de Evans apareceu. Gritou, xingou. Seu pai nunca me contou todos os detalhes. Ele só disse que quase precisou chamar a polícia.

Tenho tantas perguntas.

— E como Logan reagiu?

— Não lembro. Foi a reação do pai dele que nos impressionou. Foi sorte ninguém ter se machucado naquele dia.

— Você se lembra de alguma coisa sobre Logan? Pode ser qualquer coisa.

O técnico Gillis se balança na cadeira, a expressão distante.

— O que eu lembro é que ele era um rapaz muito nervoso, cheio de raiva. —

Ele suspira. — Com um pai daquele, dá pra entender.

Demoro um instante, mas finalmente encontro minha voz.

— Técnico Gillis — digo devagar —, quer dizer que Logan e meu pai se conheciam?

— Ah, *com certeza*. — Ele endireita a postura. — Ele era um dos queridinhos do seu pai. Acho que ele sentia pena do rapaz. No início da temporada, Jay viu o pai de Evans gritando com o garoto no estacionamento depois de um jogo e pediu que todos os técnicos dessem mais atenção e suporte a Evans. Mas não funcionou. Nem todo mundo nasceu para ser jogador de futebol americano.

Ele balança a cabeça e inclina a cadeira para trás outra vez.

Assinto, sem dar resposta. Tenho medo de abrir a boca e terminar vomitando.

— Por que está perguntando isso? Você conhece o rapaz? — pergunta o técnico Gillis.

Por fim, encontro minha voz.

— Não. Não o conheço nem um pouco.

capítulo 20
river

Quando acordo, as cigarras estão gritando. Uma hora depois, o céu se abre. As monções chegaram tarde este ano. É exatamente o clima de que estou precisando no momento. É estranhamente reconfortante ouvir o trovão partir o mundo e ver os clarões iluminando as persianas da janela do meu quarto, com a natureza refletindo a tristeza caótica do meu coração.

Mas era óbvio que Logan era bom demais para ser verdade. Ninguém pode ser tão incrível daquele jeito sem ter algum defeito. E o defeito de Logan é que ele mente. Ele mentiu para mim.

No entanto, talvez eu esteja exagerando. Talvez não seja uma mentira tão grande assim. Talvez ele tenha se sentido constrangido na hora de falar sobre meu pai devido ao que aconteceu. Só que se trata do *meu pai*. É um assunto sagrado.

Eu já deveria estar saindo para o trabalho, mas continuo encolhida na cama. Foi muita informação de uma vez só: os bilhetes esquisitos, esvaziar a sala do meu pai, a mentira de Logan. A ideia de me levantar para escovar os dentes parece avassaladora, quanto mais passar o dia trabalhando na lanchonete *com Logan*.

Ligo para a lanchonete para avisar a Gertie que estou doente. Antes de desligar, ela me deseja melhoras e diz para eu não me preocupar. Sua gentileza já me amparou outras vezes.

— River? — Ouço uma leve batida à porta antes de Tita Anna pôr seu rosto preocupado dentro do meu quarto. — Querida, você está bem?

— Estou — digo, puxando o edredom até o queixo. — Só estou doente. Vou ficar em casa hoje.

Ela entra e checa a minha temperatura encostando o dorso da mão na minha testa. Ajeitando os óculos, ela pergunta com cautela:

— Tem certeza de que está bem? Quer conversar sobre alguma coisa?

Não posso contar a Tita Anna que o garoto por quem eu estava toda apaixonadinha há apenas vinte e quatro horas já partiu meu coração.

— Estou bem, Tita — respondo. — Acho que só preciso dormir mais.

— Tudo bem — diz ela, torcendo a boca. — Vou sair com alguns amigos hoje à

noite e talvez volte tarde. Mas me ligue se precisar de *qualquer coisa*. Volto na mesma hora.

Eu me enterro debaixo do edredom assim que ela vai embora, odiando a mim mesma por ter me apaixonado rápido demais, por ser intensa demais.

Mas por que Logan mentiria? Tipo, por que ele faria isso?

Abro minha conversa com Logan no celular. Ele me enviou uma mensagem de boa-noite ontem. Nada especial, foi apenas um "boa noite, River", com um emoji de carinha mandando beijo.

Não respondi, e ele não mandou nenhuma mensagem depois disso.

Como se lesse meus pensamentos, meu celular vibra. Levo um susto tão grande que quase o derrubo.

Logan

Você está bem, Santos? Gertie falou que você está doente.

Odeio perceber que, ao ver o nome de Logan na minha tela, a dopamina se espalha pela minha corrente sanguínea. Odeio perceber que ainda quero responder.

Mas não respondo.

Meu telefone vibra de novo. Ele me envia uma série de mensagens, uma após a outra.

Logan

Que droga que você está doente.

Logan

Por que não me contou? Posso levar Gatorade e sopa pra você. Bem caseiro.

Logan

No caso, a sopa seria caseira. Não o Gatorade. Gatorade caseiro deve ser nojento.

Mordo o lábio, franzindo o rosto para o celular. Meu Deus, uma parte enorme de mim quer responder, uma parte que eu não consigo impedir de ficar feliz por ele

querer saber como estou.

Já a outra parte grita: *Será que isso não é mentira também?*

Eu me viro para o travesseiro, me sentindo arrasada.

Ainda quero ficar com ele. Não consigo parar de pensar no nosso primeiro beijo. Nem no sorrisinho secreto que ele dá quando trocamos olhares no trabalho. Mas agora tem uma película por cima dessas lembranças. Elas estão manchadas. É difícil não questionar tudo, não questionar as palavras dele. Será que elas foram verdadeiras? Será que alguma coisa nisso tudo foi verdadeira?

Furacão Logan. Uma tempestade selvagem. Fecho os olhos, ouvindo a tempestade verdadeira do lado de fora e me sentindo terrivelmente sozinha. Minha mãe, meu pai, Logan. Até mesmo Noah. Será que alguém é o que diz ser? Não importo o bastante para merecer a verdade de quem amo?

Meu celular vibra várias vezes: mais uma sequência de mensagens.

Logan

O que está rolando, hein, Santos? Você não me respondeu ontem à noite. Nem hoje. Você não vem trabalhar.

Logan

Aconteceu alguma coisa?

Logan

Pisque duas vezes se tiver sido sequestrada.

Logan

Diga aos sequestradores que conheço o Liam Neeson e não vou pensar duas vezes antes de chamá-lo.

Logan.

Mas sério. Está tudo bem?

Não consigo me conter. Digito uma resposta, mesmo que seja apenas para acabar com a enxurrada de mensagens.

River

Vou ficar bem. Só estou dormindo mesmo.

Surgem na tela os três pontinhos que indicam que ele está digitando. Em seguida, desaparecem. E reaparecem. Apesar do frio na minha barriga, uma parte distante de mim gosta de estar deste lado da situação. Normalmente, sou eu que mando mensagens ansiosas e penso demais em tudo.

Enfim, ele responde.

Logan

Tá bem. Olha, eu não sei o que é, mas tem alguma coisa acontecendo, sim. Quando quiser me contar a verdade, é só me avisar.

Meu sangue esquenta. Sei que devo apenas ignorá-lo. E tento ignorá-lo, por alguns minutos. Mas não consigo. Meus dedos pairam por cima do teclado, e, antes que eu consiga me conter, envio uma resposta.

River

Que ironia você dizer isso. Por que não me avisa quando VOCÊ estiver a fim me contar a verdade?

Assim que a envio, eu me arrependo. Me sinto péssima, como se tivesse sido dividida ao meio. Por um lado, estou orgulhosa por ter falado o que penso; mas por outro, estou gritando: *diga que me enganei, diga que estou errada.*

Sinto um aperto na barriga. Vou até a cozinha com as pernas bambas, trêmula, e preparo uma xícara de chá. Tento resistir, mas confiro o celular a cada cinco minutos para ver se Logan respondeu.

Nada.

Segurando a xícara morna de chá de camomila contra o peito, vou até o sofá enrolada em um cobertor e ouço a chuva forte batendo no nosso telhado, com o estrondo dos trovões ocasionais se unindo à sinfonia da tempestade, e permito que a atmosfera me acalme e me faça pegar no sono.

ACORDO COM ALGUÉM batendo à porta. Sento-me, estudando a sala escura e ouvindo a tempestade ainda intensa lá fora. Penso que o barulho foi no meu sonho, mas

então ouço mais uma batida, e meu celular apita com uma mensagem.

Logan

Estou aqui fora. Por favor, só quero conversar.

Dou uma olhada pela janela. O carro de Logan está na frente do prédio. Quando abro a porta do apartamento, encontro um Logan Evans ensopado de chuva.

— River. — Ele afasta o cabelo pingando e enxuga o rosto, os olhos parecendo pedaços de gelo. — Que verdade é essa que eu devo contar?

Saio do apartamento e fecho a porta, pois não estou pronta para deixá-lo entrar. Logan e eu precisamos ficar bem perto um do outro para cabermos debaixo do toldo que protege o corredor da área externa contra chuva.

É doloroso ficar cara a cara com ele. O calor ainda irradia de seu corpo, embora ele esteja encharcado, e meu coração se parte ao vê-lo assim, tão bonito, com a água caindo de suas mechas escuras e o olhar cristalino brilhando de fúria. Engulo em seco e me preparo.

— Sabe, Logan, não estou a fim de fazer isso, de ficar nesse chove não molha.

Ele semicerra os olhos.

— Como assim?

— Eu vou dizer que você mentiu pra mim, você vai dizer que não mentiu, e assim por diante.

Logan me encara como se estivesse tentando ativar uma visão de raio X para examinar as dobras do meu cérebro. Como isso não funciona, ele joga as mãos para o alto, como se não soubesse mais o que fazer.

— Santos, juro por Deus que não sei do que você está falando.

— Meu pai, Logan. — Minha voz falha quando digo seu nome. — Estou falando do meu pai.

Ele encara o chão. Ele abre a boca, mas não fala nada.

— Como foi que você descobriu? — diz ele, tão baixo que quase não dá para ouvi-lo devido ao barulho da chuva. Um clarão distante ilumina seu rosto, a escuridão dos seus olhos.

— Fui pegar as coisas do meu pai na sala dele ontem. Vi a foto do seu time, Logan. A foto em que meu pai está com a mão no *seu* ombro. — Engulo em seco. — E você disse que nem o conhecia. — Um trovão me faz tremer mais ainda. — Não entendo por que mentiu sobre *isso*.

Ele então me encara, paralisado. O vento está aumentando, a chuva chega pelos lados e nos atinge.

— Santos — começa ele, ainda com a voz baixa. — River. Quero explicar. — Seus olhos vão para a porta do apartamento. — A gente pode conversar em algum lugar menos… prometo que vou embora imediatamente se você mudar de ideia. — Ele inspira e balança a cabeça. — Apenas escute o que tenho a dizer, pode ser?

Respondo abrindo a porta e saindo da chuva. Logan entra atrás de mim e fecha a porta, isolando a tempestade atrás de nós, e seu rosto se suaviza no silêncio. Odeio a forma como seu olhar de alívio se espalha por mim como uma luz dourada, meio rosada. Mesmo depois de tudo, ele ainda me afeta.

Fico parada, tremendo, com meu short e minha regata ensopados, com meu cabelo pingando e formando poças no chão.

— Posso? — Ele aponta o banheiro com a cabeça, e eu assinto. Logan vai para o corredor e volta com uma pilha de toalhas fofas, cor de creme. Ele joga uma para mim.

— Obrigada — sussurro, e me seco como posso.

Ele me dá um aceno, seca o cabelo com sua toalha e o deixa bagunçado da minha maneira preferida. Olho o chão e fico escutando a chuva batendo nas janelas, os galhos de sálvia golpeando o vidro.

— River.

Logan forra o sofá com toalhas secas e indica a almofada ao seu lado, me convidando. Prefiro ficar de pé e me ponho do outro lado da mesa de centro.

Ele se inclina para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, apertando o dorso do nariz.

— Você viu uma foto de nós dois juntos. Isso não significa que menti pra você.

A raiva sobe pelo meu pescoço e se espalha pelas minhas bochechas. Sinto como se ele tivesse me dado uma cotovelada na barriga.

Respiro fundo. Não vou conseguir nada gritando.

— Omitir informações é mentir, Logan.

Ele balança a cabeça.

— Sim, você tem razão. Eu entendo.

— Sei que pode parecer que foi apenas uma mentirinha — digo, com a voz trêmula, mal conseguindo conter minhas emoções. — Mas, Logan, ele é meu *pai*. Não é como se você tivesse mentido sobre seu sabor preferido de sorvete. — Pressiono as unhas na palma da mão, esperando que a dor me mantenha firme e impeça as lágrimas de caírem. — Ele… ele se foi. Ele se foi e, a não ser que alguém me conte alguma coisa nova, eu *já* sei tudo que posso saber sobre meu pai. E isso

não basta. — Minha voz falha por um instante nas últimas palavras. — Então quando o técnico Gillis disse que você era o "queridinho" do meu pai, depois que você disse que nem o conhecia…

— Opa, "queridinho"? Isso não é verdade. E você sabe como o técnico Gillis é, não sabe? Aquele homem é…

Logan não conclui, e uma expressão de dor passa rapidamente pelo seu rosto. Ele se levanta do sofá, e seu corpo crepita com aquela energia de pantera encurralada que vi na noite da festa de Tawny. Ele anda de um lado para o outro na sala.

— Já contei pra você que eu não gostava de futebol americano. Era meu pai que gostava. Os sonhos dele de ser jogador de futebol não se concretizaram, e por isso ele queria que a *minha* vida girasse em torno do futebol. Ele nunca parava de me pressionar, nunca mesmo. — Logan balança a cabeça com repulsa. — Era mais fácil não ter que brigar com ele sobre isso *todo santo dia*. Então desisti. E, sim, seu pai era o técnico principal. — Ele passa a mão no cabelo. — Santos, o colégio é imenso. O time de futebol americano tinha nove técnicos. Nove. Você sabe disso. Eu era um jogador reserva, o pior.

Logan para de andar e pressiona a língua dentro da bochecha, balançando a cabeça. Ele não me olha.

— Eu não queria estar lá, mas seu pai… ele disse que viu algo em mim — disse Logan, num tom baixo. — Seu pai era quem tomava as decisões. Ele convenceu outros técnicos a fazerem treinos individuais comigo, para que eu me sentisse mais parte do time. Mas passei pouco tempo com ele. Seu pai estava sempre ocupado ajudando um bando de gente. Eu não era especial.

Logan desvia o olhar e volta a andar, agora mais rápido, mais agitado.

— Falei para o meu pai que eu não levava jeito para o futebol. Ele não me deu ouvidos. Não queria nem ouvir falar da possibilidade de eu largar o time. — Logan faz uma pausa, engole em seco. — Então foi isso. Depois de um tempo, seu pai veio conversar comigo e me fez desabafar. Contei por que eu estava sempre me arrastando, de olho no relógio. Falei que queria sair do time. Ele queria me incentivar, me dizia para "me dedicar mais" e todas essas baboseiras. Porém, no fim das contas, ele fez o que meu pai nunca fez. — Algo sombrio e indiscernível surge em seu rosto enquanto ele fita o chão. — Seu pai me ouviu. Ele prestou atenção em mim. Ele se importou comigo. Então… me cortou do time.

Demoro um instante para encontrar minha voz.

— O técnico Gillis me contou que aconteceu uma coisa com seu pai.

— Ah, é? Ele contou que meu pai me obrigou a ir treinar no dia seguinte, depois que contei que tinha sido tirado do time? Que ele me agarrou pelo cabelo na

frente de todo mundo e me arrastou pelo campo? Gillis te disse que meu pai me jogou no chão, fazendo meu lábio sangrar? Seu pai chegou no meio disso tudo, e por um instante achei que meu pai fosse matá-lo por ter me tirado do time. Mas Jay se manteve firme. Ele ameaçou chamar a polícia, e então meu pai cedeu e foi embora.

Espero Logan prosseguir. Ele fica parado, de ombros tensos, encarando a parede.

— Lamento que isso tudo tenha acontecido com você — digo baixinho, estendendo o braço para tocar seu ombro, mas então mudo de ideia e abaixo a mão.

A voz de Logan finalmente falha.

— River, desculpe. Desculpe mesmo. Por ter mentido. E pela maneira como eu tenho lidado com tudo. — Ele passa a mão no cabelo. — Eu não sabia como explicar, como tocar nesse assunto. Tipo, quando você me perguntou lá no museu sobre minha relação com seu pai, era nítido que você estava cheia de expectativa…

As vidraças da janela chacoalham devido ao vento uivante. O barulho da chuva ocupa o espaço entre nós dois. Logan fica inquieto, desconfortável, como se tivesse algo mais a dizer. Ele baixa a voz e sussurra:

— River, eu estava com vergonha. *Estou* com vergonha. É isso. A verdade é essa, e é uma bobagem. Eu não queria te dizer que sou péssimo no futebol americano. Não queria admitir que meu pai é um merda. Não queria que você soubesse que a única lembrança que tenho do seu pai é de um momento feio e ruim da minha vida. — O maxilar de Logan fica tenso conforme o ódio se espalha pelo seu rosto. — Eu nem sequer tratava bem o seu pai. Na época, eu era o maior babaca com todo mundo. — Ele passa a mão na boca. — E agora fui o maior babaca com você.

Estendo o braço, tendo coragem apenas para fisgar a frente de sua camiseta molhada entre dois dedos.

— Você só é babaca quando não está sendo sincero comigo. Não tenha medo de ser sincero comigo, Logan.

Ele baixa o olhar para meus dedos segurando sua camiseta.

— Medo? — diz ele baixinho. — Acha que tenho medo de você, Santos?

Mais uma vez, está ficando difícil interpretar seu olhar. Mas nem tanto. É como se ele quisesse reconstruir as paredes ao seu redor para se isolar outra vez, mas não conseguisse decidir o que fazer.

— Acho. Acho que você tem medo, sim. Só não sei por quê — arrisco dizer.

Logan faz um ruído grave e me encosta na parede.

— Não sabe por quê? Eu arrisco meu trabalho e minha vida dirigindo em alta velocidade no meio da chuva só porque você não respondeu minhas mensagens, e você ainda me pergunta *por quê*.

Um trovão ressoa, e eu estremeço. Meus olhos ardem quando os fixo no seu olhar ardente. Um segundo depois, nos chocamos um contra o outro, nossas bocas se unindo caoticamente em um beijo molhado e desesperado.

Ainda não acredito que isso está acontecendo. Que estou sentindo o gosto de Logan, sentindo seu coração batendo forte contra meu peito. Passo as mãos sobre a pele debaixo de sua camiseta.

— *Cacete*, River…

Ele não diz mais nada enquanto minhas unhas descem pelo seu abdômen.

Deslizo os dedos para debaixo de sua cueca, e ele deixa escapar um gemido urgente e cheio de desejo. Sua mão desce do meu cabelo para minha bunda, puxando-me contra seu corpo. Arquejo quando seus quadris se movem contra minha coxa, e me pressiono ainda mais contra seu corpo.

— *River*, como é que eu… — Logan planta um beijo quente na base do meu pescoço. — Como posso me controlar se… — Ele passa a língua pelo meu pescoço e segura meu rosto. — Se você desperta *isso* em mim, se é *esse* o seu gosto… — Ele recua, ofegante, os olhos semicerrados. Um lampejo de desespero cruza seu olhar, como se não acreditasse no que está vendo. Como se não merecesse ver isso. — Se você é linda *assim* — sussurra ele, pressionando o polegar no meu lábio. — Como posso me controlar?

— Não se controle, então.

Se meu cérebro não tivesse dado curto-circuito, eu estaria corando. Mas só consigo pensar que quero *mais, mais, mais*.

E Logan me dá mais. Assim que minha língua toca sua pele, ele geme, e suas mãos deslizam até minha bunda de novo, erguendo-me. Meus braços se firmam ao redor de seu pescoço, e minhas pernas se enroscam na sua cintura.

Beijando-me com fervor, ele me encosta na parede. Meu corpo treme contra o dele, e suas palavras ativam todas as partes do meu ser. Só consigo dizer duas palavras de aflição:

— *Por favor* — suplico, sem nem saber o que estou pedindo. — Por favor.

— *Merda* — resmunga ele, dando um chupão em meu pescoço, e imediatamente ele passa a me carregar pelo corredor e a chutar as portas até encontrar meu quarto.

Continuo beijando-o intensamente enquanto caímos sobre a cama. Não tiro os braços de seu pescoço, adorando estar sentada em cima dele, com as mãos no seu cabelo. Logan, piscando devagar, os lábios inchados, e a cicatriz (a cicatriz, a *cicatriz*!) rosada.

Ele me beija de novo e recua mais uma vez.

— Preciso de você, River.

— Mostre — sussurro, puxando minha regata. Os dedos de Logan se contraem nos meus quadris. — Mostre o quanto você precisa de mim.

Assim que a regata passa pela minha cabeça, a boca voraz de Logan vem para cima de mim. Sua língua sobe pelo meu abdômen nu e se aproxima do meu sutiã. Com uma das mãos, ele puxa o elástico do meu rabo de cavalo e agarra avidamente meu cabelo molhado de chuva. Com a outra, ele aperta meu quadril e me esfrega contra si num ritmo constante. É tão bom que mal recupero o fôlego.

Minhas mãos vão até sua camiseta, e ele me ajuda a tirá-la fazendo um ruído grave na garganta que me faz empurrá-lo de volta para a cama. Interrompo nosso beijo e me sento nas suas coxas.

— O que foi? — diz ele, ofegante, apoiando-se nos cotovelos, confuso. — Está tudo bem?

Sinto um aperto no coração ao ver sua testa franzida.

— Poderia estar melhor — sussurro. — A gente bem que podia tirar essas roupas encharcadas.

Para provocá-lo mais, e porque não consigo me conter, rebolo meus quadris em seu colo.

— Meu Deus, *vem aqui*.

Logan me joga na cama, agoniado. Atrapalhados, tentamos tirar as roupas molhadas. Nos movemos depressa, mas não deixo de perceber que o olhar dele fica mais sério, mais faminto, quando removo o short e ele encara minhas coxas nuas.

Logan se lança para a frente, colando sua boca na minha enquanto arrancamos o que sobrou das roupas, e logo estou apenas de calcinha e sutiã, e ele, apenas de cueca boxer, ambos ofegantes como se estivéssemos correndo uma maratona.

— Logan Evans, na minha cama. Eu já tinha imaginado isso — confesso em um sussurro sensual.

— *Sério?* — Logan agarra meus pulsos e os prende acima da minha cabeça. Ele se abaixa e roça os dentes no meu pescoço. Nunca imaginei querer tanto que um homem me mordesse. — Me conte *em detalhes*.

— Bem… — Fica cada vez mais difícil falar com a boca de Logan descendo pela minha pele. — Pensei em suas mãos. Em como você saberia usá-las muito bem.

— Hum. — Ele solta meus pulsos e desliza as palmas pelo meu torso, passando os dedos por debaixo do meu sutiã, tocando-me com avidez.

Eu me curvo com o seu toque, tonta com um prazer que nunca senti na vida.

— Isso, bem assim — sussurro.

Sinto o calor se espalhar pelo meu peito e pescoço, minhas bochechas

queimando. Logan percebe o rubor da minha pele. Ele se inclina e seus lábios roçam na minha orelha antes de capturarem meus lábios.

Beijar Logan sempre é maravilhoso. Mas agora minha pele está pegando fogo, e eu preciso de mais. Preciso senti-lo por toda parte. Interrompo nosso beijo para me sentar um pouco e levo as mãos às costas. Com um gesto, abro meu sutiã e o jogo para o lado da cama. Logan fica boquiaberto.

— Meu Deus, como você é linda — sussurra ele, seu rosto extasiado, antes de abaixar a cabeça e me beijar em várias partes, nos meus lábios, no meu pescoço e finalmente nos meus seios.

Cada toque, cada palavra que Logan sussurra, cada movimento de seu quadril contra o meu é tão bom. *Tão* bom. Mas não me sinto saciada. Estou ficando ainda mais voraz, desejando algo que eu sei que quero mesmo sem ter provado.

— River — diz Logan, como se estivesse lendo meus pensamentos caóticos —, diga o que você quer. Eu faço. Te darei tudo que você quiser.

Começo a tremer.

— Quero você — sussurro. — Logan, o que eu quero é você.

— Também quero você, River — sussurra ele contra mim, pressionando mais uma vez os quadris nos meus, em um ritmo delicioso.

Seus olhos sobem e descem pelo meu corpo, como se ele estivesse decorando cada detalhe, cada centímetro de pele nua, antes de seus lábios percorrerem meu corpo inteiro. Agarro-o contra mim. Seguro-o com força. Não quero que isso acabe. Quero guardar esse momento e me lembrar disso para sempre. Esse momento com a chuva forte caindo lá fora, os clarões e o rugir dos trovões, e Logan, minha tempestade, meu próprio furacão, movendo-se contra mim, com somente duas finas peças de roupa entre nós dois, seus olhos abertos, francos e despidos, e sua mão segurando a minha.

capítulo 21

river

Apesar da chuva, no dia primeiro de julho é emitido um alerta vermelho de possibilidade de incêndios naturais. O tempo seco não deu trégua este ano, e a chuvarada repentina não foi o suficiente para acalmar a poeira do Deserto de Sonora, e a vegetação permanece seca, pronta para incendiar.

Na última semana, as temperaturas foram altíssimas, chegando a 43ºC quase todos os dias. Dizem que o calor do deserto é diferente, mais suportável, porém, é o tipo de calor que nos resseca e nos pune quando ficamos tempo demais ao ar livre. Ontem mesmo, uma pessoa morreu de desidratação durante uma caminhada, e até os cactos estão murchando, seus galhos caídos no chão e os troncos amolecendo, pois a água em seu interior os faz ferver por dentro no sol do Arizona.

— Acha que vão cancelar os fogos? — pergunta Tawny, contando as gorjetas no balcão enquanto nos preparamos para fechar.

— Poxa, tomara que não — respondo, e rapidamente fecho a foto dos bilhetes do cofre que eu estava olhando no celular. Já encarei tanto essas imagens que decorei os traços de cada letra. Ainda assim, não estou nem perto de descobrir o que eles significam.

Logan olha para cima depois de limpar as migalhas da última mesa.

— Você gosta de fogos?

Antes que eu possa responder, Tawny interrompe:

— Ah, ela mais do que gosta, não é, River? Ela fica com o maior *tesão*.

Sinto minhas bochechas arderem e bato em Tawny com um cardápio.

— Cale essa boca, Tawn — sussurro.

Logan limpa uma sujeira da sua manga com calma.

— Interessante — diz ele.

— Foi mesmo interessante quando encontrei ela e Noah no meio do mato enquanto a gente preparava os fogos lá no quintal…

— *Tawny* — sibilo. — Já deu.

Com a menção de Noah, lembro-me da mensagem que ele me enviou hoje de manhã: “Jonah vai fazer um churrasco no feriado do Quatro de Julho, se você quiser

ir.” Até parece que eu iria.

— Ah, River, é só brincadeira. — Ela beija minha bochecha. — Como sua irmã adotiva, é meu dever te fazer passar vergonha na frente do seu ficante.

Ao saber da noite que passei com Logan, Tawny ficou chocada, mas me apoiou. Ela disse várias vezes que estava feliz por mim. Só que eu a conheço muito bem. Também havia mágoa em sua voz. Perguntei o que era, e ela insistiu que estava apenas feliz pela sua melhor amiga.

Porém, quando ela diz coisas assim, como essa insinuação sobre Noah, suas brincadeiras parecem mais alfinetadas. Será que uma parte dela ficou magoada por eu ter dado um passo tão grande com Logan sem consultá-la antes? Sem pedir seu conselho? Eu e Logan não chegamos a transar, mas Tawny espera que eu planeje tudo com ela, e não apenas conte depois o que aconteceu.

Logan se aproxima de mim enquanto Tawny vai lavar louça nos fundos.

— Com o maior *tesão,* é? — comenta ele com a voz séria.

— Não me diga que está com ciúme, Evans. — Dou um sorrisinho, ainda que meu coração esteja batendo num ritmo descontrolado e voraz. Ele agarra meus quadris e me puxa para perto.

— É óbvio que estou — resmunga ele na minha têmpora. — Tenho ciúme de qualquer pessoa ou coisa que tenha tocado em você antes de mim. — Logan passa o polegar no nome da lanchonete bordado no meu peito. — Tenho ciúme das suas roupas, só porque passam o dia inteiro coladas na sua pele.

— Então você vai ter que me tocar bastante para que eu esqueça do toque de todos os outros. — Sou tomada pelas lembranças das mãos dele tirando minha regata. Nas coisas que ele sabe fazer com os polegares. *Meu Deus, os polegares.*

— Não sei… — Ele recua. — Não sei se existe isso de te tocar *o bastante*. — Ele engole em seco. — Está se sentindo melhor hoje? Você está… bem? Depois de tudo que aconteceu ontem?

Eu me afasto para olhá-lo e fico ansiosa ao ver a incerteza em seu rosto.

— Você está bem?

Ele abre um sorrisinho.

— Que pergunta, Santos. Você tá brincando, né? — Ele passa o polegar nos meus lábios. — Nunca mais vou pensar na chuva da mesma maneira. Mas não estou preocupado comigo. Quero saber como você está.

— Hum, não sei. — Prendo delicadamente seu polegar entre meus dentes. Os olhos de Logan escurecem, intensos. — Preciso testar tudo de novo, pra ter certeza. Fomos interrompidos cedo *demais*.

— Cedo demais, é? — diz Logan com a voz áspera.

— Demais mesmo. Não chegamos nem ao intervalo, muito menos ao final da partida.

Passo a língua por seu polegar e dou uma mordiscada antes de soltá-lo. Suas pálpebras ficam pesadas, e ele deixa escapar um som grave do fundo da garganta. Isso me tira o fôlego, e sinto uma pontada nos quadris, desejando que estivéssemos em algum lugar privado.

— *Porra*, Santos. Você está acabando comigo. — Sua voz está rouca. — Venha ver os fogos comigo, por favor.

— Logan Evans implorando pela minha companhia? — Tento soar sedutora, mas minha respiração ofegante estraga o efeito. — Quem diria, hein?

— Hum, pois é. — Ele abaixa a cabeça e morde meu pescoço, me fazendo estremecer. — Se for pra comparar nossos passados, vai sair perdendo dessa discussão.

Logan se aproxima, porém, quando nossos lábios estão prestes a se tocar, ele para.

Ele fica parado, recusando-se a se aproximar mais um centímetro. Não consigo tirar os olhos da cicatriz no seu lábio. Sei o que ele está fazendo. Idiota. Não vou dar essa satisfação.

Mas assim que a ponta de sua língua passa pelo meu lábio inferior, acabo cedendo e diminuindo a distância entre nós.

— Está vendo só? — diz ele nos meus lábios. — Sua *dengosa*.

Minha resposta é silenciosa, e ele agarra meus quadris, puxando-me contra seu corpo quente e firme. Quando me afasto, ele se inclina para a frente, procurando meus lábios, e dou um sorriso. Logan solta um gemido.

— Está bem, seus argumentos são excelentes. Você vem comigo?

— Eu adoraria. — Mordo o lábio. — Mas a gente precisa convidar a Tawny.

Depois de hoje, estou preocupada. Tawn tem se sentido excluída.

— Beleza — diz ele, depois de uma pausa. — Pode convidá-la. Mas avise a ela que vamos ficar nos agarrando.

— Não, você vai ter que se comportar! — Dou uma risada, e ele se aproxima de mim.

— Sou apenas um homem, não sei fazer milagres — diz ele contra minha boca.

A porta se escancara e bate com força ao fechar. Tawny entra com um saco imenso.

— Não precisam parar por minha causa. — Ela abre um sorrisinho para mim enquanto põe o restante do lixo no saco.

— Ei, Tawn — digo, sentindo-me culpada por ela ter pegado a gente se

beijando. — Quer passar o Quatro de Julho com a gente?

Ela ri.

— Rivvy, está me convidando por pena?

Ela acha isso mesmo?

— É óbvio que não!

Tawny demora para responder. Ela amarra bem o saco, depois pega um frasquinho de álcool em gel no bolso e o espalha nas mãos.

— Agradeço o convite, Riv. — Ela sorri. — Mas já tenho planos. Servi a dois universitários gatos no turno do jantar de ontem, e eles me convidaram pra uma festa no barco deles no Lago Canyon. Parece um pouquinho mais divertido do que ficar no celular enquanto vocês dois se agarram do meu lado.

— *Tawny* — respondo. Ela balança a mão, fazendo pouco-caso.

— É só brincadeira. — Ela joga os braços ao meu redor e me aperta forte. — Sério, valeu pelo convite. — Tawny se afasta e põe o dedo no esterno de Logan. — Mas não se esqueça de quem é a primeira e única da vida dela. Sacou, Polegarzinho? — Ela volta para dentro.

Logan ergue a sobrancelha.

— Hum, por que ela me chamou de Polegarzinho?

Suspiro e dou um tapinha reconfortante no seu ombro.

— Eu conto quando você for mais velho.

Logan me leva para casa depois de trancarmos tudo. Não há muitos shows de fogos programados por causa do alerta vermelho, pois o governo estadual não quer sobrecarregar os bombeiros. Felizmente, teremos uma comemoração do Quatro de Julho em Scottsdale.

— Dizem por aí que vai ser o maior show de fogos da história de Scottsdale! E olha só! Vai ter uma competição de quem come mais cheeseburger! — brinco.

— Ah, explosões e competições com comida! E ainda dizem que os americanos não têm cultura.

— Ei, vai ter até bandas ao vivo! Parece perfeito. — Dou uma olhada nas páginas das redes sociais e me contraio ao ver o tanto de curtidas e de gente comentando que irá comparecer. — Hum, vai estar lotado. A ideia de ficar esmagada no meio de milhares de pessoas suadas, talvez até dezenas de milhares… não me apetece muito.

Logan fica pensativo.

— Isso vai ser no festival ali perto do Shea?

Confiro o mapa.

— Isso — respondo.

Ele coça o queixo.

— Então tenho uma solução, se você topar fazer uma pequena trilha. Só precisamos levar lanches e cadeiras dobráveis de acampamento.

— Combinado! — digo. — Você tem cadeiras?

Logan fica com o rosto tenso.

— Não — diz ele. — Mas meu pai tem.

capítulo 22
logan

No feriado de Quatro de Julho, busco River de carro, e vamos até a casa do meu pai. Mal consigo falar no caminho e nem percebo os outros carros passando velozes enquanto dirijo até o conjunto residencial onde fica a nova casa dele. Minha mão agarra o volante com firmeza, e me concentro apenas em respirar, em manter o carro funcionando.

Eu vou conseguir. É só entrar e sair. Nem preciso falar com o babaca.

Mas isso não me impede de sentir um frio na barriga. A questão não é apenas o fato de que vou vê-lo — é também o que *River* vai ver. E não sei por que só pensei nisso agora, quando já estou passando pela rotatória com plantas podadas, vendo as colunas de mármore cercando as portas duplas da casa.

— Logan — arqueja River —, você é *rico*.

Engato o câmbio com força demais, fazendo o carro parar bruscamente. Respiro fundo.

— *Eu* não sou rico — digo devagar, enfatizando cada palavra. — Meu pai que é.

Observo a imensa mansão, e minha boca se contrai em repulsa.

— Espere aqui. Volto em dez minutos.

Saio do carro e me dirijo à casa antes que ela possa responder.

Entro rápida e silenciosamente — digito o código na porta, passo pelo átrio e desço até o porão, onde fica o armário com materiais de acampamento. Pego as cadeiras e subo, empolgado com a possibilidade de sair sem ser percebido.

Paro um instante no átrio e ajusto uma das cadeiras para que não incomode tanto meu ombro.

— Essas cadeiras não estão pesadas demais pra você, meu filho? — pergunta meu pai com a voz tranquila enquanto desce a escada com passos lentos. Poderosos. Volto a sentir o frio na barriga, intenso e violento. Talvez esse calafrio nunca tenha desaparecido. Talvez nunca desapareça.

— Não — respondo. Endireito a postura, sentindo o peso da cadeira na clavícula.

— Se está dizendo…

A voz grave do meu pai sempre foi imponente, mas aqui, ecoando nos azulejos de porcelana e no mármore, parece ainda mais expansiva. Mais fria. E olha que já era bem fria.

Ele me observa de um jeito crítico, com o maxilar cerrado. Não me importo mais. E é por isso que não entendo a sensação de que ele está arrancando minha pele.

Ele passa a mão na barba e diz:

— Pelo jeito, você está trabalhando demais pra ter tempo de ir à academia. — Seus olhos se fixam nos meus braços. Ignoro a vontade de escondê-los. — Se não tivesse jogado seu legado fora, poderia ter uma vida mais equilibrada.

— Acho que sim — respondo.

Sua expressão se suaviza.

— Quanto tempo, meu filho.

— Pois é.

— Senti sua falta.

Olho para cima, perplexo. Não consigo me lembrar da última vez que ouvi palavras carinhosas saírem da boca do meu pai. Não consigo entender o homem diante de mim, cujos olhos azuis, antes vivos, estão apagados; o homem que me arrastou para fora do treino, que me escorraçou por eu não ser o filho que ele queria.

— Sua mãe não iria querer isso para nós dois.

Suas palavras me deixam tenso. Até parece que agora ele se importa com o que minha mãe ia querer.

— Nós dois fizemos nossas escolhas, e eu continuo de acordo com as minhas — retruco.

Não espero sua resposta. Eu me viro e abro a porta com um chute, torcendo para arranhá-la.

Vou até o carro, jogo as cadeiras no porta-malas e massageio o hematoma na minha clavícula enquanto me sento no banco do motorista.

— Missão cumprida. Vamos dar o fora daqui — sussurro, e solto um palavrão ao tentar pôr o cinto. — Próxima parada: liberdade, beijos e fogos.

— Quem é aquele? — River aponta para a casa. Fico surpreso ao ver a silhueta grande do meu pai na porta da frente, observando nós dois.

— Meu pai — digo em voz baixa. Sinto um milhão de perguntas sendo lançadas para mim em silêncio, mas ela não diz nada.

Vejo-a estudar o rosto dele, procurando o homem de quem ela ouviu falar nas

minhas histórias. Os olhos dele estão sérios e frios, até avistarem River. Suas sobrancelhas se erguem. Fico surpreso quando ele acena, meio hesitante.

— O que foi? — digo, reparando no rosto dela.

— Você não está com vergonha de mim, está? — pergunta ela, mexendo as mãos no colo. — Não quer que seu pai saiba a meu respeito?

— Você está brincando, não é? Por que pensou isso? — Acompanho seu olhar pela janela e vejo que meu pai ainda está com a mão erguida. Paro, penso, depois seguro o rosto dela e lhe dou um beijo rápido, intenso e um pouco safado. — Resolvido — digo, um pouco ofegante. — Agora ele sabe quem você é. Mas é só isso que ele vai saber.

O FESTIVAL ESTÁ lindo no começo da noite. Mesmo com o calor grudento, seco e pesado, a mágica do verão está viva. River segura minha mão enquanto compro algodão-doce para ela. Ela suja a bochecha e pede um guardanapo, mas eu logo aproveito para me aproximar e lamber o açúcar colado em sua pele. A brisa quente do deserto sopra ocasionalmente, brincando com a bainha de seu vestido vermelho, o que a deixa ainda mais linda, como se fosse uma princesa do deserto. Nem acredito que ela é minha.

Enquanto assistimos ao rodeio, fico atrás dela e deslizo minhas mãos para agarrá-la pela cintura. Fico embriagado com esses pequenos toques, essa intimidade a que só um namorado tem direito, e a que, agora, só *eu* tenho direito.

Passamos por um palco enfeitado com fitas vermelhas, brancas e azuis. O aviso diz RAMBLIN' RICK'S BIG BLUEGRASS BAND, que vai tocar logo após anoitecer, um pouco antes dos fogos.

De repente, River para. O palco está vazio, exceto pelos instrumentos posicionados em seus lugares. Ela aponta para o violão.

— É o tipo de violão que eu tinha — diz ela, forçando uma voz neutra.

Meu olhar vai de River para o palco.

— Ah, é? Ele é bom?

— O melhor — responde ela com a voz tensa. — Sempre quis ter um Gibson. Foi o melhor presente de aniversário da minha vida. — Ela morde a parte interna do lábio. — Agora nem adianta mais cantar sem ter um desses.

Respondo com um simples "hum", mas fico em silêncio. Não pergunto o que aconteceu com o violão. A resposta é óbvia. Todas as lembranças que ela compartilhou comigo não passam de cinzas.

Quando o sol começa a pensar em se pôr, vamos de carro até o estacionamento que fica na entrada das trilhas da Montanha McDowell.

— Vai, Evans, conte logo — diz ela enquanto carrego as cadeiras e a bolsa dela pela trilha. — Isso é um truque? Como conhece este lugar secreto pra ver os fogos?

— Por causa da minha mãe, na verdade — falo. — Num dos nossos primeiros verões aqui, tentamos assistir à queima de fogos com a multidão. Foi péssimo. Eu era pequeno e chorei o tempo todo, meu pai reclamou que eu estava fazendo barulho demais, e demoramos horas para voltar ao carro, de tanta gente que tinha. Minha mãe fez muitas trilhas nesta montanha no inverno daquele ano, então, no Quatro de Julho seguinte, ela trouxe a gente para cá. Sem multidão, vista ótima. Ela passou o inverno inteiro procurando o lugar perfeito. — Abro um sorriso discreto. — É um segredo da família Evans. Guarde-o bem.

Ela finge que está fechando um zíper sobre os lábios, indicando que não contará para ninguém.

— E eu *não* vou morrer, certo? — pergunta ela ao sairmos da trilha, fazendo exatamente o que todas as placas dizem para *não* fazer.

— Pode confiar em mim — digo, estendendo a mão.

Os últimos raios de sol estão sumindo no horizonte quando pegamos um caminho que faz a curva em torno da montanha. À nossa esquerda, há um penhasco de não sei quantos metros.

Porém, assim que fazemos a curva, River fica de queixo caído.

Chegamos a um trecho plano de pedra com vista livre a partir da montanha, grande o suficiente para armar uma barraca e dormir sob as estrelas. Começo a ajeitar as cadeiras e uma manta. Ela vai até a beira e olha o festival lá embaixo, maravilhada com a vestidão do deserto que se estende até o horizonte.

— Meu Deus, Santos — digo com a voz assustada. — Sai da beirada.

— Não estou nem perto! — protesta ela, apontando para o espaço de quase um metro entre ela e o penhasco.

— Já é perto demais pra mim — resmungo, segurando sua mão para puxá-la de volta. — Sou jovem demais pra infartar.

Ela revira os olhos e me deixa puxá-la para a área onde arrumei nossas mantas e as cadeiras lado a lado. Nos acomodamos, e as primeiras estrelas cintilam no céu púrpura. É possível ouvir os sons dos instrumentos de corda sendo afinados.

— Olha só, é a velha Ramblin' Rick's Big Bluegrass Band — comenta River com um sotaque do Oeste surpreendentemente sensual. Demoro um instante para recuperar a voz.

— Hum, até que eu gostei, hein! Santos, vaqueira do campo. — Ergo a sobrancelha. — Você tem um chapéu? Ou, melhor ainda, um chicote?

Ela cora e joga uma garrafa de água em mim, que eu pego no ar.

A banda começa a primeira música, e paro no meio de uma risada para olhar o festival. Eu conheço essa música. Sinto uma dor súbita no corpo inteiro. Acho que não estou disfarçando muito bem, pois River estende a mão e toca no meu braço. É um gesto tão delicado e suave — *ela* é tão delicada e suave — que as palavras começam a sair da minha boca.

— Essa música… Minha mãe cantava essa música quando cuidava do jardim. Pena que eles estão tocando a versão instrumental. Aposto que, se eu ouvisse a letra, lembraria o nome da música — murmuro.

Por que não consigo lembrar a letra? Por que é tão importante me lembrar disso de repente?

Os dedos de River se mexem ansiosamente no seu colo.

— Eu sei a letra — diz ela em voz baixa.

— Sabe? — sussurro, tentando não expressar o anseio na minha voz.

Ela assente.

Ainda bem que a noite já caiu. Que a única luz está vindo das estrelas e da lua. Do brilho suave da iluminação lá embaixo. Já estou me sentindo exposto demais aqui, com os nervos à flor da pele. Estou abrindo meu coração para ela, e não sei se deixá-la entrar vai me curar ou me ferir.

No entanto, sendo sincero comigo mesmo, minha caixa torácica não passa de uma cerca baixa para River. Já faz tempo que ela fez do meu coração o seu lar.

A questão é: será que *eu* poderia ser um lar para ela?

Antes que eu surte, vejo River inspirando fundo. Ela fecha os olhos e ergue a cabeça. Em seguida, começa a cantar.

Desde o momento em que a primeira palavra sai de seus lábios, eu me rendo. Sua voz é lindíssima. É forte, doce e triste. O tipo de voz que acaba com brigas, que faz os dois lados largarem as armas com lágrimas nos olhos.

Ouvi-la cantar essa música tão antiga me devolve partes de mim mesmo. Fragmentos de lembranças surgem em minha mente. Lembro-me da terra debaixo das unhas da minha mãe depois de ela cuidar do jardim. Lembro-me do cheiro de calor do sol e de suor que ela emanava ao entrar na cozinha para lavar as mãos, sorrindo. Eu me lembro de tudo.

Uma vez, minha mãe disse que essa era "a primeira música de caubói romântica", mas, enquanto River a canta, me pergunto como poderia ser considerada uma música romântica. A letra só fala de *perder* a pessoa amada. É repleta de saudade. A mensagem da música é simples: *Por favor, não vá embora.*

— "*For you take with you all of the sunshine*" — canta River —, "*that had brightened our pathway a while*".

Você leva consigo toda a luz do sol, que iluminou nosso caminho por um tempo. Me levanto para dar uma olhada no penhasco, incapaz de continuar sentado. *O que acontece quando o caminho escurece?*, penso. *Vale a pena ter um pouco de luz do sol, para depois sofrer com a sua perda?* Eu me viro para River, e fico aliviado porque seus olhos estão fechados.

Será que vou sobreviver quando você levar embora toda a luz do sol, River?, penso. *Quando você finalmente descobrir quem sou?*

E enfim me deixar?

River termina de cantar e abre os olhos enquanto a última nota se espalha pelo ar. Será que ela consegue ver pela minha expressão o quanto sua beleza acaba comigo? Que sua voz é tão perfeita que partiu meu coração? Que sua voz é tão perfeita que ela própria o curou de volta?

Ficamos em silêncio por alguns segundos. O Deserto de Sonora se estende ao nosso redor, e as silhuetas das outras montanhas se erguem mais à distância. Na quietude, de repente lembro o nome da música: "Red River Valley."

Esta parte do Arizona é chamada de Vale do Sol. E agora River e eu estamos aqui juntos para lamentarmos a morte de todos aqueles que nos deixaram sozinhos neste vale, levando consigo o amor e a luz que emanavam.

Por favor, não vá embora, suplica meu coração enquanto olho nos olhos tristes de River. *Eu nunca mais serei capaz de te deixar ir.*

Emocionado, me aproximo dela e seguro suas mãos.

— Caramba, River… isso foi… sua voz… — Olho impotente para as estrelas brilhando. — Jamais imaginei que eu sentiria algo assim.

Seu lábio treme, e ela encosta a testa na minha.

As palavras pesam na minha língua. Palavras que são intensas demais. É cedo demais para elas. Tentam subir, escalando do meu coração à minha boca. Engulo-as de volta.

Um som agudo chama nossa atenção. Viramos as cabeças a tempo de ver os primeiros fogos explodirem no céu, com o estouro ressoante vibrando em nossos ossos. Uma cascata dourada se espalha pela noite, e depois outro silvo se transforma em uma chuva de luzes vermelhas.

— Nunca vou me cansar de ver isso — sussurra ela. — São de tirar o fôlego.

— Pois é — sussurro com o olhar fixo apenas nela. — São mesmo.

Nos aproximamos um do outro na mesma hora, como ondas do oceano batendo uma na outra. O ar cheira a pólvora e fumaça, e ela segura meu rosto entre as mãos e me beija. Fico surpreso com seu jeito brusco, desesperado. Eu me entrego, colocando os braços ao seu redor, beijando-a com mais intensidade. Ela tem gosto

de algodão-doce e canela. É inebriante. Nunca vou me cansar.

— Não acredito que posso ficar assim com você — murmuro contra os seus lábios.

Ela puxa minha camiseta pela cabeça, e tiro seu vestido com um movimento rápido, até nos transformarmos em um emaranhado de beijos, seminus e caóticos. Quando ela enfim me toca, me toca de verdade, aninho a cabeça em seu pescoço.

— Nossa — sussurra ela.

Seu toque é *mágico*.

— Você nem faz ideia — deixo escapar um gemido febril.

Nos deitamos na manta, e nos posiciono de modo que fico por cima dela, beijando-a, até que lentamente, bem lentamente, meus dedos deslizam para dentro de sua calcinha e encontram aquele ponto onde adiciono uma pressão deliciosa. Sinto o ar morno na minha pele nua, e estou apenas meio consciente de que estamos ao ar livre, de que tem uma multidão de milhares de pessoas lá embaixo, com a agitação delas ecoando à distância. Mas aqui, no alto de nosso ninho, parece que River e eu somos as únicas pessoas do mundo. Tudo se limita aos seus lábios nos meus, aos meus dedos se mexendo contra ela. Ela emite sons desesperados, ficando ainda mais excitada, e isso me deixa desesperado também. Meus beijos ficam mais intensos. Mais bagunçados. Acelero o ritmo dos meus dedos contra ela.

— Isso é tão, tão… — River fecha os olhos, perdida no êxtase.

— Não, River — suplico. Meu polegar acaricia sua bochecha. — Fique comigo. Olhe pra mim. Fique comigo.

Ela abre os olhos e se pressiona contra meus dedos enquanto eu os giro em círculos.

— Mais — ofega ela, e eu quase desmaio.

Quando ela se arqueia para cima, esfregando o quadril no meu, digo seu nome já sem fôlego e encosto a testa na sua. O suor desliza em minha pele, e estou arfando na sua boca. Seus braços tremem, enroscados no meu pescoço, e seus dedos brincam com os cabelos na minha nuca. Ela mexe o quadril contra o meu mais uma vez.

— Assim? — sussurra ela.

— Sim. — Beijo sua boca. — Meu Deus, assim mesmo. — Lambo os lábios. — Deixa eu tentar uma coisa. Me avise se for demais pra você. — Então deslizo o dedo para dentro dela. Primeiro um, depois outro. — Tudo bem? — Solto um gemido, quase arrebatado pela sensação.

Ela faz que sim com a cabeça, com os lábios entreabertos, mas incapaz de falar.

— É tão bom te sentir — digo com a voz rouca. — Meu Deus, River, eu quero isso, eu quero você, para sempre.

— Você ama isso — sussurra ela. — Está obcecado.

Meus quadris tremem ao ouvir a necessidade em sua voz.

— Sim. — Ofego em sua boca. — Talvez eu esteja mesmo.

Sua risada se transforma em um gemido quando minha mão acelera contra ela, dentro dela.

— É tão bom te sentir, River. — E é mesmo. É muito, muito bom. É bom *demais*. — Eu amo isso. Mais do que deveria…

Estou perdendo o controle, mas não ligo.

Ela se ergue e me beija.

— Amo saber que você ama isso — diz ela com a voz tensa, ofegando.

— Você é minha, você é perfeita, River — respondo, e as palavras a desmancham.

Acima de nós, o céu explode. Ela está perto do êxtase, estremecendo nos meus braços. Eu a beijo quando ela alcança o prazer, perplexo com o milagre que ela é. Ela diz meu nome várias e várias vezes, e não quero esquecer esse momento nunca — o céu se estilhaçando lá no alto, a explosão de faíscas deslumbrantes que refletem nos olhos de River, sua mão apertando a minha, nós dois transformados para sempre.

capítulo 23

river

Logan

Só estou dizendo que tem algo muito errado com você se acha que um eletropop com auto-tune pode ser considerado uma das melhores músicas da história.

River

Diz o cara que tem como instrumento preferido o acordeão.

Logan

Mas que absurdo.

Logan

Isso era pra ser um segredo meu, seu e do Malhadinho.

Logan

Mas falando sério. Folk, jazz, tango, merengue… tudo isso precisa de acordeão. Você não pode negar que é o instrumento perfeito. Além disso, ele é magnífico!

River

Cara. Você vai me trocar por um acordeão?

Logan

Engraçadinha. Acho que gosto deles por causa da minha mãe. Ela

adorava o Weird Al.

Logan

A gente ficava ouvindo os medleys de polca dele sem parar quando ela ficou doente. Ela ria muito com aquilo.

Doente? É a primeira vez que ele diz algo sobre como a mãe morreu. Ficamos mais próximos nas últimas semanas, mas sinto que falar de sua mãe é como pisar em um campo minado. Por mais que eu esteja louca para fazer perguntas, digo a mim mesma que, quando estiver pronto, ele vai me contar. Assim, falo um pouco mais do meu próprio passado.

River

Eu entendo. Meu pai adorava colecionar vinis. A banda favorita dele era o ABBA. Ele nos levava pra assistir a bandas cover quando tinha show aqui na cidade e ficava gritando a letra de "The Winner Takes it All" mais alto do que todo mundo.

River

É por causa dele que sou uma esquisitona que gosta mais de músicas antigas do que das que tocam no rádio hoje em dia. Mas ele também era durão. Meu pai morreria de vergonha se os outros ficassem sabendo das nossas coreografias do ABBA. Toda vez que eu tocava uma música deles, testando violões na loja de música, ele disfarçava a empolgação.

Logan

Tive uma ideia. Que tal eu te levar lá no Guitar Center pra você finalmente terminar a minha aula de violão?

River

SIM.

Logan

Perfeito. Faremos covers do ABBA no primeiro show da dupla Santos &

Evans.

River

SIM, VOCÊ VAI AMAR.

Logan

Pro seu próprio bem, vou fingir que seu teclado travou no caps lock.

Logan

Mas sim. Vai ser legal. Estou animado. 😊

— *Sim, Tita Anna, estou adorando nosso dia juntas! Eu te amo tanto!*

A imitação debochada de Tita Anna tira minha mente da troca de mensagens com Logan e me traz para o momento presente, no carro dela, a caminho do centro comercial. Faz um tempão que não saímos juntas, então, diante de seu convite para passar na livraria e comprar alguns livros sobre a Itália, topei na hora.

Mas então me distraí conversando com Logan.

— Ah, valeu, River. Também te amo. Muito gentil da sua parte dizer isso. — Ela dá a seta e confere os dois lados antes de virar à esquerda.

— Tita, está tudo bem?

Ela põe a mão no peito e finge arquejar.

— Meu Deus, *olá*, Vossa Majestade! Que gentileza sua parar um instantinho para se dirigir a sua súdita. — Não tem irritação na sua voz, e ela está sorrindo sarcasticamente. Ainda assim, fico me sentindo meio mal.

— Desculpe. — Dou uma risada. — Logan e eu estávamos fazendo planos para sexta-feira, depois do trabalho.

— Ah. — Ela assente. — Logan, o Sr. Silencioso e Fatal.

— Tita! — Bato em minha perna. — Ele é gato demais para ser descrito como um peido!

— Mas é exatamente isso que estou querendo dizer! Quando um rapaz é bonito demais, é problema na certa. A beleza faz você não perceber as bobagens que eles fazem. E aí, quando você vê, já é tarde demais! Silencioso. Fatal.

Reviro os olhos.

— Realmente, está ajudando muito — digo.

— É sério! Aprenda com meus erros, minha jovem. Não pense apenas em beleza. Escolha um rapaz bom. Ainda mais se ele for como o Animal, dos Muppets.

Faço uma careta.

— Como é que é?

— O Animal é o homem perfeito, River! Ou o Muppet perfeito. Dá no mesmo. Ele é intenso, é artista e compensa a falta de vocabulário com *emoções*. Posso falar muito mais sobre esse tópico.

— Por favor, não.

Ela joga a cabeça para trás e ri. É uma risada encantadora, que vem do fundo da garganta. Depois ela põe a mão no meu joelho.

— Desculpe, desculpe. Vou parar. — Ela balança a cabeça. — Estou brincando. Mas falando sério agora… — Tita Anna abre um pequeno sorriso. — Não importa qual é a causa, tem sido ótimo te ver tão feliz assim. Faz tempo que isso não acontece. Eu meio que tinha esquecido como era a River feliz. — Ela estende o braço e pega minha mão. — Não que você deva se sentir pressionada a estar feliz o tempo todo. Eu apenas… bem, você sabe o que eu quis dizer.

— Sei, sim. — Também aperto sua mão. — Obrigada.

Ela assente.

— Parece que as coisas finalmente estão mudando, sabe?

— Sim — Dou um sorriso. Apesar de ter tantas coisas não resolvidas na minha vida, hoje foi a primeira vez em muito tempo que pulei da cama de manhã me sentindo animada.

— Vamos pelo caminho mais bonito — diz Tita Anna, de um jeito casual.

— Uhum… — respondo, já ciente de onde estamos.

Percebi para onde estávamos indo pouco tempo atrás, quando ela saiu da rodovia. Estamos chegando em Canyon Crest Village, um bairro que fica no centro do Distrito Histórico. Tita Anna sonha em construir uma vida aqui.

Passamos devagar pelas fileiras espaçosas de belas casas cor de terracota, os jardins repletos de opúncias e arbustos de lavanda do deserto. Abaixamos as janelas do carro e apreciamos a vista da Montanha Camelback. O ar quente entra no carro, trazendo consigo os cheiros de salgueiro e de flores cítricas.

Tita Anna pisa no freio, fazendo o carro parar bruscamente.

— Tita! — exclamo, assustada. Vejo que ela está olhando uma placa de VENDE-SE na frente de uma das casas mais bonitas que vimos até agora.

— Nossa — suspira Tita Anna.

Fico sem reação diante do belo jardim, cheio de cactos e flores silvestres, e da varanda grande o bastante para acomodar dois bancos suspensos. Tita Anna ajeita os

óculos, ansiosa, e se debruça por cima de mim para olhar melhor.

— Então vamos lá — diz ela, animada. — Suponha o seguinte: é sábado de manhã, e acabei de ver o dia amanhecendo no meu pátio coberto lá atrás. Agora estou terminando de tomar meu café na varanda da frente. — Tita Anna aponta para um dos bancos suspensos balançando com a brisa. — Enquanto isso, planejo o que vou comprar na feira que acontece cedinho lá no centro, e Malhadinho cochila preguiçosamente ao meu lado.

— Ei — protesto. — Malhadinho é o *meu* gato.

— A fantasia é *minha*, River. — Tita Anna funga. — Tenha um pouco de respeito. — Ela faz uma pausa e fica pensativa. — Acha que o quintal é grande o bastante para um cachorro? Não um grandão, mas um vira-latinha médio chamado Balut. — Antes que eu consiga responder, ela se encosta de novo no banco e fecha os olhos, balançando a cabeça. — Ai, preciso parar. Estou me empolgando demais. — Ela engata o carro novamente, e nós seguimos pela rua.

— Tita… — Olho para trás. — Sabe, isso não é *tão* impossível assim…

— Xiu, River. Já basta. Foi divertido pensar nisso, mas você sabe o trabalhão que dá ter uma propriedade? — Ela ri com ar de zombaria. — Vá por mim: se a sua privada quebrar, você vai chegar à conclusão de que preferia estar morando de aluguel.

É difícil não me deixar ser levada pela fantasia de Tita Anna. Seria legal morar em um lugar onde Malhadinho pudesse viver com certo luxo. Um espaço que nos inspirasse, e não nos exaurisse. Penso no dinheiro da vaquinha e, pela primeira vez, cogito gastá-lo com algo que alegraria Tita Anna.

Estou tão absorta nos meus pensamentos que só percebo para onde Tita Anna está me levando quando já é tarde demais.

— Ah — digo ao passar pelos prédios de tijolos rosados e lojinhas pitorescas. — Por algum motivo, achei que a gente ia na livraria Barnes & Noble's perto do Fry's.

— Pensei em ir lá — diz Tita Anna. — Mas queria comer ovos beneditinos hoje, então estava a fim de um brunch depois das compras. Você já foi ao Sunny's alguma vez?

— Já — digo com voz fraca. — Já fui, sim. — Os donos sabiam até meu nome.

— Está tudo bem, River? — Tita Anna me lança um olhar de preocupação. — O que foi?

— Desculpe. É que minha mãe me levava muito ao Sunny's quando eu era pequena. — Aponto para a livraria em cujo estacionamento estamos entrando. — E aí na Story Haven também. Bateu saudade dela.

Muita saudade.

Fico imersa em pensamentos da época em que minha mãe e eu saíamos, a mesma época em que tínhamos uma casa para a qual voltar, onde encontraríamos meu pai em silêncio na cozinha enquanto fazia anotações para o trabalho.

— Puxa, Riv, desculpe. Eu devia ter perguntado antes. — Tita Anna engata a marcha a ré, mas seguro sua mão.

— Não, não, sem problema. Sinceramente? Acho que vai me fazer bem.

Tita Anna ergue as sobrancelhas enquanto alinha o carro e estaciona.

— Tudo bem, minha pequena mestre zen. Você é uma pessoa melhor do que eu. — Ela respira fundo. — Ainda é difícil para mim pensar no Jay.

Estendo o braço e pego sua mão de novo.

— Pra mim também, Tita.

Mais ainda por todas as coisas que ainda não sei.

O vento frio do ar-condicionado nos cerca assim que entramos na Story Haven. Minha mãe e eu adorávamos esse lugar. Não apenas para fugir dos verões do Arizona: os donos realmente têm muito bom gosto. Ou, pelo menos, minha mãe achava isso, devido à preferência deles por qualquer tipo de romance. Já eu adorava os sofás bem estofados, o balcãozinho com chás nos fundos e os cantos acolhedores para passarmos horas relaxando e lendo.

Agora, passando pela mesa com lindos marca-páginas, não penso em pedir um *matcha latte* ou se meu sofá predileto está vazio. Não estou pensando na Itália, nem nos livros que devo comprar.

Depois de ouvir Tita Anna mencionar o nome do meu pai, penso na conversa que eu gostaria de ter com ela. Desde que visitei o cofre no banco, tentei mencionar os bilhetes algumas vezes, mas nunca havia um momento bom para ela… ou para mim. E, bem, fiquei um tanto distraída pelo garoto com o melhor beijo do mundo.

Estou considerando uma abordagem diferente.

Tita está folheando *Comer, Rezar, Amar* quando chego perto dela.

— Tita, se não me engano, ela só passa um terço do livro na Itália.

— Ah, é? — Ela franze o rosto. — Eu só quero comer uma pizza que seja tão boa a ponto de eu querer namorar com a massa. Não é isso que ela diz? Que namora com as pizzas? — Ela devolve o livro à estante, suspirando. — Eu só vi o trailer do filme.

Passo o indicador nas lindas lombadas coloridas.

— Tita, tenho uma pergunta. É meio… aleatória — começo.

— Oi?! — Tita gesticula para si mesma com tanto vigor que seus óculos escorregam no nariz. — Você não me conhece? — Ela tira um livro da prateleira chamado *Caminho do Pecorino: provando os queijos de cabra da Itália*. — Meu Deus,

que tal fazer *uma rota do queijo*?

— Hum… — Semicerro os olhos. — Você não tem intolerância a lactose?

— Xiu, a Itália não sabe disso, nem os queijos. — Ela balança a cabeça. — Desculpe, Riv. Faça sua pergunta.

— Ah, é — hesito. Cacete, *por que isso é tão difícil*? — Acho que… estou pronta para ouvir mais histórias sobre meu pai.

O rosto de Tita Anna é tomado por uma expressão de surpresa.

— Ah.

— E, tipo, eu quero saber todas. As boas, as ruins. Eu simplesmente quero mais *dele*, mesmo que você ache que posso ficar chateada. Tem muitas coisas que eu queria ter perguntado quando ele ainda estava aqui.

Não estou mentindo. Eu cavaria um buraco numa porta de granito com as unhas se isso fosse necessário para saber mais sobre meu pai.

E, por acaso, também estou procurando respostas para as estranhas peças do quebra-cabeça que não consigo montar, especialmente em relação aos papeizinhos estranhos no cofre do banco.

Tita Anna abre um sorriso gentil. Carinhoso.

— Sim, Riv, com certeza. Tudo bem. Acho mais fácil você me fazer perguntas. Senão, nem vou saber por onde começar.

Aceno com a cabeça enquanto andamos pela seção de viagens.

— Ok. Bem… Como foi crescer com ele?

— Não saberia te dizer. — Ela franze o rosto. — Desculpe. Sua *lola* e seu *lolo*, seus avós, se mudaram para Phoenix com Jay quando ele tinha dois anos. Minha *nanay* foi chamada para um ótimo emprego de enfermeira em Nova Jersey, então foi para lá que *meus* pais imigraram. — Ela suspira. — Por causa do trabalho e do dinheiro, ou da *falta* de dinheiro, nossas famílias não conseguiam se visitar. Mas terminamos compensando o tempo perdido depois. Meus pais decidiram voltar para Bacolod para cuidar da minha bisavó, da minha *lola sa tuhod*, anos depois de a sua *lola* voltar para Baguio, e decidi estudar na Universidade do Arizona. — Ela se alegra. — Quando me mudei para Phoenix, você tinha quatro anos de idade. E já era um pesadelo. Mas, garota, como eles te amavam!

Sinto um pequeno aperto no peito.

— Então quando eu era pequena… ele era uma boa pessoa.

— Ora, *óbvio*. — Tita me olha de soslaio. — Bem, ele não era *perfeito*. Ninguém é. E não convivi com ele antes de seu período de sobriedade, então não sei nada sobre os anos anteriores. — Ela dá de ombros. — Fiquei muito feliz por voltar a ter contato com Jay. Ficamos mais próximos porque éramos dois filipinos adultos

que não sabiam falar tagalo. Até hoje dizem que sou uma falsa filipina. — Ela suspira. — E não estou dizendo essas coisas só porque ele é meu primo.

Ela para de andar e me encara, com seus olhos sérios maiores por causa dos óculos.

— Também não vou dizer isso só porque ele faleceu: seu pai realmente era um homem incrível. Bom, você sabe muito bem quanto ele se dedicava ao pessoal do A.A. e que ele era um pilar do grupo daqui. E *quantas vezes* ele foi eleito "Técnico do Ano" mesmo? — Sua voz se suaviza. — Ele também era assim em casa. — Ela ergue a sobrancelha para mim. — Seus pais te contaram que uma vez você jogou uma nota de cem dólares na privada, com quatro anos de idade?

— *Hã?* Eles disseram que foi uma nota de vinte dólares!

— Nada disso, menina. Foram cem dólares. — Tita faz um gesto como se estivesse dando descarga e imita o barulho. — Eu tinha ido jantar lá. Sua mãe surtou. Achei que ela ia tentar jogar *você* na privada. Mas seu pai não gritou. Ele conversou com você com calma, e pra falar a verdade, parecia ter até achado graça. Eu te amo muito, Riv, mas naquele momento fiquei mais do lado da sua mãe. Foi uma época em que ela não estava conseguindo tantas faxinas.

— Meu Deus, estou com vontade de *vomitar*. — Franzo o rosto. Foi doloroso ouvir isso, mesmo tantos anos depois. Nem consigo imaginar o quanto meus pais precisavam daquele dinheiro.

— Desculpe, sei que não é uma história legal. Mas, ao mesmo tempo, meio que é… Você explicou para o seu pai que, se o papel higiênico pode ser jogado na privada, então todo tipo de papel também poderia ser jogado lá. Assim que ele te ensinou a diferença, tudo se resolveu. O lema dele era: "Nunca é culpa da criança de quatro anos." O que está feito, está feito. Tudo o que podemos fazer é aprender. Ele era assim. — O rosto de Tita Anna fica sério. — Uma coisa eu admito: naquele primeiro ano, eu pensava que ele apenas se fazia de bonzinho por aparência ou algo assim. Mas, depois de morar com vocês por um tempo, enquanto eu juntava dinheiro para conseguir morar sozinha… Percebi que seu pai era bom de verdade, River.

As palavras dela deveriam me trazer alívio, gratidão. Porém, tudo que sinto é um emaranhado de emoções confusas no peito me apertando cada vez mais, se enrolando cada vez mais.

— Tita, *será* que existe alguma história sobre ele que nem eu nem você saibamos?

— Acho que não, River. — Ela suspira. — Sinceramente, se fosse para me preocupar com alguém, eu me preocuparia com sua m… — Tita Anna fica tensa e

não termina a frase. Ela balança a cabeça. — Ai, esquece o que eu disse.

— O que tem minha mãe, Tita? — pergunto calmamente, embora meu coração esteja acelerado.

Ela balança a cabeça de novo.

— Cacete, eu e minha boca grande. Sua mãe é legal. Ela é gente boa. Bem, desconsiderando seu comportamento atual. Desculpe, Jay não gostava quando eu falava mal dela. É que nunca aceitei muito bem isso de uma mãe *escolher* abandonar a filha durante *meses*, só para se esconder da realidade, fazendo trilhas. Longe de mim querer julgar alguém que tem problemas de saúde mental. Só acho que não foi justo ela fazer isso com você naquela época, e é menos justo ainda ela fazer isso com você agora.

Mordo o lábio, refletindo sobre tudo que Tita Anna disse. Respiro fundo.

— E meu pai… ele era só um cara incrível mesmo?

— Lamento informar, mas sim. — Ela assente formalmente.

Fico inquieta por um instante, depois decido arriscar:

— Tita. Lá no banco, naquele dia, não encontrei apenas objetos com valor sentimental.

— Como assim, River?

Mostro as fotos que tirei dos bilhetes do cofre. Imagino que ela vai ficar tão chocada quanto fiquei, mas ela só pressiona os lábios em uma linha fina.

— Seu pai fez de tudo para te proteger de todas essas bobagens. Depois que sua mãe sumiu, algumas pessoas acharam que… — Ela abaixa os ombros. — Bem, algumas pessoas acharam que ele estava envolvido.

Sinto um aperto no coração.

— Você acha que…

Não sou capaz de terminar a frase, muito menos de enunciar em voz alta o pior cenário possível.

Tita Anna balança a cabeça com firmeza.

— Não, de jeito nenhum. É apenas um monte de baboseiras. Não deixe esses imbecis fazerem você pensar que seu pai não era um homem que amava a filha e a esposa mais do que qualquer outra pessoa do mundo.

— Por que ele guardaria esses bilhetes?

Tita Anna dá de ombros e solta um suspiro.

— Ele deve ter guardado como provas, caso precisasse contar à polícia.

Não pareço muito convencida, então ela emenda:

— Escute, as pessoas não são apenas uma coisa, não têm apenas um lado. Mas seu pai *se importava* em fazer a coisa certa. E suas ações sempre condiziam com isso.

Assinto devagar.

— Então meu pai…

— Era um homem melhor do que o Animal dos Muppets. — Tita Anna aperta meus braços. — Você tem *alguma* ideia do quanto me dói dizer isso? Seu pai era bom *nesse nível.*

Solto uma risada.

— Está bem. Entendi. Obrigada, Tita.

Ela sorri aliviada.

— Está se sentindo melhor agora?

Faço que sim, e acho que estou mesmo. Demoro uns instantes para assimilar tudo, porém, até o momento, tudo faz sentido. Afinal de contas, eu sabia que a polícia tinha interrogado meu pai. Só não tinha me dado conta de que outras pessoas podiam pensar que ele fez mal à minha mãe. E quanto ao fato de só haver informações sobre ele na internet a partir de 2002, talvez isso tenha uma explicação igualmente simples: as coisas eram diferentes naquela época, antes das redes sociais, e pessoas comuns não tinham uma presença forte no mundo digital.

No entanto, meu alívio está acompanhado de uma pitada de raiva, e, pela primeira vez em meses, a raiva é direcionada a minha mãe.

Você sabe o caos que deixou para trás? Sabe o que o seu desaparecimento fez com meu pai? E comigo?

Essas são as perguntas que eu gostaria de lhe fazer.

Mas, no momento, só posso direcionar minha raiva para o imenso vazio causado pela sua ausência.

Para minha filhota,

Sempre que faço uma trilha, começo a filosofar. É parte do meu processo, é como assimilo minha tristeza e os sentimentos que nem sempre entendo.

Passei muito tempo me perguntando se as pessoas são capazes de mudar. Ou se somos criaturas fixas, invariáveis, tão firmes e imóveis quanto as rochas vermelhas ao meu redor.

É bom pensar que as pessoas podem mudar. Que podemos nos livrar das piores partes de nós mesmos, das piores coisas que já fizemos. No entanto, não sei se isso é mesmo possível. Não importa para onde a gente vá, nunca dá para escapar de quem somos.

Eu sei disso mais do que ninguém.

Passei metade da vida me perguntando se seu pai desenterraria as raízes do que lhe causava dor, as raízes que o faziam querer afogar o sofrimento em imprudência. Mas acho que aquilo que somos está sempre ali, nos acompanhando como sombras, prontas para se revelar, por mais que tentemos escondê-las.

Sempre sinto essas sombras dentro de mim. E se tem uma coisa que me consola é a esperança de que talvez sua vida seja melhor sem que eu e seu pai encubramos você com as nossas.

Com amor,
Mamãe

capítulo 24

river

Alguns dias depois, Tita Anna me acorda batendo forte na porta do meu quarto, arrastando uma mala arrumada atrás de si e exibindo uma expressão de culpa no rosto.

— Desculpe. Viagem a trabalho de última hora. O cliente está surtando em Nova York. Preciso ir até lá pra ficar de babá do pessoal por uma semana.

— A semana inteira? — exclamo, afastando o edredom e jogando os braços ao redor dela.

— Vai ser só uma semana longe — resmunga ela quando a abraço mais apertado. — Prometo que não vai acontecer nada em sete dias, minha amiga.

— Traga alguma coisa legal para mim — digo para disfarçar o quanto estou me sentindo carente.

— Trago, sim. Veja se a Tawny não quer vir pra cá mais tarde. Ver um filme e tal.

— Vou sobreviver. Tawny vai sair com um universitário. Ou *dois*, talvez — digo com um sorrisinho. O passeio de barco tinha sido tão bom que Tawny não conseguiu decidir de quem ela gosta mais.

Tita Anna ri e me dá outro abraço rápido antes de sair.

Assim que tranco a porta do apartamento depois que ela vai embora, a casa vazia parece uma caverna oca e fria. Sento no sofá e começo a mexer no celular, me sentindo abandonada. Apesar de eu não ter respondido à sua última mensagem, Noah me mandou outra hoje, cerca de uma hora atrás.

Noah

Vai trabalhar hoje? Estou com vontade de comer waffles. Sem a companhia do esquisitão do meu pai desta vez.

Por que ele não se toca? *Eu* tive que me tocar sete meses atrás. Sim, admito que precisei da ajuda de Tawny para isso, que monitorou todas as minhas mensagens e

chamadas durante semanas, mas me toquei no final.

Ignoro a mensagem e procuro a conversa que me interessa.

River

Tita Anna teve que fazer uma viagem a trabalho de última hora. Agora estou triste, carente e faminta.

Logan

Eu até iria te buscar aí, mas estou ocupado cozinhando um prato especial (que era surpresa) pra você.

Meu Deus, a euforia que sinto ao ler a mensagem é inebriante.

Logan

Então… surpresa! Vai se vestir. Vou mandar um Uber chique pra te buscar.

Quem imaginaria que o garoto-sexy-demais-para-ser-príncipe-da-disney enviaria uma carruagem para *mim*?

AGRADEÇO AO MOTORISTA do Uber enquanto saio da BMW na frente do prédio de Logan. Ajusto meu vestido preto simples. Meu cabelo está ondulado e solto. Não consigo parar de sorrir. Não é com muita frequência que me sinto sortuda ou como uma adolescente "normal".

Hoje estou me sentindo as duas coisas.

Bato à porta de Logan, me perguntando se ele entende tanto de cozinha quanto meu pai ou se está mais para um nível Tita Anna de habilidades culinárias.

— Chegou na hora certa — diz Logan ao abrir a porta. — Ainda estou cozinhando, mas…

Ele para e me observa, deixando seus olhos correrem por todo o meu corpo.

— Caramba. — Ele agarra minha cintura, me puxa para perto e me dá um beijo intenso e ardente. — Posso pular o jantar e ir direto pra sobremesa?

— *Há*. — Estou ofegante demais para conseguir ser sarcástica. — O senhor me prometeu um jantar gourmet.

— "Senhor", é? Curti. — Ele limpa a garganta. — Estou preparando… eu… —

Ele balança a cabeça. — Como você quer que eu faça alguma coisa com você tão bonita assim na minha frente?

Sorrio com malícia enquanto ele volta à cozinha.

Tiro meus sapatos e largo minha bolsa, tentando identificar o aroma no ar.

— Está com um cheiro…

— Fantástico? — sugere Logan na frente de uma panela soltando fumaça no fogão. — De dar água na boca?

De queimado. Está com cheiro de queimado, na verdade. Ele e Tita Anna deveriam fazer um programa culinário… de comédia.

— *Interessante* — digo.

Logan ergue a cabeça depois de inspecionar as panelas e põe a mão no peito, de uma forma dramática.

— Ah, é? Então deixa eu ver se entendi direito. Enviei um carro pra te buscar, cozinhei um jantar gourmet, e você ainda tem a cara de pau de chegar aqui toda bonita *desse jeito*… — Ele gesticula na minha direção. — E criticar meus dotes culinários? Linda *e* cruel.

Reviro os olhos.

— O que você está preparando, seu dramático?

Ele dá de ombros, e vejo suas bochechas esculpidas corarem.

— Ah. *Era* para ser frango adobo. Vi um vídeo no YouTube um milhão de vezes hoje. Parecia o prato filipino mais fácil de se fazer. Mas talvez eu tenha usado o arroz errado.

Meu Deus do céu. Me derreto todinha.

A testa de Logan está coberta de suor, e seu cabelo espesso está bagunçado, como se ele tivesse passado os dedos entre os fios várias vezes. Não estou acostumada a vê-lo tão nervoso.

Quase digo as palavras proibidas. Aquelas que eu não deveria estar pensando, muito menos dizendo, mas que *certamente* sinto quase o tempo todo. Ainda mais agora, enquanto o vejo ir de um lado para o outro da cozinha, tentando, desesperado, preparar frango adobo para mim.

O inabalável Logan Evans está completamente abalado.

Não sei se eu estaria sentindo isso se ele tivesse preparado um banquete *kamayan* perfeito e o servido artisticamente sobre folhas de bananeira brilhantes.

Prefiro mil vezes Logan Evans queimando o arroz no fogão.

Eu me aproximo da entrada da cozinha.

— Posso ajudar?

— De jeito nenhum. — Logan me escolta de volta para o sofá. — Quero te

mimar. Então relaxe, deite aí no sofá e tente não ser tão gata. — Ele se aproxima para me dar um beijo e depois se afasta, parecendo sofrer com a ação. — Sei que é impossível, mas tente. Você está me distraindo.

Sempre fico feliz com a impressão de que talvez ele me deseje com a mesma intensidade que eu o desejo.

Quinze minutos depois, quando ele me entrega o prato de arroz e frango e se acomoda ao meu lado no sofá, preciso morder com força o interior da minha bochecha para não sorrir. É um desastre tão lindo. Pego uma colher e bato na pilha de arroz com ela. Parece que estou batendo em uma superfície sólida. Começo a tossir para disfarçar o riso que ameaça escapar de mim.

— Meu Deus. Seja sincera, por favor — diz Logan.

— Eu só preciso de água. Pare de surtar!

Pego meu copo na mesa de centro e tomo um gole. Logan tenta manter uma pose de quem não se importa, mas percebo sua ansiedade pela postura tensa e pela maneira como parece estar esperando minha reação, então pego um pouco de arroz e frango e ponho na boca.

Seu rosto se enche de esperança ao me ver mastigar ruidosamente uma comida que deveria ter textura mole. Engulo, sinto a comida arranhar minha garganta, e faço que sim com a cabeça.

— Uma delícia — digo.

Ele ergue as sobrancelhas.

— É mesmo? — Logan come um pedaço. Seu rosto fica sério enquanto ele mastiga devagar. Depois de engolir, ele se vira para mim com atenção. — Hum. Pelo jeito, você gosta *mesmo* de mim. Tipo, gosta *muito*.

— O quê? Por quê?! — Não sei por que fico na defensiva.

Ele se inclina em minha direção.

— Porque nenhum ser humano deveria comer isso. — Ele me dá um beijo carinhoso. — No futuro, não tenha medo de me magoar. Já sou grandinho. E vou pedir pizza pra gente.

DEPOIS DE NOS empanturrarmos com fatias gordurosas de pizza de muçarela, nos deitamos juntos no sofá.

— Ao que quer assistir primeiro? — pergunto, me espreguiçando. Como Logan não me responde, eu me sento. — Você está bem, Logan?

Ele está balançando a perna direita, e suas mãos batem nas coxas em um ritmo ansioso.

— Estou… estou sim. Muito bem. — Ele passa a mão no queixo. — Eu tenho

uma coisa pra você, na verdade. Queria apenas… quer saber? Vou pegar logo.

Dou uma risada quando ele se levanta e sai correndo para o outro cômodo.

— Feche os olhos — diz ele do outro cômodo.

— Não é pegadinha, é? — pergunto, hesitante.

— Sim, uma grande pegadinha. Como descobriu? Foi por causa dos cinegrafistas? — Percebo o sarcasmo da sua voz. — Tem como você só…

— Está bem! — Dou outra risada e fecho os olhos.

Solto um pequeno suspiro e, alguns segundos depois, um grande objeto de madeira é colocado no meu colo.

— Me dê suas mãos, minha linda — sussurra Logan, e estremeço ao ouvir sua voz grave.

Ele pega minhas mãos e posiciona no que parecem ser cordas de aço.

— O que…? — Abro os olhos e eles se enchem de lágrimas na mesma hora.

Estou segurando um belíssimo violão Gibson. Fico chocada, sem palavras, enquanto as lágrimas escorrem pelo meu rosto. Logan olha inquieto das minhas mãos para o meu rosto, pressionando o punho cerrado na boca.

— Tudo bem se não tiver gostado. Guardei a nota fiscal, e você pode trocar pelo que quiser. — Ele parece não saber o que fazer com as mãos. — Passei, tipo, uma hora conversando com a moça da loja. Ela disse que esse era o melhor. Sei lá, será que ela estava me enrolando? Não parecia. Mas será que estava?

Ainda não consigo falar. E se eu abrir a boca agora, certamente vou dizer o que não devo.

É impossível eu não dizer a Logan Evans que estou perdidamente apaixonada por ele.

— Ei, olha só — ele se agacha na minha frente. O azul de seus olhos me faz pensar em deitar na relva de um campo e observar as nuvens no céu. Seu rosto agora parece o de um paraquedista que saltou sem paraquedas.

Por que ele está apavorado, se sou eu que estou em queda livre, me apaixonando mais a cada segundo?

— Você não precisa cantar se não quiser, River. O presente não foi por isso. — Logan inclina a cabeça na minha direção, seu cabelo escuro tocando as sobrancelhas. — Sinceramente, se não quiser, você não precisa cantar nunca mais. Mas eu não queria que parasse de cantar só porque não tem um violão.

Observo a madeira brilhante do instrumento em minhas mãos. Nunca vi nada tão bonito.

Bem, exceto a pessoa que está na minha frente.

— Logan — sussurro —, isso é demais. Não posso aceitar.

Um violão desses custa milhares de dólares. Nem consigo imaginar quantos turnos na lanchonete seriam necessários para comprá-lo.

— Sei que não é novo em folha, mas está em ótimas condições. Ela fez um precinho *muito* camarada pra mim. Acredite se quiser, Santos, a maioria das pessoas me acha irresistivelmente charmoso. — Logan abre um sorriso arrogante e divertido.

Dou uma risada, atordoada pelo esforço que preciso fazer para conter minha confissão.

— Gosto não se discute — respondo, brincalhona. E então continuo, a voz séria: — Logan, eu…

— *River*. — Ele se levanta e encosta a testa na minha. — Nunca gastei dinheiro em algo tão legal assim antes. Se tivesse custado dez milhões de dólares, eu diria a mesma coisa. — Ele se afasta para me olhar. — Na verdade, primeiro eu perguntaria pra vendedora: "Como é que é? E por acaso esse violão era do Jimi Hendrix?" E depois eu gastaria toda essa grana e estaria convicto de que paguei uma pechincha para ver esse seu sorriso lindo. — Logan pega minhas mãos e as põe em cima das cordas. — Apenas experimente. Veja se você gosta.

Ao encostar nas cordas, um calor se espalha pelos meus dedos. Toco um acorde. O som é tão gostoso, a sensação é tão boa, que toco outro. Fecho os olhos de novo. Parece que estou em casa.

Quando os abro, Logan está ajoelhado na minha frente, o rosto tomado pela alegria e pelo nervosismo.

— E então? — pergunta ele, sem fôlego.

Ponho o violão do meu lado com cuidado.

— Tão ruim assim, é? Daqui de onde eu estou, pareceu ótimo. Juro, ótimo mesmo, e…

Antes que ele possa terminar, dou um beijo nos seus lábios.

— É perfeito — sussurro em sua boca. — *Você* é perfeito, Logan.

Ele me puxa para perto. Sinto seu alívio pela maneira lenta e doce como ele me beija.

— Que bom que gostou.

Gostei? Eu *amei*. É um gesto que demonstra que ele me aceita como sou. Preenchendo a lacuna entre quem eu era e quem sou agora. Um violão Gibson, a coisa preferida da antiga River. Mas é um presente dado sem nenhuma expectativa de que eu vá usar ou cantar.

Um presente que ele me deu só porque sabe que, no passado, um violão desses me trouxe alegria. Um símbolo de esperança — esperança de que o violão talvez

consiga me alegrar de novo no futuro.

— Eu tenho outra coisa pra você. É algo pequeno, então não se anime muito.

Logan ri e pega um pequeno embrulho marrom.

Eu abro o embrulho e vejo que o outro presente é um caderno roxo, com as seguintes palavras na capa: OS MAIORES SUCESSOS DE RIVER. Fico sem reação enquanto ele explica.

— Você disse que perdeu seu caderno de músicas no incêndio. Nunca vou poder substituí-lo, mas pensei que talvez… — Ele tamborila o dedo na lombada. — Talvez você fosse achar bom ter um desses no armário. Sabe? Só pra garantir.

Minha garganta se fecha. Olho para Logan, investigo seu olhar.

— Por quê, Logan? — sussurro, balançando a cabeça. — Por que está sendo tão bom comigo?

Logan faz um som gutural, incrédulo.

— *Por quê*, River? — Ele se aproxima ainda mais de mim. — Você não sabe mesmo?

Mal consigo respirar.

— Por favor, me diga.

O olhar dele é intenso, cheio de calor.

— Talvez seja porque você é uma das pessoas mais corajosas que já conheci. Ou talvez porque fico de coração partido quando te vejo chorando. Naquele dia, no freezer… — Ele balança a cabeça. — Precisei pegar uma laranja para conter a vontade de te abraçar. Foi uma tortura esse tempo todo fingir que não gostava de você, River. E agora sinto que consigo respirar de novo. Tudo o que eu quero é passar meus dias tentando aprender a cozinhar frango adobo, até acertar, só para ver você sorrir, nem que seja por dois segundos. — Ele segura minhas bochechas e me dá um beijo. — Agora você entendeu, River?

Antes que eu possa dizer alguma coisa, Logan está em cima de mim, me beijando por toda parte — meus lábios, meu pescoço, meu queixo, meu maxilar —, e meu corpo é tomado pelo prazer. Ele me coloca de pé, derrubando o caderno que estava no meu colo, e me guia para o seu quarto. A única luz vem do luar que se infiltra por entre as persianas. Ele recua um pouco, sorri suavemente nos meus lábios e diz:

— O que estou tentando dizer, River, é que eu te amo. Eu te amo tanto que é frustrante, de uma forma que pode salvar ou arruinar a minha vida.

Mal consigo respirar. Sinto como se meu coração tivesse sido aberto no meio e se transformado, contraindo-se tanto que muda de forma.

— *Logan*.

Essa única palavra é tanto uma resposta quanto uma súplica. Meu corpo foi tomado pelo desejo. Agarro sua camiseta e o puxo junto comigo para a cama, com seu corpo em cima do meu. Pego sua mão e a deslizo para debaixo do meu vestido, levando seus dedos para a beira da minha calcinha de algodão.

— Por favor — sussurro, querendo sentir seu toque por toda parte.

— É isso que você quer? — sussurra ele de volta, observando meu rosto com reverência.

— É — digo, puxando sua camiseta para cima.

Suas pupilas se arregalam, cheias de desejo.

— Adoro ver você assim — diz ele com a voz áspera. — Precisando de mim tanto quanto preciso de você.

— Preciso mais.

Logan tira rápido a camiseta e começa a abrir o cinto. Ele não tira os olhos dos meus em nenhum momento.

Ao vê-lo apenas de cueca boxer, os músculos do seu corpo pareciam esculpidos. Me surpreendo com a necessidade absurda que sinto de passar a língua nele inteiro. De sentir sua pele nua na minha.

Minhas mãos descem até a parte de baixo do meu vestido. Começo a tirá-lo, mas Logan agarra meu pulso.

— Espere. Eu quero fazer isso.

Sua respiração fica mais irregular enquanto nos ajeitamos mais para cima na cama, ele ainda sobre mim. Ao remover meu vestido, seus dedos sobem pelo meu corpo, fazendo minhas coxas pegarem fogo.

— Amo seus joelhos — diz ele, observando cada pedaço à mostra. — Amo seus quadris. *Hum*. E, obviamente, amo isso aqui.

Eu ergo meu corpo e vejo que Logan está sorrindo para minha calcinha cor-de-rosa.

Um calor se espalha pelo meu corpo inteiro, inclusive pelo rosto. Cubro minha cara.

— Eu não coloquei uma… não pensei que… — Estou com vergonha demais para terminar a frase.

A calcinha não poderia ser menos sensual.

— Ei. — Logan puxa meu braço para baixo e entrelaça nossos dedos. — Adorei os sushis fofinhos e sorridentes. Na verdade… — Ele dá um leve beijo na pele logo acima da costura. — Acabei de decidir que agora minha comida preferida é sushi. — Mais um beijo. — E que rosa é minha cor preferida. — Mais um beijo.

Paro de respirar, tentando não desmaiar de expectativa.

Sinto uma vontade imensa de implorar para ele me beijar mais embaixo.

Logan continua subindo, passando pelo meu umbigo e pelas minhas costelas, arrastando seus lábios pelo meu colo, fazendo minha pele crepitar e a pulsação entre minhas pernas aumentar.

Ele solta um gemido de frustração ao parar no meu sutiã.

— Cacete, agora o azul está empatado com o rosa. *Meu Deus*, não dá para acreditar.

Deixando escapar um som grave e rouco, ele beija a curva dos meus seios deixada à mostra pela meia-taça do sutiã azul-claro, e seus lábios descem para o vale entre eles.

É delicioso. Só que estou enlouquecendo. As coisas que sua boca está fazendo, seu corpo em cima do meu, próximo, mas não o *bastante*, os sons de anseio que ele faz, seu rosto lindo se contorcendo de desejo. É como a primeira música de um festival: ela acorda o corpo e o desperta para o movimento.

E me faz querer mais.

— Estou tentando… — diz Logan ofegante, mexendo no fecho frontal do meu sutiã. — Estou tentando ir devagar. Manter a calma, saborear. Mas, *meu Deus*, River.

Ele abaixa a cabeça e planta um beijo em minha pele, e sua língua desce para debaixo do meu sutiã. Com um gemido, lanço os braços ao redor do seu pescoço e pressiono as unhas nas suas costas. Eu me arqueio em direção à sua boca. Enrosco uma perna nele, encostando seu quadril no meu.

— Meu Deus — geme Logan.

Com um movimento, sua língua sobe até meu pescoço e me chupa. Ele se movimenta em cima de mim, e sinto exatamente o quanto ele *não* está calmo. É tão gostoso que preciso de mais.

Preciso dele inteiro.

Agora.

— Logan. — Seguro seu rosto entre as mãos. Olho nos seus olhos. Será que pareço tão perdida quanto ele? — Por favor. Eu quero você. Eu preciso de você.

Ele está tão ofegante quanto eu. Seus olhos se fecham. Seus quadris fazem um movimento involuntário contra mim.

— Assim você acaba comigo, River.

Não é possível. *Ele* que está acabando comigo. Tem apenas alguns pedaços de tecido entre nós dois. Nunca senti isso no meu corpo. É um desejo desesperador, beirando o pânico.

— Então você não está entendendo. — Mexo os quadris contra ele, e ele geme,

imitando meu movimento. — Logan. Você tem camisinha?

Desperto sua atenção.

— Sério? — Logan se senta, e eu também.

Seus olhos se fixam nos meus, e ele também fica trêmulo.

— É sério, River? — Ele engole em seco. — Tem certeza? Certeza absoluta?

Ele está falando sério? Nunca tive tanta certeza na vida. Mas será que ele quer? Nunca pensei que talvez ele não…

— Você não… — Umedeço os lábios. — Acha que é cedo demais pra isso? Você não quer…

— *Meu Deus*, nem tenho palavras para descrever o quanto eu te quero. — Ele respira fundo, aproxima nossos rostos. — Só que, River, preciso saber uma coisa: você já fez isso antes?

— Não — murmuro. — Mas eu quero. Com você, Logan. Só com você.

Os olhos de Logan ficam inexplicavelmente sérios. Mais febris. Mais famintos. E há algo a mais: intensidade, como o núcleo derretido da Terra latente debaixo de um vulcão.

— Porra, River — diz ele com a voz trêmula. — Você não… — Ele me beija lenta e intensamente. — Eu não te mereço. Mas vou passar a vida inteira tentando te merecer. A gente vai devagar. Vou garantir que você… a gente vai devagar.

Logan sai da cama, mexe numa gaveta da mesa de cabeceira e pega um pequeno pacote quadrado. Ao se virar para mim, ele para.

— O que foi?

Logan balança a cabeça.

— Eu só quero que seja bom — diz ele com urgência, me deixando ainda mais sem ar. — Quero que seja tão bom que você jamais deseje outra pessoa.

Ele puxa minha calcinha devagar. Eu deito e ergo os quadris para ajudá-lo a tirá-la, e ele a joga para o lado.

Quando Logan tira a cueca e eu o vejo inteiro, solto um gemido de desespero.

— O que foi? — pergunta em voz baixa enquanto sobe na cama.

Sinto seu corpo sexy e enrijecido pressionado contra mim, e solto um sonoro palavrão.

— Não vá ficar convencido — digo nos seus lábios —, mas você é absurdamente lindo.

— Meu Deus, como eu te amo. — Ele ri baixinho. — *Caralho*.

Ele para de falar, porque, desta vez, quando ergo os quadris e provoco uma fricção deliciosa contra ele, não tem mais nada entre nós dois.

E agora é ele quem sente o quanto *eu* não estou calma.

— Não consigo esperar mais, Logan. Por favor? Eu estou *pronta*.

— Está bem — diz ele com a voz rouca. — Se precisar parar, é só me dizer.

Ele acaricia minha bochecha. O amor está estampado em seu rosto. Está nítido em seu desejo. Muito desejo. Acho que ele também não conseguiria esperar mais.

— Pode deixar — sussurro, pondo os braços ao redor do seu pescoço e aproximando sua boca da minha.

No começo, apenas nos beijamos intensamente. Depois, Logan desce os dedos, passando-os suavemente sobre minhas coxas, abrindo caminho e subindo outra vez, levando o polegar até o ponto que já faz os dedos dos meus pés se dobrarem.

Estou puxando seu cabelo com desespero, gemendo e me movendo, e Logan se reposiciona. Ele para em cima de mim, segura minha bochecha e me beija.

— Tudo bem? — pergunta ele baixinho, tremendo sob meu toque.

— Tudo.

Então o sinto entre minhas pernas. Ele se pressiona deliciosamente contra mim. Em seguida, delicadamente e bem devagar, ele empurra os quadris para a frente, apenas um pouco.

Prendo a respiração ao sentir a pressão firme entre minhas pernas, e ela logo desaparece.

— *River* — geme Logan. — Que perfeição. Te sentir é tão…

Ele solta outro gemido enquanto investe contra mim mais uma vez. Sinto a leve pressão de novo. Enrosco minha perna nele, puxando-o, precisando de mais.

Preciso dele inteiro. Ergo os quadris alguns centímetros e puxo-o com minha perna, fazendo-o entrar um pouco mais. A dor é intensa, aguda e vívida. Mas a visão de Logan gemendo em cima de mim, com seu rosto lindo tomado pelo êxtase, e o fato de que estamos fazendo isso juntos me fazem ofegar e tremer, desejando ainda mais.

— Você está bem, River? — Ele arfa.

Mordo o lábio e assinto, incapaz de expressar o quanto estou adorando. Eu me pressiono contra ele com mais força, e Logan diz meu nome, me preenchendo completamente.

— Continua assim — Faço que sim com a cabeça, arfando. — Devagar… funciona.

Logan me beija.

— Funciona mesmo. Puta merda. — Ele coloca a mão entre minhas pernas, e seus dedos começam a fazer círculos contra mim naquele ponto delicioso. — Isto é bom? — pergunta, olhando nos meus olhos.

Por um instante, só consigo gemer.

Logan solta uma risada.

— Acho que é um sim, mas quero ouvir você dizer.

— É bom. — E não consigo dizer mais nada.

Quando ele recua e avança os quadris de novo, o prazer diminui minha dor.

Passamos não sei quanto tempo nos movendo assim, lenta e perfeitamente, aumentando o ritmo aos poucos. Até que finalmente ele alcança um ritmo mais estável, pleno e total.

Com Logan em cima de mim, estocando contra mim, me segurando, finalmente encontro minha voz.

— Logan — digo, a voz rouca. — Eu também te amo.

Seu rosto é tomado por um alívio comovente. Por uma felicidade tão intensa que parece dolorosa. Com um gemido, ele me penetra por completo, e solto um grito pelo prazer indescritível que é estar tão perto fisicamente da pessoa que eu amo. Nunca estive tão perto de alguém assim.

— Diga de novo — sussurra ele no meu pescoço enquanto se mexe devagar e profundamente. — Diga de novo, River.

— Eu te amo — gemo, e ele entrelaça os dedos no meu cabelo.

— De novo — diz ele, acelerando o ritmo fluido de seus quadris.

— Eu te amo, Logan. — Quase choro de alívio por poder dizer isso. — Eu te amo. Meu Deus, como eu te amo.

Logan solta um som gutural, reprimido, desesperado, toda vez que digo que o amo. Ele está se movendo mais rápido e plantando beijos por todo o meu corpo. Ele pega minha mão e entrelaça nossos dedos com força. Sinto como se ele estivesse nos conduzindo para o topo de uma montanha. Chegando cada vez mais alto, quase no céu. E estou com ele. Prontos para nos jogarmos em queda livre, agarrados um ao outro.

— River — solta ele, parecendo completamente arruinado. — Você nem imagina há quanto tempo eu te amo.

E com essas palavras, eu caio do penhasco e o arrasto junto comigo.

Logan geme alto e me puxa para perto, nosso abraço firme, e arfamos de prazer. Ele desaba ao meu lado, com nossos corpos ainda emaranhados.

— River, acho que você me matou.

— Que pena — digo. — Eu bem que gostaria que você fizesse mais jantares surpresa pra mim.

Ele morde meu ombro em resposta, o que me faz soltar um gritinho e rir.

Ficamos deitados, braços e pernas misturados, nos beijando, fazendo carinho um no outro, pressionando nossos corpos nus um no outro. Ele brinca com meu cabelo

enquanto nos entreolhamos, sussurrando, trocando sorrisos, recobrando o fôlego.

— Vem tomar banho comigo — diz ele.

— Fica pra próxima — sussurro, segurando seu rosto. — Acho que não consigo me mexer.

Logan me dá um rápido beijo na testa e vai para o banheiro. Assim que escuto a água correndo, percebo que estou morrendo de sede.

Ponho o lençol ao meu redor e vou andando, de pernas bambas, até a cozinha para pegar um copo de água. Quando me viro para voltar ao quarto, vejo o caderno no chão. Pego-o e pouso o copo para poder passar os dedos na capa e abri-la.

Para minha alegria, Logan escreveu uma dedicatória na parte interna da capa.

Para River, a garota dos meus sonhos.

Faz tempo que estou louco por você. Mesmo sem nunca ter ouvido suas músicas. Este caderno é para as novas músicas que você vai compor assim que estiver pronta para ver o mundo inteiro ficar louco por você também.

Aperto o caderno contra o peito e o afasto para ler a dedicatória de novo.

E de novo.

E mais uma vez.

Porque, toda vez que a leio, sinto alguma se revirar lá no fundo da minha mente. Uma pequena sombra que vai crescendo cada vez mais. Uma ficha que vai caindo, fazendo meu corpo inteiro congelar. Meu coração ameaça parar.

Passo os dedos na caligrafia de Logan, acompanhando as letras, e meus olhos se fixam no traço torto do seu *L*.

Minha mão começa a tremer. Com um pavor crescente, pego meu celular na mesa de centro e abro a galeria de fotos. Vou até a fotografia que estou procurando e a ponho lado a lado com a dedicatória de Logan.

A letra dos bilhetes do cofre do meu pai é exatamente a mesma letra da dedicatória.

Por favor, não. Por favor.

Mas suplicar não vai mudar a verdade.

Foi Logan quem escreveu aqueles bilhetes para o meu pai.

capítulo 25

river

Sinto tudo ao meu redor girar. Não consigo respirar. Meus pulmões parecem encolher. Me sinto enjoada, prestes a vomitar. O caderno escorrega das minhas mãos, e eu me sento no chão, tremendo.

O que isso significa? Por que Logan escreveria aqueles bilhetes para o meu pai?

Eu sei o que você fez.

Você não vai conseguir se esconder.

Assassino.

Fecho os olhos, tentando controlar a respiração. Não tem como isso ter a ver com alguma besteira de futebol. De jeito nenhum. Então o que Logan acha que meu pai fez? Será que está ligado ao que Tita Anna disse? Será que ele acha que meu pai machucou minha mãe?

Quanto tempo faz que ele escreveu esses bilhetes?

Só tem uma coisa óbvia em tudo isso: Logan mentiu para mim. Várias e várias e *várias* vezes.

Escuto o chuveiro parar, e é então que percebo que estou sem roupa. Seja lá qual for a conversa que Logan e eu vamos ter, ela não vai acontecer enquanto estiver enrolada em um lençol.

Procuro pelo quarto e consigo pôr minhas roupas íntimas e meu vestido antes que Logan saia do banheiro, com uma toalha na cintura.

Logan sorri para mim, mas desanima ao ver que estou toda vestida, parada no canto do quarto, encarando-o atentamente. Ele dá uma olhada ao redor, tentando entender.

— Você está bem, River?

Engulo em seco e balanço a cabeça. A preocupação se espalha pelo rosto de Logan.

— O que aconteceu? — diz ele gentilmente.

Pego o celular e mostro as fotos dos bilhetes.

— Foi você que escreveu isto? — pergunto, hesitante.

Por favor, diga que não. Por favor, Logan, por favor.

Quando lhe mostro a tela do celular, seu rosto empalidece. Sua feição é tomada pelo terror.

— Posso explicar. — A voz dele fica rouca.

— Meu *Deus.* — O fôlego deixa meus pulmões, e coloco as mãos no estômago. — Foi você. Foi *você*. Foi você que escreveu esses bilhetes. Que *porra* é essa, Logan?

Logan tropeça em uma bermuda jogada no chão e balança a cabeça com força.

— Escute, não é… não é o que pa…

— Não é o que parece? Sério? *Sério*? É isso que você vai me dizer agora? — Minha voz sai estridente.

Eu queria muito estar enganada. Não sou nenhuma especialista em caligrafia, afinal. Mas ele acaba de admitir.

— Há quanto tempo escreveu esses bilhetes? *Por que* os escreveu? Você mentiu pra mim. Mentiu *várias* vezes.

Saio do quarto com pressa e pego minha bolsa, enfrentando uma onda crescente de náusea.

Logan me segue com os braços estendidos num gesto de súplica.

— River, você precisa me dar uma chance, precisa confiar em mim!

— *Confiar* em você? — digo, furiosa, me virando para ele. — É sério isso?

Logan se encolhe, parecendo arrasado. Chega a ser cômico.

Porém, tem outra coisa em que não sou especialista: separar as coisas. Sinto uma dor excruciante ao perceber que o Logan parado na minha frente, o mesmo Logan que estava colado em mim, movendo-se em cima de mim momentos atrás, é o mesmo Logan que mandou bilhetes ameaçando meu pai.

Não acredito no que ele fez. No que eu fiz.

Com ele.

Ele mentiu sobre tudo?

Tampo o rosto com as mãos e caio no choro.

— Não sei quem você é. Compartilhei tudo com você, e nem sequer sei quem você é.

— Por favor, não chore — implora Logan; sua voz soa mais próxima.

Abro os olhos bruscamente e vejo que ele está tentando me abraçar.

— *Não* encoste em mim — sibilo.

— Merda. — Logan põe a mão na barriga, também parecendo nauseado. — Sou eu, River. — Ele recua e me dá espaço. — O mesmo Logan de sempre.

— Seu nome é mesmo Logan?

Ele pressiona o dorso do nariz.

— É óbvio que sim.

— Você estava chantageando meu pai?

Logan afasta a mão do rosto, e o medo se espalha pelas suas feições. Sinto um aperto no peito e penso algo terrível.

— Logan, você… você começou a trabalhar na lanchonete para se aproximar de mim?

— Isso parece terrível quando você fala desse jeito — responde ele.

Começo a hiperventilar.

— Meu Deus, você fez mesmo isso! — digo tremulamente. — Esse tempo todo você… e eu caí como um patinho!

— Não é verdade, River — ele sussurra com tristeza. — Respire, senão vai desmaiar.

— Não, você não tem o direito de me mandar fazer *nada*!

Aponto um dedo trêmulo na sua direção. Seu rosto se contrai, agoniado, e sinto uma vontade imensa de consolá-lo.

Mas que loucura.

— Vou embora. — Pego meus sapatos perto da porta. — Não venha atrás de mim.

Logan fica parado, franzindo a testa.

— Está tarde, River. Eu te levo de carro. Não é seguro você ir sozinha.

— Me deixe em paz. — As lágrimas começam a rolar. — Não chegue perto de mim.

Não sobrou nada no meu peito. O lugar onde meu coração ficava passou a ser apenas a estrutura chamuscada do que já foi um lar. Uma pilha de vergalhões retorcidos e cinzas.

Logan dá a volta na mesa de centro com as mãos erguidas.

— Você não está pensando direito, Riv. Posso chamar um Uber pra você.

— Posso chamar meu próprio Uber — retruco.

Rolo com dificuldade a tela do celular, com as mãos trêmulas. Sinto um aperto no estômago. O Uber mais próximo está a quinze minutos de distância. Não consigo ficar no mesmo lugar que Logan por nem mais um minuto, quanto mais por quinze.

Abro minhas mensagens freneticamente. O primeiro nome é Tawny, mas ela está num encontro no centro da cidade, a mais de meia hora de distância. Rolo a tela para baixo e paro no próximo nome: Noah. Apesar de eu tê-lo ignorado, sei que ele não vai me ignorar se eu precisar dele. E eu estou precisando dele. *Agora*.

Envio minha localização e uma mensagem.

Ponho a mão na maçaneta da porta da frente.

— Espere, por favor. Deixe eu explicar! — implora Logan.

Olho-o por cima do ombro.

— River — suplica ele. — River, eu amo você! Isso não é mentira. Eu te *amo*.

Encosto a cabeça na porta.

— Se acha que isso é amor — digo —, é porque não sabe o que a palavra significa.

Escancaro a porta e saio correndo.

A noite está seca. O ar escaldante faz meus pulmões arderem, como se eu estivesse inspirando ozônio em vez de oxigênio. Afobada, tropeço em uma parte desnivelada da calçada. Caio no chão, deslizando pelo asfalto, e o meu joelho direito toma todo o impacto da queda. A dor se espalha pelo meu corpo, tão intensa que não tenho forças para me levantar e continuar correndo.

Logan vem correndo até mim, e a porta do seu apartamento bate atrás dele. Seus olhos se fixam no meu joelho. Ele balança a cabeça.

— Merda. Você está bem?

— Me deixe em *paz*! — Me arrasto para trás, afastando-me dele.

— River, pelo amor de Deus, sou *eu*. — Seu rosto se contorce como se eu tivesse acabado de golpeá-lo com uma faca cega.

Ouço o rugido de um motor e pneus cantando. Um Tesla preto para bem na frente do prédio de Logan. Uma silhueta dá a volta no carro.

— River! — Noah aparece na minha frente, e fico tão aliviada ao vê-lo que seria capaz de chorar.

Assim que Logan vê que é Noah, seu rosto é tomado pelo ódio. Quando ele se levanta, seu tórax pálido brilha como um farol no meio da noite. Percebo que não sei o que Logan é capaz de fazer.

Noah se agacha do meu lado, incerto de como ajudar.

— Meu Deus, River, você está bem? O que aconteceu? Caramba, você está sangrando!

Noah dá uma olhada atenta em Logan, percebe que ele está sem roupa, se vira para mim e vê meu rosto manchado de lágrimas. Rapidamente, ele muda um pouco a posição do corpo para ficar entre Logan e mim.

Logan põe as mãos no cabelo.

— River, por favor. Deixe eu…

— River — diz Noah —, você quer que eu chame a polícia?

Logan empalidece mais, e, ao ver meus olhos, seu rosto é tomado por uma expressão de derrota. Ele me encara como se eu estivesse apontando uma arma para a sua cabeça. Quanto mais o encaro em silêncio, mais ele parece querer que eu simplesmente puxe o gatilho imaginário.

— Não — decido. — Só me tire daqui. Por favor.

Os ombros de Logan se curvam, sua cabeça também. Ele parece devastado.

Noah pressiona os lábios um no outro, como se fosse adorar mandar a polícia vir atrás de Logan, mas assente.

Logan dá um passo para a frente uma última vez.

— Por favor, River. Eu te amo. Por favor, acredite em mim. Converse comigo.

O barulho nauseante de um golpe se espalha pelo ar quando o punho cerrado de Noah atinge em cheio o rosto de Logan. Solto um grito e levo a mão até a boca para abafá-lo. Logan cambaleia e fica de quatro na calçada, com sangue jorrando do nariz. Ele se levanta, e Noah vai para cima dele mais uma vez com um rugido e dá mais um soco. Desta vez, Logan desvia com facilidade e reage esmurrando Noah no maxilar.

— Logan! — digo, chorando. — Logan, por favor, não! *Por favor!*

Assim que seu nome sai dos meus lábios, Logan congela e seus braços param no meio do ar. Seus olhos se voltam para os meus, e suspiro ao ver o desespero e a súplica que há neles.

— Fique longe dela — diz Noah, furioso, lançando um olhar fulminante para Logan antes de pôr os braços debaixo de mim e me erguer com facilidade. Ele me ajuda a ir mancando até o lado do passageiro de seu carro e se senta no banco do motorista.

— Precisa de ajuda com o cinto? — oferece Noah, gentil.

— Não — sussurro. — Apenas dirija.

Logan não mexe nem sequer um músculo enquanto vê Noah engatar a marcha a ré. Não consigo me conter e me viro para ver a silhueta parada de Logan diminuindo com a distância.

Mesmo depois de tudo, é difícil parar de olhá-lo.

Quando viramos a esquina e Logan desaparece de vez, desmorono contra a janela e começo a chorar copiosamente.

capítulo 26

river

Apoio o queixo nos joelhos, encolhendo-me contra a janela do passageiro e observando os semáforos mudarem à distância. Minhas lágrimas mancham o vidro, e Noah interrompe o silêncio.

— Ele te machucou, Riv? — pergunta ele baixinho.

— Não da maneira como você está pensando. Ele mentiu pra mim.

Percebo que Noah quer fazer mais perguntas, mas morde os lábios e fica em silêncio. Depois de um instante, solta um palavrão.

— River, eu não devia ter batido nele. Devia apenas ter tirado você de lá. Eu tentei. Mas as coisas que ele disse, e você lá no chão, chorando e sangrando. Eu simplesmente… — Os dedos de Noah tremem no volante, seu rosto tomado por uma raiva possessiva que logo é substituída por vergonha. — Me desculpe, de verdade.

— Ótimo. — Encaro meu joelho. — Você deve se arrepender mesmo. E ele também. — Viro minha bochecha e olho pela janela. — Vocês são dois imbecis. Aquilo ajudou em alguma coisa? Na verdade, *em algum momento* a violência faz mais bem do que mal?

— Sei lá — responde Noah. — Provavelmente não.

Ficamos em silêncio, e as lágrimas ainda escorrem nas minhas bochechas. Era para a noite de hoje ter sido especial. Tudo o que eu queria era ter minha primeira vez com alguém que eu amasse, mas, principalmente, com alguém em quem confiasse. Eu tinha certeza de que Logan era essa pessoa. Como foi que me enganei tanto?

Estremeço pensando em seu primeiro dia na lanchonete, no quanto ele estava irritantemente atraente e quieto, super na dele. Imaginei que ele era perigoso e falei para Tawny que queria distância dele. Se eu tivesse dado ouvidos ao meu instinto.

Só que também me lembro de outras coisas.

Logan me entregando os jacintos para colocar no túmulo do meu pai.

Logan sussurrando *Eu te amo*, em cima de mim, dentro de mim, ao meu redor.

Logan admitindo a mentira.

O rosto de Logan, sofrido e machucado.

Como tudo isso pode ser o mesmo Logan? Mesmo com a caverna obliterada no meu peito, onde antes ficava meu coração, como é que todos esses Logans caberiam dentro de mim ao mesmo tempo?

Por que só escolho garotos que partem meu coração?

Eu me viro e encaro o perfil de Noah. O sorriso que ele abre é tão familiar que me dá vontade de chorar.

Seu carro é uma cápsula do tempo. Tem o mesmo cheiro. Madeira e couro, com um toque da colônia dele: um odor almiscarado de lavanda e vetiver, que sempre me fazia pensar em uma barbearia chique com cremes de barbear luxuosos, as lâminas raspando os pescoços dos CEOs de empresas importantes.

Sinto outro aperto no peito ao tocar na nota adesiva colada ao lado da tela do painel, na qual ele escreveu: "Ligar para a vovó no domingo."

Era eu quem tinha esse hábito de escrever bilhetinhos carinhosos e fazer desenhos bobos em post-its amarelos e colá-los na borda de alumínio escovado do console. Noah reclamava que eles deixavam resíduo de cola no carro.

Tenho vontade de perguntar por que ele ainda faz isso, tantos meses depois de terminarmos.

Em vez disso, pergunto:

— Como vai a vovó Soph?

— Bem. Ela está bem. — Ele fecha a cara. — Continua pegando no meu pé.

— Deixe eu adivinhar. "Quando é que você vai se casar?"

— Bem, por mais impaciente que ela esteja, até ela sabe que isso não depende só de mim. — Noah limpa a garganta e sua voz assume um tom sério quando ele olha para o meu joelho ensanguentado. — Você tem kit de primeiros socorros na sua casa?

— Não me leve para o meu apartamento. — Inspiro. — Desculpe, é que Tita Anna está viajando. Só de pensar em ficar lá sozinha agora… — Estremeço.

— Tudo bem — diz ele devagar. — Você pode ir lá para casa, se quiser.

— Mas e seu pai? — sussurro. — Não estou muito a fim de responder a um monte de perguntas agora.

— Meu pai está em Seattle. Em alguma grande conferência de cirurgiões. — Noah torce o canto da boca. — Ele tem viajado muito, na verdade. Qualquer conferência de medicina, ele vai. Ficou mais frequente depois que… — Ele não termina a frase e ajusta alguma coisa na tela do painel. — Bem, uns sete meses atrás, mais ou menos.

Nós dois ficamos quietos por alguns segundos. Sei o que ele quis dizer. Que as

viagens intermináveis de seu pai começaram depois que o meu pai morreu.

— Bem — digo —, então pode ser sua casa.

SENTO NA BANCADA da cozinha enquanto Noah vai buscar o kit de primeiros socorros no primeiro andar. É um desafio não deixar a nostalgia distorcer meus pensamentos confusos, ao mesmo tempo que é difícil voltar a um lugar onde já me senti tão à vontade. Ainda mais quando tudo na mansão continua o mesmo: os sofás, o papel de parede, os ímãs na geladeira.

Eu, no entanto, não sou a mesma. E não posso mais me jogar no sofá de dois lugares da sala de estar de Noah. Não posso mais abrir o armário de roupa de cama e pegar uma manta quando estou com frio. O sentimento de perda esquisito e cruel que acontece nos fins de namoro. *A gente prometeu que passaria o resto de nossas vidas juntos, e agora preciso pedir licença para usar seu banheiro.*

Achei que tinha superado essa dor. Porém, estando aqui, na cozinha de Noah, onde ele me disse "eu te amo" pela primeira vez, fica mais difícil deixá-la de lado.

Tanta coisa aconteceu desde aquele primeiro "eu te amo".

Incluindo outro garoto me dizer essas mesmas palavras. Um garoto com quem compartilhei tudo e que, em troca, só me contou mentiras.

Suprimo esses pensamentos assim que Noah volta e puxa uma cadeira e se posiciona à frente do meu joelho machucado.

— Preciso limpar primeiro — diz ele, como se estivesse se desculpando. — Acho que vai doer.

Veremos, eu queria dizer. *Não vai ser nada em comparação ao que senti na última hora.*

As mãos de Noah, delicadas e hábeis, limpam o ferimento e colocam um curativo.

— Talvez fique um pouco roxo — diz ele. — Mas não deve ser nada sério.

O rosto de Noah está a centímetros da minha coxa nua. Balanço as pernas de nervosismo, e ele apoia a mão sobre meu outro joelho.

— Agitada como sempre — sussurra ele e ergue uma sobrancelha. — Estou quase acabando.

Começo a falar depressa para acabar com o constrangimento que preenche meu peito.

— E você? Você está bem depois daquele soco?

Noah pressiona os lábios.

— Estou bem. Só feri meu orgulho mesmo. — Ele inspira com força. — Quem diria que seu namorado é tão bom de briga.

— Ele não é meu namorado.

As palavras saem da minha boca antes mesmo que eu decida dizê-las.

Noah se encosta na cadeira e me olha demoradamente.

— River — começa ele. — Pode me contar tudo. Mesmo que… mesmo que seja sobre…

— Não quero falar sobre ele. Pode ser?

Noah assente e aperta minha panturrilha.

— Bom, acho que você vai sobreviver. Tudo resolvido.

Um latido animado e o barulho de patinhas no assoalho me alegram. A cadela de Noah, uma linda border collie de pelagem branca e preta, dá a volta na grande bancada de mármore e pula em cima de mim.

— Pepper! — exclamo, ajoelhando na minha perna boa para abraçá-la. Pressiono meu rosto nos seus pelos, tão macios quanto eu lembrava. Ela fica com a língua para o lado enquanto coço seu queixo. — Que saudade, coisinha fofa!

Mais saudade do que a mente canina dela seria capaz de compreender.

Noah fica me observando.

— Ela também estava com saudade de você — diz ele baixinho. — Ela estava com *muita* saudade de você.

Engulo em seco e desvio o olhar.

— Sabe do que mais eu estava com saudade?

Levanto devagar, tirando os pelos do meu vestido.

Noah sorri.

— Da lareira externa?

— Acertou de primeira. — Também me pego sorrindo.

Não é da lareira em si que sentia saudade, mas do que a gente escondia cuidadosamente entre as pedras decorativas próximas às cadeiras. Usando as lanternas de nossos celulares, vasculhamos os cantos entre as pedras, e então Noah estende o braço e tira o saco.

— Não acredito. — Dou uma risada ao ver a garrafa fechada de vodca.

— Veja se ainda está boa — diz ele, oferecendo-a para mim.

Noah sempre teve o cuidado de não guardar bebidas alcóolicas dentro de casa para respeitar o pai, que está sóbrio há quase tanto tempo quanto o meu estava. Fora da casa é diferente, já que Noah é a única pessoa que usa a lareira externa.

Depois de abrir a garrafa, tomo um gole. Faço uma careta.

— Não está boa? — Noah franze o rosto.

— É que está *quente*. — Balanço a cabeça, um tanto enojada. — Mas dá pro gasto.

Não tenho nenhuma intenção de ficar bêbada, só preciso de alguma coisa que amenize o impacto dos acontecimentos desta noite terrível.

Nós nos sentamos em duas espreguiçadeiras de madeira próximas à lareira, e olho para o quintal de Noah, iluminado pelo luar. O terreno se estende até uma bela parte da Reserva Ecológica de Sonora. A gente costumava cavalgar em uma trilha que leva a um cume de inclinação suave, onde há uma rocha plana com vista para um vale cheio de cactos saguaro. Era um dos lugares onde mais gostávamos de ficar sozinhos. A última vez que sentamos aqui fora foi depois de fazermos a trilha com Tawny, pouco tempo antes de terminarmos.

— Você se lembra — digo, já sentindo o calor da vodca — daquela vez que Tawny foi cavalgar com a gente?

Noah ri.

— Tawny — diz ele, pegando a garrafa nas minhas mãos. — Ela não é nenhuma amazona, não é mesmo?

— Não, nem um pouco. — Bato uma das mãos no meu joelho. — Achei que ela nunca mais ia falar comigo! Você não faz ideia do trabalho que tive para convencê-la a ir com a gente. Como eu iria imaginar que ela odeia o deserto? — Pego a garrafa de volta.

— E cavalos. — Noah balança a cabeça.

— Meu Deus, eu não devia tê-la obrigado a ir. — Tomo um gole demorado e ardente. — Acho que ela surtou em menos de dez minutos. Mas meu maior arrependimento não é tê-la convencido a ir.

— Não? — Noah está me observando, escutando com seu jeito cuidadoso.

— Não. É ter feito a trilha mais rápido para trazê-la de volta logo. — Inclino a cabeça e conto as estrelas até a ardência nos meus olhos passar. — Eu não teria me apressado se soubesse que aquela seria a última vez.

Passam alguns segundos de silêncio. Noah me cutuca com o dedo do pé.

— Não precisa ser a última. Podemos ir de novo a qualquer momento.

Ergo a cabeça.

— Você sabe o que estou querendo dizer, Noah.

— Sim. — Ele suspira. — Eu sei.

Eu me recosto na espreguiçadeira, observando o céu noturno, buscando algum padrão no punhado caótico de estelas.

— É melhor ou pior — digo —, saber que a última vez será a última?

— Fins sempre são difíceis. Não é porque você viu o trem vindo a um quilômetro de distância que vai doer menos quando ele te atropelar.

Deixo escapar uma risada um pouco amargurada, e percebo que, apesar das

minhas intenções, já estou um tanto bêbada.

— Então, foi difícil pra você? O nosso término?

Noah pisca, pego de surpresa, enquanto lhe devolvo a garrafa. Ele franze a testa e a encara antes de colocá-la no chão perto da gente.

— É óbvio que foi difícil, River — diz ele finalmente, tão baixo que mal consigo ouvi-lo por cima do cricrilar dos grilos.

Encosto a parte inferior da mão na testa. Conto até três. Até dez. Mas não adianta. Racionalmente, sei que não é com Noah que estou chateada no momento, que não é nosso namoro acabado que precisa de uma solução. Mas, já que nós dois estamos sentados aqui, sozinhos sob as estrelas, preciso fazer a pergunta.

— Por quê? — quero saber. — Você pode enfim me contar por que terminou comigo?

Já espero que ele não diga nada mais uma vez, ou que pelo menos vá mudar de assunto. Mas Noah se vira para mim, e, em seus olhos verdes, há um brilho parecido com coragem. Ele ajeita os ombros. Abre a boca. Fecha. Abre de novo.

Por um bom tempo, tudo que sai dela são suspiros.

— Porque fui burro, River — diz Noah, por fim. — Fui muito, muito burro.

Fito-o demoradamente e me pergunto se nunca vou ouvir nenhuma outra explicação além dessa. Ele está fugindo do assunto, mas estou cansada demais para insistir, então tudo que digo é:

— Acho que você precisa de mais um *muito*. Talvez dois.

Noah solta uma risada triste.

— É verdade. Fui infinitamente muito burro.

É bom ouvi-lo dizer isso. Mas de que adianta? Como a satisfação de saber que ele se arrepende vai me ajudar em alguma coisa agora? É tarde demais. Noah terminou comigo, e depois meu mundo virou cinzas. É impossível voltar atrás. E isso não muda o fato de que eu jamais imaginava que o Noah que eu conhecia e amava havia anos terminaria comigo inesperadamente, sem me dar nenhuma explicação.

— Por que ninguém é quem diz ser? — pergunto baixinho. Estou começando a sentir um peso nas pálpebras. Encolho-me e cruzo as pernas.

— River — Noah ergue a mão como se quisesse me consolar, desiste e abaixa o braço. — Está falando de mim? Ou… — Sua boca se contorce. — Ou daquele cara… Logan?

— De todos vocês. Ele. Você. Meu pai.

— Seu pai? — murmura Noah.

Balanço a cabeça, sentindo o mundo nadar ao meu redor.

— Eu achava… Não, eu *sabia* que meu pai era literalmente a pessoa mais confiável do planeta. — Enxugo o nariz, balançando a cabeça. — Eu era a filhinha do papai. Ele sabia o nome de todos os meus professores. Jamais me esquecia de assinar as autorizações de responsável. E por mais que a apresentação fosse pequena, ele *nunca* deixava de ir. Não existia nenhum segredo entre a gente.

Noah observa meu rosto, e seu indicador tamborila no encosto da espreguiçadeira. Os acontecimentos da noite e a bebida me vencem, então fecho os olhos, sucumbindo à exaustão.

— Mas ele nunca me contou nada sobre os bilhetes. Sobre os imbecis. Sobre os policiais racistas. Eu me enganei, Noah. — Suspiro. — Meu pai escondia coisas de mim. Achei que podia confiar nele, mas… me enganei.

Estou prestes a adormecer, já sendo carregada pelos braços de Morfeu.

Não sei se é só imaginação minha quando ouço a voz de Noah, baixa e triste, que diz duas palavras:

— Eu também.

capítulo 27
logan

Ela foi embora. Ela descobriu tudo e foi embora.

A temperatura chega a 43ºC esta noite no Arizona, e não consigo parar de tremer. Conto as gotículas vermelhas que caem do meu nariz para a calçada. A gota de sangue número cinco atinge uma bituca de cigarro.

A gota número dez me faz cair de joelhos.

— *Merda*.

Nada é capaz de impedir que eu seja atropelado pelo trem-bala do arrependimento e do ódio que sinto por mim mesmo.

Pressiono os punhos cerrados nos olhos, até no que está machucado, ou talvez *especialmente* no que está machucado. Quero mais é que doa, pois tudo que consigo enxergar no momento é River me olhando como se eu fosse um monstro, e *sou mesmo*, e agora ela *sabe que sou um monstro, sabe meu segredo, e agora…*

Uma porta bate a alguns apartamentos de distância. A última coisa de que preciso é que um vizinho venha ver como estou e me faça perguntas. Levanto rápido, volto para dentro de casa e vou ao banheiro.

Apoiando os braços na beira, vejo o sangue pingar na pia, agora mais devagar, formando pétalas carmim na cerâmica branca.

Não olho no espelho.

Estou fodido, penso, abrindo a torneira de água quente. O vapor embaça o espelho, molho a toalha de mão até ela ficar bem quente e a encosto no meu lábio ferido, no nariz, no inchaço do meu olho esquerdo.

Vejo meu rosto no espelho.

O hematoma roxo e preto. O rosa do meu lábio aberto ao meio. O azul reluzente do meu nariz inchado. Pareço um derramamento de petróleo. Daquele tipo bem gorduroso, que destrói um oceano. Sou um desastre que mata coisas inocentes e bonitas.

Parece que estou inspirando cacos de vidro quando penso em River, então desvio meus pensamentos para *ele*.

Por mais que eu o odeie, por mais que eu seja tomado pela fúria só de pensar no

seu nome, Noah não arruinou nada. Fui eu que arruinei.

De repente, surge na minha cabeça a imagem de River no chão, olhando para mim como se eu fosse… como se ela genuinamente achasse que eu fosse capaz de *machucá-la*.

Sinto um enjoo na barriga. Ergo o assento da privada na hora certa e vomito. Dou descarga, e percebo que nunca odiei ninguém tanto quanto me odeio agora.

E olha que já senti muito ódio na vida.

Saio cambaleando do banheiro e caio na cama. O que foi uma péssima decisão, porque é óbvio que ainda está com o cheiro dela. Não mereço as lembranças que ela me proporcionou, mas é inevitável pensar nelas. O corpo perfeito de River se contorcendo debaixo de mim. Sentir o gosto do seu "eu te amo" na minha língua repetidas vezes. Foi *assustador* dividir um prazer tão grande com ela. As duas palavras que tocavam como um sino no ritmo de nossos quadris: *Para sempre, para sempre… Eu preciso disso, de você, para sempre, River.*

A melhor noite da minha vida se transformou na pior.

E a culpa é toda minha.

capítulo 28

river

Tem alguém acariciando delicadamente minha bochecha.

— River — diz uma voz baixa e carinhosa. É um som delicioso. Um que eu desejo ouvir mais, apesar de querer me afundar de novo no poço escuro do meu sono embriagado.

— Logan — sussurro.

O toque afetuoso some, e abro os olhos. Noah está agachado ao lado da minha cadeira, tamborilando os dedos na bota. A lua está baixa, como se estivesse pensando em ir dormir.

Emito um muxoxo ao me levantar e pressiono os dedos na minha têmpora.

— Vai amanhecer daqui a pouco. — Noah endireita a postura, olhando para todo canto, menos para mim. — É melhor a gente entrar logo.

— Desculpe. Apaguei. — Minha cabeça e minha barriga latejam como se fossem radioativas. Mas o pior de tudo é o aperto no meu coração.

— Não precisa se desculpar. — Ele inclina a cabeça para o lado, lançando um sorriso triste para as estrelas. — Aconteceu muita coisa ontem. Faz sentido que seu cérebro esteja um pouco confuso. — Noah me entrega um copo de água. — Beba.

A água está maravilhosamente gelada, e tenho forças para me levantar da cadeira depois de alguns goles. Noah estende a mão e promete que vai me dar um analgésico lá dentro. Sinto o estômago embrulhado, mas não é a vodca que me deixou enjoada. É a promessa da luz solar, a chegada do dia, que tornará impossível ignorar tudo o que aconteceu com Logan. O passo que dei com ele. O fato de que minha primeira vez foi com alguém que mentiu para mim durante meses.

Já dentro da casa de Noah, eu me ajoelho para dar um forte abraço em Pepper e faço carinho no seu pelo macio.

— Vou sentir sua falta, garota.

Os cantos da boca de Noah se curvam para baixo.

— River — diz ele —, isso não é sua extrema-unção. Você pode vir aqui quando quiser.

Pepper lambe minha bochecha.

— Isso seria… complicado.

Noah põe as mãos nos bolsos.

— Não precisa ser. Sentiu saudades dela? Venha vê-la. — Ele dá de ombros. — Sem nenhum compromisso.

O TRAJETO ATÉ meu apartamento é silencioso.

— É aqui que você está morando desde que… — Noah põe a cabeça para fora da janela e vê a tinta cinza e triste descascando da fachada. A letra fria e sem graça das placas do condomínio.

— Bem, todas as propriedades com estábulos já estavam ocupadas — digo com ironia, apesar de não saber por que estou na defensiva. Sempre odiei este lugar.

— Não é isso que estou querendo dizer.

Noah franze o rosto. Faço uma pausa com a mão na maçaneta, esperando. Ele *nunca* explica o que está querendo dizer, então por que começaria agora?

Saio do carro e ajeito a bolsa para ganhar tempo. Não consigo encontrar palavras que descrevam tudo que está fazendo meu estômago embrulhar, então digo a verdade:

— Obrigada por ter me ajudado ontem. Você é um imbecil. Mas um imbecil útil. — Noah passa a mão no queixo. Vejo os cantos do sorrisinho encabulado que ele tenta conter. Dou um tapinha no teto do seu carro. — Obrigada pela carona. E por ter cuidado da minha ferida. Obrigada… por tudo.

Estou na metade do caminho para subir até meu apartamento quando ouço a porta do carro bater e passos rápidos atrás de mim.

— River, espere.

O olhar no rosto de Noah enquanto ele se aproxima na calçada rachada é familiar. É o olhar que ele me dava quando pensava em uma nova maneira de me chamar de linda.

Não posso usar as mesmas palavras comuns que usaria com outras pessoas, River, disse ele uma vez. *Você é diferente de todo mundo.*

No entanto, isso foi em outra vida. Era outro Noah. Outra River. Nem sei mais quem era aquela garota. Então no que ele está pensando ao me olhar dessa maneira? E é muito injusto Noah ainda estar tão bonito, mesmo sem ter dormido ou tomado banho.

Ele mexe nervosamente na gola de sua camisa.

— Você se lembra do baile de formatura?

— O tema era Hollywood. Você alugou uma limusine com Jacuzzi. Tawny entrou nela de vestido e tudo.

— Não. — Ele balança a cabeça. — Estou falando do que aconteceu depois, quando te levei para casa, e o sol estava nascendo. Lembra o que você me disse?

Lembro.

— Não lembro. — Apoio o peso do corpo em um dos meus pés.

— Você disse: "E se a gente continuar andando de carro? E se a gente pegar a rodovia e continuar dirigindo até o oceano? Para ver o sol se pôr no Pacífico?" — Os olhos de Noah parecem distantes. — Penso muito naquilo.

Puxo um pedaço de cutícula do polegar, e o pequeno ferimento começa a sangrar.

— Aonde você está querendo chegar com isso?

Noah observa um pombo tentar bicar algo em uma área com grama marrom a alguns metros de distância. Como não encontra nada de valioso, ele sai voando com um piado triste e melodioso.

— Não. — Ele suspira, põe as mãos nos bolsos, e suas chaves tinem. — River, se você precisar de algo ou quiser algo… Especialmente se precisar de ajuda com… — Seu maxilar enrijece. — Com Logan.

— Ah, *até parece*. Pode deixar, vou pedir sua ajuda se eu quiser formar um clube da luta.

Ele franze o rosto.

— Só estou tentando dizer que quero que você fique bem. Se você não está bem, eu me preocupo. E não importa o que aconteça, se precisar de mim… — Noah inclina a cabeça. — Eu estou aqui. Pode acreditar.

Para aumentar ainda mais meu constrangimento, meus olhos começam a arder. Será que já não chorei o bastante? Mas as palavras dele me machucam ainda mais.

— O problema de acreditar em você, Noah — falo em voz baixa —, é que já fiz isso antes. E o resultado não foi nada bom pra mim.

O rosto de Noah se contrai dolorosamente, e ele concorda com a cabeça.

— Você não tem nenhuma razão pra acreditar em mim. Mas, acreditando ou não, estou aqui.

Ele hesita, como se soubesse que não deve, mas toca minha bochecha e limpa uma lágrima com o polegar.

Rapidamente, dou passo para trás.

Ele também.

— Mais tarde ligo pra saber como você está. Vá dormir um pouco.

Ele caminha de volta para o carro, e eu entro no apartamento e vou direto para o banho. É um alívio ver a água empoeirada rodopiar ralo abaixo. É um alívio ainda maior vestir um pijama limpo e me enterrar debaixo do meu edredom recém-lavado

e geladinho. Planejo dormir pelo menos dez horas seguidas. Talvez mais. Talvez eu nunca mais saia da cama.

De repente, compreendo minha mãe. Tipo, eu *realmente* a compreendo. Não consigo imaginar como é se sentir assim o tempo todo.

Não tenho forças nem para mandar mensagem para Tawny. Não tenho energia para reviver e contar a noite de ontem, nem para convencê-la a não ir defender minha honra. Não consigo pensar em Noah. E Logan? Nem sequer *suporto* pensar nele.

Porque, quando penso, vejo seu lindo rosto. E depois vem o restante: o violão Gibson, o "eu te amo… agora você entendeu?", bolinho de arroz, tão duro quanto plástico, o caderno, a letra dele, *a letra dele*.

Seria mais fácil se eu o odiasse. Se nunca mais quisesse vê-lo.

Porém confiro minhas mensagens e fico triste ao ver que ele não mandou nenhuma.

Então envio uma para Tawny.

River

Você se divertiu com o(s) universitário(s)?

Recebo uma resposta na mesma hora.

Tawny

Que nada. Pelo jeito, os universitários são tão chatos quanto os garotos do colégio. Foi uma noite sem graça.

River

Já a minha foi uma desgraça.

Tawny

Ah, não, amiga. Você está bem? Quer conversar?

River

Mais tarde. Estou cansada demais.

Largo o celular, coloco o ar-condicionado na menor temperatura possível e finalmente, finalmente, pego no sono.

DUAS HORAS DEPOIS, meu celular toca. É um número desconhecido. Nem cogito me sentar, muito menos falar ao telefone. Mas, desde que minha mãe foi embora, faço questão de atender todas as ligações. Vai que…

Solto um grunhido, me sento e tateio procurando o celular.

— Alô. É River Santos falando?

A voz é feminina, mas não é familiar. Sinto uma pontada e esfrego o rosto.

— Sou eu mesma.

— Oi, srta. Santos. Meu nome é Kerry, sou do Departamento de Serviços de Saúde do Arizona. Sua responsável legal tem ligado bastante para saber como anda nossa busca.

Ah. Limpo a garganta.

— Vocês finalmente acharam minha certidão de nascimento?

— Na verdade, sim. — Ouço o barulho de um teclado ao fundo. — Aparentemente, havia uma informação errada na nossa busca preliminar. Aqui dizia que o nome do seu pai era Jay, não Jacob.

Ela diz isso como se eu devesse rir. Tipo, *Ah, sua bobinha, é óbvio que você errou.*

— O nome do meu pai é *Jay*. — Há uma longa pausa do outro lado da linha.

— Seu nome completo não é River Rose Santos?

— É sim. — Agora estou completamente acordada.

— Você nasceu em 18 de setembro de 2007?

— Aham…

— Bem, segundo a única certidão de nascimento que achamos para uma River Rose Santos, nascida em 18 de setembro de 2007, seus pais são Jennifer e Jacob Santos.

— Mas o nome do meu pai… — Balanço a cabeça. — Olha, será que não houve um erro de digitação na certidão?

— É improvável — diz ela. — Mas é normal que as pessoas tenham apelidos. Enfim, para qual endereço você gostaria que a certidão fosse enviada?

Digo o endereço do apartamento, massageando minha testa. Jay não era o apelido do meu pai. Era o *nome* dele. Minha mãe o chamava de *jaybird*, "pássaro gaio", quando estava feliz. Todos os documentos que já vi tinham o nome Jay. Toda cobrança de conta atrasada que recebíamos.

Nunca ouvi ninguém chamá-lo de Jacob em todos os meus dezoito anos de vida.

Jacob Santos.

Quem diabos é Jacob Santos? Ou melhor… será que Jay Santos não é a mesma pessoa que meu pai?

Assim que desligo o telefone, pego meu notebook e me acomodo na cama. Da última vez, pesquisei Jay Santos. Agora digito Jacob Santos, e meus dedos deixam suor na tecla *enter*.

A primeira coisa que sinto é um alívio incrível. Porque, no topo da página, vejo uma fotografia do meu pai. Do *meu* pai. Com seus olhos castanhos e gentis. A pinta na bochecha esquerda. É uma foto de quando ele era mais jovem. Muito mais jovem. Tipo, quase da minha idade. Mas ele me parece triste. Melancólico.

Ao clicar na foto para obter mais detalhes, fico sem ar.

Porque não é uma foto qualquer.

É uma foto de um *registro policial.*

Minha visão fica embaçada. As palavras da manchete me atingem num só golpe: "RESIDENTE LOCAL, JACOB SANTOS, É PRESO POR HOMICÍDIO CULPOSO NO TRÂNSITO."

Paro de respirar. Não consigo desviar o olhar das últimas quatro palavras, gravadas no meu cérebro para sempre: *homicídio culposo no trânsito*.

Jacob Santos. Meu pai.

Eu sei o que você fez.

Você não vai conseguir se esconder.

Assassino.

Isso não pode ser verdade. Não sinto meu rosto nem meus dedos ao clicar no link. Preciso saber mais. Porém, o website é apenas uma coleção de manchetes de jornais antigos — não há nenhuma matéria.

Clico em um link que leva à página do banco de dados da Biblioteca do Congresso e que cita o jornal *Canyon Rock City Times*, publicado entre 1983 e 2002. Clico na aba que orienta onde encontrar publicações físicas, e leio que a Biblioteca Pública de Canyon Rock City é a única que tem exemplares do jornal.

Não estou nem pensando direito quando envio a foto de meu pai sendo fichado na polícia para minha mãe e digito:

River

O que mais você não me contou?

Para minha filhota,

Não consigo dormir, não consigo dormir, não consigo dormir.
Porque estou prestes a fazer algo assustador.
Algo que esperei demais para fazer.
Vou te contar a verdade sobre seu pai.
E sinto muito, meu amor.
É uma verdade muito, muito feia.

Com amor,
Mamãe

capítulo 29

river

Não envio outra mensagem para Tawny antes de aparecer à sua porta, batendo na madeira de pintura descascada. A porta se abre, apenas uma fresta, e quando Tawny vê que sou eu, a escancara.

— Adoro uma visita surpresa, mas você não precisava chegar batendo na porta como se fosse a polícia, já está escuro e…

Tawny solta um grunhido quando me jogo nos seus braços, já chorando. Ela está com cheiro de suor e de gordura de bacon. Deve ter saído do trabalho há pouco tempo.

— Ai, Rivvy — diz ela baixinho, me abraçando. — O que aconteceu? Passei o dia inteiro preocupada depois da sua mensagem.

— Desculpe — digo no seu ombro. — Eu não estava preparada pra conversar.

— Tudo bem, querida. Foi Logan? Ele parecia péssimo lá no trabalho, não disse nem uma palavra sequer. Gertie precisou mandá-lo para casa. — Ela se afasta. — Não foi você que causou o lábio inchado dele, foi?

Dou uma risada triste misturada a um soluço e balanço a cabeça.

— Nos filmes, as pessoas sempre fazem um chazinho quando tem alguém triste — diz Tawny, me guiando pela sala. — Venha. Vou fazer um chá e assar algum docinho pra você. Aí você pode me explicar o que aconteceu.

Conto tudo para Tawny. *Tudo*. Seu rosto permanece sério enquanto ela se mexe mecanicamente pela pequena cozinha enquanto eu desabafo sem parar. Em alguns momentos ela fica tensa e pisca os olhos com força. Seguro a xícara morna de chá de camomila, preparada para ouvir que sou louca ou burra, mas ela se concentra em peneirar a farinha e amassar a manteiga gelada com um garfo, então continuo contando meus segredos.

Conto dos bilhetes no cofre do meu pai.

Da letra de Logan.

De Noah.

De Jay Santos e Jacob Santos. Da foto do meu pai na delegacia. Das mensagens que enviei para minha mãe.

Conto até a coisa que nunca contei a ninguém sobre a noite do incêndio.

— Juro que a vi lá, Tawn. Minha mãe estava lá. Acho que foi ela que me tirou e me salvou.

Tawny para de mexer a massa de cookies e me olha nos olhos.

— Puta merda. Você contou isso pra polícia?

— Não — digo, relutante. — Será que era melhor ter contado? Achei que eles não iam dar bola, que iam me dizer que foi alucinação causada pela fumaça. — Começo a rasgar o papel do saquinho de chá. — Eles não foram muito legais com meu pai quando ela deixou a gente.

Tawny assente em silêncio, franzindo ainda mais a testa, como acontece sempre que ela tenta calcular os resultados de algum questionário on-line. Mas agora é uma questão bem mais difícil do que: *O que a letra da sua música favorita da Taylor Swift diz sobre seu futuro marido?*

Fico quieta, deixando-a assimilar tudo.

Sem mudar de expressão, ela começa a fazer fileiras de bolinhas com a massa de cookies, passa cada uma delas na canela e então as posiciona em uma forma forrada com papel-manteiga. Depois de fechar a porta do forno, ela me lança um olhar sombrio.

— O que *você* acha que tudo isso significa, River? Sobre sua mãe? Sobre seu pai?

Deixo escapar um grunhido de frustração.

— É por isso que estou aqui, Tawn. Sei lá. Merda, eu não faço a *mínima* ideia. Meu pai era o melhor homem que eu conhecia. Ele era paciente, generoso e…

— Tecnicamente… um assassino? — Ela se encosta no fogão de braços cruzados.

— Tawny! — Teria sido pior se houvesse alguma repulsa em sua voz. Certa mordacidade. Mas ela falou com calma, tranquila, como quem constata um fato. Porque é um fato. Um fato que, aparentemente, ainda não aceitei. — Ele era…

— A gente precisa começar a aceitar a realidade, River. Você enxerga seus pais de uma maneira muito simplista, sendo que a verdade é que eles esconderam coisas de você. De nós. — Ela limpa um pouco da farinha de sua manga. — Não sabemos o que mais eles esconderam. Eu até diria pra gente ligar pra sua mãe, mas ela não se importa nem a ponto de…

— Pare! *Eu sei!* — Bato as mãos na bancada, e o impacto derruba a xícara de chá. — Desculpe — sussurro, pegando o papel-toalha.

— River. — Tawny tira as folhas molhadas das minhas mãos e assume a limpeza do chá derramado. — Não quero ser cruel. Quero te ajudar a entender. E não estou igualando nossas dores, de maneira alguma, mas também não é fácil pra mim, sabe?

Eu também gostava do seu pai. — Sua voz falha, e seu rosto exibe o desânimo. Tawny joga as folhas sujas no lixo e me encara, o rosto impassível mais uma vez. — Temos que aceitar que a verdade é que ele escondeu coisas de você. Coisas importantes. O nome dele. Seus antecedentes criminais.

Eu me contraio ao ouvir essas palavras.

Se Tawny me amasse menos, seu olhar seria de pena. Mas agora ela só parece arrasada.

— Ah, River.

Vou até o sofá e me jogo no assento, envolvendo o abdômen com os braços como se quisesse me proteger.

— Talvez seja melhor eu falar com a polícia — digo. — E dizer que vi minha mãe. Assim eles podem retomar a investigação. Quem sabe ela não volta se for algo mais oficial?

Tawny atravessa a sala, se senta comigo e pega minhas mãos. Ela hesita, e seu dedo acaricia delicadamente os meus.

— River — diz ela devagar. — Você já parou pra pensar que talvez sua mãe não *queira* ser encontrada? Especialmente pela polícia?

Não diga isso. Não posso pensar isso.

Ergo o queixo com certo ar de teimosia.

— Como assim?

Tawny franze a testa. Não serei eu a pronunciar aquelas palavras.

— River. Com tudo que seu pai escondeu, talvez tenha mais coisas que você não saiba. — Seus lábios tremem.

— E…?

— E se o jeito bonzinho de Jay fosse apenas encenação? E se sua mãe tiver ido embora… pra *escapar* dele?

Lágrimas caem dos meus olhos enquanto encaro Tawny.

— *E…?*

— Meu Deus, você vai me obrigar a dizer, é? — Tawny passa as mãos no cabelo e segura a nuca. — E se ela tiver iniciado o incêndio pra acabar com ele de uma vez por todas?

O silêncio se espalha entre nós duas, tão violento quanto uma bigorna caindo lá do alto e atravessando o teto, destruindo o piso aos nossos pés.

— Não — digo simplesmente. — O incêndio foi um problema elétrico. — Balanço a cabeça com força. — Olha, eu estava lá naquela noite. Ela não teria incendiado a casa se soubesse que eu estava lá.

— River — responde Tawny com uma voz carregada de aflição. — Acho que

você já esqueceu, mas não era para você estar na sua casa. Você *ia* passar a noite com Noah.

— E como ela saberia disso? — Ergo as mãos para o alto. — Ela não sabia disso. Ela não estava falando comigo nem com meu pai.

Tawny ergue a sobrancelha.

— E como tem certeza disso?

Ao perceber a tristeza em meu rosto, Tawny se compadece.

— Que merda, Riv. — Ela joga os braços ao redor do meu pescoço. — Juro que não estou tentando fazer você sofrer. Meu Deus, eu sinto muito. Estou tentando ajudar, por favor, acredite. — Ela se afasta e pressiona a testa na minha. — Sua mãe jamais teria incendiado a casa se soubesse que você estava lá.

Tawny continua me abraçando enquanto choro, até que lembro de outro fato que me faz recuar.

— Canyon Rock City, Tawny. A cidade do artigo. É a cidade natal da minha mãe!

Ela não diz nada. Apenas me olha de um jeito triste e cauteloso.

— Vamos lá comigo amanhã. Fica apenas a duas horas de carro daqui. É onde ele foi preso. É onde ela cresceu. Todas as respostas estarão lá.

Tawny suspira, afastando o cabelo do meu rosto.

— Amanhã eu trabalho, River — diz ela.

— Bem, talvez então no dia segui…

— E mesmo que não trabalhasse, eu diria não — prossegue Tawny, pronunciando as palavras com cuidado. — Porque não acho que você deva ir.

— Por que não? — Eu me afasto.

Tawny pega minhas mãos de novo e encara nossos dedos.

— River, acho melhor você pensar direito. Acho melhor você não se meter nessa história.

— Por que raios eu não…

— Porque *se* você se meter — Tawny ergue a cabeça com um olhar frio —, se o pior cenário realmente tiver acontecido, você pode perdê-la também. Você faria sua mãe ser presa. Por ter assassinado seu pai.

capítulo 30
river

— Então o que você vai procurar lá em Canyon Rock City? — pergunta Noah no dia seguinte, olhando para a estrada empoeirada que se estende até o horizonte.

Pensei no conselho de Tawny. Entendo o que ela quer dizer. De verdade. Mas sinto que não tenho escolha: preciso saber mais. Preciso ir a Canyon Rock City em busca de tudo que eu puder descobrir. Eu não poderia ir sozinha. Tawny não quis ir, Tita Anna ainda está viajando, então minhas opções eram limitadas.

Logan, sussurrou meu cérebro traidor.

No fim das contas, foi Noah que convidei e foi Noah que topou.

— Vou procurar *qualquer coisa* — respondo. — Qualquer detalhe microscópico que possa provar que meu pai não matou ninguém e que minha mãe não matou meu pai. — Observo o deserto passar por nós, as colinas irregulares, os cactos e as rochas. — Algo que prove que minha vida inteira não é uma mentira.

— Bem — diz Noah baixinho —, eu também conhecia seus pais. Sua vida não é uma mentira.

São palavras gentis. Gentis e vazias.

— É legal da sua parte dizer isso, Noah, só que você não acabou de descobrir que talvez seus pais sejam assassinos. Então me desculpe, mas preciso repensar os últimos dezoito anos.

A expressão de Noah muda.

— Tudo bem — cede ele. — Eu entendo. É complicado. E, bem… não consigo nem imaginar como isso tudo deve estar sendo terrível pra você. — Ele dá um tapinha na minha mão, do jeito que imagino que uma avó faria, se eu tivesse conhecido as minhas. — Que tal a gente escutar uma música?

Noah liga o rádio, e fico tensa no banco de couro, pois a música é familiar da pior maneira possível.

Houve uma época em que eu cantava essa música todo fim de semana no Prickly Pear, um bar local. Por um instante, não consigo evitar a enxurrada de lembranças que vêm à tona. Os rostos dos meus pais em meio ao público, o tão

sonhado letreiro com meu nome do lado de fora do bar. ATRAÇÃO DE HOJE: RIVER SANTOS.

Desligo o rádio, mas não adianta.

É difícil fugir do fantasma das minhas lembranças. E é ainda mais difícil matá-lo.

Meu celular vibra. Nem preciso olhar, pois sei quem está me mandando mensagem. Logan. Depois de 24 horas de silêncio, ele enviou várias agora de manhã. Essa já é a quarta tentativa.

Logan

Por favor. Apenas me escute.

Não consigo lidar com ele agora. Tipo, de jeito nenhum. Então o bloqueio. Vou desbloqueá-lo quando estiver pronta para conversar. Seja lá quando for.

Por um tempo, Noah e eu seguimos tranquilos no carro, com músicas que não conheço preenchendo o silêncio e a beleza do Deserto de Sonora se espalhando ao nosso redor.

Canyon Rock City fica ao norte de Phoenix, a mais de uma hora de distância, e o nosso trajeto está sendo ainda mais demorado devido a obras na rodovia I-17. Minha mãe nunca disse nada sobre o lugar. Em geral, ela não é de ficar remoendo o passado e sempre evitava perguntas sobre sua infância. Tudo que sei é que seus pais morreram quando ela era pequena, e sobre a casa de sua infância, ela só dizia que "não vale a pena lembrar de nada daquilo". Ou então ela dava alguma resposta genérica às minhas perguntas: "Querida, sou uma flecha, não um bumerangue. Estou sempre mirando e indo para a frente." Uma de suas prediletas era: "Já vivi o dia de ontem, e uma vez já foi mais do que o bastante."

Seus pensamentos sempre foram voltados para o futuro. Muitas de suas frases começavam com *um dia*. "Um dia, vou aprender a tocar violino"; "um dia, vamos a Nova York para assistir a todas as peças em cartaz na Broadway"; "um dia, River, seremos ricas, e todos os nossos problemas vão acabar".

Eu tenho dinheiro, e, curiosamente, meus problemas estão longe de acabar. A cada quilômetro, nos afastamos mais da civilização e adentramos o deserto, onde há mais cactos saguaro do que humanos. Nunca vi cactos tão altos, com os braços estendidos para o céu, alguns encurvados, outros dobrados, todos magníficos. Os encantos do deserto vão se revelando, e não entendo como minha mãe nunca quis morar aqui, como toda essa beleza não mexia com ela.

Finalmente chegamos a Canyon Rock City, que é a menor cidade que já vi. Ruas estreitas serpenteiam por entre as colinas cheias de cactos, pontilhadas com todo tipo de casa. Tem trailers, lindos ranchos com cercas ao redor, casas rústicas de barro. Há mais placas de trânsito alertando da travessia de vacas do que placas de "Pare". Mata-burros dividem no meio a rua de uma faixa só que atravessa a cidade.

Noah para o carro de repente para deixar um touro, uma vaca e dois carneiros atravessarem a rua.

— Até agora vimos quatro animais e nenhuma pessoa em Canyon Rock City — diz ele, surpreso.

O centro da cidade tem alguns restaurantes, um mercado, uma lavanderia, um salão de cabeleireiro e uma organização de doação de alimentos. É difícil imaginar minha mãe aqui com qualquer idade, e finalmente estou começando a entender por que ela nunca quis olhar para trás. Ela ama a agitação de Scottsdale e sempre se mostrou uma pessoa urbana. Um lugar tão minúsculo como esse jamais conseguiria contê-la.

— Para onde vamos? — pergunta Noah, olhando o estacionamento vazio do mercado enquanto um quadriciclo passa ao nosso lado.

— Para a biblioteca. Quando pesquisei, vi que lá tem exemplares do *Canyon Rock City Times*. Além disso, quero ver se alguém aqui se lembra da minha mãe.

— Um mistério de cada vez — Noah procura o endereço da biblioteca em seu celular.

Como era de esperar, a Biblioteca Pública de Canyon Rock City é pequena, mas, julgando pelos panfletos no quadro de avisos, é nitidamente o centro social e cultural da região. A bibliotecária, uma mulher de meia-idade de rosto simpático, tira os óculos antes de nos responder sobre os arquivos digitais.

— Você está procurando o quê exatamente, querida? — Ela limpa as lentes com a camisa. Tem um crachá com nome no seu cardigã: DEIRDRE MONTGOMERY.

— Jornais antigos — digo. — A partir do início dos anos 2000, para começar.

Deirdre dá a volta no balcão e sinaliza para que a sigamos.

— Algum de vocês sabe usar microfilmes e microfichas?

— Micro o quê? — pergunto timidamente.

Ela suspira.

— Venham comigo. Eu ensino vocês a usar a máquina.

A sala do arquivo é pouco iluminada, tem cheiro de frascos de tinta para caneta e de produtos químicos. Há gaveteiros repletos de rolos finos de microfilmes. A leitora de microfilmes parece um computador grande, de monitor quadrado, atrelada a um microscópio. Não demoramos para aprender a usá-la, e passamos uma

hora lendo manchetes como "VOLUNTÁRIOS NECESSÁRIOS PARA A LIMPEZA ANUAL DO RIO AGUA FRIA" ou "FEIRA DE SAÚDE OFERECE EXAMES GRATUITOS PARA MORADORES".

Estou prestes a perder as esperanças, e então um rosto familiar chama minha atenção.

— Pare, volte! — Inclino-me para a frente, com o rosto a centímetros da tela. Noah volta alguns artigos e para quando digo: — Ali.

Debaixo das palavras "FEIRA LOCAL DO CONDADO ATRAI MULTIDÕES", há uma foto da minha mãe adolescente, com o braço ao redor de um rapaz, ambos na frente de uma feira movimentada.

Era essa foto recortada que estava dentro do cofre do meu pai.

Mas essa tem uma legenda embaixo que diz "Jennifer Cole (17) e seu noivo Daniel King (19) prestes a assistir à exposição anual de gado".

— Você sabia que sua mãe tinha sido noiva de outra pessoa antes do seu pai? — pergunta Noah.

— Não — sussurro, sentindo um nó na barriga. Não era isso que eu estava procurando.

Minha mãe estava com o cabelo longo e liso, e foi fotografada enquanto ria. O rapaz ao seu lado era alto, magro e bonito. Ele também exibia um sorriso charmoso no rosto e tinha covinhas fundas. A foto é em preto e branco, porém, mesmo assim, dá para perceber que seus olhos são claros e brilhantes e que seu cabelo é loiro-escuro. Ele aparece usando um chapéu de caubói espalhafatoso, com as estrelas e listras da bandeira americana.

Minha mãe está linda no registro, como sempre. Mas, na vida real, nunca a vi com uma aparência tão leve assim.

No entanto, por mais que ela esteja cativante, não consigo tirar os olhos do rapaz.

Seu *noivo*.

Ele me parece familiar por algum motivo, embora eu tenha certeza de que nunca o vi pessoalmente.

— Você está bem? — pergunta Noah. — Podemos fazer uma pausa se quiser.

— Estou bem — insisto, apesar de sentir um calafrio percorrer meu corpo inteiro. Uma sensação de irrealidade vai se formando a cada novo segredo que descubro.

Tiro uma foto com meu celular antes de continuarmos no ano de 2001, pois vim atrás de um artigo específico e é ele que preciso achar. Tirando um roubo aqui e uma batida ali, depois de setembro as manchetes passam a ser de uma história atrás da outra sobre a Guerra ao Terror. Vou passando e passando, com os olhos já

cansados. De repente, a foto da ficha policial do meu pai aparece junto à manchete sombria que vi na internet: RESIDENTE LOCAL, JACOB SANTOS, É PRESO POR HOMICÍDIO CULPOSO NO TRÂNSITO.

Em respeito, Noah se distancia um pouco para que eu possa ler o parágrafo decepcionantemente curto.

"Um rapaz de 22 anos foi preso após um acidente fatal, segundo a Delegacia de Rock City. A batida aconteceu às 2h30, na quinta-feira, perto do cruzamento entre Rock Road e Park Street. Uma pessoa morreu e outra ficou ferida. Jacob Santos admitiu que dormiu no volante após beber. O policial Forrest Garrett compareceu à cena do acidente com a assistência de socorristas. Santos foi denunciado por dirigir embriagado e por homicídio culposo no trânsito."

— É só isso?! Continue, tem que ter mais — pergunto. — Aí diz quem morreu?

Noah continua passando os microfilmes, mas sinto um aperto no coração quando, de repente, aparece uma manchete de dezembro de 2001 anunciando que, após quase duas décadas, o jornal infelizmente ia parar de ser publicado.

Mais um beco sem saída.

Noah se recosta na cadeira. Por um momento, apenas nos entreolhamos.

— Não pode ser só isso. Não posso sair daqui sem saber quem foi que ele matou.

— A cidade é pequena — diz Noah. — As pessoas costumam se lembrar de um acidente assim. Talvez a bibliotecária saiba o que aconteceu, não?

Faço que sim, e vamos até Deirdre para contar o que encontramos.

Ela nos lança um olhar meio hesitante antes de responder:

— Só tem uns cinco anos que me mudei pra cá, mas minha vizinha, Lucy Erikson, viveu aqui a vida inteira, e o marido dela era policial. Ela já tem uns oitenta anos, mas está com a cabeça ótima. Talvez ela saiba de alguma coisa.

— Ótimo. Podemos falar com ela? — pergunto.

Deirdre dá de ombros.

— Passe lá na casa dela na Brook Street. É a segunda à esquerda. Ela adora receber visitas.

Volto para a sala do arquivo para tirar fotos dos artigos com meu celular enquanto Noah vai pegar o carro. Depois, partimos em busca da sra. Erikson.

— É ÓBVIO QUE me lembro daquele acidente — diz a sra. Erikson.

Estamos sentados na varanda de sua casa. Depois que batemos à porta e nos apresentamos, ela insistiu em pegar uma jarra de limonada caseira e biscoitos de gengibre, mas estou agitada demais para comer ou beber qualquer coisa.

Sua casa modesta fica em uma rua sinuosa e não pavimentada. Longe do asfalto e do concreto sem fim de Phoenix, aqui as temperaturas são toleráveis à noite. Noah pareceu ficar envergonhado quando me apresentei às pressas, mas *preciso* saber a verdade, e a sra. Erikson tem as respostas.

— Acho que a cidade inteira lembra. Foi no dia em que eu e Larry completamos trinta anos de casados. Ele ainda trabalhava naquela época. Larry era um bom policial, sempre colocava o trabalho em primeiro lugar, e ele era amigo de Forrest, o policial que esteve na cena do acidente. No dia seguinte, ficamos sabendo de tudo. O homem que morreu chegou a jogar o carro na mureta tentando evitar o motorista embriagado.

— Sra. Erikson — digo. — A senhora lembra o nome da pessoa que morreu?

— Ah, lembro. Ele estava sempre arranjando encrenca. Mesmo assim, foi uma pena o que aconteceu. — Ela hesita, e fico sem ar esperando sua resposta. — O nome dele era Danny King.

O nome pesa no meu peito. *Danny*… isto é, Daniel. Com os dedos trêmulos, abro a foto do artigo em meu celular e dou um zoom em minha mãe e Daniel, mostrando a imagem para a idosa à minha frente.

— Ah, isso. É ele mesmo — sussurra a sra. Erikson. — E pobrezinha dessa garota. Também me lembro dela.

— Como assim, "pobrezinha"? — digo, o coração martelando o peito. Noah sente meu pico de ansiedade, pois põe a mão no meu joelho. — O que aconteceu com ela?

— Você a conhece? — Ela semicerra os olhos.

— É minha mãe.

— Ah! — Os olhos da sra. Erikson se arregalam, e ela sorri. — Ah, mas que encanto. Você é uma filha de Canyon Rock City. Como é seu nome mesmo?

— River.

— River — repete ela, estudando meu rosto. — É um imenso prazer conhecê-la.

— A senhora poderia me falar sobre ela, por favor? Mesmo que seja algo difícil de ouvir, eu gostaria de saber — peço, apertando a bainha da minha camisa.

A sra. Erikson tira os óculos e aperta o dorso do nariz.

— Ah, querida, já faz tanto tempo. E, sinceramente, não sei se cabe a mim te contar essas coisas. Você não tem nenhum parente a quem possa perguntar?

— Meu pai morreu — digo em voz baixa. — Minha mãe… está fazendo uma longa viagem, não consigo entrar em contato com ela. E não tenho mais ninguém. — Me inclino na cadeira, implorando silenciosamente. — Qualquer coisa me

ajudaria.

A sra. Erikson faz "hum" de um jeito triste e contemplativo, depois põe os óculos de volta no rosto.

— Lamento saber de tudo isso. — Ela respira fundo e me olha com uma melancolia cortante. — Sua mãe estava no banco do passageiro do carro.

Me sinto enjoada. Peças impossíveis e horríveis do quebra-cabeça começam a se encaixar.

— Foi tão terrível — sussurra ela. — Eles eram tão jovens, tinham a vida inteira pela frente. Danny era um tolo e vivia fazendo besteira.

Ainda estou tentando assimilar tudo quando a sra. Erikson prossegue, quase que falando para si mesma:

— É óbvio que a cidade inteira lamentou o que aconteceu com Danny. E o que aconteceu com sua mãe depois foi de partir o coração… — Ela se interrompe abruptamente, os olhos assustados atrás dos óculos.

— O que aconteceu? — pergunto.

— Outra pessoa deveria te contar…

— Se a senhora não me falar, ninguém vai. — Sinto uma pressão no peito e preciso engolir em seco antes de suplicar. — Por favor.

Ela suspira.

— Sua mãe e Danny estavam planejando se casar. Na verdade, os dois já estavam começando a família deles.

A sra. Erikson faz uma pausa irritante, e eu estremeço, esperando estar errada sobre o que ela vai dizer.

— Sua mãe estava grávida — completa ela.

— O que… — Paro de respirar. Uma onda febril de náusea se espalha por mim. — O que aconteceu com a gravidez?

A sra. Erikson encara a rua quieta.

— Bem, ela estava grávida quando foi levada para a UTI, e depois, quando a vimos pela cidade, não tinha nenhum bebê. — Ela parece genuinamente triste. — Então nossa conclusão só podia ser *uma*.

Minha cabeça está rodando, e sinto como se fosse desmaiar. Meu pai matou o noivo da minha mãe. Matou o bebê dela. E quase a matou.

E então, por algum motivo que nem consigo imaginar, apenas cinco anos depois, ela se casou com ele e me teve.

capítulo 31

river

Continuo atordoada durante o restante da visita e enquanto me sento no banco do passageiro do carro de Noah.

— Você está bem? — pergunta ele.

Viro a cabeça lentamente e o encaro.

— É óbvio que não está bem. — Noah franze o rosto e morde o lábio. — Sinto muito, River. Nem imagino o que você deve estar sentindo.

— Ela sabia? — sussurro. — Será que meu pai contou a ela quem ele era? Ou será que minha mãe passou esse tempo inteiro sem saber de nada, assim como eu? Ela já sabe, ou continua sem saber? Ou será que ela…

Nem consigo concluir meu pensamento em voz alta.

Ou será que minha mãe descobriu o papel que meu pai desempenhou na pior noite de sua vida e decidiu fazer vingança com as próprias mãos?

— Não tinha como ela não saber, River — diz Noah gentilmente. — O nome e a foto dele saíram no jornal.

Mas, se ela sabia, como foi capaz de perdoá-lo pelo que ele fez? Quem é que se casa com a pessoa que destruiu sua vida? Tem algo faltando nessa história. Estou louca para mandar uma mensagem para minha mãe. No momento, porém, tenho medo de colocar qualquer coisa por escrito.

— Eu não entendo. Por que eles não me contaram nada disso?

Ele me olha de soslaio e segura o volante com mais firmeza.

— River. Ninguém gosta de admitir as piores coisas que já fez.

Passamos o restante do caminho em silêncio. Noah me espia o tempo todo, com seu belo rosto tomado pela preocupação. Ele abre e fecha a boca várias vezes. É compreensível que não saiba o que dizer.

Eu também não sei o que dizer.

Quando chegamos ao meu prédio, continuamos em silêncio por mais alguns instantes.

— Odeio tudo isso — diz Noah finalmente, com a voz cheia de emoção. — Sei que é egoísmo, mas odeio estar aqui como seu amigo. Odeio te ver assim tão

arrasada e não saber como ajudar. Odeio o fato de que não pude te abraçar quando você leu sobre seu pai. Que não pude fazer cafuné em você quando a sra. Erikson nos contou tudo. Odeio não poder…

— Noah… — sussurro.

A verdade é que também sinto falta de poder procurá-lo. Sempre pude me jogar nos seus braços e saber que ele resolveria tudo. Meu Deus, como quero isso. Alguém que queira assumir as rédeas por um momento. Alguém que possa simplesmente cuidar de mim e me dizer que vai ficar tudo bem.

Eu me viro para ele, e ele se aproxima de mim. Noah segura meu rosto e, com o polegar, enxuga uma lágrima que se forma no canto dos meus olhos. Espontaneamente, meu pulso acelera. Fecho os olhos, saboreando sua pele na minha. Tudo no mundo parece terrível neste momento — exceto o toque de Noah.

— Eu nunca deveria ter terminado com você. — O peito de Noah sobe e desce num ritmo acelerado. — Me desculpe, de verdade. Vou me arrepender para sempre do que fiz. Para sempre.

Teria sido muito tentador me jogar nos braços dele e nunca sair. Porém, por mais que eu queira esse consolo, ouço as palavras de Tawny na minha cabeça: *Você poderia proteger seu coração um pouquinho mais.* Com tudo que está acontecendo na minha vida, o passado do meu pai, minha mãe… estou um caos. E isso não seria justo para nenhum de nós dois.

Eu me esquivo, me recostando novamente no assento.

Noah ergue as mãos como se as tivesse queimado.

— Desculpe, River. Não quis me aproveitar da situação.

— Não, você não fez isso. É só que… — Mordo o lábio. — As coisas estão complicadas. Isto é complicado. E o momento…

— É — diz Noah devagar. — Verdade. — Ele também se recosta e põe as mãos no colo. — Você pode levar o tempo de que precisar. Você sabe o que eu sinto, River. — Ele se vira para mim.

— Queria saber o que *eu* sinto também — digo, meio rindo, meio chorando.

Seu olhar se suaviza.

— Eu espero o tempo que for. Não vou a lugar algum.

— Obrigada, Noah — sussurro, e ele se aproxima para me dar um abraço bem forte.

— Sempre, Rivs — diz ele no meu pescoço.

Saio do carro e o vejo ir embora, sentindo o estômago embrulhar. Em outro universo, eu estaria voltando para sua mansão com ele. Ficaríamos no sofá fazendo carinho em Pepper. Depois iríamos para o quarto dele, onde ele faria cafuné em

mim e me diria que vai ficar tudo bem. Nada precisaria existir do lado de fora do castelo da família Pierce.

É uma bela fantasia — mas é só isso. Uma fantasia que não se encaixa mais na realidade, nem tem final feliz.

Os grilos estão cricrilando enquanto pego as chaves na minha bolsa.

— River — diz uma voz no escuro.

Solto um grito e me viro. Logan está sentado no meio-fio, com as pernas estendidas no asfalto do estacionamento vazio.

— O que *diabos* você está fazendo aqui? — sibilo, olhando para todos os lados.

Logan abaixa a cabeça.

— Não quis te assustar — diz ele em voz baixa. — Só queria explicar as coisas. Depois vou deixar você em paz. Para sempre. Se for isso que você quiser.

Meu coração vai desacelerando conforme o encaro.

— Faz quanto tempo que está aqui? — pergunto.

— Não muito. Somente uma hora. — Ele se levanta devagar. — Ou quatro.

— Meu Deus. — Fico boquiaberta.

Logan se alonga e estala o pescoço.

— Pois é. — Há um vazio em sua voz. Ele inspira. — Bem. Vamos conversar aqui fora mesmo? Por mim, pode ser da forma que você se sentir mais à vontade.

Mexo minhas chaves nervosamente entre os dedos, pensando.

— Se você fizer *qualquer coisa* esquisita, eu te expulso — digo. — E se você se recusar a sair, o número da delegacia está na minha discagem rápida.

— Tudo bem. — Ele faz que sim com a cabeça.

Ligo todas as luzes assim que entro, e quando finalmente consigo enxergar Logan direito, levo a mão até a boca.

Seu olho esquerdo está quase fechado de tão inchado, com a pele ao redor em um tom roxo-escuro. Ele está com o lábio ferido, e a ponte de seu nariz está reluzente e vermelha. Com a camiseta branca e a calça de moletom que está vestindo, ele parece um jovem boxeador depois de perder uma luta. Um que talvez pense em desistir do esporte para sempre.

— Como está seu joelho? — pergunta ele, apontando para os meus curativos.

— Está bem — digo, ainda analisando seu rosto. — Logan, você está…

— Eu sei. — Ele exala bem devagar e ergue a cabeça. — Fico feliz que esteja tudo bem com seu joelho.

Nós dois nos sentamos em lados opostos do sofá, e ele me observa por um longo instante, com o olho que não está ferido brilhante e azul. Então ele se inclina um pouco para a frente.

— Vou direto ao ponto. Dois anos atrás, minha mãe foi diagnosticada com câncer de pulmão. Ela era vegana e nunca fumou na vida, mas, por algum motivo, a probabilidade não estava do lado dela. — Ele passa a mão no maxilar. — A doença foi detectada cedo. O tumor ainda não estava muito grande. A cirurgia resolveria tudo. Seria algo rápido e fácil. Foi o que nos disseram: rápido e fácil.

Ponho a mão na boca.

— Minha mãe estava bem nervosa no dia. Ela queria que eu a fizesse rir, então fiquei contando um monte de piadas superidiotas pra distraí-la. Ela estava prestes a ser levada na cadeira de rodas, e eu quis contar uma última piada. "Como se chama o policial que se olhou no espelho?" Ela me deteve antes que eu pudesse contar o final e disse: "Assim vou ter um motivo para acordar."

Luto contra meu instinto que me diz para me aproximar e consolá-lo, e me obrigo a ficar parada.

— Ela nunca acordou. — Ele fecha os olhos. — Aquele dia… — sussurra ele — …não foi nada bom.

Logan para um instante e depois continua.

— No começo, disseram que foi algo que "infelizmente pode acontecer", que a anestesia sempre oferece algum risco. Que a probabilidade de complicações era de 0,5%. Tínhamos ganhado na pior loteria possível.

Estou prestes a dizer que sinto muito, mas ele balança a cabeça antes que eu fale.

— A verdade é a seguinte, Santos. *Não* foi isso que aconteceu. Minha mãe não morreu por uma questão de azar. — O rosto de Logan é tomado por uma sombra escura. — Ela foi assassinada.

Fico de queixo caído.

— Hã? — Inspiro horrorizada.

Logan se levanta e faz uma careta por ter se movido rápido demais, com o corpo ainda dolorido. Ele começa a andar de um lado para o outro.

— Eu não acreditei que "infelizmente aconteceu". Minha mãe era saudável. Eu insisti em buscar explicações. E finalmente convenci meu pai a insistir também. Deu certo. Um dia, eles finalmente concordaram em se reunir conosco. O cirurgião compareceu com uma equipe de advogados. — Logan para de andar, o corpo rígido de fúria. — O cirurgião é alcóolatra. Ele estava sóbrio havia muito tempo, mas teve uma recaída. No dia da cirurgia, ele bebeu. Estando de plantão. — Ele cerra os punhos com tanta força que ouço seus dedos estalarem. — Está entendendo?

— Ah, Logan.

Meu coração se contorce.

Ele perde todas as forças e se deixa cair no sofá.

— Ele nos ofereceu uma fortuna em troca do nosso silêncio. Milhões e milhões de dólares. — Logan abre as mãos. — Tudo que precisávamos fazer era assinar na linha indicada e deixar o homem que assassinou minha mãe sair ileso. Mandei todos se ferrarem, mas meu pai agarrou a caneta na mesma hora. E foi isso. Meu pai virou multimilionário de um dia para o outro. No dia seguinte, planejei minha mudança.

— Você não pôde… não pôde fazer nada? — Tento umedecer os lábios, mesmo com a língua seca.

Ele se inclina para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Não. Não pude. Eu era menor de idade. Meu pai assinou um monte de documentos por mim. Um monte de termos jurídicos dizendo que, se eu abrir o bico, vou passar o resto da vida enfrentando processos. Então fui procurar alguém que *pudesse* fazer alguma coisa. Dei uma investigada. Descobri onde eram as reuniões do A.A. que o babaca frequentava. Descobri quem era o padrinho dele. — Os olhos de Logan se viram para os meus com intensidade. — Era seu pai.

Meu corpo congela. Inclino-me para trás involuntariamente, meu coração acelerando.

— Meu pai — repito.

Logan assente.

— Sim. O engraçado foi que, quando o vi, fiquei aliviado. Eu o conhecia. Ele já tinha me ajudado antes e poderia me ajudar de novo. Fui até a sala dele no colégio e contei tudo. Falei que ele *precisava* denunciar o médico. Ou pelo menos impedi-lo de fazer aquilo de novo, mesmo que não fosse uma questão de obter justiça pela minha mãe.

"Ele ficou chocado. Passou um minuto em silêncio. Quando se recuperou, ele me disse que resolveria. Que tomaria uma atitude. Eu confiei nele. Mas meses se passaram, e nada. Sempre que eu encurralava seu pai no colégio pra perguntar, ele dizia que eu precisava ser paciente, que era uma situação 'delicada'. E o tempo foi passando, e aquele maldito cirurgião continuava ileso."

Logan abaixa a cabeça, com o rosto cheio de vergonha.

— Agora vem a parte de que eu… não me orgulho. Comecei a surtar. Passei a dormir cada vez menos, fui ficando com cada vez mais raiva. E eu… — Ele parece angustiado. — Meu Deus, River. Comecei a seguir seu pai.

— Como assim "seguir meu pai"?

Logan fica com uma expressão atormentada.

— Eu só queria ver se ele estava mesmo pressionando o médico. E ele estava, mas mesmo assim nada aconteceu. Depois disso, sei lá, eu continuei seguindo-o, procurando alguma maneira de chantageá-lo pra que ele denunciasse o babaca de

uma vez. — Logan passa a mão no lado não ferido do rosto. — Nada deu certo. Parecia que eu estava vivendo em uma realidade alternativa, em que os vilões sempre se safam. Pesquisei muito na internet, procurei tudo sobre o médico, sobre seu pai. Tentei pseudônimos. Digitei várias combinações de palavras no Google. E então... *bingo*.

Sei o que ele vai dizer.

— Deixe eu adivinhar. Você encontrou o artigo. Canyon Rock City — digo com um tom de repulsa.

Como Logan não nega, o resto das peças se encaixa. Penso nos bilhetes.

— "Sei o que você fez" — recito. — "Você não vai conseguir se esconder." — Semicerro os olhos. — "Assassino."

— Eu sei. — O rosto de Logan se contrai, ainda que só por um segundo. Ele se enrijece e enche o peito. — Agora parece a maior idiotice. Eu só queria que ele fizesse alguma coisa.

— E deu muito certo, né?

— Não deu nada certo. — Ele cerra o maxilar. — Depois percebi que, toda sexta-feira de manhã, seu pai ia a uma lanchonete perto do meu apartamento. Em uma tarde depois do colégio, no começo de dezembro, entrei lá e me candidatei a um emprego. Eu estava precisando, de qualquer jeito. Dois coelhos com uma cajadada só. E no meu primeiro dia, dei de cara com uma das garotas mais lindas que eu já tinha visto na vida, limpando cardápios atrás do balcão. — Ele enterra o rosto nas mãos. — Juro por Deus que só descobri quem você era quando Gertie me disse o seu nome e o de Tawny.

Logan parece nauseado. Está com a voz rouca.

— Eu me senti enojado na mesma hora, se é que isso ajuda em alguma coisa. Quase pedi demissão no segundo dia. Além de me sentir o maior canalha, um frasco de mostarda explodiu em cima de mim, e duas mesas não me deram nenhuma gorjeta. Depois fiz uma besteira no caixa, e isso foi a gota d'água. Decidi que iria embora e nunca mais voltaria.

Cruzo os braços na frente do peito.

— Então por que voltou?

Logan me olha demoradamente.

— Você pegou uma camiseta limpa pra mim no escritório. Disse para eu fazer uma pausa lá atrás enquanto resolvia o problema no caixa. Eu fui e encontrei Malhadinho lá. — Ele suspira. — Parece bobagem, mas minha mãe amava gatos malhados. Ela teria adorado Malhadinho. Pareceu um sinal ridículo para eu continuar trabalhando naquele lugar.

— E me espiar. — Não foi uma pergunta.

— Não, River, eu juro. No segundo em que comecei a trabalhar com você, deixei tudo isso de lado.

Meus lábios se entreabrem, e solto um suspiro.

— Por quê?

— River, faz meses que estou perdidamente apaixonado por você. — A voz dele transparece desespero. — Não sei como alguém pode ficar perto de você e não se apaixonar. Não importava o quão frio eu fosse, você sempre foi *gentil*. Então recuperei meu bom senso e deixei tudo de lado. Parei de espiar seu pai. Parei com os bilhetes. Estava me preparando pra pedir desculpa a ele e corrigir a situação. Só que, então, ele faleceu. E, depois disso, eu não quis chegar perto de você de jeito nenhum.

Só encontro minha voz depois de algumas tentativas.

— Por quê?

— O que fiz com seu pai… fiz aquilo no pior momento da minha vida. Minha mãe morreu, e isso me transformou em um *monstro*. Em uma coisa cheia de raiva que eu nem reconhecia. E quase me senti responsável pela morte dele, como se de alguma maneira minha raiva tivesse direcionado algum carma cósmico. — Logan balança a cabeça. — E se, por algum milagre, você permitisse que a gente se aproximasse? Como eu te explicaria minha história? Como contaria que respondi à generosidade do seu pai tentando chantageá-lo? E se você descobrisse tudo? — Ele morde o lábio. — Caramba, não seria o *maior* desastre?

— Pois é — consigo dizer. — O maior desastre.

— Não estou aqui esperando perdão, nem sequer aceitação. Só queria que você soubesse a verdade, por mais que ela seja feia. Você merece honestidade, e traí sua confiança mais de uma vez.

Não sei onde encontro minha voz, mas me obrigo a fazer a pergunta:

— Quem era o cirurgião, Logan?

Logan me olha nos olhos.

— Acho que você sabe, River.

E eu sei. Sei mesmo. Puta merda. Só que é tão doloroso que preciso ouvi-lo dizer, preciso ter certeza. Logan nem consegue me olhar quando diz:

— Foi o dr. Charles Pierce.

capítulo 32
logan

O cemitério está vazio hoje, o que é conveniente. Estou sozinho com meus fantasmas, e isso é tudo que mereço.

Coloco os jacintos na lápide da minha mãe, e penso nos jacintos que pus na porta da tia de River muitos meses atrás. Naquela época, eu não sabia que eram as flores prediletas de seu pai. Eu só sabia que precisava fazer alguma coisa.

E fui covarde demais para assinar o cartão do buquê.

Junto as mãos à minha frente. Nunca fiz a coisa toda de conversar com o túmulo. Tentei uma vez. Parecia que eu estava batendo na porta de uma casa abandonada. Porém, me sinto tão perdido que estou disposto a tentar de novo.

Será que fiz a coisa certa ao contar tudo para River? Será que ajudou? Foi ao menos o suficiente?

Ela ainda estava refletindo em silêncio, chocada com minha revelação, quando saí de seu apartamento. Devo ter passado um minuto inteiro na frente de sua porta fechada, estendendo a mão para bater mais uma vez, querendo dizer pela última vez *"Desculpe, eu te amo, por favor, me perdoe"* antes de ir embora. Porque não tenho o direito de dizer tais coisas. E preciso aceitar que talvez eu nunca reconquiste esse direito.

— Estou tão *fodido*, mãe — digo, e me retraio na mesma hora. Ela não gostava de me ouvir usar essa palavra. Passo a mão no cabelo. — Desculpe. Vou tentar melhorar.

Uma brisa sopra, e o aroma de alecrim se espalha pelo ar. Minha mãe tinha um vaso de alecrim na janela da cozinha e usava a planta em quase tudo. Não consigo mais comer nada que tenha alecrim, mas sentir esse cheiro agora… Bem, de repente a casa não parece mais tão abandonada.

Ouço o barulho de cascalho sendo pisado atrás de mim. Espero para ver se os passos vão parar. Como isso não acontece, ergo o queixo. Endireito a postura. Depois que os passos ficam mais altos, eles param. Há uma breve pausa. Depois de alguns segundos, meu pai aparece do meu lado.

Ficamos ombro a ombro, encarando o túmulo da minha mãe. O silêncio é

pesado. Ele se mexe primeiro, abaixando-se para colocar outro buquê de jacintos ao lado do meu.

— Bonito o seu buquê — troveja sua voz, mesmo que ele tenha sussurrado. Mas meu pai falou primeiro, como um sinal de trégua.

— O seu também. — Faço uma pausa. — Não sabia que ia vê-lo aqui.

Meu pai solta um riso. Não é maldoso, mas soa meio tenso.

— Não fui eu que parei de vir aqui, Logan — diz ele.

Sinto a culpa subir pelas minhas veias como formigas. Resisto à vontade de me mexer em meio ao silêncio. Limpo a garganta.

— Você ainda vem? Todo domingo? — Não consigo disfarçar a surpresa da minha voz.

— Todo domingo — responde ele baixinho. Eu me viro para ele, que já está me encarando com suas feições imponentes contidas. Sempre contidas. — Você veio só por causa da sua mãe? Ou também veio para me ver?

— Preciso de um conselho dela.

— Ah. — Algo no rosto dele oscila.

— E vim ver você. — Permaneço parado e olho bem nos olhos do meu pai. Não posso permitir que perceba que minhas palmas estão suando, o quão rápido meu sangue corre. — Queria que você soubesse que vou revelar publicamente as informações sobre Pierce. Cansei de me esconder. Cansei de sentir medo. — Continuo olhando nos seus olhos, embora pareça que estou segurando brasas quentes. — Queria que você soubesse.

Nós nos encaramos. O silêncio entre nós parece quilométrico, tão tenso quanto os instantes que precedem um duelo. Meu pai me olha, *realmente* me olha. Não me lembro de ele ter feito isso antes. E então, assente.

— A equipe de advogados dele é maior do que o time do Cardinals — diz ele.

— Faz sentido.

— Você tem dezoito anos. Legalmente, já é adulto.

— Eu sei disso.

— Hum. — Ele assente de novo. — Muito bem.

Fico esperando mais. Que sua voz fique mais pesada e furiosa. Que suas sombras se alonguem, que o chão trema. O nó na minha barriga se *contorce*. E nada acontece.

— Só isso? — digo. — Mas você pode perder a mansão. E seu dinheiro.

Meu pai me olha demoradamente.

— Já perdi coisas mais importantes do que isso — comenta ele e olha para o local onde minha mãe foi enterrada. Passamos mais um tempo em silêncio.

— Talvez… — sugiro, a voz rouca —, talvez eu também precise de um

conselho seu. — Engulo em seco. — O que a pessoa faz se… *quando*… fica com a garota perfeita, mas depois a perde? Como lidar com isso, se a culpa é toda sua? Como lidar com o remorso?

— Ah. Bem… — Os lábios do meu pai se contraem. — A maioria de nós não consegue ficar com a garota perfeita. Eu tento me sentir grato pelo tempo que tive com a minha. — Seu rosto se entristece, e imagino que essa seja a aparência de um leão com uma imensa juba murcha. — Passo muito tempo sozinho agora, Logan. Tenho tempo de sobra pra pensar. Tenho incontáveis arrependimentos e nenhuma sabedoria pra compartilhar. Só posso dizer que há muitas coisas que eu gostaria de ter feito diferente. — Meu pai me dá outro olhar demorado, significativo, e a onda de emoções que isso provoca quase me derruba.

— Tudo bem, pai — digo depois de um minuto. — Tudo bem. — Dou uma olhada no celular e posiciono-me para ir embora.

— Era ela? — pergunta meu pai. — Dentro do carro, no Quatro de Julho? Sua garota perfeita?

Faço uma pausa.

— Era. — Passo a mão no topo da lápide da minha mãe. — O nome dela é River.

— River — repete meu pai. — Que pena que você a perdeu, Logan.

— Foi culpa minha. — Dou de ombros, mas me sobressalto quando meu pai põe a mão em um deles.

— Que seus erros façam de você um homem melhor. — Ele aperta os dedos e dá dois tapinhas. — Você vai resistir. Amadurecer. Somente os fortes fazem isso. — Sua voz fica mais baixa. — Hoje eu sei disso.

Não sei se ele tem razão. Se vou me recuperar depois de perder River. Tenho a impressão de que não vou. Porém, com meu pai parado aqui, segurando meu ombro e me dando algo que jamais imaginei que ele seria capaz de me dar, sinto uma pequena esperança. A esperança de que, às vezes, o impossível pode acontecer. De que as pessoas *podem* mudar.

De que *eu* posso mudar. Posso defender o que é correto. Posso aceitar as consequências das minhas ações. Posso fazer tudo que estiver ao meu alcance para reparar os danos que causei.

Talvez River nunca me perdoe. Mas posso me esforçar para me tornar um homem que mereça seu perdão no futuro.

capítulo 33
river

Passo um dia inteiro andando de um lado para o outro no meu apartamento, até decorar a localização de cada rachadura nas paredes, de cada buraco nos azulejos. Não falei com ninguém. Mandei o mínimo de mensagens para Tita Anna e Tawny, para garantir que elas não vão mandar nenhuma equipe de busca atrás de mim.

Tudo que consigo fazer é pensar. E tentar assimilar. E me perguntar como foi que tudo virou uma merda tão grande.

Logan, meu pai, Noah, o pai dele. Meu cérebro dá voltas e voltas, até eu ter a sensação de que ele vai explodir e de que minha vida não é minha. Logan me alertou semanas atrás: todo mundo esconde *alguma coisa*.

Eu só não tinha me dado conta de que todo mundo estava escondendo *tudo*.

Que ninguém na minha vida era quem dizia ser.

Sinto a traição em todas as direções, e, por fim, na noite do domingo, não aguento mais. Entro no carro e vou até a mansão da família Pierce. Depois que toco a campainha três vezes, Noah abre a porta. Ele fica boquiaberto.

— River? É quase meia-noite…

Passo por ele e entro na casa, sem esperar ser convidada. Vou até a sala de estar e começo a andar de um lado para o outro na frente da lareira ridícula deles — é tão grande que daria para assar um boi inteiro.

Noah se aproxima, com as sobrancelhas franzidas de preocupação.

— Você está bem, Riv?

Sei que ele está apenas preocupado, mas, aos meus ouvidos, ele soa condescendente. Ergo a mão, e ele imediatamente se cala.

— Vou te dar mais uma chance de me contar toda a verdade, Noah. — Lanço o olhar mais frio que sou capaz de dar. Espaço as palavras, dando a cada uma o seu próprio momento, quando pergunto: — Por que terminou comigo? Teve algo a ver com nossos pais?

Observo várias emoções em Noah. Choque. Medo. Compreensão. Alívio. Ele assente. Agora seu rosto está calmo. Impassível. Ele se senta no sofá e cruza os

tornozelos. Parece um médico no consultório, tentando ser casual e acessível. Me pergunto se ele vai aproveitar a oportunidade para me dar más notícias. Me pergunto se ele está apenas treinando comigo para depois se dedicar ao seu verdadeiro amor: seguir os passos de seu querido pai.

— Quero começar deixando isto bem claro, River: fui um imbecil — inicia ele. — Terminei com você porque ouvi nossos pais brigando. Não era minha intenção ouvir, mas fiquei nervoso. Nunca tinha ouvido seu pai erguer a voz antes. E o ouvi gritar, de repente: "Não quero fazer isso, mas eu mesmo vou te denunciar se for preciso, Charlie. Estou te dando uma chance de fazer a coisa certa!" Meu pai implorou para seu pai perdoá-lo. Disse que, se fizesse o que seu pai estava pedindo, iria perder o registro profissional, a carreira, tudo. Ele estava praticamente aos prantos, River. Mas Jay recusou. Meu pai perdeu a calma, ameaçou-o e depois saiu furioso. — Noah balança a cabeça tristemente. — Eu estava com medo de que seu pai fosse destruir a vida do meu. Ele foi embora, e nos dias seguintes meu pai simplesmente… desmoronou. Não saía do quarto, me ignorava. Descontou em mim e disse que eu tinha cometido um grande erro ao me associar a uma família como a sua, que se importava mais com princípios do que com todas as vidas que ele salvou. Alguns dias depois, foi a noite em que a gente ia… — Finalmente vejo o primeiro sinal da aparência serena de Noah se desfazendo. — Você não tem ideia do quanto me arrependo. Ah, River! Terminei com você porque achei que seu pai estava ameaçando o meu, e eu não sabia lidar com aquilo. Eu sabia que não conseguiria esconder de você, e também não queria te colocar no meio da confusão dos dois. Quem me dera nunca ter ouvido nada daquilo. Ainda mais sabendo o que sei agora. — A tristeza se espalha pelo rosto de Noah. — Fiz tudo errado, River. E fui um imbecil. Entendi tudo errado. Agora sei que seu pai estava tentando ajudar o meu, que meu pai tinha voltado a beber. Mas é óbvio que quando percebi tudo isso…

Noah para, como se dizer as próximas palavras fosse insuportável. Então eu as digo por ele.

— Quando você percebeu tudo isso — repito —, meu pai estava morto.

Noah olha para as próprias mãos como se estivessem cobertas de sangue.

— Quando descobri o que aconteceu, que a noite que você deveria ter passado comigo foi a noite em que sua casa pegou fogo… — Seu rosto empalidece. — Meu Deus, River, por um momento terrível, achei que eu tinha *te matado.* — Ele fecha os olhos. — Achei que meu pai tinha incendiado sua casa para deter seu pai, e que eu, sem saber, tinha literalmente te mandado para o meio do fogo. Quando te vi no funeral, eu só queria tentar consertar tudo entre a gente, fazer as pazes de alguma

maneira. Quanto mais eu guardava o segredo do meu pai, pior eu me sentia. Chegou um momento em que não aguentei mais e o confrontei. Exigi a verdade. Meu pai se sentou comigo e disse que, se eu queria a verdade, iria ouvi-la. Ele me contou o que *tinha* feito: a mãe de Logan, a recaída, a bebida, o acordo, o termo de confidencialidade. Depois me contou o que *não tinha* feito: ele não era responsável pelo incêndio que matou seu pai. Não foi ele, Riv. Não foi. Ele cometeu erros gravíssimos, mas isso não o torna um assassino perverso.

Noah passa a mão no rosto e suspira bruscamente.

— Sei que dinheiro não compensa nada, mas pelo menos agora você sabe de onde aquela quantia veio e por que…

Fico paralisada.

— O quê? — Inspiro.

Noah faz uma pausa, franzindo o rosto.

— Os… os dois milhões de dólares. Você não…? Achei que…

Minha visão começa a escurecer.

— Foi *você* que me deu os dois milhões? — Vou cambaleando até o sofá, e Noah se levanta depressa. — Estava tentando me *comprar* de volta, Noah?

— *Meu Deus*, River, eu jamais faria isso!

Ele estende o braço para mim, e eu me afasto.

— Não *toque* em mim!

Ele parece surpreso com minha reação, mas logo recua e empalidece. Quero me levantar e sair daqui, mas estou com as pernas bambas.

— Então vamos ver se entendi — digo com a voz áspera. — Você ouve nossos pais brigando. Em vez de vir falar comigo e me contar a verdade para nós dois discutirmos o assunto, você, do nada, no dia em que a gente estava planejando dormir juntos pela primeira vez, *termina comigo*… E depois que minha vida inteira virou cinzas naquela noite, em vez de vir me consolar e explicar tudo *na porra do momento em que eu mais precisava*, você clicou em alguns botões *durante o funeral* do meu pai e jogou uma quantidade repulsiva de dinheiro em cima de mim de forma anônima, só porque não queria se sentir culpado por ser um frouxo que não assume os próprios erros.

De supetão, percebo que foi *exatamente* isso que o pai dele fez na situação com Logan.

Tal pai, tal filho.

— Pelo menos, admita a verdade para si mesmo. Você não terminou comigo pra me proteger da briga dos nossos pais. Terminou comigo porque não queria decepcionar seu pai.

Espero Noah dizer alguma coisa. *Qualquer coisa*. Mas ele apenas abaixa a cabeça, como se eu tivesse entendido tudo, sem tirar nem pôr. É quase pior do que negar. Parece um cachorrinho deitando e me mostrando a barriga.

— Você era o amor da minha — continuo com a voz falhando. — Era a pessoa em que eu mais confiava no mundo. Mas você mentiu e tentou consertar a situação com dinheiro. Parabéns, Noah. Você realizou seu sonho: é exatamente como seu pai.

Fico esperando que ele me olhe nos olhos. Que me diga que estou enganada e que ele não é nada como o pai.

Mas Noah continua cabisbaixo, com o corpo encolhido. Sua inércia mais uma vez parte meu coração.

— Então é isso? — sussurro enquanto me levanto.

— Desculpe, River. — Noah acaba com seu silêncio e me encara com os olhos úmidos e avermelhados. — Eu… me desculpe, de verdade.

De que adianta aquele pedido de desculpa? Isso não vai curar meu coração depois de tanta mentira, depois dos meses que ele me deixou sozinha, enfrentando as piores perdas da minha vida. É mais doloroso do que se ele não tivesse dito nada.

Saio de sua casa e de sua vida de novo, pela última vez.

E não olho para trás.

capítulo 34

river

Faz quase dois dias que não saio da cama. Quando voltei da casa de Noah na outra noite, tudo me atingiu de uma vez só antes mesmo que eu chegasse ao meu quarto. Me joguei no sofá soluçando, daquele jeito incontrolável que aperta os pulmões. Mandei mensagem para Tita Anna, mas já passava da meia-noite, então não recebi nenhuma resposta. Liguei para Tawny chorando tanto que não consegui falar, mas foi o suficiente para ela entender.

— Estou indo — foi tudo o que ela disse. Apareceu vinte minutos depois, vestindo pijama e carregando uma bolsa de viagem no ombro.

Assim que chegou, me cumprimentou.

— Olá — minha amiga estendeu a mão, irritantemente animada. — Sou Tawny, sua cozinheira-enfermeira-terapeuta, quer você goste ou não. Prazer. Além disso, estou me mudando pra cá. — Ela me abraçou forte.

Tawny trabalhou no meu turno ontem para que eu pudesse passar o dia todo encolhida debaixo do meu edredom, como um inseto. Hoje, ela já trabalhou seu turno do café da manhã e agora está fazendo barulho na cozinha, preparando comida para nós duas, embora eu esteja com zero apetite. Não que isso a impeça de tentar me fazer comer.

— Sopa chegando! — anuncia Tawny ao abrir a porta do meu quarto com o quadril, carregando uma bandeja com duas tigelas fumegantes e um pacotinho de torradas. — É canja de galinha. Receita da minha mãe.

Ela se senta na beira da minha cama, e eu me recosto na cabeceira.

— Minha cabeça parece uma bola de boliche — resmungo.

— Não se deite de novo. — Tawny ergue as sobrancelhas, e eu paro de deslizar para debaixo das cobertas. — Fique um pouquinho sentada. E olha: fiz canja de galinha!

— Ah, Tawny — digo baixinho, olhando a sopa gordurosa e o macarrão boiando. — Você é um amor. Eu não te mereço.

Ela revira os olhos.

— Cale a boca. Essa é a maior idiotice que já ouvi.

— Por mais tentador que seja tomar uma canja escaldante em um dia quente de verão, aos 45ºC do lado de fora, não sei se meu estômago vai…

— Só uma colherada, pode ser? — Tawny põe a colher na minha tigela e assopra o vapor. — Só uma, e depois você pode se deitar de novo.

Sua voz soa aguda e animada, mas consigo notar a exaustão que há por baixo do tom. Sinto uma pontada de culpa. Tawny assumiu meu turno sem questionar. Ela passou horas me ouvindo chorar por causa de Noah e Logan, sempre atenta.

— Tá bem — digo, apesar de sentir um embrulho no estômago. — Uma colherada. — O rosto de Tawny floresce com seu lindo sorriso. Ela estende a colher, eu tomo a canja salgada e lambo os lábios. — Nada mal. — Volto para debaixo do edredom. — Como é a receita da sua mãe?

— É moleza. É só misturar um saquinho de sopa instantânea e água. — Tawny ri enquanto a encaro, séria. — Ei, é *realmente* assim que minha mãe sempre prepara.

Observo Tawny assoprar cuidadosamente cada colherada e erguê-la até os lábios com atenção para não derramar na cama, em cima do meu edredom predileto.

— Obrigada. Sério.

— River, *dã*. — Tawny me dá uma cotovelada de um jeito carinhoso, como se o que eu disse fosse idiota, além de fofo. Depois, ela fica séria. — Você não precisa ficar me agradecendo assim. Faço isso porque te amo, e cuido de você porque *é assim que as coisas são*. Pouco tempo atrás, era você que estava cuidando de *mim*.

Não digo nada por alguns segundos. Então, ergo a beira do edredom.

— Quer entrar aqui?

Tawny sorri.

— Não, obrigada. Você está precisando muito de um banho.

Dou a maior risada, surpresa.

— O fundo do poço não é tão ruim com você do meu lado.

Uma batida forte na porta assusta nós duas. Paro de respirar, e Tawny fica alerta, com o rosto tenso.

— Foi o vizinho? — sussurro, esperançosa.

Não foi. Ouvimos de novo. Três batidas fortes na porta do apartamento. Tawny e eu nos entreolhamos, nervosas. Estamos pensando a mesma coisa: com batidas tão intensas, é impossível que seja algo bom.

Tawny me ajuda a sair da cama, e me sinto tonta na mesma hora. Torço para que a pessoa seja rápida, quem quer que seja.

Mas esse desejo vai direto para o espaço quando abro a porta e vejo o rosto suado do policial Yeoman, acompanhado de um homem de gravata e terno velho num tom marrom-escuro, que me encara com seu rosto perpetuamente franzido.

Conheço o policial Yeoman porque ele foi uma das pessoas que investigaram o incêndio da nossa casa; o outro homem faz os pelos da minha nuca se arrepiarem.

— Ah. — É tudo que consigo dizer, ao passo que Tawny permanece muda e tensa do meu lado. Ela prefere a abordagem só-fale-com-policiais-se-estiver-com-seu-advogado.

— Boa tarde, srta. Santos. Sou o policial Yeoman, faz tempo que não nos vemos. Este aqui é o detetive Rust. Você se incomoda se entrarmos por um instante?

Gesticulo para que eles entrem. Pela primeira vez, fico grata por estar entorpecida pela exaustão e mágoa.

Os dois homens ficam parados, meio sem jeito, na sala de estar. O policial Yeoman tira o chapéu e passa a mão na cabeça. Tawny vai até a cozinha para pegar copos de água gelada. Pelo que a conheço, é mais para se distrair do que para fazer uma gentileza.

— Srta. Santos, desculpe, mas é um tema delicado. Podemos conversar a sós?

O detetive Rust gesticula para a cozinha. Tawny larga os copos um pouco relutante, disposta a obedecer, mas não vou permitir de jeito nenhum que ela saia de perto de mim.

Preciso dela.

— Tudo que você for dizer para mim pode ser dito na frente de Tawny — declaro rispidamente.

Só pode ter a ver com o incêndio, pelo menos é o que espero. Mas então o policial Yeoman limpa a garganta e diz:

— Srta. Santos, quando foi a última vez que viu sua mãe pessoalmente?

Sinto agulhas de gelo alfinetando minhas costas. Penso logo na noite do incêndio, nos braços ao meu redor, na certeza de que era minha mãe. *Meu Deus. Eles sabem.*

— Minha mãe? — Finjo que preciso de um tempo para pensar. — Ela deixou a gente faz… bem, faz quase um ano já. Cerca de nove meses, para ser mais específica.

O detetive Rust pega um bloco de notas e um lápis. Assim que ouço o leve barulho das anotações, meu pulso acelera.

— O que está acontecendo? — digo, encarando os dois.

Desvio o olhar para Tawny, que está encarando os policiais. O policial Yeoman põe o chapéu de novo.

— Srta. Santos, cerca de um mês atrás, encontramos um corpo no deserto. Um pouco afastado de uma das seções da Trilha do Arizona.

— Certo… — Agora estou apenas confusa. O que isso tem a ver comigo? Alguma coisa se inquieta na minha memória. — Espere. Ah, sim, acho que lembro

de ver isso no noticiário.

Olho para Tawny em busca de confirmação, mas ela continua fitando os policiais.

— Isso. — A boca do policial Yeoman forma uma linha fina. — Infelizmente, temos uma notícia difícil. Acabamos de receber a confirmação de que a arcada dentária e o DNA pertencem à sua mãe.

Ouço um estrondo na cozinha. Vejo que Tawny derrubou um copo na pia sem querer. Franzo a testa e me viro de volta para os policiais.

— Desculpe — digo. — Pode repetir? Não entendi. Vocês encontraram os pertences da minha mãe no deserto?

— Srta. Santos — diz ele, com a voz mais suave. — Infelizmente, sua mãe está morta.

— Não, ela não está morta — retruco, porque é verdade.

Os ombros do policial Yeoman se encolhem, e o detetive Rust guarda o bloco e o lápis no bolso.

Os dois policiais se entreolham.

Balanço a cabeça com vigor, apesar de sentir o sangue sendo drenado do meu corpo.

— Não, você se enganou. Deve ser outra Jennifer Santos. Minha mãe entende muito de trilhas. Ela deve estar em algum lugar lá nas montanhas. Ela… — Minha voz falha.

— River. — O policial Yeoman me chama pelo primeiro nome, deixando a voz mais suave. — Sinto muito, mas não estamos enganados. Entendo que é uma notícia muito difícil de assimilar. Mas, infelizmente, nossa perícia forense confirmou a informação duas vezes. O corpo que encontramos no deserto um mês atrás pertence à sua mãe.

De repente, sinto frio no pescoço. Não ouço nenhum barulho vindo da cozinha.

— Srta. Santos, vamos abrir uma investigação — prossegue o detetive Rust. — Sua mãe foi encontrada no fundo de uma ravina sem identidade ou objetos pessoais. Sem celular, carteira ou bolsa. Estamos suspeitando que foi um crime.

Não, não pode ser. Eles se enganaram em relação a tudo.

— Impossível — digo.

Me sinto como uma desconhecida no meu próprio corpo. Estou assistindo a um filme de terror em que eu mesma apareço conversando com dois policiais, e não consigo encontrar o controle remoto para trocar de canal. Mal consigo sentir os braços de Tawny ao meu redor, sua bochecha encostada no meu cabelo.

— Vocês têm alguma prova? — pergunto.

— Os relatórios da perícia forense estão na delegacia. Você pode ir lá e…

— Fotos. — Olho meus pés, confusa, e percebo que estou do outro lado da sala, perto da televisão. — Preciso ver fotos. Ou o corpo. Quero identificar o corpo. Vocês estão enganados.

O policial Yeoman parece nauseado.

— O médico-legista é contrário a isso — diz ele devagar.

— Por quê? — respondo, rouca, enquanto sinto um aperto na barriga.

O policial Yeoman não responde. Ele apenas me encara com tristeza, com pena.

Minhas pernas perdem a força. O policial Yeoman se aproxima, estendendo a mão, mas Tawny me alcança primeiro.

— Você já fez o bastante! — exclama ela, segurando-me nos braços.

Os dois homens recuam com uma obediência chocante. O detetive Rust põe dois cartões de visita na mesa de centro.

— Meus pêsames, srta. Santos. Se estiver disposta, eu gostaria de ligar para você amanhã. Se tiver alguma pergunta antes disso…

— Fa… fazia quanto tempo que o corpo estava lá? — Só percebo o quanto estou tremendo quando ouço minha voz gaguejar. Tawny me abraça com mais força.

— Cerca de nove meses — afirma ele. — Desde outubro.

Ouço um suspiro reprimido. Tawny. Tawny está chorando muito.

— Ah, River — diz ela em meio às lágrimas.

E é a reação dela que me faz acreditar. Pensei que Tawny riria na cara deles e os expulsaria daqui.

Ela está chorando tanto quanto eu.

É isso que acaba comigo.

Perder meu pai foi impossível. Mas eu ainda tinha minha mãe. Ela estava andando por aí, e isso me dava esperança.

Mas, pelo visto, ela não estava andando por aí, estava?

Ela nem sequer saiu do Arizona. Estava morta esse tempo todo.

capítulo 35

river

O pior horário do luto é às 3h da madrugada.

Espero uma hora antes de sair da cama de Tawny, sem querer acordá-la com meus movimentos, e vou para o sofá.

Não consegui ficar no apartamento de Tita Anna. Precisei me distanciar o máximo possível do lugar onde descobri que minha mãe tinha morrido.

Agora estou deitada nas almofadas murchas, tentando me manter em posição fetal, imaginando que posso virar uma espiral perfeita, como uma concha de caramujo. Tão firme que ninguém jamais seria capaz de me desenrolar. Tão firme que eu poderia desaparecer, assim como meus pais e as lembranças deles.

Por mais que eu me esforce, não consigo me lembrar das últimas palavras que minha mãe me disse. Será que foi *Tchau, pessoal* ou *Não se esqueça de tirar o lixo, River*? Será que foi apenas *até mais*?

Faz quase um ano que não ouço a voz da minha mãe. Estou morrendo de medo de ter esquecido completamente o som dela.

Como foi nossa última conversa? Certamente não foi nada profundo. Eu devo ter lhe pedido para comprar espaguete para o jantar. Um pedido egoísta e inútil. Ou devo ter dito alguma coisa grosseira, sarcástica. Algo de que vou me arrepender pelo resto da vida.

Eu deveria ter dito: *Por que sua cor preferida é roxo mesmo?* Ou: *Sabe de uma coisa? Eu vou com você para a oficina de velas artesanais.* Ou mais importante ainda: *Fique, mãe. Fique e me conte tudo.*

Entendo por que ela não me contou da batida de carro. Mas queria que ela tivesse contado. Queria que os dois tivessem me contado. Tem tanta coisa que eu gostaria de saber. Que *preciso* saber. E não estou falando só das coisas grandes.

Eu queria ter perguntado à minha mãe o nome de sua melhor amiga no jardim da infância ou como ela usava o cabelo quando tinha dezesseis anos. Queria ter perguntado por que ela e a mãe brigavam e qual foi o momento mais assustador de sua vida.

E então parece que levei um chute na barriga, porque é provável que o momento

mais assustador de sua vida tenha sido nos instantes antes do fim, em algum lugar lá no deserto.

Sempre que penso nas mensagens que mandei para o celular dela nos últimos meses, meu estômago se revira. Não encontraram o aparelho com ela. Será que ainda está no meio do deserto? Ou será que alguém o pegou?

Será que tenho revelado tudo do meu coração para o assassino dela?

Começo a tremer e não consigo parar. Se os policiais tiverem razão, o assassino ainda está à solta. Ele está à solta e sabe quem sou, onde moro, o que penso.

Quem poderia ser? Alguém que minha mãe conhece? Alguém que *eu* conheço?

E a noite do incêndio? Agora tenho certeza de que não foi minha mãe quem o iniciou. Ela não viu nem a virada do ano.

O incêndio foi acidental ou não? E quem foi que me tirou da casa? Ou será que imaginei tudo e consegui sair sozinha? Tenho tantas fantasias na cabeça que nem sei mais o que é verdade.

Permaneço acordada até a luz da manhã começar a entrar pelas persianas da cozinha de Tawny. Logo ela vai se levantar. Vou ouvir as portas se abrirem, a torneira do chuveiro, o barulho da água correndo. Tawny vai ficar preocupada porque não dormi, mas o que ninguém entende é que é mais fácil não dormir.

Se eu pudesse passar o resto da vida sem dormir, eu passaria. Não sonharia mais com minha mãe chegando e dizendo: *Por que está chorando? Tudo não passou de um mal-entendido!* Nem sonharia que encontro meu pai no supermercado e ele parece envergonhado. *Desculpe*, diz ele, *estava esperando você me encontrar. Esqueci o caminho para casa.*

E não haveria mais o momento devastador que sempre acontece quando acordo, quando percebo que eles não estão aqui e me lembro de tudo mais uma vez.

Uma porta se abre no corredor, e é um grande alívio Tawny finalmente ter acordado. Acompanho os barulhos da sua rotina matinal. A escova de dentes elétrica. Seu frasco de xampu quase vazio sendo espremido. O barulho baixinho do seu secador. O toque de seu celular. Hoje ela vai trabalhar na Gertie's do almoço até a hora de fechar. Sinto um frio na barriga quando penso que vou ficar só.

Após um instante, ouço a voz de Tawny se espalhar pelo corredor.

— Sim, é óbvio. Não, eu sei, eu sei. — Tawny aparece na sala falando ao celular e ergue as sobrancelhas ao ver que estou acordada. — Na verdade, ela está acordada. Quer falar com ela? — Ela atravessa a sala e estende o telefone para mim. — É Anna — diz ela baixinho.

— Oi — digo, pressionando o celular na orelha.

— *River* — sussurra Tita Anna, e sei que ela está fazendo de tudo para não

chorar. — Ah, minha menina querida. Sinto muito, meu amor.

— Obrigada.

— Querida, vou adiantar minha volta. Infelizmente só tem voos pra hoje à noite. Consegue aguentar até lá?

Faço que sim com a cabeça antes de perceber que ela não está me vendo.

— Consigo.

— Minha menina forte. Rivvy, sei que parece que as coisas nunca mais vão ficar bem. Mas você tem a mim. Tem Tawny. Não vamos a lugar algum. Jamais. Eu te amo. Nos vemos em breve.

Depois de desligar, vou à cozinha, onde Tawny está servindo café fresco.

— Aqui — diz ela, me entregando a caneca. O café escorre nas suas mãos trêmulas. Seus olhos estão vermelhos. — Me desculpe. Me desculpe por tudo que falei sobre ela. Eu estava morrendo de raiva por ela ter ido embora, mas, no fundo, eu só queria que sua mãe voltasse tanto quanto você.

— Tawny.

Ponho a caneca de qualquer jeito na bancada, derramando o café, e a abraço. Ela encosta o rosto no meu ombro e chora. Tawny raramente chora. Agora estou começando a entender por que ela estava tão furiosa com minha mãe.

Ela também estava magoada.

Aperto-a com força. Se o luto é uma prisão, ao menos Tawny está dividindo a cela comigo.

— Não quero ficar sozinha depois que anoitecer — sussurro.

— Você não vai ficar — diz ela baixinho. — Você precisa descansar e recuperar o sono. Logo mais estou de volta.

Nunca me senti tão dependente na vida. À noite, Tita Anna estará de volta. Preciso focar em esperar até lá. O avião dela vai pousar daqui a dezesseis horas. Não vou passar tanto tempo assim sozinha.

O que poderia acontecer em dezesseis horas?

O DIA É um borrão melancólico. Passo a maior parte do tempo assistindo a um programa sobre a natureza do Ártico, tentando me concentrar na voz de David Attenborough. Tento nomear as cores dos pássaros que aparecem. Tento não pensar no assassino que matou minha mãe, tento não o imaginar andando por aí com o celular dela, conectado ao pequeno retângulo no meu bolso por uma estranha onda invisível.

Até que me saio razoavelmente bem — penso no assassino somente uma vez a cada cinco segundos. Então meu celular vibra, me assustando. Mas é apenas Tawny.

— Está vindo pra casa? — digo ofegante assim que atendo.

— Ai, River — suspira Tawny, e sinto um aperto no coração. — Me desculpe. Tenho más notícias. Vou demorar pra fechar aqui hoje. O novo cozinheiro foi embora sem limpar a grelha, e Gertie disse que vou ter que limpar no lugar dele.

Ela solta um forte suspiro. Sei que seus dedos estão esbranquiçados de tão forte que ela está apertando o celular.

— Só vou chegar em casa depois que anoitecer. Desculpe, Riv.

— Ah.

— *Mas* eu pensei numa coisa. Por que não vem pra cá? Você pode me fazer companhia enquanto termino, e assim não vai ficar sozinha. Venha com seu pijama mais confortável, traga um travesseiro e uma manta, e se acomode no banco de alguma mesa. Traga minha caixa de som Bluetooth também, pra gente ouvir nossas músicas favoritas. Que tal?

— Na verdade… isso parece ótimo.

— Legal! Ai, merda, a Gertie está me ligando. Ela vai me explicar pelo telefone como limpar a grelha.

Enquanto vou para o quarto de Tawny, passo pelo pequeno armário de casacos. Ao olhar a porta, congelo. É muito bizarro tentar conciliar a River daquela noite, que deu o maior beijo em Logan exatamente aqui dentro, com a River que sou neste momento e que tem medo do escuro.

Querida, sou uma flecha, não um bumerangue. As palavras da minha mãe me atingem como um soco na barriga.

Inconscientemente, pego o celular. Sem entender muito bem o motivo, ligo para o número da minha mãe. Seria um alívio tão grande se ela atendesse que meu coração chega a doer. *Olá, querida*, diria ela, ou então *Oi, minha filhota.* Sozinha no corredor, juro que consigo ouvir sua voz. E então volto à realidade bruscamente. E tudo que consigo ouvir é a ligação chamando, chamando… Mas então…

Bzzz. Bzzz. Bzzz.

Desligo, e a vibração para.

Também paro. Que celular estaria vibrando aqui? Tawny levou o dela para a lanchonete.

Ligo para o número da minha mãe de novo.

Bzzz. Bzzz. Bzzz.

Sigo pelo corredor atrás do barulho. Está vindo do outro lado de uma porta fechada. *O quarto da mãe de Tawny?* Ele está sempre fechado. Tawny diz que a mãe dela é muito rígida em relação ao próprio espaço. *Ela surtaria se achasse que alguém se sentou na cama dela sem estar vestindo um pijama limpo*, disse ela uma vez.

Ainda assim, ponho a mão na maçaneta metálica para abrir a porta, porém, quando faço força para baixo, ela não se mexe — está trancada.

Vou correndo até o banheiro. Com o celular ainda colado na orelha, vasculho uma gaveta e tiro um grampo de cabelo.

Bzzz. Bzzz. Bzzz.

Ainda consigo ouvir o barulho do outro lado da porta do quarto. Enfio o grampo na fechadura, mexo uma vez, depois outra. Com um leve clique, a porta destranca e eu a empurro. O quarto tem paredes brancas e uma grande janela sem cortina do outro lado. É difícil entender de onde o barulho está vindo. Fico mais agitada. Vou até a cômoda e começo a abrir as gavetas.

— Hã?!

Elas estão vazias. Estão *todas* vazias. Cambaleio até o closet e o abro rapidamente.

Também está vazio.

— Como assim, como assim… — sussurro com uma voz esganiçada, segurando a cabeça.

Minha visão começa a escurecer, e me sinto tonta. Continuo ouvindo a vibração.

Dou alguns passos para sair do closet, e o barulho fica mais alto. Ligo para minha mãe mais uma vez e sigo em frente conforme o barulho vai ficando mais alto.

Paro ao lado da cama. Inspeciono o colchão, pressionando a orelha nele. Sinto a vibração. Deslizo a mão pela lateral e para debaixo do colchão. Após um segundo tateando, meus dedos encontram uma abertura no tecido. Quando ponho a mão dentro dela, minha mão agarra um retângulo plano e rígido.

Retiro a mão e vejo que estou segurando o celular da minha mãe.

Uma enxurrada de pensamentos me inunda de uma vez.

A mãe de Tawny não existe.

Tawny está com o celular da minha mãe.

Destravo a tela e vejo as mensagens que enviei para minha mãe. Aquelas que eu estava louca para que ela respondesse.

Vou vomitar.

Vou desmaiar.

Vou gritar.

Respiro fundo, mas nada ajuda. Não estou inspirando oxigênio o suficiente. As paredes vão me esmagar.

Tawny está com o celular da minha mãe.

Tawny está com o celular da minha mãe *morta*.

Zonza, destravo o celular e vou passando por todas as fotos. Um rápido caleidoscópio de uma bela angústia: meu pai apontando para um tapete de jacintos no deserto; minha mãe com os braços ao meu redor e de Tawny, com seus dedos entrelaçados nos meus.

E nos de Tawny.

Vejo uma notificação no calendário de 291 dias atrás: *Trilha com E.*

Meu celular toca, rasgando o ar. Ainda com a foto de nós três aberta, pego o meu próprio aparelho, com as mãos tremendo muito, e atendo.

— Alô.

— Quase esqueci… traga meias, por favor. Derramei água suja no meu sapato, e agora estou pisando no molhado.

Tawny.

Diga alguma coisa, River.

— River? Você está bem?

— Meias — respondo asperamente. — Levar meias.

— Ai, Riv, parece que você está péssima. Venha logo pra cá. Vai ficar tudo bem, querida. Até daqui a pouco.

Como foi que ela conseguiu fazer isso?

Preciso saber. *Porra*, preciso saber com quem compartilhei os últimos dois anos.

Não tenho mais nada a perder. Saio cambaleando da casa e entro no meu carro.

Já basta de segredos.

Vou olhar Tawny nos olhos. E perguntar qual é a verdade.

capítulo 36
river

Quando chego na Gertie's, entro pela porta dos fundos da cozinha e encontro Tawny no chão de azulejos encardidos. Suas roupas estão cobertas de gordura e água suja, e ela encara o próprio celular. Demoro um instante para notar a tela rachada.

— Ah, oi — diz ela com um entusiasmo forçado. — Nem me dê bola. Fiz a burrice de deixar o celular cair.

Ela parece tão pequena e triste agachada ali, enquanto testa cuidadosamente a tela do celular. Se isso tivesse acontecido uma hora atrás, eu a teria abraçado.

— Ah, que seja. — Tawny dá um tapa nas coxas e se levanta. Ela liga a grelha. — Precisa esquentar um pouco. Gertie disse que só assim dá para tirar a sujeira. — Seu sorriso triste some quando ela me olha. — Ei, desculpe. Venha aqui.

Tawny se aproxima e põe os braços ao meu redor.

Congelo e fico sem saber o que fazer durante um segundo. Tawny me aperta mais, e eu me encolho e pressiono o rosto em seu ombro.

Meu Deus, que não seja verdade. Que eu tenha entendido tudo errado.

Ao nos afastarmos, vou direto ao salão do restaurante para me recompor. Ponho a mão no bolso e pego o celular da minha mãe. Encaro o aparelho, ainda em choque. Como fazer isso? Como vou confrontá-la?

Tawny põe a cabeça na janela da cozinha que dá para o salão.

— Só uma coisinha: que sabor de pizza você vai querer? Vou pedir agora.

Não consigo tirar os olhos do celular na minha mão. Começo a tremer.

— River?

Ouço a porta da cozinha se abrir e, de repente, sinto uma mão no ombro. Estou tão nervosa que me viro rápido demais, batendo numa cadeira.

— Ei, você está bem? — Tawny contrai o rosto, um pouco magoada. — Riv, o que aconteceu? Por que está me olhando assim?

— Assim como? — digo, trêmula.

Tawny franze a testa.

— Como se eu fosse uma desconhecida.

Não tenho palavras. Mas não preciso de palavras para fazê-la responder à minha pergunta.

Estendo a mão e aperto o botão lateral do celular. Tawny franze o rosto, olhando a foto na tela acesa.

— Ah, não! Você também quebrou seu celular? — Então ela fecha a boca, empalidece e demora alguns segundos para responder. — Meu Deus. Esse é o celular da sua mãe? Puta merda… — Ela me olha, erguendo as sobrancelhas. — Mas como você conseguiu ele?

— D-deixe… — gaguejo. — Deixe de enrolação, Tawny.

— Como assim? — pergunta ela, dando um passo na minha direção. Eu recuo, e ela fica paralisada, a mágoa surgindo em suas feições. Tawny ergue a mão num gesto conciliatório. — Está bem. Onde foi que o encontrou, River? — diz ela devagar, como se estivesse tentando convencer alguém a não se jogar de uma ponte.

— Na sua casa — digo com a voz arrasada.

Tawny leva a mão à boca.

— Meu Deus — sussurra ela. — Como é que ele foi parar lá?

Isso está me matando. Preciso que ela pare.

Permaneço em silêncio, e uma expressão de horror surge em seu rosto.

— Espere — murmura ela. — River. *River*. Não acredito que você acha que *eu*… que *eu* faria isso.

Fecho os olhos para não ver a cara lavada dela se contorcendo de angústia.

— Pare com isso, River — suplica ela. — Ninguém te conhece melhor que eu. *Você me conhece*.

— Na verdade, não conheço, não. — Minha voz falha. — Estava dentro do colchão da sua mãe. Quer dizer, do *seu* colchão. Porque sua mãe não está na Noruega, está? Ela não está em lugar nenhum. Você também a matou?

— River — diz Tawny com a voz embargada. — Que papo é esse, porra? — As lágrimas começam a escorrer pelo seu rosto. — Por favor, pare. Não sei do que está falando.

Ela se aproxima, estendendo as mãos, suplicando.

Eu me afasto, pensando em todas as peças grotescas que estão se encaixando na minha mente neste momento.

— Você passou esse tempo todo morando sozinha — digo, já sem forças. — Tudo que sei sobre você é mentira, não é? Quem é aquela mulher nas suas fotos?

Tawny mexe os dedos estendidos.

— É minha mãe. A mulher que me adotou — responde, meio desesperada.

Mal estou prestando atenção.

— Foi você naquela noite — murmuro. — Você pôs fogo na casa. Matou meu pai. Você… *você quase me matou!*

— Eu te *salvei*! — exclama ela, balançando as mãos e batendo na minha, derrubando o celular da minha mãe no chão.

Seus olhos estão frenéticos, e finalmente enxergo uma Tawny diferente, a pura raiva acumulada no seu corpo.

De repente, ela se encurva, murchando de uma vez só. Passando a mão no rosto, ela suspira.

— Desculpe — diz ela de um jeito cansado.

Lentamente, como se estivesse zonza, ela vai para trás do balcão e se abaixa para mexer no armário onde fica o material de limpeza.

— Não sei se você sabia, mas… sabe o limpa-vidros da Gertie? É ela que o prepara, usando sua própria receita.

Sua voz fica estranha. Desconectada.

— Pelo amor de Deus, Tawny — suplico, dando um passo para a frente. — Conte logo a verdade. — Engulo em seco para conter a náusea e conseguir fazer a pergunta impossível. — Foi você quem matou minha mãe e meu pai?

— River — diz Tawny, ignorando minhas palavras, a nuance estranha em sua voz ficando mais intensa —, deixe eu terminar de falar. O limpa-vidros de Gertie é feito de água, vinagre, sabão e… — Ela aparece, erguendo uma garrafa de uma bebida chamada Everclear. — E álcool! O que um bom drinque não consegue resolver, não é mesmo?

Ela pega uma caneca próxima à máquina de café e serve uma boa quantidade da bebida alcóolica.

Tawny aponta para mim, com um sorriso tão tenso que parece que vai se partir a qualquer instante.

— Você sabia que se um cachorro beber anticongelante, o Everclear pode servir de antídoto? — Tawny ri. — É incrível! Tão versátil. — Ela olha com admiração para a caneca e toma um gole, fazendo careta. — Meu Deus, que gosto terrível. Mas vale a pena, pois essa bebida faz *de tudo*. Deixa as janelas brilhando, salva a vida de cachorrinhos… — Ela me observa. — Também ajudou seu pai a *acabar* com vidas humanas.

— Você não pode falar uma merda dessas — retruco. — Meu pai não tem nada a ver com a história.

— Pelo contrário — diz Tawny, dando outro gole. — Seu pai tem *tudo* a ver com a história.

— Do que você está falando?

Tawny ergue as sobrancelhas e abre a boca.

— Então você ainda não entendeu. Hum… Acho que faz sentido. Como é que você entenderia? A mamãe era tão cuidadosa. Tão cuidadosa e fechada.

— Sua mãe? — sussurro, ficando sem ar de tanta confusão e tristeza.

— Não — diz ela com paciência. — *Nossa* mãe.

Pisco uma vez. Duas vezes.

— Você está louca — digo com a voz baixa, exausta. — Não sei quem você realmente é.

— Sabe, sim. Sou sua família. A única família que você ainda tem, na verdade.

Sinto uma fúria surgindo no peito.

— Tita Anna é minha família. Você… — rebato com asco na voz — …não é *nada* para mim. Muito menos *minha família*.

Algo rápido e violento surge nos olhos de Tawny. A mão que segura a garrafa de Everclear treme. Há um silêncio tenso, como o que ocorre após alguém puxar o gatilho de uma arma.

— Você sabe o que fiz por você? Tudo pelo que passei? Por sua causa! — Ela ergue a cabeça, com os lábios tremendo. — Como você pode não saber que as coisas que mais importam são todas verdadeiras? Você é a melhor amiga que já tive. — Ela fecha os olhos. — Eu faria de tudo por você. Assim como qualquer irmã amorosa faria.

Sinto a bile subir até minha garganta.

— Na verdade, está na hora da gente se conhecer oficialmente. — Tawny estende a mão. — Oi, River. Meu nome é Emily King. Sou sua irmã.

Olho sua mão como se tivesse dentes e me sinto tonta.

— Vinte anos atrás… — digo devagar, encaixando as peças. — Minha mãe. A gravidez dela.

— Foi vinte e três anos atrás, na verdade — responde Tawny, franzindo o rosto e olhando para a caneca. — Pelas fotos que vi, é evidente que pareço mais com meu pai do que com nossa mãe. Isso fica óbvio na foto do jornal que você me mostrou.

Então é por isso que o cara me pareceu tão familiar. Os mesmos olhos azuis. As mesmas maçãs do rosto mais elevadas.

— Minha mãe me deu pra adoção. — Há um vazio na voz dela. — E foi uma adoção sem nenhum contato com os adotantes. Quando finalmente tive a oportunidade de lhe perguntar a razão, ela me disse que tinha dezoito anos na época e que acabara de perder o amor de sua vida. Ela não tinha pais nem irmãos. Ninguém pra ajudá-la com uma criança. Ela sabia que não conseguiria cuidar de mim.

Tawny dá a volta no balcão, puxa a cadeira de uma mesa e se senta nela.

— Eu já *nasci* sendo indesejada. Sabe o que isso faz com uma pessoa? — Ela se inclina para a frente. — Toda noite, eu ficava deitada na cama me perguntando sobre minha mãe biológica. Eu *sabia* que, se conseguisse encontrá-la e mostrar o quanto eu a amava, o quanto eu poderia ser uma boa filha, tudo finalmente ficaria bem na minha vida. Não pude fazer muita coisa antes de completar dezoito anos, mas assim que foi possível, comecei minha busca. — Ela balança o dedo. — Uma coisa eu te digo: foi difícil. Nossa mãe *não* queria ser encontrada. Mas finalmente descobri seu nome e endereço. Abri meu coração inteiro para ela em uma carta. Até escrevi à mão para demonstrar mais sinceridade. Você tem ideia do que ela disse?

"Nada. *Nadica de nada*. Mandei mais três cartas. Fui ignorada. Pensei que talvez o endereço estivesse errado, então vim até aqui pra ver com meus próprios olhos. Fui até o endereço que eu tinha e… *bum*. Lá estava mamãe, exatamente como eu a imaginara. Vi a família inteira. Seu pai e… você. Quando te vi, fiquei tão feliz. Eu tinha uma irmã. Sempre quis uma irmã de verdade. Uma irmã de sangue. Uma que não pudesse me negar nem me deixar, pois, independentemente do que acontecesse, teríamos isto aqui."

Ela toca em uma veia de seu pulso.

— O endereço das cartas estava correto. Mamãe as recebeu. Ela apenas… as ignorou. Aquilo doeu. Fiquei sem entender. Por que ela não estava feliz com meu contato? Então pensei: Hum, talvez eu possa conhecer minha irmã primeiro. Sua mãe sabia meu nome por causa das cartas, então passei a usar meu apelido de infância. Uma das minhas amiguinhas não conseguia pronunciar "Emily", então me chamava de "Tawny".

Balanço a cabeça de um lado para o outro, assimilando a terrível verdade.

— Deixa disso, River. Você estava lá. Você percebeu na primeira vez que nos falamos. O que aconteceu não foi nada forçado. Não foi uma mentira. Você sabe disso. — Ela me olha, e por um instante enxergo a Tawny que conheço há anos e o amor sincero que compartilhamos. — Não dá para fingir o que nós duas temos.

— Talvez ninguém me conheça tão bem quanto você. Mas é algo unilateral. Nunca conheci quem você é de verdade.

— Conheceu, sim. — Ela está com a voz estranhamente calma e se levanta de repente. — Conheceu, sim — insiste Tawny. — Quando me matriculei no seu colégio, sim, meu plano era fingir uma amizade só para me aproximar da nossa mãe. Mas nos tornamos amigas de verdade, e aconteceu de um jeito tão natural. Era o nosso destino, sério. E me tornei parte da família. Finalmente pude amar minha mãe, e até mesmo seu pai, antes de tudo se complicar para mim.

"Durante muito tempo, tive medo demais de dizer qualquer coisa. Não queria arruinar nossa pequena família. Só que depois comecei a sentir que eu *precisava* dizer algo. Quanto mais eu guardava o segredo, pior me sentia. No ano passado, finalmente criei coragem. Contei pra mamãe quem eu era.

"Ela… não aceitou tão bem quanto eu imaginava. Ela não insistiu pra que eu deixasse vocês todos em paz, nada assim. Mas foi muito reservada com tudo. Nós saíamos para almoçar ou tomar café e conversávamos. Ela não queria contar nem pra você, nem pro seu pai. Eu *não entendia* por que ela estava resistindo tanto!"

Seu rosto se entristece, e ela se levanta, mexendo nos guardanapos, de costas para mim. Depois continua, num tom mais baixo:

— Cerca de nove meses atrás… ela finalmente me contou o motivo.

Os pelos da minha nuca se arrepiam. Mal consigo respirar.

— No começo de outubro, ela me convidou para fazer uma trilha durante o amanhecer. Mamãe queria ter uma conversa importante comigo. Fiquei tão animada. *É hoje,* pensei. *Ela vai me dizer que finalmente está pronta para revelar aos outros que sou sua filha.* Durante a viagem de carro, imaginei como seria morar com vocês. Dividir o banheiro com você. Brigar pra ver quem ia tomar banho primeiro de manhã.

"Fizemos a trilha por um tempo, só jogando conversa fora mesmo. Eu tremia de tanta empolgação, esperando ela tocar no assunto. Não queria ser insistente demais, sabe? Finalmente chegamos a uma parte da trilha com uma vista linda. O local perfeito pra ela me pedir pra ser sua filha oficialmente. E então mamãe parou, ficou séria. *É agora*, pensei. *Você aceita fazer parte da família?*"

Tawny se vira com lágrimas no rosto.

— Em vez disso, ela confessou por que estava sendo tão reticente. Contou que o homem responsável pelo acidente de carro do meu pai começou a escrever para ela por conta dos Doze Passos do A.A. No começo eram cartas se desculpando, mas logo eles começaram a trocar cartas *de amor*. — Ela cruza os braços em torno do abdômen, tensa e protetora. — Não é compreensível que eu tenha ficado chateada? A raiva, a mágoa, a angústia… tudo isso dominou meu corpo. Não consegui ficar parada. Eu só conseguia pensar: *como ela foi capaz de fazer isso comigo? Ela preferiu o assassino a mim?* Ela me pediu para ter calma e tomar cuidado, senão eu poderia tropeçar e cair do penhasco. Eu mal conseguia ouvi-la com os zumbidos na minha cabeça. E então… então ela agarrou meu braço. — Tawny chora e solta soluços baixos e intensos. — River, você tem que entender. Você tem que acreditar em mim! Foi um acidente. Foi a porra de um acidente. Quando ela agarrou meu braço, eu surtei. Puxei o braço para longe dela e a empurrei. Eu não tinha percebido o

quanto a gente tinha se aproximado da beira.

— Meu *Deus*!

Meus joelhos perdem as forças, e me deixo cair no chão. Ela dá um passo para a frente, mas para.

— Nem foi uma altura muito grande, Riv. Desci para ver como ela estava, achei que ela tinha apenas desmaiado. Mas depois percebi… depois vi… — Tawny fecha os olhos com força. — Parecia que ela estava dormindo. Foi rápido. Pelo menos foi rápido.

— *Mãe!* — exclamo em desespero, pressionando as pernas contra o peito, me balançando sem parar. Nunca me senti tanto como uma criança. Nunca me senti tão sozinha.

Nunca *estive* tão sozinha.

— Pelo menos foi rápido… — Tawny soluça com o choro. — Entrei em pânico. Considerei me entregar pra polícia. Depois, pensei em como isso te afetaria. Perder a melhor amiga e a mãe de uma vez só? Eu… não quis fazer isso com você.

Tawny me lança um olhar repleto de arrependimento e amor.

Quero arrancar esse olhar de seu rosto. Quero arrancar sua pele com as unhas para compensar o que ela roubou de mim.

— Talvez eu mereça isso — comenta ela, notando o ódio no meu rosto. — Mas não me arrependo de ter te escolhido.

— Não se atreva a dizer isso — retruco. — Não me use como uma desculpa de merda.

— Não, não é uma desculpa. Você quer saber por que precisei fazer o que fiz. Nunca quis que seu pai morresse. Posso até tê-lo odiado depois que descobri o que ele fez. Mas nunca quis… *matá-lo*. Porém, foi necessário. Ele estava suspeitando de mim. Eu… fuxiquei o celular dele, os cadernos dele. Seu pai estava começando a entender. Ele tinha aquela foto da nossa mãe com meu pai e estava fazendo uma lista. Jay ainda não tinha muita coisa, embora já estivesse perto de descobrir quem eu realmente era e o que eu tinha feito. Não sei, talvez ele tenha encontrado algumas coisas que mamãe deixou. Eu estava sem saída. Precisei fazer uma escolha.

— Deixe eu adivinhar… — digo com acidez na voz. — Você me escolheu de novo.

— Era pra você estar na casa do Noah — prossegue ela. — Eu jamais teria feito aquilo se soubesse que… Quando li sua mensagem dizendo que tinha *voltado pra casa*, quase morri. Graças a Deus consegui te salvar a tempo.

Me levanto com dificuldade, me sentindo tonta. Parece que rasparam minhas entranhas com uma colher. Não sei como consigo respirar e ficar de pé. Sinto que

não passo de uma carcaça.

Ergo a cabeça para encarar Tawny. Minha melhor amiga. Minha irmã.

Emily.

Passo a língua pelos lábios, a boca tão seca quanto a areia do Deserto de Sonora.

— Como posso sentir por você algo além de repulsa e horror? — pergunto. Tawny se contrai. Respiro fundo. — Pode inventar as justificativas que quiser. Mas fatos são fatos. Você matou minha mãe. Matou meu pai. Incendiou a casa em que passei minha infância. — Aproximo-me. — Você causou os piores momentos da minha vida.

Tawny entra em surto. Com um grito agudo, ela me empurra. Me seguro em uma mesa para não cair no chão.

— E você? — Agora é a expressão dela que é pura raiva. — Você roubou os melhores momentos da *minha* vida.

— Não posso roubar momentos que nunca foram seus.

Tawny explode.

— *Eram meus, sim!* — ruge Tawny, com uma voz estridente e arrepiante. — Se seu pai não estivesse ao volante naquela noite, você nem sequer existiria! Aquela vida era um direito meu!

— Você nem existe, Tawny! Tudo na sua vida é uma mentira. *Tudo*.

Tawny agarra uma caneca, ergue o braço e, durante um instante terrível, tenho certeza de que ela a jogará na minha cara.

E então ela perde as forças para brigar. A caneca escorrega de seus dedos e se estilhaça no chão. Ela esconde o rosto com as mãos.

— A gente tinha tudo — sussurra ela. — Éramos uma família. Eu tinha minha mãe, minha irmã. — Ela ergue a cabeça. — Eu teria feito qualquer coisa pra continuar do jeito que estava. Pra continuar com *você*, River. Eu teria feito *qualquer coisa*.

Nesse momento, encarando os olhos de Tawny, vejo minha mãe voltando para casa depois de um longo dia, falando que faria qualquer coisa para ter os dois milhões de dólares que nos tirariam de nossa vida difícil. Vejo aquele brilho de desespero.

Tawny não queria ganhar um prêmio milionário. Ela queria apenas o que toda criança merece: uma família que a ame.

— Merda — digo, pondo as mãos na cabeça.

Olho para minha amiga, transtornada. Jamais serei capaz de perdoá-la. Eu a odeio. E…

E ainda a amo. Ela é a melhor amiga que já tive.

Uma melhor amiga que consegue ler meus pensamentos.

— Ótimo. — Tawny suspira, depois respira fundo algumas vezes. — É tudo que posso pedir. Que você entenda. — Ela enxuga os olhos e endireita a postura, estranhamente calma. — Preciso que você vá embora, River. Vá pra casa. Está bem? Por favor, vá.

Ela hesita por um instante na porta da cozinha, em seguida, vai para os fundos sem me dizer mais nada.

Fico encarando minhas mãos. Elas pararam de tremer. O que devo fazer agora? Como vou criar espaço para essas impossibilidades coexistirem? Como vou…

Hã?! Que porra é essa?

Eu conheço esse cheiro. Ainda o sinto em meus pesadelos.

Fumaça.

capítulo 37
river

Uma fumaça preta começou a passar pela janela da cozinha.

Entro correndo na cozinha e vejo Tawny na frente da grelha, jogando panos sobre uma chama já imensa.

— Tawny, que *porra* você está fazendo?

Olho ao redor, procurando um extintor de incêndio. Tawny se vira.

— River? — Ela parece estar em pânico. — Eu mandei você ir *embora*! *Saia daqui*, porra!

Atrás dela, o fogo se espalha pela parede da cozinha, lambendo os papéis colados, queimando a decoração de madeira.

Ela solta o resto dos panos e vem correndo até mim; estou agachada debaixo da pia, tateando em busca do extintor. Tawny me dá um puxão para me levantar.

— River, mais um minuto e será tarde demais pra você. *Por favor, por favor, vá embora*.

Ela agarra minha camiseta e me arrasta até a porta dos fundos, mas as chamas já estão perto demais da maçaneta.

— Não sem *você*.

Tossindo, pego seu braço e começo a arrastá-la para fora da cozinha. Nos deparamos com uma parede de fumaça e calor. Eu gritaria, se meus pulmões não estivessem fritando, murchando com a quentura. O incêndio está se espalhando, engolindo o salão.

De repente, me transporto para sete meses atrás.

Meu quarto se enchendo de fumaça.

Fogos de artifício explodindo como bombas.

— River! — A voz de Tawny me traz de volta para a realidade. Estou no chão, com o ombro doendo, pois devo ter desmaiado em cima dele. — Vamos, River, deixe comigo.

Os braços de Tawny me envolvem e, quando ela me puxa para cima, tenho a certeza de que é a segunda vez que ela faz isso, que me levanta, que me puxa para me salvar das chamas.

Ela realmente me salvou naquela noite. Pego sua mão.

— Você vem comigo! — grito, mais alto que os gemidos e os rangidos das vigas de madeira se partindo. Graças a Deus, ela não discute.

Já está difícil enxergar onde fica a porta da frente. Mal consigo manter os olhos abertos, pois a fumaça arde. Avançando e parando, chegamos até a frente e chutamos as cadeiras de plástico, deformadas e derretidas por causa do fogo.

Quase choro de alívio ao avistar a porta. Porém, tropeçando para a frente, em desespero para sair logo, Tawny escapa dos meus dedos.

Atrás de mim, ela grita, depois ouço um estrondo ensurdecedor. Eu me viro e não consigo enxergar nada através das nuvens de fumaça. A poeira enche minha garganta.

— Tawny! — grito.

Nenhuma resposta.

A liberdade está a um passo de distância. Hesito por um breve momento antes de me voltar para o fogo e o enxofre, procurando Tawny, em pânico.

Depois de dois segundos, meu pé bate em algo mole. É a mão de Tawny. Ela está presa debaixo dos escombros.

Ela não está se mexendo.

Ouço outro estrondo, ainda mais alto. Não tenho tempo.

Agarro seu braço e puxo.

Seus olhos se abrem rapidamente. *Graças a Deus*, penso.

— O que raios você está fazendo? — Só consigo ver uma metade do seu rosto, pois a outra está coberta de sangue. — *Me deixe* — geme ela, contorcendo o rosto de dor enquanto a ignoro e continuo tentando resgatá-la.

Ela grita de dor quando a puxo para cima e jogo seu braço ao redor do meu ombro. Uma de suas pernas está balançando num ângulo esquisito. Desvio o olhar, sentindo um embrulho no estômago.

A porta da frente não está mais visível devido à parede de fumaça preta, mas sei onde ela fica. Basta dar mais alguns passos cambaleantes que estaremos livres.

Não consigo respirar por causa da fumaça, do fogo e da dor. As chamas dançam ao nosso redor, engolindo as fotos de Gertie de trinta anos atrás, os bancos vermelhos rasgados, o tapete puído no qual tropecei durante meses.

— Vamos morrer aqui — diz Tawny.

Está acontecendo de novo. As coisas que amo estão virando cinzas.

Mas eu não. Eu me recuso.

— Vamos conseguir — falo, quase sem voz. — Prenda a respiração.

Estendendo o braço, avanço contra a parede de fumaça. Mas então uma viga de

sustentação à minha direita se parte ao meio. Em um piscar de olhos, ela balança descontrolada e atinge meu joelho. Alguma coisa se rompe dentro da minha perna, e uma dor infernal explode de um ponto sob a patela, fazendo com que Tawny e eu sejamos arremessadas pela porta da frente, caindo no chão.

Ofegamos juntas, inspiramos o ar limpo, doce e escaldante da noite do Arizona. Tento puxar Tawny, me arrastando no asfalto e me afastando do gigantesco fogaréu onde antes ficava a lanchonete Gertie's.

Tawny parece semimorta enquanto tosse até vomitar, e um fio de saliva vermelha está pendurado em seus lábios chamuscados. O osso claro de seu crânio brilha sob a luz pulsante do poste. Vejo sua perna destruída, torta, e minha tosse também se transforma em vômito.

As sirenes das viaturas uivam à distância, ficando cada vez mais altas.

O dedo mindinho de Tawny roça na minha mão. Meus dedos se contraem, mas não me afasto.

Os lábios de Tawny se movem formando uma palavra silenciosa: *desculpe*.

capítulo 38
logan

Jogo o lixo na caçamba do prédio. A brisa muda de direção, e é então que sinto o cheiro. O fedor do lixo é substituído pelo de fumaça. Fecho a tampa da caçamba, perturbado. Fumaça nunca é bom, e ainda mais durante um alerta vermelho de incêndios naturais, costuma ser o anúncio de uma calamidade.

Dou a volta no prédio, indo para o estacionamento, e percebo que o cheiro fica mais forte. Uma sirene rasga o silêncio da noite, depois outra, altas demais, próximas demais.

Já estou correndo para a rua. As sirenes estão vindo da direção da lanchonete. Viro a esquina e vejo a coluna de fogo, o céu brilhando. Corro mais rápido.

Primeiro vejo o fogo, um monstro infernal devorando o céu. Depois a fumaça. E então a lanchonete, ou o que sobrou dela, sendo consumida, queimada viva. Meus pulmões parecem prestes a explodir, mas sigo em frente, correndo mais rápido conforme o medo faz meu cérebro pirar.

River.

Não sei se ela estava trabalhando hoje, não sei o que vou encontrar lá.

Assim que chego, duas pessoas se jogam pela porta da frente, causando uma chuva de cacos de vidros e farpas pretas, e caem no asfalto.

— River! — grito, perplexo de terror.

Ela não me ouve, mas está viva e arrastando Tawny.

Graças a Deus, graças a Deus, graças a Deus!

Me ajoelho ao lado das duas, e percebo que River está inconsciente, com o corpo mole. Tawny também. Ouço um estalo de madeira e, atrás de nós, o gemido ameaçador de algo prestes a desabar.

As sirenes estão mais próximas, mas ainda não chegaram. Não sei quanto tempo tenho, então, com rapidez e delicadeza, ergo as garotas, uma com cada braço, e as puxo para uma distância segura.

Assim que as deito com cuidado, me ajoelho ao lado de River e acaricio seu rosto manchado pelas cinzas. A perna de Tawny está virada para o lado errado. Consigo ver o crânio dela. O joelho de River está com o dobro do tamanho normal.

Ensanguentado.

Tem sangue por toda parte.

De repente, bate o desespero. Enlouqueço. Toco seu pescoço, mas meus dedos estão tremendo demais. Não consigo encontrar seu pulso. Levo meu ouvido até sua boca. Seu nariz. Tento auscultar sua respiração como se minha própria vida dependesse disso.

E depende mesmo.

Os estalos, o rugido do fogo e as sirenes fazem barulho demais. Não consigo ouvi-la respirar.

— River — murmuro com a voz falha. Encosto a testa na sua bem de leve. — *River* — suplico. Limpo a saliva vermelha do canto da sua boca. Não sinto movimento algum dela. Seu lindo rosto está imóvel. Pressiono meu nariz no seu cabelo. Cheira a fogos de artifício. Quase perco a cabeça de vez. — Não faça isso comigo, Riv — sussurro com urgência. — Por favor. *Por favor, não faça isso comigo.*

— Preciso que você se afaste, rapaz — pede um socorrista em cima de mim, gesticulando para que eu abra espaço.

Eu me sento, mas fico com a mão no braço de River. É então que percebo a multidão ao nosso redor: vizinhos, fofoqueiros, socorristas. Todos estão olhando, mas só consigo observar o socorrista na minha frente, ajoelhado do outro lado de River, usando instrumentos para conferir seus sinais vitais.

— Ela está viva? — sussurro.

— Rapaz. — Outro socorrista se ajoelha do meu lado. — Preciso que se afaste, está bem?

— *Ela está viva?* — pergunto com a voz falhando.

— Consegui sentir o pulso! — grita o socorrista na minha frente, pressionando uma máscara de oxigênio no rosto de River.

Me sinto tão aliviado que quase desmaio.

Tawny já está sobre uma maca sendo colocada na ambulância, e eu a vejo logo antes de fecharem as portas. Ouço um forte sibilo atrás de mim e me viro, desorientado, pois, de repente, estou cercado por bombeiros controlando a mangueira de água. Nem mesmo dois caminhões de bombeiros me fazem deixar de prestar atenção em River.

Quando a colocam na maca, fico por perto, próximo da órbita dos socorristas que a cercam. Eles a colocam dentro da ambulância, e, apesar de estarem fazendo um ótimo trabalho, preciso me conter para não gritar. *Sejam mais delicados, cacete.*

— Posso ir com ela? — pergunto a um dos socorristas que está entrando ao lado de River.

— Pode — responde ele, ajustando o tanque de oxigênio. — Vá se sentar do lado do motorista lá na frente.

Não me mexo. Ele ergue a cabeça e me vê no mesmo lugar. Franze o rosto.

— Por favor — digo baixinho. — Não vou atrapalhar. Não vou dizer nada. Só quero ficar com ela.

— *Por que essa demora aí?* — crepita uma voz no seu rádio, e ele suspira.

— Entre logo, rapaz. Mas fique de bico calado, entendeu?

Cauteloso, subo na ambulância. As portas se fecham logo depois que entro. Vejo um canto onde posso me sentar sem atrapalhar.

Sinto um toque no meu pulso, fraco como um sussurro. Olho para baixo e inspiro tremulamente.

— *Logan* — sussurra River, com seus olhos inchados encontrando os meus.

— Estou aqui. — Toco seu rosto, com seus dedos no meu pulso. — Estou aqui, River.

Mas seus olhos se fecham de novo, e seus dedos afrouxam.

— Estamos em movimento, garoto. Vá se sentar — diz o socorrista com uma voz gentil.

Obedeço sem problema. Ouvir a voz de River vai me fazer aguentar o trajeto até o hospital. Porque isso significa que ela vai ficar bem. River vai ficar bem.

Ela *precisa* ficar bem. Não consigo viver em nenhum universo onde ela não esteja bem.

Porque não existe nenhum universo em que eu não a ame mais do que tudo.

Para minha filhota,

Aqui está a verdade que eu havia prometido. Conheci seu pai quando eu tinha apenas quinze anos. Aos dezessete, eu estava grávida. Danny, seu pai, era cheio de vida. Ele ria com o corpo inteiro. Um sorriso que fazia seu rosto inteiro brilhar. Mas ele era um homem complicado. Sua infância foi difícil, muito mais do que qualquer infância deveria ser. E acho que parte dele achava que não merecia estar aqui. Danny vivia provocando a morte. Ele mergulhava em lagos sem saber a profundidade da água. Dirigia rápido demais.

Sempre me preocupei com a possibilidade de seu pai se matar acidentalmente, porém, no fim das contas, foi um motorista embriagado que acabou com a vida dele. De repente, lá estava eu, sozinha, desesperada e sem dinheiro. Eu mal tinha completado dezoito anos e não estava pronta para ser mãe. Passei cada segundo de cada dia sofrendo e, no fundo, eu sabia que não estava preparada para ser sua mãe. Eu sabia que outra pessoa mais velha, mais estável, menos triste, te amaria melhor.

Foi a melhor e a pior decisão da minha vida, e também a mais dura: entreguei você para adoção.

E então o homem que matou seu pai me escreveu uma carta da prisão, pedindo perdão, arrasado com o que tinha feito. O nome dele é Jacob Santos. No começo, fiquei furiosa. Quem ele achava que era para me escrever? Ele tinha destruído minha vida. Porém, depois que respondi à carta para dizer isso, ele escreveu mais uma vez, depois outra, e mais outra. E eu mandei mais uma carta de volta, depois outra, e mais outra.

Eu o perdoei. E me apaixonei por aquele homem, um homem que se esforçou para compensar uma coisa terrível que tinha feito. E logo descobri que estava grávida de outra menininha.

Tem sido bem difícil lidar com minha decisão de te entregar para adoção. Sempre que sinto a tristeza chegando, vou fazer trilhas para proteger minha outra filha dessa dor que me corrói por dentro.

Faz anos que quero te encontrar. Mas como eu explicaria que me apaixonei pelo homem que matou seu pai? Que, poucos anos depois, tive outra filha e fiquei com ela? Como você poderia me perdoar?

Só sei de uma coisa: eu amo você. Sempre amarei você. Tomara que a gente se encontre um dia. Vou te entregar essas cartas e, se eu tiver sorte, quem sabe a gente não pode começar tudo de novo?

Com amor,
Mamãe

capítulo 39

river

Ouço uma batida à porta, e Tita Anna e eu erguemos a cabeça. Vemos o policial Yeoman parado na porta com uma pilha de papéis nas mãos.

— É um momento adequado? — pergunta ele.

— Nem tenho como ir para outro lugar — digo, gesticulando para os vários tubos que saem do meu braço e para o leito em que estou deitada.

Estar no hospital de novo é o pior tipo de *déjà vu*. Mais uma vez, sobrevivi a um incêndio. Mais uma vez, minha vida desmoronou aos meus pés.

Perdi minha mãe.

Perdi meu pai.

Perdi parte de mim mesma.

E agora perdi minha melhor amiga. Minha *irmã*.

Sim, Tawny — ou melhor, *Emily* — sobreviveu ao incêndio. Ela também está internada em algum lugar aqui no hospital, em uma ala trancada. Vão levá-la para a prisão assim que estiver suficientemente recuperada. O policial Yeoman me disse isso da última vez que esteve aqui.

— Como você está melhor — diz ele —, achei que fosse gostar de dar uma olhada nisto aqui.

Ele põe o monte de papéis no meu colo. Pego uma página frágil e amarelada no meio da pilha, um tanto sem reação.

— Encontramos no bolso da jaqueta da sua mãe. São cartas. Muitas. Na hora não entendemos o que elas eram, mas agora… — O policial Yeoman não termina a frase. — Sua mãe escreveu essas cartas para a "filhota" dela. Para Tawny. Também tem cartas que seus pais trocaram e cartas para você… Bem, você vai entender ao lê-las.

Faço que sim, e meus olhos começam a lacrimejar quando abro a primeira folha de papel e vejo a letra da minha mãe.

— Ela não queria abandonar você, River. — A voz dele fica mais grave. — As cartas… bem, ela explica tudo nas cartas.

Ele abaixa a cabeça e sai em direção ao corredor.

Tita Anna me olha, preocupada.
— Tem certeza de que está pronta para isso?
Faço que sim com a cabeça.
— Faz quase dez meses que estou esperando respostas. Chegou a hora.
Então abro as cartas e começo a ler.

Cara Srta. Cole,

Meu nome é Jacob Santos. Sou o homem que pegou no sono ao volante, embriagado, e causei o acidente na Mud Springs Road em outubro do ano passado. Foi por minha causa que seu noivo teve que desviar naquela estrada cheia de curvas, e lamento muitíssimo.

Se ainda estiver lendo, fico imensamente grato. Estou fazendo os Doze Passos do A.A. e tentando reparar os danos causados na época em que bebia.

Você foi a pessoa que mais prejudiquei.

Lamento o sofrimento e os problemas que lhe causei. Estou realmente arrependido do meu comportamento. Não era minha intenção fazer mal a você e à sua família. Essas foram as melhores palavras que meu padrinho me ajudou a escolher quando contei a ele que escreveria para você.

Disse a ele que essas palavras não passavam de uma pedrinha quando o que eu precisava era de um rochedo. Não há palavras que expressem o quanto lamento. E juro que tentei encontrá-las. Passei dois dias procurando na internet e consultando dicionários.

Assumo total responsabilidade pelas minhas ações e por tudo que aconteceu naquela noite. Meu vício em álcool foi um fator relevante para a tragédia. Estou comprometido a me recuperar e a mudar de vida para que isso nunca mais se repita.

Eu gostaria de reparar os danos, se for possível. Pode ser de qualquer maneira.

Estou aqui para ouvir tudo o que você tiver a dizer. Sei que meu pedido de desculpa jamais irá curar as feridas que causei. Mas vou fazer de tudo para tentar curá-las.

Com meu eterno remorso,
Jacob Santos

Meus olhos estão embaçados pelas lágrimas. Estou prestes a reler essa carta quando um papelzinho menor, também velho e amarelado, cai da pilha bagunçada

na minha mão. Uma carta com a letra da minha mãe. Não tem data, e não sei se foi sua primeira carta, sua terceira ou sua última. Mas é uma que diz tudo.

Jacob,

Obrigada por ter sido paciente e aguardar minha resposta à sua carta. Acho que finalmente sei o que responder à sua pergunta.
A verdade é que perdoar você por aquela noite me parece impossível.

Porém, talvez um dia eu esteja disposta a tentar.
Jen

As lágrimas caem, e solto a pilha de cartas. Vou ler todas elas, vou ler cada palavra, por mais devastadora que seja, pois é a história da minha família. A verdadeira história. A que eu achei que tinha morrido junto com meus pais.

Perdi muita coisa, mas isso mostra que não perdi tudo. Porque essa pilha de cartas contém algo que eu achava que jamais obteria: a verdade.

capítulo 40
river

Quando acordo de novo, Logan está aqui.

Ele está andando de um lado para o outro na frente da minha cama, mordendo o polegar. Já vi o sr. Inabalável fazendo isso. Tudo dentro de mim, das clavículas até meu estômago, dá uma cambalhota. Mesmo depois de tudo, Logan ainda consegue mexer com meu coração.

— Oi — sussurro, porque ele ainda está andando e não percebeu que acordei.

Logan se sobressalta e fica paralisado na frente do meu leito. Por um instante, me olha como se eu fosse um milagre. Depois limpa a garganta, trêmulo, e se aproxima, com a expressão séria mais uma vez.

Logan se senta numa cadeira, com o rosto perfeito tenso. Ele engole em seco, pressiona a mão na testa por um momento e depois a passa no rosto inteiro. Ele pega uma das minhas mãos, e seu dedo faz carinho no meu.

Mais uma vez, penso que é extremamente injusto que Logan seja tão lindo. Até mesmo agora, com sombras ao redor de seus olhos vermelhos e marejados. Seus ferimentos não sararam totalmente, e sua pele continua amarelada e roxa. Qualquer outra pessoa estaria com uma aparência péssima, parecendo décadas mais velha.

Parece que ele saiu de uma batalha. Se alguma agência de atores o visse agora, daqui a dois meses ele estaria fazendo o papel de um príncipe guerreiro, correndo com uma armadura suja após uma vitória brutal.

— Achei que tinha perdido você — sussurra ele. — Por um instante, achei mesmo que…

— Calma, aí. Logan. Você estava lá?

Preciso falar devagar. Estou morrendo de dor na garganta.

Logan franze o rosto e faz que sim. Seus dedos se contraem em torno dos meus.

— Você quase me matou do coração, Riv. Se você tivesse… — Logan vai um pouco para a frente na cadeira. — Se tivesse te perdido, eu jamais me recuperaria. Jamais.

Meu Deus. Apesar de tudo, como eu o amo.

— Nunca mais vou deixar que nada aconteça com você — sussurra ele, fazendo

carinho na minha pele, nos nós dos meus dedos.

Começo a tremer, e Logan vira minha mão e encontra o ponto da minha palma que ele beliscou uma vez. Segurando meu pulso, ele arrasta levemente o polegar ali, percorrendo minhas veias. É uma sensação muito boa.

O monitor de frequência cardíaca começa a apitar mais rápido.

O olhar de Logan se vira para o barulho, e seu rosto é tomado pelo pânico. Ele solta minha mão.

— Não é melhor eu chamar alguém?

Ele se estende na direção do botão que chama os enfermeiros, mas o detenho. Ele franze a testa, confuso. Seu olhar então se fixa no meu rosto constrangido, nas minhas bochechas cada vez mais coradas, no meu peito que sobe e desce com a respiração mais acelerada, e sua expressão se suaviza. E logo se torna ardente.

Seu sorrisinho é sexy demais e completamente insuportável.

O monitor começa a apitar ainda mais rápido.

Ele se aproxima, e sinto sua respiração no meu cabelo, sobre minha têmpora.

— Está tudo bem, Santos? — sussurra ele. — Não pude deixar de perceber que você está um pouco… *corada*.

Apesar de tudo, meu corpo inteiro se retesa com uma excitação repentina. Meus lábios se abrem, minhas pálpebras tremem. Estou louca para beijá-lo, para sentir suas mãos no meu corpo. Aconteceu tanto sofrimento, tanta coisa *terrível* na minha vida. É tão ruim assim eu querer me sentir bem pelo menos uma vez?

É só a boca de Logan roçar na minha que a máquina parece que vai explodir.

— Espere — digo de repente, chocando nós dois.

Logan congela e se afasta. A confusão em seu rosto logo se transforma em vergonha.

— Você tem razão. Merda, sou um babaca. — Ele se afasta, respirando fundo. — Você quase morreu, e eu estou tentando roubar um beijo. Meu Deus, desculpe. — Ele passa a mão no cabelo, para a frente e para trás, para a frente e para trás. — Agora só vou tocar em você quando estiver se sentindo melhor.

Logan ergue a mão como se estivesse fazendo um juramento.

— Não, Logan.

Respiro fundo algumas vezes, e o ritmo do apito vai diminuindo até ficar imperceptível.

Logan pisca os olhos depressa. Ele abaixa a cabeça, mas ainda vejo sua mágoa. É terrível, pois eu *quero* estar com ele. Mesmo depois de tudo, quero ficar com ele. Sei o quanto ele lamenta o que aconteceu, o quanto ele se arrepende de tudo. Sei que ele faria tudo diferente se pudesse. Meus pais me mostraram que somos mais do que

nossos piores momentos e que, com esforço e confiança, o perdão e a cura são possíveis.

No entanto, se quero amadurecer, se quero aprender a confiar em mim mesma, nas minhas decisões, nos meus instintos… Se quero aprender a ser corajosa, preciso aprender a cuidar de mim mesma. E para fazer isso, sobretudo depois de tudo que ocorreu no ano passado, preciso de tempo e espaço.

— Desculpe — sussurro. — Mas não posso.

Logan recua como se eu tivesse esfaqueado suas entranhas. A agonia se espalha pelo azul dos seus olhos, e a confusão retorce suas feições. Ele dá um passo para trás, cruzando os braços contra o corpo.

Sou obrigada a desviar o olhar, senão vou mudar de ideia.

— Não estou dizendo nunca. Mas não agora. Ainda não. — Há um longo silêncio. Quando olho para ele, o rosto de Logan está ilegível. — Preciso de tempo, Logan. De espaço. Depois de…

Balanço a mão ao redor para indicar *tudo*.

Logan assente, me lançando um olhar demorado, a língua pressionando o interior de sua bochecha. Alguma coisa vai surgindo em seus olhos, e parece que estilhacei seu coração.

Com um movimento hesitante, ele dá um passo para a frente e, boquiaberto, estende o braço para mim. Ele parece desesperado e, por um instante, acho que ele vai implorar. Não me orgulho da parte de mim que deseja que ele faça isso.

Então ele desanima por completo e assente para si mesmo. Rindo baixinho, abaixa o queixo.

— Tem razão, Santos. — Logan abre um sorriso corajoso. — Pode demorar o quanto precisar. — Ele dá um tapinha na minha mão. — Você está precisando disso. Recupere sua voz. Componha algumas músicas. Lote alguns estádios. — Logan limpa a garganta fazendo uma careta. — E acho que todos nós estamos precisando de terapia. De muita e muita terapia. — Ele passa a mão no dorso da cabeça.

— Especialmente você — brinco.

Logan levanta a sobrancelha, mas dá uma leve risada.

— Especialmente eu — diz ele antes de ficar sério.

— Eu te ligo. Quando estiver pronta.

Eu me afundo de volta nos meus travesseiros, exausta. Passaria décadas dormindo.

Logan me lança um olhar demorado e observador.

— River, eu…

Ele não conclui a frase e vira o rosto sobre o ombro. Após um instante, solta uma risada afetuosa. Enquanto sai, Logan para na porta aberta.

— Cuide-se, Santos. Vou estar aqui. Quando… — Ele inspira. — *Se* você se sentir pronta em algum momento.

Ele abre mais um sorriso, e não consigo deixar de sorrir também. Espero que ele consiga enxergar tudo o que sinto por ele.

Você vai ficar bem, *Logan*, penso.

E talvez um dia eu também fique.

seis meses depois

capítulo 41
river

É janeiro em Scottsdale. Parece que todo o resto do mundo está coberto de neve, mas aqui os dias estão claros e firmes, com a temperatura em vinte e poucos graus, tão perfeita quanto o deserto que passa ao lado do nosso carro na rodovia.

No banco do passageiro, Tita Anna amplia uma foto no seu celular.

— River, estou falando sério, é ele *sim*.

— Não é nada. Não acredito que o Ryan Gosling apareceu por acaso no fundo de uma das suas fotos na Itália.

Eu rio, e depois de alguns segundos encarando a tela, ela joga o celular para o lado.

— Tá bom — diz ela, emburrada —, talvez não tenha sido o Ryan Gosling. — Rio de novo, e pelo canto do olho vejo que ela está me lançando um olhar fulminante. — Não ria, parece um gêmeo dele, juro! Você nem o viu, pois tinha ido comprar o quarto sorvete do dia. Ele era tipo um Ryan Gosling *italiano*.

— Se você diz…

— Está bem, então. Agora é sua vez. Qual foi seu momento favorito?

Tamborilo os dedos no volante, pensativa.

— Vejamos… adorei quando aquele pombo cagou no seu café.

Faço um barulho de respingo e mexo os dedos como se fossem um líquido se espalhando.

— Sorte sua que isso aconteceu, mocinha. — Ela funga. — Estávamos prestes a ser multadas, mas a *polizia* ficou encantada demais por mim e por meu cocô de pombo e terminou desistindo.

— Gostei quando nevou na véspera de Natal e a gente tomou vinho quente e comprou cinco sacos de castanhas caramelizadas na feira natalina. — Abro um sorriso para ela.

— Ah — diz ela —, ótima escolha. Foi tão bom. — Tita Anna cantarola uma música natalina baixinho chamada "Good King Wenceslas", com a feliz lembrança na cabeça. — Seu pai teria comido uma tonelada daquelas castanhas.

— Meu Deus, ele teria nos obrigado a esconder sacos e sacos na nossa bagagem pra minha mãe não ver.

— Ah, e ela teria pegado a gente no flagra.

— Sem dúvida. E meu pai terminaria levando um sermão sobre os riscos de diabetes, os males do açúcar. — Suspiro tristemente. Tita Anna olha pela janela com um sorriso delicado e terno.

— Pois é, mas depois ele usaria as castanhas pra fazer os melhores cookies do mundo, e tudo seria perdoado.

Assinto.

— É exatamente isso que teria acontecido.

Passamos um ou dois minutos em silêncio meditativo, satisfeitas de observar o deserto passar voando ao nosso lado, deslumbrante sob o sol de inverno.

É bom estar de volta ao Arizona. Aqui tem espaço para respirar. O Deserto de Sonora parece infinito. *Pode pegar todo o espaço que quiser*, parecem dizer os cactos, encurvando-se como mordomos. Era exatamente disso que eu estava precisando. Espaço. Espaço para assimilar meus sentimentos. Espaço para *sentir* meus sentimentos. Espaço para ter colapsos nervosos magníficos.

Mas também espaço para redescobrir a alegria e a esperança.

A placa para a nossa saída da rodovia passa rapidamente. Antes de mudar de faixa, confiro rapidamente meu ponto cego. O movimento que faço com a perna causa uma pontada breve e aguda no meu joelho. Estremeço e passo a mão na área.

— Eu bem que ia perguntar como está a sua perna — diz Tita Anna.

— Toda aquela andança lá na Itália não deve ter ajudado. Mas valeu a pena, obviamente.

A dor ainda vai e volta. Porém, ultimamente tenho tido mais dias bons do que ruins. Começo a pensar que talvez um dia meu joelho fique bom de novo.

Pego a próxima saída e passamos pela Gertie's — a nova Gertie's. A reconstrução da lanchonete foi concluída quando estávamos fora. Tita Anna e eu sorrimos uma para a outra. Embora esteja totalmente renovada, ainda parece familiar, de um jeito positivo. Ainda vejo a lanchonete onde comi meu primeiro waffle belga aos sete anos. Onde trabalho desde os quinze anos.

É o último resquício da minha infância. No fim das contas, não a perdi. Na verdade, devido à minha contribuição, Gertie me transformou na única outra proprietária da lanchonete. Assim terei renda passiva para financiar minha dedicação à música e minha futura educação, e também para ajudar um pouco aqueles que estão se afogando devido ao custo de vida.

Mais do que tudo, ajudou no meu processo de cura. Achei que tinha perdido

tudo: os anos naquelas mesas com meus pais, os bolos de cenoura, as risadas dos dois enquanto tomavam café. Achei que tudo isso tinha virado cinzas. Mas trouxemos a lanchonete de volta.

Ao parar em um sinal vermelho, pego uma faixa de pano que havia deixado à mão.

— Ponha isso, Tita Anna.

Estendo o pano para ela, que me olha como se eu tivesse lhe pedido para comer um sapo vivo.

— Onde? — Ela ergue a sobrancelha. — É uma calcinha fio dental?

Dou uma risada.

— É uma venda.

— Ah, sim — diz ela, receosa. — Bem melhor.

Bato minha perna boa no chão, impaciente.

— Titaaaa! — exclamo — É uma surpresa boa, ok? Pode pôr a venda logo? Estamos quase chegando, e você *precisa* estar vendada.

— Ai, tá bom. Tudo por uma boa surpresa. — Ela aponta o dedo para mim. — Mas se isso for alguma pegadinha e você me largar no meio do deserto…

Reviro os olhos.

— Eu jamais faria isso. Você não sobreviveria nem três minutos lá.

Tita Anna bufa, mas põe a venda mesmo assim. Balanço a mão na frente de seu rosto. Como ela não me pede para parar, sei que está bem amarrada.

Meu coração acelera de expectativa.

O Distrito Histórico ainda está com a decoração de Natal. É um bom sinal. São o tipo de pessoas que se recusa a deixar as festas de fim de ano para trás tanto quanto eu.

Entro em Canyon Crest Village e, após virar em mais algumas ruas, paro o carro.

— Chegamos — falo, com um tom musical.

— Chegamos onde, minha querida sobrinha?

Saio do carro correndo para abrir a porta dela.

— Em casa — digo ao guiá-la para fora do carro.

Quando ela para bem onde eu queria, digo:

— Agora pode tirar a venda!

Ela a tira com entusiasmo e fica chocada.

Posicionei-a bem no meio do caminho de tijolos que vai dar na varanda da frente — uma varanda grande o bastante para dois bancos suspensos. No momento, eles estão balançando com a brisa suave. O rosto de Tita Anna continua paralisado

enquanto seu olhar percorre todo o jardim, repleto de opúncias, arbustos de lavanda do deserto e flores silvestres coloridas.

Tita Anna olha para a casa, olha para mim, e depois olha de novo para a casa.

— River? — Ela franze o rosto. — Não estou entendendo. O que é isso?

— Isso — digo, pegando sua mão — é a nossa nova casa. — Ponho a chave na sua palma. — A boa notícia é que a feira só acontece amanhã, então vai ter tempo de fazer sua lista de compras.

Tita Anna encara a chave, piscando rapidamente.

— Essa casa — diz ela devagar — é a minha casa dos sonhos. No meu bairro dos sonhos. Você a comprou? Pra nós?

— Feliz Natal atrasado, Tita — digo carinhosamente, jogando os braços ao redor do seu pescoço.

— Puta merda, River — responde ela chorosa, enterrando o rosto no meu cabelo. — Nem sei o que dizer. Não quero… isso é muito mais do que… *Eu te dei de Natal um vale-presente da Amazon, River*. — Ela se afasta, apertando meus ombros, de olhos arregalados. — Você nunca mais precisa me dar nenhum presente. *Meu Deus do céu.*

Dou uma risada.

— Eu também queria morar aqui. Então tecnicamente também estou dando um presente pra mim mesma.

Noah me contou tudo o que aconteceu. Por incrível que pareça, ele se uniu a Logan para contar ao Conselho Estadual de Medicina o que o dr. Pierce havia feito. Depois, me disse com veemência que não aceitaria sua doação de volta. Então fiz o que ele me pediu meses atrás: usei a porcaria do dinheiro.

Levo Tita Anna até a porta da casa.

— Quer fazer as honras?

Gesticulo para a fechadura.

Ela vibra de entusiasmo enquanto põe a chave na fechadura e a destranca com um clique satisfatório. Assim que passamos pela porta, Tita Anna suspira.

Não sei se exagerei, mas, depois de passar tanto tempo morando em um apartamento todo cinza e sem sal, achei que estávamos precisando muito de uma explosão de cores. E Tita Anna adora uma decoração mais eclética, então dei tudo de mim.

As paredes do hall de entrada estão cobertas com um luxuoso papel de parede com uma estampa de paisagem tropical — um verde-esmeralda vibrante com desenhos de folhas coloridas. Ao lado da porta, tem uma mesa amarela para deixarmos chaves e afins.

— Venha, a sala de estar é bem divertida. — Puxo seu braço.

— Não terminei nem de olhar o papel de parede — diz ela.

— Agora você mora aqui. Olhar o papel de parede pode fazer parte da sua rotina matinal.

A sala de estar é um dos meus cômodos favoritos. Tem pé-direito alto e imensas janelas ao lado das portas francesas que vão dar na varanda e no quintal. Nossa vista é o deserto vermelho se estendendo infinitamente e as montanhas distantes — e uma muda de cacto saguaro, um pedaço daquele que está ao lado do túmulo do meu pai.

O lindo assoalho é feito de carvalho-branco. Tem tapetes chamativos espalhados pela sala, todos com formato de fatias de fruta. Há dois sofás de veludo azul-petróleo com estantes de livros em cada lado, cheias com todos os livros de Tita Anna e mais alguns que adicionei.

A cabeça dela está rodando. Ela não sabe se prefere ver as montanhas pelas janelas ou olhar para a fatia macia e gigante de tomate no chão.

— Como fez isso, River? *Quando* fez isso?

— Providenciei para que tudo acontecesse enquanto a gente estava na Europa.

Dou um sorriso. Tita Anna me abraça.

— É perfeito.

Paramos juntas por um instante, assimilando tudo. Em cima do sofá, tem uma galeria de fotos que organizei: eu, minha mãe, meu pai e Anna formamos uma colagem com nossos rostos sorridentes. No meu quarto, sei que o violão que Logan me deu está pendurado em seu suporte, esperando ser tocado. Malhadinho está aconchegado em algum canto da casa, cochilando.

Tita Anna tem razão. É perfeito.

capítulo 42
river

Faz quase sete meses que a vi ser colocada na ambulância, com o rosto ensanguentado e a perna destruída.

Assim que o agente penitenciário a traz para a sala de visitas, seus olhos encontram os meus. Pergunto-me se mesmo depois de todo esse tempo algo dentro de mim a chama. Sinto uma vontade repentina de puxar o zíper do meu moletom até o pescoço. Então o puxo.

O cabelo dela está mais curto, com as pontas na altura do ombro. Seus olhos continuam castanho-claros e vivos. Aqui ela não pode tingir o cabelo, então seu tom original, um loiro-claro idêntico ao de nossa mãe, voltou a predominar. Sua pele está pálida.

E então vejo a cicatriz. Parece um rio cor-de-rosa correndo pelo lado esquerdo do seu rosto, indo do topo da cabeça ao queixo.

Ela é tão linda.

Ela não tira os olhos dos meus enquanto o agente a acompanha até mim. Não sei se ela está mancando por causa da perna ou por causa das algemas em seus tornozelos, que fazem o tecido de seu macacão laranja se amarrotar. Assim que chega à mesa, ela perde a coragem e abaixa a cabeça. Ficamos em silêncio. Ela se senta na cadeira de frente para mim.

Demoro alguns instantes para decidir o que dizer.

— Você cortou o cabelo.

Ela ergue o olhar.

— Você colocou um piercing — diz ela.

Toco no ponto de luz verde na minha narina esquerda.

— Gostei — acrescenta.

— Sério? — Mexo na joia, receosa. — Obrigada.

Voltamos ao silêncio incômodo.

No trajeto até aqui, eu me perguntei qual das duas seria mais corajosa. Qual das duas seria a primeira a dizer algo real para a outra.

Imaginei que seria ela. Sem dúvida. Por isso, surpreendo a mim mesma ao

apontar o queixo para o agente penitenciário e dizer:

— Ele parece legal. Tem essa cara de constipado somente nos dias úteis ou abre exceção nos fins de semana?

Por um instante, ela não reage. Fico com a impressão de que foi o momento errado para fazer uma brincadeira, mas, de repente, ela dá uma gargalhada. É um som alto, surpreendente e dolorosamente familiar. O agente se sobressalta e franze o rosto para nós duas. Ela balança a cabeça.

Os olhos dela percorrem meu rosto, e por um momento *lá está ela*. Ela limpa a garganta e sacode os ombros. Volta a ser a emily-da-prisão.

— Então… — Limpo a garganta. — Como você está?

— Bem — diz ela solenemente. — Estou exatamente onde mereço estar. — Suas algemas tinem quando ela esfrega uma mancha na mesa. — Estou aprendendo braile. Fazemos livros didáticos em braile para as crianças que são deficientes visuais e que não têm condições de comprá-los. Sabia que cinco capítulos de um livro de ciências em braile custa uns quinze mil? Tipo, como é que esses imbecis de merda acham que alguém vai ter condições de pagar isso?

— Não faço ideia — digo. Não consigo encará-la enquanto ela fala assim… como Tawny.

— Pois é. — Seus olhos se voltam nervosamente para mim. — Também estou fazendo terapia. Pra controle de raiva. Terapia comportamental dialética. E faço terapia em grupo quando dá. — Seu lábio inferior treme, sua voz vira um sussurro. — Sei que não é muita coisa. Ainda não. Mas espero que… — Sua voz falha.

Não sei o que ela quer que eu diga. Mudo de posição na cadeira, inquieta. Sem querer, bato meu joelho ferido na mesa.

— *Merda* — sibilo, inspirando pela boca. A dor se espalha pela minha canela e sobe até meu quadril.

— Ainda? — Emily encara a mesa, como se conseguisse enxergar que estou massageando meu joelho.

— É. Mas está melhorando. — Lembro como sua perna ficou pendurada naquela noite, dobrada num ângulo esquisito. — A sua ainda dói?

Seus lábios se afinam, formando um sorriso.

— Todo santo dia — diz ela.

Mais silêncio.

Emily se recosta na cadeira.

— Por que veio me ver?

Pego a pilha de cartas que minha mãe escreveu para ela — Emily — e a coloco entre nós duas.

— Encontraram isso com nossa mãe. São cartas pra você.

— O quê?!

— Ela as escrevia durante as trilhas. Ela não parava de pensar em você, Emily. Ela nunca deixou de te amar.

Emily pisca rapidamente. Parte de mim quer ficar, quer estar ao seu lado enquanto ela as lê. Mas não posso. Não posso. Porque era para ser minha mãe entregando isso para ela, e teria sido, se…

Empurro a cadeira para trás, dando um tapinha nas coxas.

— Bem — digo —, boa sorte com…

— Espere. — Emily se inclina para a frente. — Sei que não devo perguntar. — Escuto o som baixo das algemas tinindo e noto que suas mãos estão tremendo. — Você acha que tem alguma chance, mesmo que ínfima, de você… — Ela se encolhe na cadeira. — Porra, não consigo nem falar.

Passo as mãos na mesa e me pergunto quantas centenas, ou até milhares, de pessoas se sentaram bem aqui e tiveram exatamente essa mesma conversa constrangedora.

— Você quer saber se, algum dia, serei capaz de te perdoar.

O rosto de Emily é tomado pela vergonha.

— Isso — sussurra ela. — Não precisa ser nesta década nem nada assim. Só quero saber se é possível.

Observo seu rosto.

— Perdoar você me parece impossível — digo finalmente.

Emily abaixa a cabeça.

— É óbvio.

— *Porém…* — continuo. Ela ergue levemente a cabeça. — Porém, talvez um dia eu esteja disposta a tentar.

Mordo o lábio, sentindo o quanto essas palavras parecem verdadeiras, suspensas entre nós duas.

As algemas de Emily tinem novamente enquanto ela enxuga lágrimas das bochechas.

— Obrigada — diz ela baixinho. Talvez minha resposta tenha lhe dado coragem e esperança para fazer a próxima pergunta. — River. Por que você me salvou naquela noite?

Balanço a cabeça. Também não sei a resposta. Não foi uma decisão que tomei conscientemente. Estávamos cercadas por um inferno, e eu tinha segundos para escapar.

Penso naquele momento de sete meses atrás, quando o mundo estava

desmoronando, virando fogo e enxofre ao nosso redor. Quando voltei para salvar Tawny — Emily —, que estava enterrada debaixo dos escombros atrás de mim. E sei que, mesmo depois de tudo, eu faria a mesma coisa.

Eu ainda a salvaria.

— Eu mesma não entendo — confesso. — Mas uma coisa eu digo… — Olho nos olhos de Emily. — Naquele momento, eu não podia deixar que minha irmã morresse.

Há um instante de silêncio antes que Emily se desestabilize e comece a chorar. O agente penitenciário grita para que ela faça silêncio, e ela contém os soluços.

— É melhor eu ir — digo, e ela faz que sim, encarando suas mãos. Ao ser arrastada, a cadeira faz um terrível barulho estridente.

— Ei, River — chama Emily. — Você está bem?

O sorriso que ela abre para mim é tão sincero e dócil que sinto um aperto no coração. Porque estou vendo a antiga Tawny de novo. Seus grandes olhos castanho-claros que se preocupavam tanto quando eu estava magoada ou triste. O mesmo rosto, emoldurado pelo cabelo loiro de nossa mãe.

Quanto mais a olho, mais percebo uma coisa: "a antiga Tawny" e "a nova Emily" não existem. Não são duas pessoas diferentes. A pessoa que eu conhecia e amava é a mesma pessoa que está sentada aqui, agora, algemada, vestindo laranja.

Minha irmã.

E assim como aconteceu no dia em que chorei na câmara fria da lanchonete, encolhida em cima de uma caixa de laranjas, ela quer ter certeza de que estou bem.

— Sim, Emily. Vou ficar bem.

O agente penitenciário abre a porta para mim. Faço uma pausa antes de ir. Não resisto e dou uma última olhada por cima do ombro. Emily está me olhando como se soubesse que eu ia fazer isso.

O sorriso que ela abre para mim é tão reverente e cheio de esperança quanto o nascer do sol no Arizona.

capítulo 43

river

Esta é a última música.

Todas as luzes diminuem no Prickly Pear. Este palco tinha fantasmas demais para que eu pudesse voltar a ele, mas agora o holofote me purifica, o microfone e meu violão me acompanhando sob um feixe de luz tão forte quanto uma explosão solar. As luzes do palco são quentes, e meu pulso lateja, delicioso e elétrico.

Começo a música com uma melodia simples e sincera nas cordas de aço. Com as luzes nos meus olhos, não consigo ver a plateia. Mas, como um poder superior, não preciso vê-la. As pessoas estão me ouvindo, me vendo, esperando meu louvor começar. Então ergo a cabeça e começo a rezar.

Faz sentido pensar na minha música como uma religião. Porque, sempre que começo a cantar no palco, sinto como se estivesse no céu.

Minha voz começa suave e lenta. Ouço algumas vozes fazendo coro, a letra de minha autoria na ponta da língua delas.

Então mudo de energia, e minha voz se ergue, ficando cada vez mais alta. A multidão aplaude e grita quando ergo o braço do meu violão e depois o abaixo. Assim como eu, o palco inteiro se ilumina, e a multidão pira.

Tenho certeza de que é assim que eu me sentiria se soubesse voar.

Jogo a cabeça para trás, frenética, cantando a plenos pulmões. Canto pelo meu pai e pela minha mãe.

Mas, acima de tudo, canto por mim. É isso que vai me curar, e é assim que espero curar os outros.

Com o acorde final ressoando, a música acaba, e a plateia enlouquece.

— HÁ?

Olho para baixo e vejo duas garotas, uma de cabelo ruivo, outra de cabelo preto, ambas com olhos delineados e sorrisos tímidos, apoiando-se na beira do palco. Elas têm no máximo uns quinze anos.

— A gente queria dizer que adorou o show — diz a ruiva. Ela se apoia em um pé, depois no outro, nervosa.

— Já vimos seu show três vezes — fala a garota de cabelo preto, corando.

Ajoelho-me no palco para ficarmos olho a olho.

— Vocês não sabem como é bom ouvir isso — comento. — Muito obrigada por terem vindo.

— Pode autografar aqui? — A ruiva ergue uma camiseta. Pego o marcador permanente que ela estende para mim, emocionada com o pedido.

— Adoramos a estampa da camiseta. Falamos sem parar dela e queríamos saber… de onde você tirou inspiração para o seu nome artístico?

Dou um sorriso, passando a mão na frente da camisa.

Claire e Lindsey, as designers que criaram a camiseta, fizeram um excelente trabalho. Ela é de um tom mais claro de violeta, com as palavras UNBURNED ISLAND escritas com uma letra roxo-escura. Debaixo do nome há uma logomarca: a silhueta de várias árvores no meio de um grande incêndio.

— Bem — começo —, em uma aula de Biologia do segundo ano, aprendi que uma floresta demora até trezentos anos para se recuperar de um incêndio. Aquilo partiu meu coração. Mas minha professora me deu alguma esperança. Ela disse que, quando o fogo se espalha por uma floresta, ocasionalmente uma parte do terreno fica intocada. Uma floresta minúscula de árvores intocadas, cercadas por acres de ruínas, sai ilesa das chamas.

Olho as duas meninas, que me ouvem bem atentas.

— Essas são as ilhas não queimadas — digo —, e elas agilizam a recuperação da floresta. Os resquícios ajudam na reconstrução de tudo que foi perdido. É por isso que a logomarca é essa.

Passo o dedo no contorno do desenho.

— Que incrível — diz a garota de cabelo preto.

Depois que autografo as camisetas, observo as garotas irem embora. Meu bolso vibra. Tiro o celular do bolso e vejo que recebi uma mensagem de Tita Anna.

Tita Anna

O show foi incrível? É óbvio que foi! Não vejo a hora de te ver no palco. Por falar nisso: acha que sou velha demais para me jogar na plateia?

Dou uma risada e respondo com uma mensagem categórica: NÃO!

Estou enrolando cuidadosamente o cabo do microfone quando as luzes do teto começam a ser desligadas. O dono, Mitch, deve estar ficando impaciente.

— Senhorita, lamento incomodá-la… — diz uma voz grave e calorosa atrás de mim.

Meu pulso acelera. Endireito a coluna e jogo o cabelo ao me virar.

Logan está encostado em uma coluna de madeira do lado do palco, com as mãos dentro da calça jeans. Está vestindo uma camisa escura de botões, com as mangas dobradas até a altura dos cotovelos. Adoro quando ele faz isso. Seus antebraços são de dar água na boca, assim como ele inteiro.

— Eu só queria saber se você poderia me ajudar. Estou fazendo um experimento. — Sua boca se contrai.

— Que tipo de experimento? — Vou diminuindo a distância entre nós, e seus olhos escurecem à medida que chego mais perto.

— Bem, eu tenho uma teoria: quem canta bem, beija bem. — Ele aponta a cabeça para o salão. — Vi seu show hoje, e agora estou achando que seu beijo deve ser o melhor do mundo.

Minhas mãos sobem pelo seu peito, seguindo os contornos dos seus músculos. Seu maxilar se contrai. Ver o quanto um simples toque meu ainda o afeta quase me desmorona. Mas essa versão brincalhona dele é muito divertida. Quero que ele continue até eu não conseguir mais resistir.

O que deve acontecer daqui a uns trinta segundos.

— Bem — digo com a voz rouca —, eu já tenho namorado.

Logan fica com uma expressão possessiva. Ele põe o dedo no passante do meu short e puxa meu quadril para perto.

— Mas é óbvio. — Ele abaixa a cabeça, roçando os lábios no meu lóbulo. — E se eu disser que não dou a mínima pra isso?

Meu Deus. O cheiro picante e intenso da sua pele quase deixa minhas pernas bambas. E ainda também tem *todo o resto*. Sua voz, suas mãos, seus lábios, seus olhos, seu rosto… ai, *tudo*.

Continuo esperando que meu apetite por Logan Evans diminua só um pouquinho. Já se passaram praticamente oito meses. Eu achava que oito meses nos deixando levar pela nossa insaciabilidade aliviaria a tensão, ainda que só um pouco.

Com as mãos em suas costas por debaixo da camisa, decido fazer o grande sacrifício de continuar tentando saciar meu apetite por ele, mesmo que demore o resto da vida.

— Você vai me colocar em encrenca, não é? — Roço o lábio superior embaixo de seu maxilar. Ele arqueja.

— Sem dúvida — sussurra ele, segurando minha boca com a sua.

Pressiono todo o meu corpo no seu, encaixando-me nele como se tivéssemos

sido moldados um para o outro.

Logan desliza a mão por minha nuca, passa os dedos por entre meu cabelo e o puxa. Faço um barulho gutural, passo a língua nos seus lábios.

— Vamos dar o fora daqui — sussurra Logan mais uma vez. Ele abaixa as mãos até a cintura do meu short e me puxa fortemente para perto.

— Mas meu equipamento…

— Isso pode esperar. — Ele abaixa a cabeça e morde meu pescoço. — *Eu* não posso.

O holofote se acende, e Logan e eu pulamos, erguendo as mãos para nos protegermos da luz ofuscante.

— Seus idiotas, juro que vou instalar uma mangueira aqui só por causa de vocês dois — Mitch nos lança um olhar fulminante enquanto sai das sombras, pegando os cabos e os enrolando violentamente. — Está tarde. Vão pra casa. Bom trabalho. Nos vemos daqui a uns dias.

— Obrigada, Mitch, nos ve…

— Tchau. Vão pra casa — ele me interrompe e acena para me espantar de vez.

Logan me ajuda a guardar meu equipamento, e saímos em menos de dez minutos. Ele passa tudo para um braço só, ficando com uma das mãos livres para podermos andar de mãos dadas, os dedos entrelaçados. Meu pulso fica rápido como um beija-flor.

— Vi gente chorando na plateia hoje durante a última música. — Logan aperta minha mão. — Você é talentosa de verdade, River. O pessoal adorou.

Guardamos o equipamento no porta-malas e o fechamos.

— E você? — digo com um sorrisinho. — Você gostou?

Logan revira os olhos dramaticamente antes de me erguer e me acomodar delicadamente sobre o porta-malas, envolvido em minhas pernas.

— Ainda estou em êxtase. — Ele me beija. — Eu amei o show. E amo você. — Ele me beija na ponta do nariz. — Muito. — Ele mordisca meu lábio inferior.

— Ah — digo fracamente, pois ainda estou ofegante. — Você está obcecado por mim.

— E daí? — Sinto seu sorriso no meu pescoço.

— Ei. — Ponho a mão na sua bochecha e recuo para olhá-lo. — Estava pensando em fazer umas contas para ver quanto seria uma turnê. — Minhas palmas começam a suar. — No começo seria apenas regional, obviamente. Em seguida, talvez no Sudoeste. E depois, quem sabe? Mas o que você acha?

— A melhor ideia que você já teve — responde ele sem hesitar. — Dê ao povo o que ele quer. — Ele aperta meus quadris. — Falando sério. Não tem nem o que

pensar. Você já está arrasando e começou faz pouco tempo.

— Obrigada — digo, um pouco ansiosa. — E pensei que, como eu me apresentaria em vários lugares pequenos, em várias cidades legais, você poderia escrever sobre um monte de coisas. Então se eu for… você vem comigo?

As sobrancelhas dele se erguem.

— E ser oficialmente o seu maior fã, te seguindo para todo lado? Um *roadie* na turnê do Unburned Island? O que você acha que vou responder, minha linda? — Ele sorri. — Acha que vou perder a oportunidade de viajar com uma estrela do rock?

— Isso é um sim? — Já estou toda alegre. Logan balança a cabeça, rindo baixinho.

— Você ainda não entendeu. — Ele abaixa e me beija devagar, carinhosamente. Depois, se afasta e pressiona a testa na minha, suspirando. — Aonde você for, eu vou junto.

Meu coração está transbordando. Mordo o lábio, sorrindo.

— Está vendo só? — provoco. — Obcecado.

Logan se aproxima e roça os lábios nos meus.

— Pelo amor da minha vida? Sempre.

Não encontro palavras para expressar o quanto ele é importante para mim, então pressiono os lábios nos seus, esperando que ele consiga sentir.

Ele é minha ilha não queimada. Todo beijo dele me faz reviver.

O luar nos banha com o mesmo tom dourado do cabelo da minha mãe e da minha irmã. O céu noturno se estende infinitamente lá no alto, com a mesma magia escura que havia nos olhos do meu pai. Agora sei que consigo sobreviver à perda deles. Não precisarei de trezentos anos para me recuperar.

Sei que, muito em breve, minhas árvores voltarão a crescer.

agradecimentos

Pessoal, enquanto eu escrevia este livro, em certos momentos achei que não ia conseguir. Mas, se você está lendo isto, é porque *o livro aconteceu*, e preciso agradecer a muitas e muitas pessoas fenomenais por isso.

Primeiramente, obrigada a *você*. Sim, você que está lendo isto agora. Ainda fico chocada quando penso que tem alguém lendo minhas palavras, então obrigada por ler. Também gostaria de agradecer a todos que me enviaram mensagens tão gentis! Acho que nunca vou me acostumar à maravilha que é receber mensagens de gente do mundo inteiro. É uma honra e, se pudesse, eu faria para cada um de vocês o seu bolo predileto. Infelizmente não tenho tempo hábil nem cozinha para isso, e também não sei fazer bolos. Entretanto, por favor, saibam que sinto gratidão, pois nada disso existiria sem *vocês*.

Gostaria de tirar um momento para agradecer a todos que me apoiaram durante o lançamento do meu primeiro romance. Para a *incomparável* Kathleen Glasgow, que me ajudou muito generosamente durante minha primeira live da Barnes & Noble: obrigada por ter sido tão gentil e por ter incentivado esta autora então novata (e nervosa). Obrigada ao pessoal incrível da Tombolo Books e à equipe fantástica da Barnes & Noble do shopping Town Center Prado. Obrigada a cada um que foi me ver: aqueles dias estão entre os melhores da minha vida por causa de todos vocês.

Gostaria de fazer um agradecimento muito especial a minha *lola* e a minha família da Costa Oeste pelo amor e apoio que enviaram de longe. Amo demais todos vocês. Brynn, espero que, ao ler isto, você não esteja de castigo.

Para Lanie Davis, minha editora, minha colaboradora criativa, meu farol: *obrigada*. Obrigada por ter me ajudado em meio às trincheiras de desespero e por ter me ensinado a confiar no processo. É uma imensa sorte trabalhar com você. Obrigada também a Jess Harriton! Seus insights brilhantes fizeram a história ser o que ela é hoje. Agradeço carinhosamente a Romy Golan por *todas* as coisas (e por adorar esmalte preto como eu)! Mais uma vez, obrigada a todos da agência Rights People por serem meus pilares no mundo inteiro.

Obrigada a todos os milagreiros da Penguin Random House. Ainda não consigo acreditar que tenho a oportunidade de trabalhar com pessoas tão criativas como Jen

Klonsky, Simone Roberts-Payne e suas equipes. Um agradecimento especial a Natalie Vielkind por ter conduzido a produção deste livro e a Janet Rosenberg por sua primorosa revisão. Obrigada a Cindy de la Cruz pelo belo projeto gráfico original e a Kelley Brady por mais uma capa de cair o queixo! Um imenso obrigada a Jordana Kulak, que me ajudou a percorrer um território desconhecido. Muito, muito obrigada a Felicity Vallence e à sua equipe incrivelmente talentosa por terem me guiado pelas terras apavorantes das redes sociais.

Obrigada a todos os meus amigos pelo apoio e pelo amor. Claire e Lindsey, obrigada por terem me deixado chorar na varanda de vocês e comer todos os seus Cheez-Its. Amo demais vocês duas. Obrigada a Matt e Julie por terem me estimulado tanto e por terem me reenergizado criativamente. Um obrigada carinhoso a Mia e Angela por terem apoiado meu trabalho, mesmo quando ele não passava de um brilho nos meus olhos. Obrigada a John e Jay, dois feixes de luz em forma de gente. Vocês fazem todos que os cercam emanarem magia. Obrigada a Si e Raven por me apoiarem, mesmo quando não conseguimos nos ver tanto. Minha querida Annie D., obrigada por alegrar minha vida sempre que estamos juntas. Obrigada, Bex Carlo, por me apoiar mesmo nas dificuldades — você é uma pessoa linda.

Muito obrigada a todos os meus Bandits. Obrigada, Cat, por sempre me fazer rir e por garantir que estou por dentro das tendências atuais dos jovens. Kevin, meu salva-vidas, eu te amo, obrigada por tudo, cara… mas aposto que você concorda que ninguém se compara a John Lasavath. John, muitíssimo obrigada por sempre ler tudo que escrevo. Sério, você é o vento que impulsiona minhas asas.

Para minhas amigas do coração lá do G.F.F., Allison, Amaris e Joanna: obrigada pelo amor radical de vocês. Vocês são meus amores, minhas vidas. Minhas companheiras de quarto para sempre. Seremos as futuras proprietárias do terreno que enviei pelo Zillow, para onde todas vamos nos mudar daqui a seis meses. Já agendei os caminhões de mudança e tudo, então…

Michael e Will, vocês terão uma casa no terreno, obviamente. Obrigada, Michael, por sempre fazer graça até eu rir como um porco e peidar, mesmo quando estou para baixo. Você é e sempre foi uma alegria constante na minha vida. Obrigada por me ajudar a escalar a montanha, mesmo quando me parecia impossível continuar subindo. Amo você para sempre. Will, obrigada por ser uma fonte incessante de bondade e risadas na minha vida. O mundo precisa de mais gente como você, de gente que encontra luz numa caverna sem estrelas, de gente que entende que, de vez em quando, a luz pode vir na forma de um *fancam* de Kovu, de *O Rei Leão 2: o Reino de Simba*.

Por falar nisso, sou eternamente grata a Jess, que nunca me julgou por escrever "eu <3 Kovu" no meu caderno quando tínhamos onze anos. Sem você, eu não teria conseguido enfrentar muitas coisas, e uma delas foi a extrema falta de confiança que senti enquanto escrevia este livro. Obrigada pelos nossos encontros de *jedis*. Amo você. E batata chips. Ah, também gostaria de agradecer ao marido da Jess.

Obrigada ao meu pai genial — ter você como pai é tirar a sorte grande. Obrigada por me apoiar de duas milhões de maneiras ao longo de toda a minha vida. Mas, acima de tudo, obrigada por ter me ensinado que autocuidado é importantíssimo e que, se você se cansar no meio do parque de diversões Six Flags, vale a pena estender as pernas num banco e dar um cochilo.

Minha linda mãe, você sempre me deu tudo o que era necessário para que eu fosse bem-sucedida, e este livro é um exemplo disso. Sou infinitamente grata a você. Obrigada por ter feito amizade com o Malhadinho da vida real, por tê-lo mimado e lhe dado uma casa para que ele pudesse ter uma vida neste livro. Você me levou aos lugares mais belos do mundo, mas meu canto preferido sempre vai ser onde quer que você esteja. Mesmo que seja um quarto de hotel sem ar-condicionado quando está fazendo 33ºC.

Meu queridíssimo Peetz, obrigada por sempre estar do meu lado, especialmente para tirar meu cadáver do porão no Lethal Company. Obrigada por continuar jogando comigo, mesmo quando morro depois de cinco minutos (ou quando não tenho mais adesivos!).

Obrigada, Vic, por ser a melhor em tudo e por sua solidariedade no Lethal Company quando você também morre depois de cinco minutos. Continuo sendo apenas uma melosa, porque te amo muito mesmo. Ah, e, por favor, agradeça a Tim por participar educadamente da discussão sempre que faço perguntas profundamente filosóficas como "Quem é mais gato, Kovu ou Balto?" durante o jantar de Ação de Graças.

E, por fim, obrigada a Pabu, minha gatinha coautora, por ter sido minha companheira durante os meses em que fiquei escrevendo às quatro da madrugada. Você sempre torna as horas mais solitárias tão acolhedoras quanto uma lareira, e é por isso que te perdoo por insistir que o melhor momento para cochilar no meu teclado é quando falta uma hora para meu prazo acabar.

Ah, e Babs…

Obrigada.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

Tudo o que perdemos

Perfil da autora no Instagram
https://www.instagram.com/sloanharlowauthor/

Página da autora no Skoob
https://www.skoob.com.br/pt/author/79256

Página do livro no Goodreads
https://www.goodreads.com/book/show/218114292-all-we-lost-was-everything

Página da autora no Goodreads
https://www.goodreads.com/author/show/43875941.Sloan_Harlow